



ROSA MONTERO

OS TEMPOS DO ÓDIO

Apesar de vivermos em tempos de ódio,
este romance abre caminho à esperança.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





© Dani Pozo

Rosa Montero nasceu em Madrid em 1951. Como jornalista, colabora em exclusivo com o jornal *El País*, tendo obtido, em 1980, o Prémio Nacional de Jornalismo e, em 2005, o Prémio da Associação da Imprensa de Madrid, por toda a sua vida profissional.

Com *A Louca da Casa* recebeu o Prémio Grinzane Cavour de literatura estrangeira e o Prémio Qué Leer para o melhor livro espanhol, distinção que também foi atribuída, em 2006, a *História do Rei Transparente*. *A Ridícula Ideia de Não Voltar a Ver*-te viria a ganhar o Prémio da Crítica de Madrid 2014.

Recebeu, já em 2017, e pelo conjunto da sua obra, o Prémio Nacional das Letras Espanholas, galardão que o júri fundamentou com a «sua longa trajetória no romance, jornalismo e ensaio».

Para saber mais, visite o *site* da autora:

www.rosamontero.es

Os Tempos do Ódio

Rosa Montero

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Los tiempos del odio

© Rosa Montero, 2018

Tradução: Helena Pitta

Design da capa: António Pinto

Imagens da capa: © Benjamin Harte/Arcangel Images

1.^a edição em papel: fevereiro de 2020

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68074-7

*Para todos os homens que amei na vida,
mesmo aqueles que não mereceram.*

*E para todos os homens que me amaram na vida,
mesmo aqueles que não mereci.*

Quanto mais pequeno é o coração, mais ódio alberga.

Victor Hugo

*Eu estava disposto a amar o mundo,
mas ninguém me compreendia,
de modo que aprendi a odiar.*

Mikhail Lérmontov

– Sem amor, não vale a pena viver.

Ángela disse estas palavras em voz alta, como o juiz que dita a sentença definitiva sobre o seu próprio destino.

E a seguir entregou-se à dor, com uma volúpia quase suicida.

À dor e à vergonha, qual dos dois o pior numa rejeição sentimental: a perda do projeto luminoso com o outro ou a tortura acrescida de sentirmos a nossa vergonhosa falta de encanto, a nossa inadequação e insignificância? Que o amado não nos quisesse transformava-se na maior humilhação imaginável. O desdém ou a indiferença do amado refletiam a indiferença e o desdém de todo o Universo. Ángela engoliu o fel do seu último fracasso e, uma vez mais, teve a certeza de que era incapaz de suscitar carinho. E de que o mundo voltaria a apontar para ela, trocista como sempre.

Uma lâmina de pesar.

Os pedaços do seu coração a caírem ao chão com um tinido de lata.

Não, não tinha conseguido que o seu amado a amasse. Nem sequer que a tivesse em conta. Prestara-se novamente ao ridículo e a angústia da sua própria ignomínia deixava-a com falta de ar. Não suportava pensar nisso e, no entanto, não o conseguia tirar da cabeça. O belo futuro que tinha imaginado junto do seu amado desmoronava-se agora com um fragor de avalanche. Ángela contemplou as paredes do quarto com assombro. Como era possível não estremecerem, não abrirem fendas diante de semelhante cataclismo? Abraçou-se, sentindo-se incapaz de seguir em frente. O que faria agora com os seus dias? Como suportaria a tristeza de existir? E como faria para não se desprezar?

– Sem amor, não vale a pena viver – repetiu, apoiando ambas as mãos no minúsculo lavatório a vapor e inclinando-se um pouco mais para o espelho. Olhou-se com desalento, lívida, taciturna. A testa larga e abaulada parecia ainda maior sob a luz vertical. Em cima, meia dúzia de cabelos ralos, de uma cor indefinida, deixavam

entrever o couro cabeludo. Em baixo, um nariz pequeno, uma boca fina de mais e sempre tenazmente fechada, um queixo fugidio. Era feia. Já sabia. Era muito feia. Devia ter feito uma operação, era o que todos aconselhavam, e a ênfase, até a irritação com que o diziam, era já um insulto, como se os aborrecesse terem de olhar para ela. Não compreendiam que Ângela precisava de que a amassem *a ela*, a toda ela, verdadeira, e não aos retoques habilidosos que os cirurgiões plásticos pudessem fazer-lhe no rosto. Precisava de provar a si própria que era digna de ser amada.

«Ângela, toda a gente faz operações, é normal», tinha-lhe repetido vezes sem conta o seu primeiro terapeuta, um tipo novo que exibía uma cara bastante vulgar, a típica plástica básica e barata. «Mesmo depois da operação, continuarias a ser tu; simplesmente, chamarias menos a atenção.» Não, não, nem pensar. Enganara-se, nisso como em tantas outras coisas. Ela seria sempre aberrante, chocante. Era demasiado diferente. Tinham-no demonstrado vezes sem conta todas as pessoas com quem se cruzara desde a infância. Desde a mãe, tão bonita, a quem causara horror, aos colegas das instituições por onde fora passando, gente rejeitada e fodida que, no entanto, conseguia sempre pôr-se de acordo para a rejeitar e a foder a ela. Mesmo entre os monstros, era alvo de risota. Por isso, camuflar-se para quê? Tentara esconder-se durante toda a vida e não lhe servira de nada. A única coisa que verdadeiramente podia salvá-la era encontrar alguém que a amasse tal como era. Seria assim tão difícil de perceber? Pois se a primeira coisa que o próprio psicoguia quisera fazer fora mandá-la para o cirurgião plástico, tão inaceitável devia ela parecer-lhe!

Sim, era um borrão na escrita do mundo. Uma anomalia. E não teria conseguido suportar tanta solidão se não fosse o doce consolo dos números. Eram tão belos os números, tão fiáveis, tão ordenados, tão generosos na sua acessibilidade! Vivera com eles e triunfara com eles. Durante vários anos, trabalhara com os seus números fiéis, usando a Rede. E as pessoas, que não a conheciam fisicamente,

admiravam-na. Fora assim que conseguira tornar-se independente, ter a sua própria casa... Nessa altura, apareceu Ricardo, o vizinho. Que olhava para ela sem revelar repugnância. Que olhava para ela como se a visse. Quando o conheceu, Ângela sentiu que tinha chegado a um lugar que sempre julgara inatingível. Pensou: *Isto é o paraíso*. Mas o vizinho deixou de ser doce e amável. Parecia até ter medo dela. E, depois, aquele problema com a polícia. Aquilo fora muito duro, brutal mesmo. Ricardo fora o seu primeiro fracasso. E também o início da sua demanda.

– Sem amor, não vale a pena viver – murmurou mais uma vez, com os lábios ressequidos e cheios de peles eriçadas. Estava há dois dias sem comer, sem dormir, quase sem beber. Grandes círculos arroxeados sombreavam-lhe os olhos. Dois dias sem tomar os medicamentos. Sentia-se febril e a vida era uma chaga, sofrimento puro. Mas a alternativa era pior. Aquela fria lisura terapêutica. Aquela calma artificial e embrutecedora que lhe metiam nas veias. A paz do cemitério. Forçá-la a não ser ela. Esvaziar-lhe a cabeça. Ao que os outros chamavam curar-se, ela chamava apagar-se.

Ângela era capaz de visualizar a sua própria mente. Via-a como uma imensa construção geométrica, um poliedro com milhares de faces de cores fulgurantes, que girava a toda a velocidade na escuridão do seu crânio. E em cada ângulo havia um número, um sinal, uma fórmula; por isso era tão boa a matemática, porque a única coisa que tinha de fazer era contemplar a sua mente com os olhos interiores e as soluções iluminavam-se por si sós. Todas as combinações numéricas possíveis estavam ali, bastava saber olhar. Ângela sabia que nem toda a gente dispunha de um poliedro faiscante na cabeça, e poder contar com essa beleza secreta era, sem dúvida, um refúgio e um consolo. Mas havia algo ainda mais importante para ela: uma energia capaz de mobilizar tudo isso, a força que Ricardo tinha posto em marcha, e esse fogo sagrado era o amor. Por isso, Ângela não queria que a mudassem. Porque ela sabia que era feia, muito feia, mas que o seu amor era belo. O que

ela tinha de melhor, o que a definia, era a sua paixão, que os terapeutas consideravam excessiva, obsessiva e desenfreada. Mas porventura o verdadeiro amor não deve roçar sempre o extremo, o sublime, o absoluto? O coração de Ângela era um lago de afeto profundo e luminoso que ameaçava transbordar. Tinha uma torrente de carinho para dar e ninguém o aceitava. Que desperdício... Morreria sem conseguir entregar a alguém o fruto de amor puro e oculto que trazia no peito? A amargura revolvía-lhe o estômago como um veneno. Sim, mais outro fracasso. Ângela tinha oferecido àquele homem cruel o tesouro delicado do seu coração e ele rejeitara-o. Ah, que humilhação insuportável. A dor dilacerava-a.

Gritou.

Gritou sem parar, com toda a força dos seus pulmões, gritou como se estivessem a decapitá-la. Só fechou a boca quando ficou sem fôlego. E depois assustou-se. Era meia-noite e estava num microapartamento de doze metros quadrados que tinha alugado num edifício em colmeia. Era um lugar deplorável, de construção barata, e dezenas, senão centenas, de vizinhos estavam com certeza ao alcance auditivo da sua gritaria; era possível que algum deles se queixasse ou mesmo chamasse a polícia. Ângela acrescentou uma pitada de terror ao seu sofrimento. Estúpida, que estúpida! Ficou imóvel, à espera de alguma reação. Ouviu o tiquetaque dos minutos sem que nada acontecesse. Engoliu em seco, acalmando-se um pouco. A vantagem dos edifícios em colmeia das zonas marginais da cidade era, regra geral, ninguém querer meter-se em sarilhos. Mesmo assim, tinha de ser mais prudente.

Suspirou e abriu a mochila desportiva preta que continha todos os seus pertences neste mundo. Afastou os maços de gaias que tinha ido buscar ao seu esconderijo de emergência, no depósito da estação de elétricos, e tirou as coisas que tinha comprado na tudoloja da esquina. Agarrou num dos objetos e fê-lo girar entre os dedos. Era um x-ato básico, daqueles que os miúdos usavam para os

trabalhos da escola, mas serviria.

Levantou a manga esquerda da camisa e voltou a olhar-se ao espelho. Ali, no antebraço, estava a tatuagem com o nome dele. Com o amado e odiado nome dele, com os caracteres tão cravados na sua pele como no seu coração, dez letras fatídicas que se viam ao contrário no reflexo. Um símbolo da entrega de Ângela, do seu amor fiável e perdurável, transformado agora numa estridente, insuportável evocação do seu último fracasso.

Fez deslizar a lâmina e aproximou o gume do início da tatuagem. Sem tremer. Afundou o x-ato um pouco na carne e parou; um fiozinho de sangue correu alegremente pelo braço abaixo. Pressionou a lâmina e começou a cortar, com o pulso firme e de dentes cerrados. Sem soltar um gemido. Apreciando o alívio momentâneo de ser dona da sua dor. No silêncio, ouvia-se o rasgar da carne e o sangue era agora um exagero. Cortou e voltou a cortar com desvelado mimo, tentando não errar. Não era nada fácil, dado que não dispunha de outra mão para esticar a pele. Demorou vários minutos a soltar a derme e a conseguir tirar a peça inteira. No lavatório, pousou o despojo e o x-ato, lavando a ferida com um jorro de vapor. Depois pegou no *spray* coagulante e no adesivo desinfetante e regenerador que também tinha comprado na tudoloja e fez um curativo apressado. Já com o braço ligado, agarrou delicadamente no farrapo de pele e estendeu-o sobre a porcelana falsa do pequeno lavatório. Observou-o com olhar crítico e sentiu-se muito satisfeita, pois no retângulo de pele e tecido lia-se com clareza o nome do seu amado. Podia ter usado uma lâmina a *laser*, que faria um corte mais preciso, mais fácil e mais rápido, além de cauterizar a ferida instantaneamente; mas teria sido muito menos... autêntico. Aparou o rebordo com o x-ato, para eliminar os farrapos, e em seguida lavou o retalho com delicadeza até o deixar bem limpo de sangue. Depois de o secar meticulosamente, embrulhou-o em papel de seda vermelho e meteu-o numa caixinha de cartão, também vermelha, que prendeu com um laço primoroso de cetim

roxo. Carregou no telemóvel e pediu um robô mensageiro expresso. Agora só faltava enviar-lhe o presente. Ângela levantou a cabeça e olhou-se ao espelho. Tinha as faces molhadas de lágrimas e sorria.

Bruna ficou toda a noite sem dormir. Toda a noite com uma insônia aguçada, inquieta, vigiando o sono de Lizard. O inspetor da Polícia Judiciária era uma mole escura que ocupava grande parte da cama, enorme, que nessa noite partilhavam. Paul Lizard ressonava de quando em vez, um ruído surdo de motor *au ralenti* que também não facilitava o descanso da androide. Mas não era isso que a mantinha acordada. O que a impedia de dormir era a tristeza. Ou o medo. Ou a raiva. Ou uma mistura de tudo e mais alguma coisa. Era a angústia de sentir que Lizard lhe fugia. Um pressentimento de perigo e de dor oprimia-lhe o peito. Sentia-se nua, e não só fisicamente, como efetivamente estava. Três anos, três meses e dezasseis dias.

O inspetor e a replicante tinham pouco mais de um ano de relação. Um período não isento de conflitos, de desencontros, de idas e vindas. Mas entre ambos sempre fluíra uma atração vulcânica. Juntos, eram um cataclismo natural; as suas peles derretiam-se ao roçar-se e o sangue incendiava-se-lhes como lava. A androide nunca tinha sentido nada semelhante; não se aproximava de Lizard, mergulhava nele. E, por instantes, desaparecia. Não mais Bruna Husky, a tecno-humana de combate. Não mais essa replicante condenada a uma vida cruelmente breve e a uma morte fixa e pré-programada. No ninho dos braços de Lizard, ventre contra ventre e peito contra peito, embutidos e transformados num único animal, ela era imortal. A única eternidade possível de Bruna era a carne.

Porém, na noite anterior, essa magia poderosa não funcionara. A rep encostara-se às costas de Lizard; começara a acariciar-lhe as nádegas musculosas, cúpulas perfeitas; com um serpeado pedinção, esfregara o seu corpo nu contra a pele dele, quando o inspetor, sem sequer se voltar, murmurara: «Estou esgotado, Husky. Vamos dormir.»

Husky. Usava o apelido quando queria mantê-la à distância. «Estou esgotado, Husky», dissera. Era a primeira vez que dormiam

juntos sem fazerem amor. Era assim que os humanos embarateciam os seus relacionamentos? Deixavam de olhar do mesmo modo para o seu par, começavam a criar rotinas de descuido, a oferecer costas impenetráveis aos seus amantes? A carne como uma muralha e não como uma promessa? Mas ela era uma replicante, rai's parta! Não tinha tempo a perder. Não podia desperdiçar um único dia, uma única hora. Por todas as malditas espécies, pois se nem sequer viviam juntos! Se ficavam um com o outro, tinha de ser para se entregarem por inteiro. Bruna não queria, não podia transformar o fogo da paixão no hábito poeirento, descuidado, dos humanos, que julgavam ter tanto tempo pela frente que acabavam por delapidar tudo sem se darem conta.

Pensou em levantar-se como um ladrão na noite, silenciosa, e voltar para o seu apartamento. Quando Lizard acordasse, ela já não estaria ali. Nessa altura, ele sentiria a sua falta. Ou talvez não. Suspirou, abatida. O amor era um combate, normalmente sem sangue, e ela tinha a sensação de estar a perdê-lo.

Tentou serenar. Era verdade que Lizard devia estar muito cansado. Afinal, todos tinham passado uma semana horrível. De repente, os Terroristas Instantâneos – um grupo confuso e pouco perigoso de ativistas urbanos – tinham mudado radicalmente de estratégia. Até então, os Ins tinham-se limitado a fazer-se explodir individualmente, de vez em quando, quase sem causarem outras baixas: um morto e três feridos nos cinco anos de atividade, sem contar com os próprios suicidas. Mas agora, e em apenas dez dias, tinham perpetrado um ataque significativo, com um atentado em Madrid e outro em Nova Valência, dos quais resultaram cento e vinte e cinco mortos e três centenas de feridos. Isto na região hispana, porque tinham ocorrido outros ataques em diversos pontos dos Estados Unidos da Terra, ou EUT, como em Berlim, Nova Xangai, Bogotá... Após a matança de Berlim, os Ins tinham emitido um comunicado no qual assumiam a autoria dos massacres recentes e anunciavam que, uma vez que o capitalismo mundial, com a sua

desigualdade criminosa, continuava a assassinar dia após dia milhares de pessoas no mundo, tinham decidido intensificar a sua ofensiva e lançar uma guerra declarada contra o sistema, visando a sua derrocada. E acrescentavam que, a partir desse momento, passariam a denominar-se Exército da Justiça Instantânea, EJI (ou Instant Justice Army, IJA, no inglês global). Tudo isto expresso de forma muito mais empolada e ribombante, como é óbvio.

O mais preocupante era o facto de o novo EJI, repentina e enigmaticamente, dispor de meios materiais anteriormente inimagináveis nos Ins: uma infraestrutura forte que lhes permitia passar despercebidos, dinheiro, possivelmente uma base social de apoio para manter tudo isso e, infelizmente, um novo tipo de explosivo indetetável pelos métodos tradicionais e com uma capacidade de destruição aterradora. Depois da deflagração, a substância desconhecida, batizada *inferno* pela polícia, provocava um fogo voraz, cujas chamas tinham a peculiaridade de aumentar tanto com água como com as espumas e vapores ignífugos dos bombeiros, tivessem base aquosa ou anaeróbica, o que dificultava sobremaneira os trabalhos de extinção. Pior ainda, o calor alterava os resíduos do explosivo, de tal modo que até agora não fora sequer possível descobrir a sua composição integral. «É o fogo grego!», exclamou Yiannis, o velho arquivista amigo de Bruna, horrorizado. Ao que parece, os gregos da Antiguidade tinham conhecimento de uma arma assim: um fogo inextinguível, que devia ter sido a bomba atómica da época, e cujo segredo nunca chegara a ser descoberto.

Além disso, e isto era o mais estranho, a mudança dos Ins passara totalmente despercebida a todos os serviços de informação, tanto aos regionais como aos globais. De facto, os Ins tinham sido um grupo que quase não implicava ameaça e estava profusamente infiltrado pelas forças de segurança. Lizard, que dirigia as investigações do atentado de Madrid, fora falar com Eñe, a responsável pelos serviços secretos da região hispana, e regressara com uma informação confidencial bastante chocante: «Ao que

parece, estavam tão seguros do seu controlo sobre os Ins que, em vez de os deterem a todos, consideraram que era melhor dispor de um movimento já vigiado e de pequeno impacto que pudesse absorver os indivíduos violentos antissistema...»

«Como? Estás a falar a sério? Podiam ter acabado com os Ins há mais tempo e não o fizeram para proporcionar um pequeno parque de diversões terrorista aos dissidentes radicais?», resfolegara Bruna.

Lizard encolhera os ombros: «É o que a Eñe diz. Pode ser gabarolice. É provável que não tenham sido capazes de os desmantelar. Tendo em conta que nem sequer suspeitaram desta mudança brutal de estratégia, eu diria que o controlo era uma merda.»

Era verdade. Todos os departamentos de segurança se lançaram à caça dos Ins assim que souberam que estes estavam relacionados com os massacres, mas não conseguiram encontrar nenhum. Os domicílios de que tinham registo estavam vazios, os terroristas sob vigilância pareceram evaporar-se de repente e a única coisa que o movimento deixara para trás tinham sido os cadáveres dos três polícias infiltrados, com os pés e as mãos atados e decapitados, numas das casas seguras da organização.

Portanto, agora estavam assim, na mais completa escuridão, perante uma escalada de violência. Mas isso não era motivo suficiente para a forte inquietação que Bruna sentia. A tecno-humana tinha vivido crises maiores. Para dizer a verdade, toda a sua breve existência era uma crise. Como replicante de combate, passara os dois primeiros anos de serviço miliciano obrigatório no planeta mineiro de Potosí, em condições tão duras que a recordação estava esbatida por um véu de sangue. Mais tarde, após a dispensa da milícia e reconvertida à investigação privada, viu-se envolvida na conjura especista que tentara exterminar os replicantes nas sujas guerras nacionalistas dos confins,¹ pelo que estava habituada à violência e sabia que o mundo era inseguro e cruel. De qualquer maneira, nada era tão cruel como o seu próprio destino, essa

irreversível condenação à morte a que todos os tecno-humanos estavam sujeitos. Sendo clones amadurecidos aceleradamente, a gestação dos reps era de catorze meses; o termo «fabríco», ofensivo e depreciativo, só era utilizado pelos supremacistas especistas. Quando ativados, aparentavam uma idade física de vinte e cinco anos; dez anos mais tarde, com uma pontualidade perturbadora, um indesejado processo degenerativo multiorgânico, o Tumor Total Tecno (TTT), acabava com eles no espaço de duas semanas, entre sofrimentos terríveis. A 13 de fevereiro de 2110, data em que se encontrava, restavam a Bruna apenas três anos, três meses e dezasseis dias de vida. A androide não conseguia evitar que a contagem decrescente obsessiva lhe zumbisse constantemente na cabeça, como um parasita que tivesse conseguido colonizar-lhe o cerebelo ou um vírus que a tivesse infetado fatalmente. Estava doente, enferma do medo e da raiva de morrer. Três anos, três meses e dezasseis dias.

Ou talvez não.

Não era inevitável falecer com dez anos. Quando a conjura supremacista contra os reps deflagrara, Bruna descobrira que em Cosmos, uma das duas plataformas habitadas que orbitavam a Terra, tinham encontrado o segredo para prolongar a vida dos androides em mais duas décadas, pelo menos. Mas Cosmos era uma ditadura totalitária que mantinha apenas um simulacro de relações com os EUT, com os quais se encontrava em plena Guerra Fria. Ah, que tortura indizível e acrescida implicava saber que não era obrigatório morrer tão depressa e, mesmo assim, não conseguir escapar a esse destino! Como costumava afirmar Myriam Chi, a antiga líder do Movimento Radical Replicante (MMR), que fora assassinada durante a conjura, na Terra não havia uma vontade coletiva para encontrar a cura para o TTT. Os androides morriam dez anos após a ativação devido à indiferença dos humanos. Embora constituíssem 15% da população mundial, só 0,2% do orçamento das grandes farmacêuticas se destinava ao estudo do

TTT.

Três anos, três meses e dezasseis dias.

Mas, mesmo sendo angustiante tudo isto, Bruna sabia que a verdadeira ferida que a atormentava hoje era o desapego que sentia em Lizard. Inquietava-a que ele lhe prestasse tão pouca atenção, enraivecia-a que não tivesse pedido a sua ajuda profissional («é terrorismo, altamente confidencial, não posso») e há dias que tais pensamentos a impediam de dormir; em vez disso, desmaiava sob o efeito do vinho, mas, passadas duas horas, voltava a abrir os olhos. Claro que ela era uma rep de combate, geneticamente reforçada para ter mais vigor. Tal significava que, por mais cansada que estivesse, queria continuar a visitar o refúgio íntimo que os corpos dela e do seu amante formavam ao unirem-se. Esse paraíso da carne era o único céu que Bruna conhecia, o único lugar onde se sentia a salvo da persecutória morte e onde se esquecia da sua contagem decrescente.

Mas o problema era que, para Lizard, nada daquilo parecia ser assim tão importante, considerou Bruna, debruçada sobre a cama, observando o perfil maciço e confiante do homem. Para o inspetor, ela não era assim tão importante, disse para consigo, ou melhor, rosnou, porque se apercebeu de que as palavras provocavam vendavais no seu íntimo. Uma sensação súbita de debilidade extrema deixou-a pasmada. As emoções enfraquecem-nos, a necessidade amorosa atira-nos para as patas dos cavalos, pensou Husky, cerrando os dentes até estes rangerem. Que insensatez a sua, mostrar-se tão indefesa! Ela, uma pedinte; ele, indiferente. Era isso que mais a humilhava, aquela asquerosa indiferença humana.

Lizard abriu os olhos com um pequeno sobressalto, como se tivesse sentido a fúria soterrada da rep ou, quem sabe, o seu ranger de dentes. Voltou-se, fatigado, de barriga para cima, e sobressaltou-se ainda mais ao descobrir Bruna junto dele, apoiada no cotovelo e perscrutando-o, sombria. Olhou-a durante uns segundos com alguma inquietação.

– Pareces uma serpente prestes a devorar um rato do campo – acabou por dizer.

Bruna não pôde deixar de estabelecer uma relação entre o comentário de Lizard e as pupilas dos reps, verticais como as dos répteis ou dos felinos, e sentiu-se ofendida.

– Muito espirituoso – retorquiu com azedume.

Uma lucidez repentina, gelada, iluminou-a e fê-la encarar a situação de outro ponto de vista. Do extremo mais oposto do Universo. Como era possível ter-se sentido tão apaixonada por aquele tipo? No fim de contas, todos os humanos eram iguais. Fechar, cortar, acabar, amputar. Todas as defesas emocionais de Bruna se ativaram. Agora, o seu único desejo era ir para casa quanto antes.

– Sabes, os predadores têm as pupilas verticais e as vítimas, as pupilas redondas. Falo a sério. Vi-o no outro dia num documentário num ecrã público. Pensei que te interessaria saber – insistiu Lizard, levantando-se.

Falava com naturalidade, sem o mais pequeno vestígio de troça, até com afeto, mas Husky estava possessa. Uma fúria vermelha crescia-lhe no íntimo e ameaçava chegar-lhe à boca e transbordar em palavras. Mas, com esforço, optou por se calar.

Lizard ordenara aos ecrãs que passassem as notícias e estava a tomar um duche de vapor apressado. Saiu sem se secar, com o corpo musculoso e impetuoso a brilhar de humidade. Bruna sentiu o desejo incontrolável de fugir a correr.

– Vou-me embora – declarou com demasiada ênfase.

– Espera; toma um café, pelo menos...

Nesse momento, ouviu-se a campainha da porta. No ecrã apareceu um robô mensageiro. O inspetor abriu e identificou-se, encostando o *microchip* hipodérmico da sua placa civil ao leitor ótico, e o robô cuspiu-lhe para as mãos uma cápsula pequena e leve. Lizard destapou o invólucro protetor e depois abriu o bonito presente.

– Mas que merda...!

Não chegou a terminar a frase, tão atónito estava. Nas mãos, sobre uma cama de papel de seda delicado, via-se um retângulo que parecia ser de pele humana, com duas palavras tatuadas: «Paul Lizard».

Bruna observou o retalho com uma repugnância estupefacta. Abriu a boca para partilhar o abalo com o inspetor e mostrar-lhe o seu apoio, mas, para sua surpresa, ouviu-se a grunhir:

– A vingança de alguma amante despeitada...

– É a única coisa que te ocorre dizer? – exasperou-se Paul. – Foda-se! É... sinistro. E não faço ideia do que significa. Bom, agora não posso perder tempo com isto... Levo-o comigo para que o analisem.

Embrulhou novamente o bocado de pele, meteu-o no invólucro do serviço de entregas, guardou-o e, a seguir, saiu disparado, tão velozmente que Bruna não teve tempo de lhe dizer que, na realidade, era ela quem se ia embora. Assim, tecnicamente, foi Lizard quem acabou por a deixar pendurada.

– Falamos depois – balbuciou o homem, apressado.

E desapareceu.

¹Nos romances *Lágrimas na Chuva* e *O Peso do Coração*, respetivamente.

A imensa Oli aproximou-se com a garrafa de vinho na mão e tornou a encher-lhe o copo sem que ela o tivesse pedido. Às vezes era uma seca conhecerem-na assim tão bem, disse Bruna para consigo.

– Que é feito do Lizard? – perguntou Oli, pousando um pratinho de azeitonas.

– Não faço a mais pequena ideia – respondeu a rep com uma rudeza excessiva.

Oli lançou-lhe uma olhadela inquisitiva e rápida.

– Vi-o hoje nos ecrãs públicos...

– Ai sim? – interessou-se Bruna, contravontade.

– Sim, mas não era um direto. Estavam a repetir uma gravação feita há dias. Passa a toda a hora, com a história dos sacanas dos Ins.

– EJI. Agora são o EJI, lembraste?

– Pois. Os bandalhos do costume, mas mais filhos da puta. E com ajuda. Esse é que é preciso procurar. O cabrão que está agora a ajudá-los. Ou a usá-los.

Dizendo isto, Oli girou sobre si própria com dificuldade e afastou-se com uma lentidão majestosa. Bruna ficava sempre fascinada com aquelas quase impossíveis deslocações ao longo do espaço estreito existente atrás do balcão. Era como ver um navio de grande tonelagem a passar por uma comporta demasiado estreita. A negra Oli era tão inacreditavelmente gorda, tão mastodôntica, enfim, que bem podia ser uma mutante. Talvez tivesse ficado assim depois de um mau salto de teletransporte. Mas ninguém se atrevia a perguntar-lhe. Teria razão quanto ao novo cabrão que usava os Ins? Era possível. Oli era tão sábia como Buda.

– Olá, Bruna, como estás? Onde deixaste o Paul?

A detetive deu um salto e descobriu, horrorizada, que o velho Yiannis acabara de se deixar cair no banco contíguo, com os seus quatro cabelos alvoroçados e a sua cara patética de mandril

enrugado.

Este seria pior. Não pararia de a interrogar.

– Não sei. Deve andar por aí a salvar o mundo. Apanhaste-me de saída – respondeu a rep, enquanto se levantava com um salto e fugia, deixando o arquivista em suspenso. Já a caminho da saída, levantou a voz e o braço e pediu:

– Põe na conta, Oli.

Bum!, fez a porta ao fechar-se atrás dela. O silêncio da noite e a solidão da rua foram um alívio depois do ambiente buliçoso do bar, sempre barulhento de mais para o tamanho que tinha. Bruna apercebeu-se de que, com a pressa, saíra de copo na mão. Se fosse apanhada, podia levar uma multa, mas o bar ficava num beco pouco transitado e era perto da uma da manhã. Encostou-se à parede, apreciando a frescura da madrugada, um arremedo humilde do inverno, e bebeu um gole de vinho.

Não via Lizard desde a manhã do dia anterior, quando o inspetor recebera aquele presente grotesco, o farrapo de pele com o nome dele tatuado. Bruna tinha tomado a decisão de não o contactar, de não lhe telefonar, de fazê-lo sentir o seu afastamento. Porém, não pudera demonstrar-lhe a sua frieza, pois não voltara a saber dele. Claro que também não decorrera assim tanto tempo. Nem sequer quarenta e oito horas, embora estivessem quase a perfazer-se. Noutras alturas, tinham passado muitos mais dias sem se falarem. E no entanto... Desta vez, estava a aceitá-lo mal, pessimamente. Como era possível? Cada dia mais fraca. E mais furiosa.

– Ahhh! – exclamou, frustrada.

Acabou a bebida de um trago e esteve quase a atirar o copo para o chão, mas depois lembrou-se de Oli e, restando-se, pousou-o cuidadosamente num canto da porta. Enquanto se endireitava, tomou uma decisão. Engoliria um *caramelo* e iria para a cama com alguém. O tratamento habitual contra parvoíces sentimentais.

O mais fácil seria aproximar-se do Oops para arranjar a oxitocina. Era uma casa de jogo deplorável, frequentada quase

exclusivamente por humanos *víps* e, provavelmente, por um ou outro especista, mas os passadores costumavam ter bom material (afinal, traficavam com gente rica) e ficava a poucas ruas de distância.

Só se lembrou de que era sexta-feira ao ver o local a abarrotar. Caminhou por entre os corpos suados como se avançasse por uma piscina quente, esticando o pescoço para ver por cima das cabeças. Localizou o passador que conhecia no seu poiso costumeiro, junto das casas de banho, caso fosse preciso desfazer-se rapidamente do produto; comprou um *caramelo* azul, tirou-o do *blister* e pô-lo debaixo da língua. Passado um minuto, o seu corpo incendiou-se e tomou o comando. Bendito corpo, capaz de amordaçar a mente. Com a pele a arder, Bruna bebeu, dançou, esfregou-se e mordeu, presa de uma fome feroz, mas feliz e fácil de saciar, uma simples fome indiscriminada de corpo alheio, de uma união tão sinuosa e tão casual como a dos vermes. O mundo era simples e na sua cabeça flutuava uma névoa quente e húmida.

De repente, a névoa começou a dissipar-se. Bolas, uma quebra repentina, pensou a androide, pestanejando. Entre os farrapos de bruma, viu um humano baixinho junto de si. Estava nu. E olhava fixamente para ela.

– Não me faças mal, por favor... – implorou o homenzinho.

– Eu? Fiz-te alguma coisa? – murmurou Bruna, assombrada, com a boca pastosa.

– Não me faças mal!

Devia ter uns quarenta anos e, afinal, não era assim tão baixo. Estava era de cócoras, encolhido sobre si próprio, a olhar para ela e a tremer.

Em volta deles, apercebeu-se Husky enquanto se ia restabelecendo, foi-se materializando a sala de um apartamento moderno e, sem dúvida, muito mais caro do que o seu. E ela também estava nua. De pé, junto do humano.

– Estamos em tua casa?

– Sim, tecno-humana – murmurou respeitosamente o homem num fio de voz.

Bruna abanou a cabeça com desalento. O cérebro moveu-se de um lado para o outro no interior do crânio. Não acreditava ter-lhe feito mal, porque os replicantes de combate tinham um mecanismo extra de controlo que funcionava automaticamente. Mas, de qualquer maneira, o tipo parecia aterrorizado. Bruna tentou localizar a sua roupa com os olhos.

– Ouve, não sei o que aconteceu, suponho que nada, mas não tenhas medo, vou-me já embora.

– Não, não, não, não! – gemeu o humano.

– Calma! Já me vou embora! – repetiu, irritada. Já tinha localizado o seu macacão de neoprex.

– Não... não te vás embora, por favor. Eu... eu gosto...

Ah! Com que então era desses? Bruna sabia que havia humanos que gostavam das reps de combate justamente porque lhes causavam medo, porque se sentiam indefesos diante delas, mas ela nunca tivera relações com um desses tipos e não sentia necessidade alguma de semelhante experiência. Tentou ver-se a partir de fora: alta, muito mais alta do que ele, com os músculos definidos sob a pele, a cabeça rapada, as pupilas verticais e a linha negra da tatuagem que agora, nua como estava, se via por inteiro, a percorrer-lhe todo o corpo. Sim, tinha de reconhecer que o seu aspeto podia ser assustador. O humano observava-a sem pestanejar, quase sem respirar, da mesma maneira que um rato do campo observaria a cobra prestes a devorá-lo, como teria dito o sacana do Lizard. Oh, pelo grande Morlay, gemeu Bruna para consigo. Não se sentia capaz de ir para casa sozinha, na quebra abrupta daquela porcaria de *caramelo*. Pupilas rasgadas de predador, pupilas redondas de presa. Tentou recuperar a febre da pele, mas ficou só com pele de galinha.

– Espera. Espera – ordenou, estendendo uma mão imperativa.

E, pressionando furiosamente o telemóvel, pediu a um serviço

expresso que lhe trouxesse quanto antes uma boa garrafa de vinho branco.

Bruna acordou nos braços da sua velha amiga ressaca, com a sensação esgotante de ter acabado de se deitar, o que devia ser verdade. Antes de abrir os olhos, com o sangue a martelar-lhe nas fontes, a androide calculou que andava pelo menos há um mês a colecionar excessos. Copos de vinho a mais, noite após noite. Dores de cabeça e arrependimento todas as manhãs. Mas o arrependimento de hoje era descomunal, pensou para consigo, abalada, enquanto se ia lembrando do que acontecera na véspera. Que era pouco, considerando, mas, simultaneamente, demasiado. Que estupidez ter tomado a oxitocina. Para não falar da garrafa de vinho branco.

– Devo ser a única rep de combate com sentimentos de culpa – resmungou, sem abrir as pálpebras.

Embora os tecnos de cálculo, e mesmo os de exploração, pudessem ter personalidades mais complexas, nos tecnos de combate predominava a ingenuidade. Não convinha que tivessem problemas de consciência; o arrependimento convivía mal com a eficácia bélica. Mas ela, claro, ela, de entre todos os tecno-humanos da Terra, tivera a pouca sorte de dispor de um memorista como Pablo Nopal.

Todos os reps sabiam que as reminiscências das respetivas infâncias e juventudes, até ao momento da ativação aos vinte e cinco anos, eram memórias implantadas, mas os estudos tinham demonstrado que ter recordações, mesmo que reconhecidamente falsas, contribuía para a estabilidade emocional dos androides. Por isso, todos os reps passaram a receber uma *mema* artificial de série e a profissão de memorista transformou-se numa saída rentável para os escritores, sobretudo para os medíocres. O problema é que Pablo Nopal, o memorista de Bruna, era tudo menos isso. Era um tipo complicado, provavelmente perverso, possivelmente também um assassino, mas, ao mesmo tempo, um bom romancista e um homem singular. Husky visualizou Nopal na cortina avermelhada das suas

pálpebras fechadas: elegante, atraente, anguloso, sombrio. As memórias artificiais dos tecno-humanos constavam apenas de quinhentas cenas e eram de uma convencionalidade entediante: vaporosos relatos de famílias felizes, festas de aniversário, cães brincalhões. No entanto, o que Nopal fizera a Bruna fora algo diferente, completamente ilegal e aterrador: implantara-lhe uma *mema* atormentada e longuíssima, com vários milhares de cenas, e, pior ainda, alimentara-a com as suas próprias recordações de uma vida atroz – os pais assassinados, os maus-tratos no orfanato e os abusos do tio carnal que depois o adotara. Quando Bruna soube que carregava o passado de Nopal, compreendeu por que razão sempre se sentira diferente, um monstro entre os monstros.

«Toda essa dor, para quê?», gritou um dia ao seu memorista, desesperada.

«Possuis três vezes mais cenas do que os restantes tecnos. És muito mais complexa. Conheces a melancolia e a nostalgia. E a emoção de uma música bela, de uma palavra ou de um quadro. O que quero dizer é que também te dei a beleza, Bruna. E a beleza é a única eternidade possível», respondeu-lhe Nopal.²

Teria razão? Como em tantas outras ocasiões, Husky interrogou-se se teria preferido possuir uma *mema* mais simples. Respirou fundo, sentindo a enxaqueca a latejar-lhe nas fontes e a angústia a palpar-lhe no peito. Cerrou os dentes até lhe doerem. Teria preferido não ser rep. Teria preferido não morrer. Três anos, três meses e catorze dias.

Levantou-se da cama, sentindo o desejo vago e idiota de deitar fogo ao prédio. Num canto do quarto, tentando passar despercebido, *Bartolo* roía pacientemente um dos seus brinquedos, observando-a com cautela. O bubi tinha aprendido a pressentir o humor da rep e a adivinhar quando a ressaca estava a matá-la. No fim de contas, não era assim tão idiota. A androide olhou para o seu animal de estimação alienígena com o sobrolho franzido e o comilão apressou-se a balbuciar:

– *Bartolo* quieto! *Bartolo* não chateia!

Tinha um ar muito engraçado, com o narigão achatado, o pescoço alongado e uma grenha avermelhada e hirsuta, a coroar-lhe a cabeça como uma crista. Não era de admirar que o pequeno mamífero doméstico de origem omaá estivesse na moda na Terra, embora às vezes pudesse ser um aborrecimento. Como o bubi tinha uma lendária voracidade caprina e era capaz de devorar um sapato, umas calças, o plástico dos supercondutores ou o que quer que fosse quando estava com a fome habitual – daí a alcunha de «comilão» –, a androide comprara-lhe no centro veterinário um saco de brinquedos feitos de pele sintética de búfalo, objetos duríssimos que o bubi adorava e que levava algum tempo a roer. Também tinham combinado (mais ou menos) que, caso *Bartolo* sentisse alguma compulsão masticatória, deveria escolher um dos seus brinquedos e não outra coisa. Vê-lo agora ali, com a cara assustada e uma rodela de pele artificial bem agarrada entre os dedinhos escuros, amansou um pouco a ferocidade de Bruna. A androide sorriu ou, pelo menos, relaxou os maxilares contraídos, e a expressão do comilão iluminou-se de alívio.

– *Bartolo* bom, *Bartolo* bonito! – disse, enlevado.

– Sim, sim, está bem, está bem. Muito bom e muito bonito – resmungou a androide.

Husky tinha coisas a fazer. Pequenas obrigações que a salvavam da passividade mais destrutiva, do desejo de se meter na cama e de não sair dali até que o TTT, a morte que lhe ia crescendo dentro do peito desde que os engenheiros a criaram, a apanhasse. Mas para quê? Para quê tanta emoção, tanta tensão, tanto mover-se na vida de um lado para o outro, tanto anseio, tanto desespero? Para quê o desejo, a dor e a nostalgia que Nopal lhe proporcionara, se tudo terminaria daí a nada?

Uma coisa quente e peluda agarrou-se à sua perna direita. Bruna olhou para baixo e lá estava o comilão, abraçado de pés e mãos à barriga da perna dela, contemplando-a sem pestanejar, com aquela

transida expressão de enlevo que significava que o bubi queria o pequeno-almoço, como a detetive bem sabia.

Sim, Husky tinha coisas a fazer. Preparar a comida daquele animal tolo que um dia lhe salvara a vida,³ mesmo que tal fosse difícil de acreditar. E trabalhar um pouco nos casos que tinha entre mãos. Eram muito desinteressantes, mas pagavam-lhe as contas. Bruna Husky não podia meter-se na cama à espera do fim porque, muito antes de este chegar, já a teriam despejado por falta de pagamento. Neste mundo, até para uma pessoa se autodestruir com estilo era preciso dinheiro. Assim era o capitalismo criminoso, como o denominavam os tipos do EJI. Assim, Husky tomou um duche de vapor, anotou mentalmente que teria de comprar um novo cartão de água, preparou o pequeno-almoço para o bubi, tomou um café, engoliu um *Algicid* para a ressaca e vestiu uma camisola e um macacão leves, mas térmicos. Em meados de fevereiro, já estava muito calor, mas podia arrefecer inesperadamente. Bruna fez tudo isto devagar, muito devagar, com aquele cansaço que não vem do corpo, mas da pouca vontade de viver. De não fazer sentido continuar a mexer-se. De pé, no meio da sala, falou com uma das suas clientes através do ecrã principal. O caso estava praticamente encerrado, porque Husky reunira provas suficientes para demonstrar que a cliente tinha sido assediada pela empresa de Turismo Húmido para a qual trabalhava e que os seus chefes lhe tinham feito a vida num inferno, tentando que fosse ela a despedir-se. A cliente, uma humana com uns quarenta e cinco anos, estava em Nova Veneza, prestes a levar um grupo de turistas numa excursão submarina pela antiga Veneza, já submersa. Quando soube que Bruna tinha conseguido provas conclusivas, a mulher deu um pequeno grito de felicidade e bateu palmas como uma criança. Estes humanos são sempre asquerosamente emocionais, disse a detetive para consigo. Bom, nem todos; Lizard, por exemplo, era tão reservado e desabrido como um rep. Talvez por ter sido educado por uma androide dos oito aos quinze anos.

O caso seguinte era mais desagradável e estava menos adiantado. Era o típico problema de ciúmes. Uma humana de setenta e sete anos, casada há duas décadas com uma outra humana de trinta e oito, a quem mantivera, pagando-lhe inclusive o curso de piano. Agora, a mais jovem era uma estrela ascendente, enquanto que a outra se sentia velha e desajustada, no início do exílio progressivo da vida, que a idade impunha (os reps, pelo menos, eram poupados a isso). A cliente achava que a jovem pianista a enganava com outra pessoa e era bem possível que assim fosse; por outro lado, pensava Bruna, que importância teria? As duas não podiam continuar a amar-se sem esgravatar essas pregas ocultas, transformando-as em feridas sangrentas? Vinte anos de convívio com alguém. Que esplendor, que inveja, pensava a rep. Ela só conseguira desfrutar de Merlín, do seu amado Merlín, durante dois anos, antes de o TTT o desfazer.

«Sem amor, não vale a pena viver», justificara-se a mulher da pianista com a voz quebrada pelas lágrimas.

E Bruna pensou: *Mas viver sem amor é viver sem medo.*

A detetive tinha então todas essas pequenas atividades com que se ocupar. Ainda assim, precisava também de tentar angariar mais clientes. Talvez pudesse colocar anúncios nos ecrãs públicos, embora fossem caríssimos, ou oferecer os seus serviços a empresas tecnológicas, pois era boa a investigar delitos de espionagem industrial... Nesse momento, *Bartolo* deu um salto, olhando para ela com uma expressão assustada; ao mesmo tempo, Bruna teve uma sensação estranha. Talvez os seus ouvidos geneticamente melhorados tivessem captado um ruído ou a nexina, uma enzima experimental que fomentava a empatia, introduzida na sua geração de tecno-humanos, a fizesse percecionar outros seres. O facto é que o corpo da rep ficou alerta ainda antes de a informação ser registada no seu cérebro. Nem houve tempo para isso: de repente, a porta do apartamento abriu-se com estrondo e a rep viu-se rodeada de polícias. Cinco humanos e uma androide, todos armados e com

uniformes de combate. Uma calma fria desceu pela coluna vertebral de Bruna como um dedo de gelo. Em situações destas, dava graças pelos reforços hormonais que os anônimos bioengenheiros que a haviam criado lhe tinham dado. Agora, Bruna sentia a cabeça limpa, rápida, tão serena como o olho de um furacão e tão luminosa como um relâmpago.

– Bolas, que surpresa! Outra forma de entrar é batendo antes à porta – disse com uma calma sardónica.

– Silêncio! Braços no ar e não te mexas! – gritou um humano, evidentemente tenso e sob o efeito da adrenalina, apontando-lhe uma espingarda de plasma.

Bruna obedeceu. Largou o bubi, que de um salto se tinha refugiado no seu colo, e ergueu os braços. *Bartolo*, um molho de pelos trémulos, continuou agarrado como um macaco ao torso da androide.

– És Bruna Husky? – perguntou a outra rep de combate com eficiente serenidade.

Que alívio! Isto era outra coisa. O hipercontrolo da polícia tecno-humana também fora ativado.

– Assim é. E vocês estão aqui por...?

Ninguém respondeu. A outra androide aproximou-se para confirmar a chapa de identificação civil que Bruna trazia ao pescoço; como a maior parte dos tecnos de combate, gostava de usar a chapa física e visível, estilo retro, e não a hipodérmica. Outro polícia pôs-se a revistar o apartamento da detetive. Acabou depressa, visto serem só duas assoalhadas e a casa de banho.

– Ninguém – indicou ao reincorporar-se na formação.

– Onde e quando viste o inspetor Lizard pela última vez? – perguntou, mais tranquilo, o humano que tinha falado primeiro.

Apesar da sua calma reforçada, Husky sentiu uma espécie de descarga elétrica na nuca. Desatou a suar.

– O Lizard? Que aconteceu?

– Quando o viste pela última vez?

– Há dois dias. Quinta-feira de manhã. Em casa dele. O que se passa?

– Desapareceu. O inspetor Lizard desapareceu – informou a rep.

– Não se sabe nada dele, justamente desde a manhã de quinta-feira. Há mais de cinquenta horas.

2Lágrimas na Chuva.

3O Peso do Coração.

– Nessa quinta-feira, depois de me deixar, o Paul passou por instantes na Judiciária, voltando a sair. Ao princípio, a sua ausência não preocupou ninguém, visto ser costume ele estar muito tempo fora. Supõem que estaria a seguir alguma pista, mas ninguém parece saber onde ia. Já sabes como ele é reservado. O alarme disparou no dia seguinte, ou seja, ontem, quando o Paul não apareceu numa reunião que ele próprio convocou. Telefonaram-lhe, mas ele não atendeu. Tentaram localizar o telemóvel, mas o sinal tinha desaparecido completamente. Não existe. Indetetável. Portanto, foram ao apartamento dele e como ninguém abria a porta entraram à força. Estava vazio. Pelos registos de segurança de casa, perceberam que eu tinha uma autorização doméstica e que estivera lá com ele na noite de quarta-feira; por isso, foram à minha procura. Bom, por isso e porque na Judiciária devem saber que o Lizard e eu nos encontramos... de quando em quando.

A angústia era um zumbido surdo. Um tremor constante das vísceras sob a calma profissional a que Husky queria agarrar-se. Lizard desaparecido. Que tivessem apagado o sinal do telemóvel era mau. Horrível. Yiannis olhava para ela, perturbado, retorcendo as mãos, e o seu medo evidente também não a ajudava.

– Ai minha mãe, Bruna, ai... O que achas que pode ter acontecido? – gemia o velho arquivista.

Que o tarado psicopata que lhe mandou o retalho de pele o decapitou. Que os tarados psicopatas dos Ins, cujo atentado ele andava a investigar, o mandaram pelos ares. Que qualquer outro tarado psicopata o cortou aos pedacinhos. Por instantes, Bruna imaginou o corpanzil do inspetor, ensanguentado e sem vida, atirado para uma qualquer ruela imunda como uma rês sacrificada.

– Não sei! – respondeu com maus modos. E, fazendo um esforço para se controlar, acrescentou: – ... ainda. Não sei ainda...

Bruna viera visitar o arquivista para lhe trazer *Bartolo*. Ia concentrar todas as suas energias na busca de Lizard e não podia

cuidar do comilão. Pobre Yiannis, disse para si mesma com uma pontada de afeto contrito, acaba sempre por se encarregar das minhas responsabilidades. O arquivista acabara por adotar Gabi, a pequena russa que Husky tinha resgatado de uma Zona Zero,⁴ e *Bartolo* provavelmente passava mais tempo em casa de Yiannis do que com Bruna. A adoção da pequena russa tinha sido um ato de heroísmo, porque a miúda era uma fera, com energia e malícia a mais para um homem com mais de setenta anos.

– Como está a Gabi? – perguntou a rep com um vago sentimento de culpa.

O arquivista sorriu, feliz, e as suas faces chupadas encheram-se de rugas chocantes. Parecia a cara de um macaco ou a imagem de algum documentário antropológico. A embirração que Yiannis sentia pelas cirurgias estéticas fazia com que fosse um dos poucos velhos não operados da Terra.

– Muito bem! Muito mais civilizada, mais centrada. Esta semana não a expulsaram da sala de aula! Inacreditável, não achas? Estou felicíssimo.

E, efetivamente, o rosto de mandril do arquivista irradiou, de repente, uma felicidade jovial e luminosa. A bomba já foi ativada, disse a rep para consigo, um pouco aborrecida. Propenso a ataques súbitos de melancolia, tinham implantado no instável Yiannis uma bomba de endorfinas junto à amígdala cerebral, o último grito na terapia contra a depressão; sempre que o equilíbrio psíquico do arquivista caía a pique, a bomba entrava em funcionamento. Desta vez, a angústia pelo desaparecimento de Lizard devia ter ativado a engenhoca. Vá-se lá saber se o que ele lhe contara sobre Gabi era verdade: afinal, quando estava mergulhado na beatitude química do implante, o arquivista era pouco fiável.

– O mais inacreditável é que até fez uma amiga! Está aqui neste preciso momento. Estão no quarto dela. Queres ir cumprimentá-las?

Não, não queria. Bruna nunca se dera bem com crianças; inquietavam-na, perturbavam-na, obrigavam-na a pensar nessa

etapa da vida que a androide só conhecia através das recordações falsas que o seu memorista lhe implantara. As crianças provocavam-lhe sempre um ligeiro nojo, uma vaga sensação de náusea. Além disso, naquele momento só conseguia pensar em procurar Lizard.

– Não, é melhor não.

– Espera, tive uma excelente ideia! Estava justamente a pensar preparar alguma coisa para as miúdas comerem. E se preparasse também alguma coisa para ti? Comes e depois vais. Tenho a certeza de que não tens cuidado de ti – gorjeou Yiannis em pleno paroxismo de zelo feliz.

As palavras do arquivista fizeram Bruna dar-se conta da fome que tinha. Um buraco no estômago. Estivera horas na sede da Polícia Judiciária a prestar declarações, já passava das três da tarde e não comia nada desde o pequeno-almoço. Era verdade, tinha de se alimentar. Os tecnos de combate sabiam muito bem que, em situações de crise, era preciso comer e dormir sempre que tivessem a oportunidade de o fazer. Manter o corpo em forma podia salvar-lhes a vida.

– Está bem. Muito obrigada.

Yiannis trotou alegremente em direção à cozinha, seguido com entusiasmo por *Bartolo*. O arquivista vivia num velho apartamento, escuro e cheio de recantos, onde a cozinha ocupava uma assoalhada, como nas casas antigas. Após um instante de hesitação, Bruna dirigiu-se para o quarto de Gabi. Bateu com os nós dos dedos na porta fechada e apercebeu-se de que, do outro lado, o murmúrio da conversa cessara. Esperou alguns segundos e voltou a bater. Nada. Irritada, rodou a maçaneta e abriu; há meses, ela própria se encarregara de tirar o fecho, para que a pequena russa não pudesse entrincheirar-se. Ficou parada à porta; Gabi, sentada na cama com as pernas cruzadas, ao pé de uma menina, olhava para ela com dureza.

– Não te disse para entrares – resmungou a pequena russa.

– O problema foi esse, não teres dito nada.

– Não devemos entrar no quarto de alguém se não nos derem licença. És uma mal-educada – insistiu a selvagem.

– A mal-educada és tu, que nem sequer respondeste.

– Bom, Gabi, não fiques assim; não há problema, pois não? – comentou ansiosamente a outra rapariga. – Tu deves ser a Bruna, certo?

A rep olhou para ela; era uma amostra de gente, toda ela pernas e braços magríssimos. Tinha a pele de uma brancura pouco saudável, quase translúcida, os olhos redondos e azuis, o cabelo castanho e muito curto. Parecia particularmente frágil ao lado da corpulenta Gabi.

– Sim, sou a Bruna. E tu és...?

– Sou a Emma – apresentou-se a miúda, sorrindo com timidez.

Dentinhos acinzentados. A família dela devia ter um seguro de saúde miserável.

– É minha amiga – indicou Gabi com uma altivez não isenta de orgulho.

– Muito bem. Sim. O Yiannis já me tinha contado.

Durante alguns segundos, as três observaram-se com uma desconfiança cautelosa.

– O Lizard desapareceu – deixou cair Bruna, de chofre.

E interrogou-se imediatamente porquê.

– Queres dizer que te deixou – observou a pequena russa, desdenhosa.

A rep resfolegou:

– Não! Quero dizer que desapareceu. Há dois dias que ninguém o vê. O telemóvel dele também não está localizável.

Gabi franziu o sobrolho:

– Ah... sinto muito... Achas que está em perigo?

Pressentimentos de sangue e de morte. Três anos, três meses e catorze dias.

– Tenho... tenho a certeza que sim.

A pequena russa baixou a cabeça com uma expressão de genuíno

pesar. Mas voltou a levantá-la imediatamente, desafiadora:

– Pois, tenho muita pena, mas isso acontece-lhe por fazer o que faz. Por perseguir os Ins. Por estar do lado dos maus.

Bruna olhou para ela, atónita:

– Que maus?

– Os que cobram pelo ar limpo. Os que não curam as crianças que não têm dinheiro. Todos os maus.

– Mas onde ouviste isso?

– Não ouvi, estúpida. Vivi isso.

As palavras da pequena russa explodiram na cabeça de Bruna e deixaram-na sem resposta. Evidentemente. É claro que vivera isso. Gabi crescera numa Zona Zero, ou seja, num dos locais mais contaminados do planeta. Durante a infância, recebera doses tão altas de radiação que teria morrido numa questão de meses se Bruna não lhe tivesse conseguido um seguro de saúde de primeira categoria. Para mais, durante as consultas, descobriram que ela tinha sido violada. Bruna nunca conversara com Gabi acerca disso. Mas era óbvio que a miúda tinha razão: com os seus dez ou onze anos (não sabiam a data exata do seu nascimento), a pequena russa já tinha vivido e visto demasiado. A detetive sentiu-se ridícula; as suas palavras tinham sido desastrosas. Mas o que originara a sua pergunta fora a surpresa de ouvir Gabi expressar-se daquela maneira. A miúda nunca se referira às circunstâncias do seu passado, nunca se tinha queixado ou mencionado pormenores da sua antiga vida. Enfim, era evidente que estava a crescer. A pequena selvagem amadurecera.

– A Gabi teve experiências muito duras – acrescentou Emma, quebrando o silêncio incómodo com a sua vizinha ajuizada.

Bruna olhou-a com gratidão.

– Sim, é verdade, sei-o bem, Gabi. A minha pergunta pode parecer-te estúpida e é, mas... O que queria dizer é... Claro que está mal isso do ar e dos seguros de saúde e já sabes que o Yiannis quer organizar um movimento de cidadãos para lutar contra tudo isso,

mas... Não podes concordar que alguém ponha uma bomba e mate duzentas pessoas, entre elas, crianças como tu...

A pequena russa cerrou os punhos. A sua cara azeitonada e redonda, de rasgados olhos tártaros, crispou-se.

– Pois, tenho muita pena, mas é como uma guerra. Em todas as guerras há sangue.

– Mas isso não é uma coisa boa, Gabi. Sangue por sangue, não, por favor. É sofrimento a mais – interveio Emma de novo, timidamente.

Bruna observou-a com atenção. Aquela miúda também devia saber o que era a dor. Viviam num mundo miserável que roubava a infância às crianças e as transformava, aos onze anos, em adultos mutilados. Gabi olhou para a amiga, parecendo querer argumentar; porém, mudou de ideias e calou-se. Encolheu os ombros, como que a dar-se por vencida, e dirigiu a Emma um sorriso tão cheio de carinho que comoveu a rep. A selvagem Gabi.

– Bom... E conhecem-se há muito tempo? – perguntou Bruna.

As miúdas sorriram.

– Não sei. Há cinco dias ou coisa assim. Mas somos muito chegadas – respondeu Emma.

Nisso, pelo menos, continuavam a ser crianças.

– É a minha primeira amiga – sussurrou Gabi com uma expressão quase feroz.

– A minha também – orgulhou-se Emma.

– Ainda bem, alegro-me com isso. É bom ter amigos... acho – disse Bruna, um pouco hesitante.

– Sem amor, não vale a pena viver – declarou Emma, muito séria.

Nesse preciso momento, Yiannis irrompeu pelo quarto com uma bandeja nas mãos e um grito prometedord:

– Sanduíches de queijo fundido, pinhões e algas fritas para todos!

4O *Peso do Coração.*

Nessa manhã, na Judiciária, depois de contar tudo o que sabia, de confirmar que o pedaço de pele que estava no laboratório era o mesmo que o inspetor tinha recebido na quinta-feira antes de desaparecer e de conseguir que o seguro da polícia se encarregasse de consertar a fechadura que lhe tinham rebentado com o aríete pneumático, Bruna falou com os técnicos forenses sobre o retalho. Era, efetivamente, pele humana e pertencia a uma mulher, com cerca de quarenta anos, cujo ADN não estava registado. O fragmento tinha sido lavado, o que dificultou a análise, mas mesmo assim tinham a certeza de que a mulher estava viva quando sofrera a mutilação; de que a carnificina se dera nas vinte e quatro horas anteriores; e de que, como parecia não haver vestígios de anestésicos ou de sedativos, lhe deviam ter arrancado a pele sem qualquer paliativo para a dor. O que levou os inspetores a pensar que essa mulher poderia ser outra vítima, talvez alguém muito próximo do inspetor, e que, ao enviar-lhe a pele, lhe transmitira uma mensagem que talvez tivesse levado a polícia a tomar alguma atitude que o colocara em perigo. Tinha a certeza de que o inspetor Lizard não dera sinais de reconhecer aquela oferta macabra? Sim, Bruna tinha a certeza. Absoluta. Conhecia Paul muito bem, respondeu, séria.

Agora, porém, não lhe parecia assim tão evidente. Conhecia-o realmente? Bruna suspirou, inquieta. E se não fosse verdade? Podia estar errada. Era possível que Paul a tivesse enganado quando recebera a encomenda. O inspetor e o seu rosto de pedra. Ao princípio, a rep chegou mesmo a pensar, embora não o tivesse confessado a ninguém, que a pele podia ser da mãe de Lizard. Afinal, os progenitores dele eram um enigma. A única coisa que Bruna sabia, a única que o inspetor lhe tinha contado, é que, quando tinha oito anos, os pais foram detidos e condenados à prisão por um delito que a rep ignorava. Uma vizinha replicante acolhera-o e criara-o até morrer de TTT, quando Lizard tinha quinze anos.

Pelos vistos, o inspetor não voltara a contactar os pais nem sabia nada deles, tão-pouco se estavam vivos. Claro que tudo aquilo podia ser falso, uma dessas meias mentiras que os humanos costumavam contar a si próprios, como Bruna já se dera conta. Segundo os técnicos, a mulher torturada teria à volta de quarenta anos. Por isso, e uma vez que Paul já fizera quarenta e três, não podia ser a mãe. Uma irmã, talvez? O inspetor nunca lhe dissera se tinha irmãos. A verdade é que nunca lhe contara grande coisa. Por outro lado, os técnicos do laboratório também podiam estar enganados; assim, Bruna decidiu mentalmente que seguiria a pista dos pais, só para ter a certeza.

No entanto, antes disso iria visitar Natvel, o essencialista que já a tinha ajudado no caso das tatuagens labáricas de poder.⁵ A seita a que Natvel pertencia, cria-se, era de origem maori; diziam ser capazes de capturar o espírito vital das pessoas por meio da sua tatuagem essencial, uma forma gravada na pele que as representava. Todas essas histórias esotéricas, a linguagem pomposa e afetada aborreciam Husky. O essencialista, por exemplo, era totalmente contra as tatuagens a *laser* e horrorizava-o a linha que ela tinha no corpo. Mas, apesar disso, simpatizava com Natvel, que, evidentemente, percebia do seu ofício. Talvez pudesse esclarecê-la acerca do pedaço de pele, o retalho atroz marcado com o nome do inspetor.

Lizard desaparecido, possivelmente morto. A angústia esvoaçava no interior da gaiola do peito da rep como um morcego preso num quarto. Três semanas antes, num entardecer particularmente sereno, antes da escalada de violência dos Ins, fizeram amor no sofá do polícia e, ao terminarem, naturalmente, Bruna sentou-se em cima dos joelhos dele. Na realidade, a mudança de posição tinha sido pequena, mas ali estavam os dois, na divina calma dos corpos saciados e agradecidos, Lizard refastelado no sofá e Husky, tão grande, sentada ao colo do inspetor e apoiada, como uma criança, no seu peito carnudo. E foi assim que a androide, de repente, se

sentiu como a criança que nunca fora, com uma fraqueza e um desejo de proteção que nunca se permitira. O cheiro embriagante de Paul, a sua carne musculosa e quente, os braços fortes que a ancoravam ao mundo. O sol punha-se num canto da janela e as sombras iam-se espessando no quarto como um fumo noturno. Algo derreteu nas profundezas do cérebro de Bruna, um cristal de gelo.

«Assusta-me o que está para vir», sussurrou.

O fim da sua curta vida, o terrível e doloroso TTT. Mas também o declínio da sua relação com Lizard, o desapego, a rutura provável. Tudo acabava, tudo desaparecia.

«Oxalá morresse agora mesmo. Aqui, nos teus braços», acrescentou com voz rouca.

Aquela frase arruinou o momento, a tarde, a vida. Assim que a proferiu, Bruna entrou em pânico. Tinha sido demasiado sincera, revelado com excessiva clareza a necessidade que tinha dele. A rep sentiu o seu corpo a ficar progressivamente rígido e o corpo de Paul a retesar-se também, em perfeita simetria.

E fora então que a relação se deteriorara.

Bruna entrou em passo acelerado no Mercado da Saúde, o centro comercial especializado em medicinas alternativas onde ficava a loja do tatuador (ou da tatuadora; a rep nunca conseguira estabelecer qual o género do tohunga) e dirigiu-se ao pequeno estabelecimento essencialista. Empurrou a porta e estava vazio, como sempre. Como diabo é que Natvel se manteria? A detetive nunca ali encontrara mais nenhum cliente e Natvel nunca lhe cobrava o serviço. Tal pensamento deixou-a um pouco perturbada. A loja seria uma fachada para alguma outra atividade? Drogas? Espionagem?

– Olá, Bruna! Há quanto tempo...

Natvel acabava de aparecer vinda das traseiras da loja, baixa e redonda, com a grande cabeça lunar e o corpo disforme enfiado numa túnica. A sua voz era melodiosamente feminina, tal como os seus traços, mas Bruna sabia que, no espaço de minutos, o aspeto da tatuadora poderia tornar-se inconfundivelmente masculino. Natvel não era andrógino, mas polimorfo. A sua sexualidade estava em constante mudança, numa alternância de aparência escorregadia. Sim, de certeza que Natvel era mutante e que aquela inconstância de género era uma desordem provocada pelos saltos de teletransporte.

– Sim, estive muito ocupada. Como vai o negócio?

– Muito bem, como sempre – respondeu a tatuadora com uma placidez de matrona. – Em que posso ajudar-te?

Bruna ativou a *interface* holográfica do seu telemóvel e projetou no ar uma imagem tridimensional do fragmento de pele, que o laboratório permitira que filmasse. Natvel lançou-lhe uma olhadela desdenhosa.

– Há formas menos bárbaras de apagar uma tatuagem. Quanto mede?

– Está em tamanho real. Sabemos que pertence a uma mulher com cerca de quarenta anos, que lha cortaram com ela viva, há três

dias. Qualquer coisa que me possas dizer a mais, por pequena que seja, dava-me jeito.

– Hum... Aumenta a imagem o máximo que puderes sem que perca nitidez, por favor.

Bruna aumentou a holografia para o triplo do tamanho. Natvel foi às traseiras e voltou com um pequeno tubo metálico preto, que adaptou ao olho.

– É uma antiga lupa de relojoeiro... Comprei-a num antiquário... É melhor do que os visores eletrónicos modernos... – murmurou, aproximando-se do holograma.

Agora, o essencialista tinha um aspeto totalmente viril. Até os nós dos dedos das mãos rechonchudas pareciam ter alargado. Examinou a imagem com atenção durante alguns minutos.

– Bom... A tatuagem é uma porcaria, evidentemente. Feita a *laser*, claro. Os contornos não são nítidos e a cobertura de tinta tem pequenas falhas, o que indica que a máquina é de má qualidade, que o tatuador é péssimo ou ambas as coisas. Eu diria que foi desenhada à pressa; provavelmente, não num estúdio profissional, mas numa dessas barraquinhas de tatuagens rápidas que há nos centros comerciais ou nos multiócios. Mais importante ainda: embora o *laser* aparente cicatrizar instantaneamente, fica uma micromarca na pele, um pequeno afundamento da derme que só normaliza após duas semanas. Eu diria que a tatuagem foi feita, no máximo, dez dias antes de ser arrancada.

Levantou a cabeça, tirou a lupa e sorriu.

– Deixa-me uma cópia do holograma. Se quiseres, pergunto por aí. Tenho contactos. Se foi tatuada em Madrid, podemos descobrir; se a fizeram nos últimos dez dias, lembrar-se-ão. Mas, claro, pode ter outra origem.

– As tintas e as técnicas são iguais em todo o lado?

– Oh, sim. Neste tipo de trabalho tão convencional e básico, sim. Sabes como são os efeitos da globalização... Menos nas Terras Flutuantes, claro... As tatuagens labáricas de poder e os ponteados

dos cósmicos são a exceção.

Claro, ruminou Bruna. O Reino de Labari e a República Democrática do Cosmos, dois mundos terríveis, tirânicos, fanáticos e inimigos dos EUT, eram plataformas artificiais que orbitavam a Terra, espreitando-a a partir do céu, e tinham sempre de fugir à regra.

Os polícias informaram-na de que tinham vasculhado todos os hospitais e centros de assistência médica à procura de alguém com uma ferida compatível com a mutilação do retângulo de pele e que não tinham encontrado correspondência, pelo que Bruna não sentiu necessidade de aprofundar essa pesquisa. Ao invés, dedicou o resto da tarde a seguir a pista dos pais de Lizard. Destriçar os vestígios documentais, vagueando por suportes colaterais como as notícias, os ecrãs públicos, as redes sociais ou as fotografias da escola e entrar, legal ou ilegalmente, nos arquivos burocráticos oficiais era um trabalho que a rep fazia muito bem, embora o achasse aborrecido. No entanto, desta vez revelou-se uma tarefa fascinante porque, para encontrar os pais de Paul, teve de recuar na vida do inspetor. E foi assim que descobriu que, após a morte da androide que cuidara dele, o adolescente fora parar a um orfanato. Um ano mais tarde, aos dezasseis, conseguira uma bolsa de estudo para ingressar, também como interno, na Academia Armada Politécnica, a escola mais prestigiada para aqueles que queriam fazer carreira no exército ou nas forças de segurança (talvez optasse pela Academia para escapar ao orfanato, considerou Bruna); e aos dezoito, quando alcançara a maioridade, mudara legalmente de nome. Lizard era o apelido da tecno-humana que o tinha criado. Originalmente, o inspetor chamava-se Paul Aznárez.

Pesquisou e selecionou todos os Aznárez da época e rapidamente encontrou o que procurava: um casal com aquele apelido fora detido depois de cometer dezenas de delitos. Fazendo-se passar por assistentes sociais, funcionários do município ou usando quaisquer outros pretextos, entravam nas casas de velhotes que viviam

sozinhos e roubavam-nos, quer durante uma distração da vítima, quer utilizando a força, se a isso fossem obrigados. Um homem centenário morrera de ataque cardíaco e outros dois tinham ficado feridos. A rep conseguira aceder às transcrições do julgamento e descobrira que os pais de Paul eram uns patifes que, enquanto trabalhavam, deixavam o miúdo trancado em quartos de hotel miseráveis e pagavam ao rececionista para que não entrasse lá ninguém enquanto eles estavam fora. Quando foram detidos, só se referiram o filho no quarto dia, porque não queriam que a polícia descobrisse as provas condenatórias que guardavam no hotel, como documentação falsa e o saque de outros roubos. Encontraram Paul, então um menino de oito anos ainda com o sobrenome Aznárez, trancado e cheio de medo, depois de ter passado mais de três dias sem comer e sem se atrever a chamar ninguém, porque lho tinham proibido. Os Aznárez foram condenados a vinte anos de cadeia por fraude, roubo, assalto com agressões e homicídio qualificado agravado, bem como por alienação parental e maus-tratos infantis. Ao que parece, a tecno Lizard não era uma vizinha, como Paul dissera, mas uma rep de cálculo que trabalhava como secretária do tribunal e que pedira a tutela do menino.

A seguir, Bruna entrou na página da prisão de Soto del Real, onde os Aznárez cumpriam pena, e, usando a sua licença de detetive, fez um pedido formal de acesso ao historial dos reclusos. Duas horas mais tarde, responderam-lhe que o homem cumprira dezassete anos de cadeia e fora posto em liberdade em maio de 2093, por bom comportamento. Em Soto del Real ignoravam o seu paradeiro atual mas, ainda que o soubessem, não estavam autorizados a divulgá-lo. Quanto à mulher, tinha morrido no hospital da prisão, a 27 de outubro de 2088, em consequência de um acidente vascular cerebral.

Não se pode dizer que Bruna tivesse muitas esperanças na pista da mãe mas, de qualquer forma, aquela informação encerrava completamente essa via. Mesmo assim, movida por outro tipo de

curiosidade, voltou a entrar no arquivo de Soto del Real e, utilizando o número de registo que lhe tinham fornecido aquando da resposta, bem como um programa de infiltração, obviamente ilegal, conseguiu aceder diretamente à documentação de Óscar Aznárez, o pai. Não havia nada interessante; ocorrências registadas durante a vida de recluso, pormenores médicos. No entanto, encontrou uma fotografia e um endereço eletrónico. A detetive experimentou o endereço e, em três ou quatro passos, chegou a uma página da ubíqua rede social Mund-o. Ali estava Óscar Aznárez na atualidade. Teria uns setenta anos e era muito parecido com Lizard, embora exibisse aquela expressão um pouco rígida e forçada dos *liftings* faciais baratos. Vivia em Sevilha. Um lugar bastante económico, por ser tão tórrido. Não devia andar muito bem de finanças.

Saiu do Mund-o sentindo-se um pouco culpada, um pouco suja. Se era verdade o que Lizard lhe tinha contado, agora ela sabia mais do que ele sobre os seus pais. Conhecia coisas que o inspetor não quisera saber. Levantou-se, inquieta, e serviu-se um generoso copo de vinho branco. Depois reconsiderou e devolveu metade do vinho à garrafa. Tinha de manter a cabeça clara e descobrir o rasto de Lizard.

– Casa, acende as luzes.

Entardecera. Desde a manhã de quinta-feira até esse momento, no sábado à noite, tinham decorrido cerca de sessenta horas. Segundo as estatísticas, se não se encontrava um desaparecido antes de decorridas setenta e duas horas, o índice de sobrevivência caía a pique. A polícia teria conseguido alguma informação nova? Pedir-lhes que a avisassem, oferecera-se para trabalhar em conjunto com eles, mas, apesar de não terem recusado, também não pareceram muito abertos a colaborar ou a partilhar informações. Impaciente, telefonou para a Judiciária. No ecrã, apareceu a rep de combate que estivera em sua casa, a inspetora Kai, subchefe do grupo antiterrorista que Lizard dirigia. Uma tecno-humana

particularmente atraente, de nariz fino e sensível, pescoço de cisne, maçãs do rosto eslavas. Rosto delicado de bailarina e corpo musculoso de pantera. Por que razão Lizard nunca lhe tinha falado dela? Porque não lhe contara que o número dois no comando era uma rep? Uma inquietação estranha começou a instalar-se no estômago de Husky, como as bolas de pelo dos gatos, que podiam acabar por ser mortais.

– Olá. Há alguma novidade? Souberam alguma coisa do Lizard?

A inspetora negou, sombria, abanando a cabeça.

– E tu? Lembraste-te de alguma coisa? – perguntou.

– Também não – disse Bruna.

O que tecnicamente era verdade.

– A sério que não sabem o que é que Lizard andava a investigar e para onde ia quando saiu daí? – exasperou-se.

– Não sabemos. Supomos que estaria relacionado com o atentado do EJI, como é óbvio, mas estamos completamente às escuras. Os Ins que tínhamos sob vigilância sumiram sem deixar rasto.

– E não me podes dar a lista desses Ins cujo rasto perderam? – insistiu a detetive, sem conseguir evitar um certo sarcasmo.

– Claro que não. Estamos a falar de terrorismo. São informações confidenciais.

– Pelo grande Morlay! É uma estupidez, é o que é. Eu podia ajudar – desesperou-se Bruna.

– Mas as coisas são assim – atalhou a inspetora. Depois acrescentou com alguma simpatia: – Tenho muita pena.

E desligou.

Já sei o que é, disse Husky para consigo enquanto olhava distraidamente para o anúncio automático que tinha ocupado o ecrã: uns pequenos robôs comestíveis que cantavam e davam saltinhos pela mesa até conseguirem que as crianças renitentes ao pequeno-almoço os devorassem. Sim, conhecia bem aquele novelo de angústia que lhe dava cabo do estômago; eram ciúmes.

Nesse momento, começaram a ouvir-se os alarmes de alerta climático; o computador sintonizou-se apenas no canal de emergência e apareceu o meteorologista habitual. Chamava-se Paco Lapesa, mas toda a gente o conhecia por «Apocalipse», porque só anunciava catástrofes.

– Previsão de múltiplos tornados, acompanhados por tempestade ciclónica na comunidade de Madrid nas próximas oito horas. Fiabilidade da previsão: 99,3%. Este é um mapa tridimensional das trajetórias possíveis. Como sempre, amigos, mantenham a calma e, em caso de dúvida, já sabem, dirijam-se ao refúgio mais próximo.

O aquecimento global tinha provocado o caos meteorológico. Além da subida do nível do mar e do aumento asfíxiante da temperatura, secas ferozes alternavam com dilúvios bíblicos e inundações, furacões, tornados e quedas de granizo que abriam rachas nas cabeças mais duras. Para não falar das crises polares, inversões climáticas súbitas que faziam cair os termómetros para quinze ou vinte graus negativos durante vários dias. Bruna examinou o mapa ciclónico; para já, a sua casa não estava na trajetória, e as de Yiannis, que vivia a dois minutos de distância, e de Lizard também escapavam.

Paul, Paul, onde estás, o que te aconteceu? Uma pontada de dor cortou-lhe a respiração.

Levantou-se, angustiada, e serviu-se um outro copo de vinho, desta vez bem cheio. Tinha de comer alguma coisa ou ficaria bêbeda. Foi buscar à cozinha umas barrinhas de proteína prensada com sabor a frango. Eram feitas de alforrecas, obviamente, como quase todos os alimentos industriais, que aproveitaram o facto de a praga de cnidários ter arrasado os oceanos, mas tinham um gosto razoável a frango. De repente, porém, Bruna deu-se conta de que nunca tinha provado verdadeira carne de frango; por isso, como raios podia avaliar? Estava a comparar as barrinhas ao gosto dos produtos sucedâneos de carne de frango, embora pudessem muito bem saber a carne de dinossauro.

Voltou a deixar-se cair diante do ecrã, roendo uma barrinha, e passou algum tempo a navegar para compilar os dados de todos os Ins mortos na região hispana desde que, há uns cinco anos, tinham começado as imolações. Encontrou sessenta e sete, pouco mais de uma dúzia por ano; quarenta e um homens e vinte e seis mulheres. Na totalidade dos Estados Unidos da Terra, e no mesmo período, dois mil e trinta e oito. Todos humanos, obviamente. Como Carnal, uma inquietante rep de cálculo, lhe dissera há meses, era possível que os androides tivessem implantado um *chip* de sobrevivência que os impedia de se suicidarem, um seguro dos fabricantes para não perderem os seus dispendiosos produtos.⁶ Tratava-se de uma ideia insuportável, venenosa. A ser verdade, considerou Bruna, demonstraria a completa falta de respeito, a manipulação a que os humanos os submetiam, roubando-lhes a maior liberdade a que um ser vivo podia aspirar, que era a de controlar a sua própria morte. Três anos, três meses e catorze dias.

Sentiu náuseas.

Esvaziou de um trago o resto do copo. O vinho ardeu-lhe no estômago e apaziguou, pouco a pouco, o mal-estar que sentia. Três anos. Três meses. Catorze dias.

Como se tratava de facto de informação terrorista secreta, as ferramentas ilegais que Bruna possuía para desbloquear os códigos não lhe serviam de nada e não havia dados suficientes na documentação acessível, divulgada nos meios de comunicação habituais, para saber comprovadamente a origem de todos os suicidas, a sua classe social, educação ou circunstâncias pessoais. No entanto, Husky depressa se apercebeu de um facto notável: os terroristas eram sempre jovens; à exceção de dois, todos tinham menos de vinte e cinco anos. No entanto, a idade de ingresso fora baixando progressivamente e, nos últimos meses, eram muito mais jovens, com dezoito e dezassete. Menores de idade.

Subitamente, o velho arquivista materializou-se ao seu lado. Bruna deu um salto.

– Por todas as malditas espécies, Yiannis, podias telefonar como toda a gente!

O arquivista era a única pessoa que tinha autorização para efetuar chamadas holográficas, uma autorização doméstica da qual, evidentemente, abusava. Husky ameaçara muitas vezes revogar-lhe a autorização, mas essa possibilidade deixava Yiannis tão pesaroso que ela nunca tivera coragem de a cumprir. Agora, o homem, ou melhor, o seu holograma, flutuava junto dela. Parecia muito excitado.

– Liga as notícias!

– Ecrã, notícias – ordenou a detetive.

Imediatamente, surgiu a imagem de Enrique Ovejero, com o seu cabelo louro implantado e o seu sorriso de silicone, tão falsos como o próprio homem. Era um apresentador desonesto e sensacionalista, que Bruna detestava. Yiannis estava a ver o mesmo programa, sentado no ar, junto da detetive, com o olhar fixo no local onde devia estar o ecrã em sua casa.

– E como vão os EUT responder a este desafio? Porque é um ato claramente hostil; quase podíamos tomá-lo por uma declaração de guerra...

– Com certeza, Ovejero, tem toda a razão. Várias guerras dos séculos vinte e vinte e um começaram por coisas semelhantes, atrever-me-ia mesmo a dizer menores, e este é um ato flagrante de invasão do nosso território. Porque, embora Ceres se situe na cintura de asteroides entre Marte e Júpiter, pertence aos Estados Unidos da Terra.

Quem falava, conforme se lia na legenda, era o general retirado Tomás Lino. Bruna não o conhecia. Devia ser tão direitista, belicista e especista como Ovejero.

– Além disso, esse planeta anão é muito importante, não é verdade, meu general? Dispõe de água, tanto no estado sólido como líquido, e dos hidrocarbonetos essenciais à criação de vida...

– Evidentemente; e a distância a que está do Sol torna-o o

candidato mais idóneo a ser colonizado, talvez o único do nosso sistema, sobretudo depois dos problemas inultrapassáveis encontrados em Marte. E não nos enganemos: a humanidade vai precisar de ir para outro planeta num futuro muito próximo. Já sei que é um assunto politicamente incorreto, mas é assim. O aquecimento global continua, estamos a ficar literalmente sem água e dentro de pouquíssimo tempo esta velha Terra será inabitável. Ninguém quer dizer isto abertamente, mas é assim.

– Sem dúvida, meu general, a si não o podem acusar de ter papas na língua...

– Acusam-me de outras coisas, como bem sabe. De catastrofismo, de extremismo, de agitação social...

– Bom, é verdade que soa um pouco catastrófico, mas o cenário que propõe parece ser bastante provável; e daqui convido o Governo, tanto o Regional como o Global, a dar-nos mais explicações. Mas diga-me, Lino, por que razão Cosmos decidiu ocupar Ceres agora? Eles já têm uma plataforma artificial...

– Mas não chega, Ovejero. Não dispomos de dados fiáveis sobre Cosmos, visto ser um sistema muito fechado, mas têm, com certeza, um grande excesso de população. Além disso, não duvide de que querem conquistar a Terra. Aqueles comunistas sempre quiseram acabar com o mundo livre.

– Nesse caso, meu general, o que acha que vai fazer a Presidente Guang?

– Eu sei o que ela deveria fazer: responder a este ato de força com o uso da força. Enviar imediatamente o exército, como é óbvio. Nós somos a Terra, raios, a Terra, nem mais, nem menos! Haja respeito! Mas não acredito que ela faça nada disso. O Governo de Guang é a administração global mais fraca e passiva que já tivemos. Pois se a Presidente ainda nem comentou a invasão de Ceres!

– De facto, parece inacreditável os EUT não terem uma base do exército para defender a soberania daquele território.

– Bom, já sabe, Ovejero, é a mesma cantilena do costume: a crise

económica, os cortes... É a isto que levam os cortes na Defesa, senhora Guang! É a isto que levam! – clamou Lino, apontando para a câmara com um dedo acusador.

– Levam a que um punhado de soldados da República de Cosmos se teletransporte para o planeta Ceres, aproveitando também a ofensiva dos Ins... As duas circunstâncias estarão relacionadas? Partilham a mesma ideologia...

– Só lhe digo uma coisa, Ovejero: Cosmos apoia o EJI económica e estrategicamente, tenho a certeza.

– Este foi o nosso programa especial sobre a crise de Ceres. Muito obrigado, meu general, pelas suas palavras sempre interessantes e corajosas. E, já sabem, reitero o meu convite para que um porta-voz do Governo Regional ou Global, ou melhor, de ambos, porque não, venha a este programa explicar-nos algumas das muitas dúvidas e preocupações legítimas que todos temos. O desafio fica lançado.

– Era o que faltava – resmungou Bruna.

Não sabia como esta nova informação poderia afetar a situação de Lizard, mas sentia-se como se estivessem a enterrá-la viva. As pedras iam-se acumulando em cima dela.

– Tu acreditas no que diz esse tipo, que Cosmos está por trás dos terroristas? – perguntou Yiannis.

– Não sei. Cada vez entendo menos este mundo – respondeu a androide, lúgubre.

Subitamente, as grandes janelas do apartamento abanaram e um fragor repentino sobressaltou a detetive: uma chuva torrencial batia nos vidros.

– A maldita tempestade ciclónica... – murmurou, dando uma vista de olhos ao mapa dos tornados, que continuavam distantes.

Suspirou um pouco inquieta, enquanto as rajadas de vento embatiam, furiosas, contra as janelas. Nunca confessara a ninguém, mas o poder descomunal da Natureza amedrontava-a. O seu prédio de apartamentos era dos novos, construído depois da Unificação,

supostamente ignífugo, antissísmico, antitornados e antifuracões, mas mesmo assim não se sentia totalmente segura. Claro, quem conseguia sentir-se seguro neste mundo tão cheio de ódio e de morte? Três anos, três meses e catorze dias. Não, treze dias. Era meia-noite e cinco.

– Pois eu acho que pode ser possível. Lembra-te de que Cosmos esteve por trás da conspiração especista...⁷ – continuava o arquivista.

– São crianças, Yiannis – interrompeu-o Bruna.

– Quem?

– Os Ins.

– Sim, tens razão. Julgo lembrar-me de que sempre foram muito novos.

– Na região hispana eram todos menores de vinte e cinco anos, menos dois. Mas nos últimos meses a idade baixou. Agora têm dezoito, dezassete...

– Hum... Não me surpreende. Já sabes que a maturidade cerebral só se atinge aos vinte e cinco anos.

– Não, não sabia – grunhiu a tecno.

Como raio havia de saber? Eram áreas da vida que lhe eram alheias.

– É verdade. O cérebro não conclui o processo de mielinização até essa idade e isso faz com que não funcione corretamente.

Nesse caso, seria por isso que os tecno-humanos eram ativados aos vinte e cinco anos? Parecia estar tudo pensado até ao mais ínfimo pormenor para potenciar o rendimento do produto, considerou a detetive com amargura.

– E se à falta de maturidade fisiológica acrescentarmos a carência de valores, a falta de esperança, o desenraizamento social e familiar, já temos a colheita perfeita de mentecaptos a quem podemos, facilmente, fazer uma lavagem ao cérebro – perorou Yiannis com um ar profissional.

Oh, sim, sim. O famoso e aborrecido tema da crise de valores a

que o velho arquivista era tão dedicado. Por qualquer razão que Bruna não percebia, Yiannis escandalizava-se especialmente com o facto de os adolescentes serem tão incontroláveis e selvagens ao ponto de haver um recolher obrigatório para eles. Nenhum menor de dezoito anos podia andar na rua entre as dez da noite e as seis da manhã, a não ser que estivesse acompanhado por uma pessoa com mais de trinta anos. Apesar disso, havia bandos de vândalos com catorze anos por todo o lado, assaltando transeuntes para comprarem droga ou batendo nos pais para conseguirem sair de casa. Claro que eles próprios também costumavam ser espancados com frequência; criou-se uma Secretaria de Estado de Proteção do Menor devido à grande incidência de maus-tratos infantis. Não se podia dizer que a relação entre adultos e crianças fosse fácil. Mas Bruna achava tudo isso normal. Os adolescentes costumavam ser umas feras. Bastava olhar para Gabi.

Despediu-se de Yiannis e levantou-se para se servir mais um copo. A chuvada parecia atirar cascalho contra as janelas. Inquieta, a rep aproximou-se do tabuleiro onde tinha o seu *puzzle* meio montado. Fazia-os sempre às cegas, sem imagem prévia, com centenas de peças, os mais difíceis, quase impossíveis de completar, exceto para indivíduos como ela, com o sentido de espaço reforçado, uma vez que os reps de combate tinham de saber projetar mentalmente mapas tridimensionais. Este quebra-cabeças estava bastante avançado; só faltava preencher um quarto do tabuleiro e Bruna já sabia que se tratava de uma fotografia do espaço. Havia muitas zonas escuras intercaladas com explosões de luz e os filamentos incandescentes das estrelas e das nebulosas. Claro que no buraco ainda por cobrir talvez houvesse algum objeto, por exemplo, uma astronave perfilada contra o fundo intergaláctico. Observou o *puzzle* de olhos semicerrados. Havia uma peça negra já colocada que tinha uma forma peculiar e que era atravessada também por uma fina linha luminosa. Procurou, entre as peças recortadas, essa mesma forma, a continuação dessa mesma linha. O

segundo fragmento que experimentou encaixou na perfeição. Tinha descoberto. Teve uma ideia.

Voltou ao ecrã e entrou na página oficial com os avisos de pessoas desaparecidas. Se as forças de segurança tinham perdido o rasto dos Ins que vigiavam, isso significava que os terroristas tinham desaparecido de suas casas, do seu meio. Alguém devia estar à procura deles. Alguém podia ter denunciado a sua ausência. Sobretudo tratando-se de menores. Era provável que esses pais desconhecessem aquilo em que os filhos andavam metidos.

Husky encontrou milhares de avisos, mas restringiu a busca a menores de dezoito anos desaparecidos no último mês. Na região hispana, havia duzentos e quarenta. Suspirou, desanimada, e limitou a busca aos últimos oito dias, justamente desde a véspera do atentado de Madrid, porque, se tivessem desaparecido antes, teriam chamado a atenção da polícia. Agora reduziam-se a setenta e um. A maior parte não devia pertencer aos Ins, uma vez que, na região hispana, desaparecia uma média de vinte e quatro pessoas por dia, setecentas e vinte por mês, contando também os adultos. Olhou para os números dos menores desaparecidos no dia anterior ao massacre: dezassete. O dobro dos restantes dias do mês. Restringiu a busca à comunidade de Madrid: seis rapazes e duas raparigas entre os três e os dezassete anos. Concentrou-se só nos de dezassete, que eram quatro, todos rapazes. Pareciam tão jovens e tão inocentes nas suas fotografias tridimensionais... Observou-lhes os traços com atenção e examinou as suas fichas, porque tinha a certeza de que algum era um Ins. Mas como saber qual, como localizá-los? E que relação podiam ter com o retalho de pele tatuada? Ou tratar-se-ia de dois incidentes sem ligação? Não, não era possível. Bruna não acreditava em coincidências.

Salvou as fotografias dos adolescentes e passou-as pelo programa de análise. Examinou aqueles rostos milímetro a milímetro: uma cirurgia estética ao nariz, um *peeling* por causa do acne... E um deles com umas enormes orelhas de abano ainda por operar, o que

indicava que devia ser muito pobre.

Mas... um momento, um momento. O rapaz do *peeling* exibia ao pescoço o carimbo de um bar. Uma dessas marcas de tinta fluorescente que punham nas pessoas à entrada dos locais na moda. Pôs o programa de análise a copiar e a completar o carimbo e, depois, a procurar uma imagem semelhante na Rede. Em dois minutos, tinha a resposta: «Crate». Além de ser uma forma de tratamento amistosa entre adolescentes, era também uma discoteca para menores na Rua Conde de Peñalver. Bruna verificou as horas: duas e um quarto da manhã. Tinha ido uma vez a um local semelhante à procura da filha de um cliente e sabia que à noite esses estabelecimentos estavam a abarrotar de miúdos, que passavam lá dentro as horas do recolher obrigatório. Olhou para o mapa da emergência climática e viu que a Crate não ficava na linha de perigo. Suspirou. Sentia-se esgotada, mas não tinha tempo a perder. Estudou o caminho mais seguro para lá chegar, cobriu-se com um impermeável e saiu de casa.

⁶O Peso do Coração.

⁷Lágrimas na Chuva.

Não se via um único carro, os elétricos noturnos não circulavam por causa da emergência climática e o metro estava fechado devido à previsão de possíveis inundações. Os tapetes rolantes continuavam a funcionar, vazios e agitados pelo vento, enchendo a noite de uma chiadeira mecânica, como grandes grilos sob a tempestade. Via-se pouquíssima gente, apressada e encolhida sobre si própria, esbracejando contra a tempestade; ao passarem junto dela, sempre a uma distância prudente, olhavam-na com receio, disfarçadamente. A rep desatou a correr; agulhas finas de chuva fria feriam-lhe a cara. Um carro dos PAC, a Polícia Autónoma Contratada, pôs-se ao lado de Bruna e, abrindo as janelas, os agentes fitaram-na com uma expressão desafiadora. A androide parou e voltou-se para eles. Eram duas humanas e um humano muito jovens, como era costume dos PAC, um serviço de segurança privado, medíocre e barato, pago pelo Governo Regional. A detetive respirou fundo e esticou-se, consciente da sua altura, quase um metro e noventa, e da força que o seu corpo atlético e ágil irradiava (comprovara-se que uma estrutura leve de músculos alongados era mais eficaz para o combate do que um corpanzil maciço). O capuz do impermeável tinha caído durante a corrida e agora a chuva escorria-lhe pela cabeça rapada. A luz dos candeeiros de iluminação brilhava-lhe nos olhos de pupilas verticais e permitia ver a linha sombria da sua tatuagem, um risco negro que lhe atravessava o crânio liso, descia depois pela testa, atravessava a pálpebra do olho esquerdo, descia pela face e pelo pescoço e desaparecia debaixo da roupa. Na realidade, a linha continuava pelo pequeno seio esquerdo de Bruna, pelas costelas e pelo ventre, descia pela perna, dava a volta ao pé e voltava a subir pela perna acima, pela nádega, costas e nuca, até chegar novamente ao crânio. Era uma tatuagem que parecia um corte, seccionando um terço do corpo da androide. «Essa linha está a partir-te», tinha comentado Natvel com desagrado, quando se conheceram. Mas Bruna gostava. Fizera a tatuagem no planeta

mineiro Potosí, durante os anos de milícia. Quase todos os andróides de combate se tatuavam. E o risco escuro, Husky sabia-o, aumentava o medo que os humanos lhe tinham. Isso também lhe agradava: uma vez que não a amavam, parecia-lhe justo que a temessem.

Por isso, Bruna esticou-se e olhou para os PAC com olhos ferozes, apreciando a impressão que provocava, visto que os reps de combate estavam envoltos numa aura de energia animal e de perigo. Os PAC tentaram manter o desafio sustentando-lhe o olhar, continuando a armar-se em galarotes, mas Husky viu-os perder a convicção. A bravata já não os divertia.

– Tem cuidado, rapariga grande – resmungou uma das humanas.
– A noite está difícil.

– Eu sei. E tenho cuidado.

Fecharam as janelas e prosseguiram a toda a brida. Bruna retomou a sua corrida regular na direção da Rua Conde de Peñalver, embora, de vez em quando, as rajadas de vento a fizessem abanar um pouco. Todos os ecrãs públicos estavam ligados aos serviços de emergência e era um alívio não ter de suportar a avalanche habitual de disparates que emitiam. Agora, pelo contrário, os ecrãs mostravam os mapas tridimensionais da crise climática e iam marcando, com um código de cores vermelho e verde, que direções eram seguras ou perigosas. A rep orientou-se por essas boias luminosas urbanas, que a obrigaram a fazer alguns desvios na sua caminhada até à Crate. A dada altura, viu à esquerda um rasto de destruição deixado por um tornado. Os holofotes potentes das equipas de salvamento iluminavam fantasmagoricamente uma linha de edifícios em pé com os vidros partidos, com certeza construções modernas e resistentes, intercalados com buracos em ruínas e o entulho de casas antigas, arrasadas até aos alicerces. Parecia a boca desdentada de um velho das Zonas Zero. Um pouco mais à frente, também à esquerda, viu ao longe um tornado, quiçá o culpado pelos destroços anteriores, um

gigante assustador que mergulhava a sua cabeça no céu escuro, um monstro ciclónico enfurecido e imparável. Todos os ecrãs que apontavam nessa direção lançavam clarões vermelhos ofuscantes e emitiam o sinal de alarme, cada vez mais audível à medida que as pessoas se aproximavam do perigo.

Teria morrido alguém? Com certeza haveria feridos, pelo menos, pensou Bruna, além das perdas materiais, com tanta gente sem teto, sobretudo os mais pobres, que eram os ocupantes da maior parte dos edifícios velhos. No entanto, a vida continuava. Que extraordinários eram todos os seres sencientes, ou seja, os humanos, os tecnos, os alienígenas, os primatas e os cetáceos, todas estas criaturas com inteligência suficiente para terem noção dos perigos e do seu próprio fim. Há décadas que viviam à beira da catástrofe; a Terra tinha passado por fomes colossais e por matanças que reduziram a população a quatro mil milhões; continuavam presos na deterioração progressiva do aquecimento global; um exército de terroristas loucos dedicava-se a imolar-se e a fazer explodir inocentes; a República de Cosmos invadira o planeta Ceres e podia desencadear uma guerra mundial; as anomalias meteorológicas acumulavam catástrofe atrás de catástrofe... Mas Bruna tinha a certeza de que a Crate estaria a rebentar pelas costuras com jovens que só queriam divertir-se, rapazes e raparigas a dançar, a beber, a rir, a foder nas casas de banho. «Houve um barco muito famoso no início do século vinte, o maior do mundo nessa altura, a que chamaram *Titanic* – eram mesmo uns pretensiosos! –, que chocou com um icebergue na viagem inaugural e se afundou em menos de três horas», contou-lhe Yiannis. «Morreram mais de mil e quinhentas pessoas, mas o que te queria contar é que a orquestra esteve a tocar até ao fim. Todos de laços no pescoço. Nós, humanos, somos assim, a tocar e a dançar mesmo que estejamos às portas do Apocalipse. Não sei bem se é heroísmo ou estupidez.»

As botas de Bruna batiam ritmicamente no passeio. A rep sentia o pavimento de betão debaixo das solas; mais abaixo, pareceu-lhe

sentir a camada de seixos, e, mais abaixo ainda, areia, pedras, rocha, a massa candente da Terra, o planeta inteiro a girar lentamente sob os seus pés, um globo habitado por uma efervescência de milhares de milhões de sencientes, todos empenhados em continuar a viver. A vida agarrava-se à vida, adaptando-se a tudo desde que se perpetuasse. Bruna observara-o repetidamente durante os tempos de milícia: os reps regressavam aos barracões depois de lutarem, de matarem e de morrerem, e punham-se a jogar yong, um entretenimento tolo e quase infantil, com uma alegre ligeireza, sem pensarem que dentro de algumas horas podiam ter de regressar ao inferno. Os sencientes esqueciam-se da morte e da dor para conseguirem viver. Só ela é que não. Não conseguia. Três anos, três meses e treze dias.

A Crate ficava no que parecia ser uma torre moderna de escritórios. Ao lado havia uma discoteca para adultos bastante conhecida, a Quantum, grande e ostentosa, profusamente iluminada por canhões de luz, que ocupava a quase totalidade do rés do chão. A entrada da Crate era estreita e modesta e era preciso descer alguns degraus. Tinha um ar um pouco clandestino e, evidentemente, miserável. Bruna empurrou a porta. No pequeno vestíbulo, um rep de combate vigiava o acesso, com os braços cruzados sobre o peito e um ameaçador cassetete elétrico pendurado na cintura.

– Onde vais? – perguntou-lhe, gélido. – É um local para menores. Os adultos estão proibidos de entrar.

Ele teria autorização para usar aquela arma? Já tinha havido mortos em consequência de choques elétricos.

– Sou detetive – respondeu Husky, mostrando a sua licença. – Estou à procura de uns adolescentes desaparecidos. Um deles vinha aqui; há uma imagem em que se vê o vosso carimbo de entrada. Só queria dar uma vista de olhos e falar um pouco com os clientes habituais, para ver se o conhecem e se sabem alguma coisa...

– Sim... esse rapaz. A polícia também perguntou por ele há dias. Não sabemos nada.

A polícia? Por todas as malditas espécies! Bruna julgava estar a avançar em terreno virgem, mas os investigadores já ali tinham estado, aparentemente sem quaisquer resultados. Embora, por outro lado, isso provasse que, de facto, o rapaz do *peeling* devia ser um dos terroristas desaparecidos. Husky irritou-se. Teria poupado muito tempo se lhe tivessem dado logo a lista.

– É este? – perguntou Bruna, mostrando o holograma do menor no seu telemóvel.

– Esse mesmo. A mim não me diz nada. A ninguém do pessoal, aliás.

– Bom... Mesmo assim, gostaria de entrar e falar com outros

miúdos. Serei discreta.

– Discreta, tu? – riu-se o porteiro, sardónico. – Uma rep de combate careca e tatuada? Está bem. Dá-me uma razão para te deixar entrar.

Husky suspirou, remexeu na mochila e tirou uma nota de 50 gaias.

– De acordo. É uma boa razão – disse o rep. – Entra, mas não armes confusão.

Do pequeno vestíbulo saía outro lanço de escadas, porque o local era subterrâneo. Pelo menos estariam a salvo dos tornados. Quando chegou ao patamar em baixo, surpreendeu-se por ser tão espaçoso. Tinha dois balcões, duas pistas de dança equipadas com Soundtarget, a tecnologia que minimizava o som quando nos afastávamos da pista, e falsas claraboias no teto, que deixavam ver um céu azul brilhante onde se moviam nuvens preguiçosas. Estava imensa gente, mas o sítio era tão grande que não parecia apinhado. Alguns jovens estavam deitados nos sofás, aparentemente adormecidos. Talvez tivessem sido surpreendidos pelo recolher obrigatório ou os irmãos mais velhos, e mais notívagos, os tivessem arrastado até ali. Atravessou o local na direção do balcão mais próximo; metade dos adolescentes dava gritinhos de surpresa, de excitação ou de bazófia tonta ao ver passar uma androide de combate que os ultrapassava duas cabeças em altura; a outra metade parecia não a ver, de tão passada que estava. Os locais para menores estavam proibidos de vender álcool, mas viam-se muitos jovens que fediam a bebidas baratas e muitos mais que, sem dúvida, tinham metido cenas sintéticas, *caramelos* com certeza, a avaliar pelo esfregar desaforado dos corpos de alguns casais (a mistura da oxitocina do *caramelo* com as feromonas da adolescência era explosiva), e, possivelmente, também *gelo* ou *morango*, drogas mais duras e lixadas. Aproximou-se do tipo que atendia o balcão à cunha. Humano, de uns trinta anos, com o cabelo cortado numa crista e implantes capilares que a prolongavam ao longo do pescoço como

se fosse a crina de um cavalo, uma tradição dos alienígenas balabis que ficara na moda. Enchia meia dúzia de copos altos com um líquido ambarino e vagamente luminoso e olhou de esguelha para a androide, aparentemente pouco satisfeito com a sua presença.

– Olá, chamo-me Bruna Husky, sou detetive. Estou à procura de um menor desaparecido...

O humano comprimiu os lábios sem deixar de trabalhar. Agora enfeitava os copos com pedaços de fruta. Os seus movimentos eram rápidos e precisos.

– É este. Diz-te alguma coisa?

O *barman* deu uma vista de olhos muito rápida ao telemóvel de Husky.

– Não.

– Quase não olhaste.

– Conheço-o de cor. A polícia já mo mostrou. Nunca o vi na minha vida.

– E algum destes? – insistiu a rep, mostrando-lhe as fotografias dos outros três jovens.

O tipo voltou a lançar uma olhadela rápida.

– Não. Nenhum – repetiu, sacudindo a crina com vigor, numa negação veemente.

– Está bem. Só mais uma coisa. Destes jovens que estão por aqui hoje, há algum que seja habitual?

O *barman* serviu os seis copos luminosos, cobrou e ocupou-se de outro pedido.

– Não faço ideia – resmungou, atarefado, sem levantar a cabeça.

– Não é que sejas grande ajuda...

O homem parou e olhou-a de frente pela primeira vez:

– Eu sei lá, minha! Vêm milhares deles todas as semanas! Passo doze horas por dia atrás deste balcão e a única coisa que vejo é o raio dos copos! – gritou, exasperado.

E continuou o que estava a fazer, de sobrolho franzido e resmungando para si próprio: «Ajuda... ajuda...»

Para sua surpresa, Bruna não se irritou com o desabafo do homem-cavalo. Na realidade, quase simpatizou com ele. Uma brandura de carácter que demonstrava como estava mal, pensou a rep com uma disposição sombria. O desaparecimento de Lizard deixara-a demasiado sentimental e débil. Atravessou a sala, dubitativa, olhando para os jovens. Suavam, pulavam, riam, discutiam, gritavam, olhavam para o nada com os olhos vidrados, dançavam, enfiavam as línguas até aos esófagos uns dos outros, dormitavam, falavam aos gritos, bebiam e alguns choravam. Um punhado de humanos frenéticos, de cérebro imaturo, entregues à lama das suas emoções.

De repente, alguma coisa se agarrou à sua cintura e Bruna esteve quase a responder automaticamente com uma joelhada. Conteve-se no último instante: era uma adolescente pequena e morena. Tinha-se abraçado às ancas da rep e olhava-a com uma expressão embevecida.

– Como... como... como ésss bonita, *crate*... – balbuciou.

Fedia a bebida. Não devia ter mais de quinze anos. Roupas berrantes e baratas, cabelo cortado às tesouradas, segundo a moda dos adolescentes dos subúrbios.

– Quero serrr o teu *love*... Queres... queres ser... o teu *love*? Não, o meu, o meu *love*...

– Anda, não sabes o que dizes, larga...

Husky tentou libertar-se suavemente dos braços dela mas, assim que conseguia afastá-la um pouco, a rapariga voltava a atirar-se a ela com novo ímpeto, transtornada. Começaram a ouvir-se risinhos em volta. Teria de ser mais assertiva.

– Nãoooo, nãoooo, não me deixes, *crate*, por favor, não me deixes! – choramingava a rapariga.

Nessa altura, apareceu uma miúda da mesma idade, com a cabeça cheia de trancinhas coloridas, que agarrou na morena pelos ombros:

– Elena! Que estás a fazer? Olha para mim. Sou eu. Estava a

lukear-te...

A outra olhou para ela com uma expressão embriagada:

– Ah, tu... sim... Per-perdi-me... – murmurou.

– Larga a *boneca*. Larga-a – ordenou-lhe a recém-chegada.

– *Boneca?* – picou-se Bruna.

A rapariga recém-chegada levantou as mãos em sinal de paz:

– Bom, *crate*, desculpa lá, nós chamamos-vos *boneca* e *boneco* mas sem guerra, hã? Sem más intenções. Vamos lá, Elena! Larga a tecno.

Com uma expressão confusa, Elena libertou a rep.

– Está bêbada como um cacho – observou Bruna.

Uma obviedade desnecessária.

– Foram uns *gilicanes* que traziam *buzo* – explicou a rapariga das trancinhas, bastante aborrecida, enquanto ajudava a amiga a sentar-se num sofá.

– *Buzo?*

– Bebida. Aguardente. Não sei. Alguma coisa forte...

Via-se que estava verdadeiramente irritada. As pontas das suas tranças vibravam de fúria. Pelo aspeto e pelas roupas, também ela pertencia a algum dos bandos de adolescentes furiosos dos subúrbios. Mas parecia uma rapariga sensata que, evidentemente, estava sóbria.

– Ouve, desculpa. Sinto muito pela *rajada*...

– Não tem importância – disse a rep.

Olharam para Elena, que adormeceu assim que se sentou. Um desses sonos fulminantes que são como desmaios e que Bruna conhecia bem de mais.

– Andas muito por aqui? – perguntou a rep.

A rapariga encolheu os ombros.

– Nã... Só quando tenho gês, porque é uma *bicada*. Mas o *loco* é *fabo*, não sei, boa *musik*, bons *crates*. Claro, também há alguns *gilicanes* como os de hoje.

– Olha, sou detetive e estou à procura de um rapaz que

desapareceu e que andava por aqui, ao que parece. Conhece-lo? – perguntou a rep, mostrando-lhe o telemóvel.

A adolescente observou a fotografia com atenção.

– Não. Acho que não – acabou por responder.

Bruna abriu então a página com os outros avisos.

– E estes três?

A rapariga das trancinhas demorou o seu tempo.

– Eles não – acabou por dizer. – Mas esta sim.

E apontou para uma das duas raparigas. Tinha quinze anos e a rep não a considerara devido à idade.

Bruna sentiu o estremecimento de excitação do caçador que vê o matagal a agitar-se. Imediatamente, porém, pensou que podia ser coincidência. Todos os dias desaparecia quase uma dezena de menores e muitos deles deviam passar por ali.

– Tens a certeza?

– Total. Era uma *crate* muito *faba*. Não sei. Uma cabecinha. Falávamos bastante.

– Porque falas no passado?

– Dah... Já não vem cá mais.

– E do que falavam?

A rapariga voltou a encolher os ombros.

– De tudo. Do que íamos fazer em *grones*.

– *Grones*?

– Em adultos.

– E ela, o que ia fazer?

– Ia estudar Direito. Não sei. Queria mudar as leis.

– Porquê?

A rapariga olhou para ela, incrédula.

– Porquê? Porque tudo *stinka*... O mundo *stinka*, as pessoas são abutres, sem gês estamos mortos. Tudo fede. A vida não é justa, *crate*.

– Era disso que falavam?

– Bom, disso e de outras coisas. Não sei.

– Quando a viste pela última vez?

Voltou a encolher os ombros.

– Há muito tempo que não aparece. Não sei. Acho que há dois meses. Ah, sim! Disse que não tinha tempo. Que ia com uns *crates* fazer coisas.

– Que coisas?

– Era uma espécie de *loco* cultural. Um centro desses. Não sei. Disse que era muito *fabo*. Que tinha teatro e *musik* e isso. Convidou-me a ir. Mas não fui.

– Sabes onde ficava?

A rapariga franziu o sobrolho.

– Hum, não... Mas o *loco* chamava-se Mosca, lembro-me porque me deu vontade de rir, não sei.

Nesse preciso momento, as claraboias mudaram as imagens e por cima das cabeças pareceu desencadear-se uma tempestade pavorosa. Relâmpagos virtuais ofuscantes iluminaram as sombras e os trovões rodaram pelo teto enquanto os jovens aplaudiam e davam gritinhos. Uma excitação surpreendente, uma vez que bastava ir à rua para assistir a um espetáculo muito mais dramático. O que a rapariga lhe tinha contado era prometedora, mas a androide já tinha vivido demasiadas deceções profissionais para se deixar levar pelo entusiasmo inicial. Com certeza que no fim, como acontecia na maior parte das vezes, a pista acabaria por redundar em nada. Mesmo assim, por via das dúvidas, ia investigar onde ficava o Mosca.

– Sabes que mais? – suspirou Bruna. – Eu também não me importava que mudassem algumas leis.

E tornou a surpreender-se por sentir uma certa empatia com aquela adolescente humana singular que falava de maneira quase tão estranha como um balabi. Era o raio da debilidade que a ausência de Paul lhe provocava.

Acordou sobressaltada, com a sensação de que caía num abismo. O martelo da ressaca esmagou-lhe a cabeça com o rufar habitual. Sem abrir os olhos, Bruna procurou às cegas, na estante ao pé da cama, a embalagem de *Algicid*, tirou dois comprimidos e mastigou-os. Tinha a garganta tão seca que pensava não ser capaz de os engolir. Quando voltara da Crate na noite anterior, cerca das cinco da manhã, fora beber em vez de dormir. Havia alturas em que se sentia tão esgotada, não só de fadiga mas de viver, que precisava de adormecer o cérebro, de entorpecer o medo. O vinho branco apresentava-se então como a alternativa amigável a um tiro de plasma na cabeça. Três anos, três meses e treze dias. De qualquer forma, talvez fosse verdade que os tecno-humanos não se conseguiam suicidar. E, por isso, ela tinha de matar-se por períodos curtos.

Esperou na cama, de olhos fechados, que o *Algicid* abrisse caminho através do emaranhado da dor. Ordenou ao ecrã que se ativasse e ouviu as notícias sem as ver. Horas antes, a Presidente Guang lera uma mensagem oficial, na qual os EUT consideravam que a tomada de Ceres era um ato hostil e ilegal e exigiam que Cosmos retirasse as suas tropas no prazo de doze horas ou que «se sujeitasse às consequências». Os comentadores debatiam interminavelmente o que queria isso dizer. Os mais críticos denunciavam que a falta de precisão da ameaça demonstrava a fraqueza dos EUT e do Governo de Guang; os mais próximos da administração defendiam que era um silêncio estratégico para não alertarem os inimigos sobre as possíveis represálias. De qualquer forma, o prazo terminava às 20h00. Outro belo dia pela frente, pensou Husky.

A enxaqueca parecia começar a diminuir, embora o cansaço se mantivesse infinito. Mas passava das onze da manhã e já tinha perdido muito tempo. Levantou-se com um grunhido e dirigiu-se diretamente para o duche. Não lhe restava vapor. Resfolegou,

exasperada, e decidiu usar água, só meio minuto, mesmo que fosse um esbanjamento. Mas também não tinha água. Incrédula, deu-se conta de que tinha esgotado o cartão. Era como se dizia: uma desgraça nunca vinha só. Teria de descer até ao supermercado se quisesse tomar um duche.

Cobriu-se com uma túnica curta mais ou menos limpa e foi à rua. A caminho do súper, deparou com uma turba furiosa que se manifestava. Bruna atravessou o mar de gente sem lhes prestar muita atenção, porque em Madrid as manifestações eram frequentes. Entrou na loja, amaldiçoando o afã de controlo do consórcio aquífero que a impedia de poder recarregar pela Rede; inseriu o cartão no dispensador de água e marcou 99 gês no seu telemóvel, o custo do vale mais barato. A máquina rejeitou a operação.

«O preço do vale A-1 é de 198 gaias, muito obrigado!», gorjeou o estúpido aparelho com uma vozinha entusiasta.

– Como? Mas isso é o dobro! – resmungou Bruna entre dentes.

«As tarifas do serviço de água subiram cem por cento a partir de 16 de fevereiro de 2110, muito obrigado!»

– Isso não pode ser, é ilegal...

«Decreto administrativo regional ES-2110/2713E, muito obrigado!», informou a máquina, impassível, com uma alegria inesgotável.

Uma fúria desmedida começou a dominar a rep e a vontade de esmurrar o dispensador causou-lhe um formigueiro nervoso nas mãos. Bateu com o pé no chão e conseguiu controlar-se. Já tinha danificado uma máquina pública anteriormente e, como castigo, fora obrigada a frequentar meia dúzia de sessões num psicoguiá. Carrancuda, ponderou durante alguns segundos a hipótese de recorrer às *frescas*, umas esponjas repugnantes embebidas de uma substância química com que as pessoas lavavam o corpo, em vez de usarem vapor. Saíam muito mais baratas, mas eram asquerosas. E Husky tinha jurado nunca mais tocar numa delas depois dos dois

anos em que tivera de usar esponjas semelhantes, da marca branca do exército, durante o seu serviço na milícia, no planeta mineiro e árido de Potosí. Derrotada, suspirou, marcou 198 gês no telemóvel e carregou o cartão.

«Desfruta da tua água! Muito obrigado!»

Quando chegou à rua, apercebeu-se de que a manifestação era justamente contra o aumento escandaloso do preço da água. O sinistro general direitista que Ovejero entrevistara devia ter razão quando dissera que a água potável estava a acabar. As dessalinizadoras eram muito caras, gastavam demasiada energia e não produziam o suficiente; só serviam para que os grandes consórcios aquíferos se enchessem de dinheiro. Pareceu-lhe ouvir Yiannis: «Como é possível que o ar e a água sejam explorados por empresas privadas? Como chegámos a esta barbárie?» Bruna, no entanto, achava normal. Era assim desde que se lembrava. Ou melhor, desde que a tinham ativado há cerca de sete anos, com vinte e cinco de idade. E as supostas injustiças sociais de que os humanos se queixavam sempre lhe tinham parecido uma ninharia, comparadas com a injustiça suprema e obscena de ter sido criada originalmente, antes das guerras rep que os libertaram, como mão de obra escrava. De ter sido manipulada, geneticamente alterada para aumentar o seu valor comercial, condenada a uma existência breve de borboleta e a uma morte cruel, com data marcada, que equivalia a uma execução. Malditos fossem para sempre os humanos e malditas fossem todas as suas melindrosas e lamurientas reivindicações.

Observou os manifestantes enraivecidos que enchiam a rua, enquanto abria caminho com dificuldade através da multidão, em direção a casa. Agitavam cartazes holográficos e levavam amplificadores de voz com os quais atroavam contra o presidente regional, Chem Conés, e contra a AcuoSA, a empresa fornecedora. Homens, mulheres, crianças. Todos humanos, evidentemente, a maior parte com o aspeto áspero e básico das pessoas de

rendimentos tão precários que corriam o risco de terem de se mudar para uma zona de ar menos limpo: roupa berrante de má qualidade, operações plásticas toscas e padronizadas. Meio mundo com o mesmo modelo de nariz. Não, Bruna nunca tinha sentido grande empatia pelas reivindicações dos humanos, mas a verdade é que, desde que resgatara a menina russa de uma Zona Zero, as fronteiras que dividiam o planeta em setores mais ou menos contaminados lhe pareciam mais incompreensíveis e as desigualdades violentas que existiam nos EUT se iam tornando cada vez mais irritantes. Há alguns meses, o Tribunal Constitucional proibira a cobrança pelo ar, mas as empresas energéticas conseguiram contornar a sentença criando taxas de potência territorial, que eram exatamente iguais àquelas que as pessoas pagavam anteriormente para poderem viver numa zona de ar mais ou menos puro. As novas taxas também tinham sido denunciadas como abusivas, mas conseguir acabar com elas levaria o seu tempo e, nessa altura, os poderosos lembrar-se-iam de qualquer outra artimanha, ruminou amargamente Bruna, que era muito menos otimista do que o amalucado Yiannis. As malditas fronteiras nunca acabariam. Pelo menos, não no seu curto futuro. Três anos, três meses e treze dias.

Nesse momento, houve uma vibração na massa de gente, uma gritaria diferente, que começou a espalhar-se como um incêndio. A rep olhou para a sua direita, de onde vinha o barulho, e conseguiu ver, acima das cabeças das pessoas, que a força de choque dos PAC carregava sobre a multidão. Vinham completamente armados; a multidão começou a empurrar e a correr num caos repentino e atordoado. Bruna também teve de empurrar para salvar o seu espaço pessoal, mas continuou a andar ao mesmo ritmo, uma rocha diante da qual se dividiam as águas dos manifestantes na sua fuga. A fileira de PAC, com o seu aspeto de astronautas blindados, aproximou-se dela, distribuindo bastonadas, e a androide ficou alerta, fria, calma e preparada, disposta a responder à violência com violência, embora, evidentemente, não fosse a atitude mais sensata

a adotar. Mas não conseguia evitá-la, rai's parta. Enfurecia-a o abuso de poder, envenenava-a o rancor. Além do mais, fora criada para combater. Portanto, continuou a andar, sem mudar de direção, toda ela transformada numa arma; porém, quando a fileira de PAC chegou perto dela, também a evitaram como se não a vissem, contornando-a como a água faz às rochas. De certeza que não queriam enfrentar uma replicante de combate e, além disso, deviam ter deduzido que não fazia parte da manifestação. Era uma vantagem terem-na considerado um ser diferente; às vezes, o especismo estava do seu lado.

A androide sacudiu os ombros e a cabeça, para desbloquear a tensão da adrenalina, e depois voltou-se, a tempo de ver os guardas a espancar as costas das pessoas. Os ecrãs públicos emitiam ciclicamente a mensagem de Guang, imagens de Ceres e os comentários dos presumíveis especialistas acerca da crise no planeta anão; em nenhum ecrã se via o que quer que fosse relativo à subida do preço da água, à manifestação, à carga policial. Pobres humanos, pensou Bruna, sobretudo aqueles que verdadeiramente o eram. Aos replicantes, pelo menos, o trabalho não costumava faltar, graças às suas capacidades geneticamente potenciadas. A maior parte não enriquecia, pois não dispunha de tempo para isso e havia demasiada discriminação, mas ganhava a vida com relativa facilidade. Se Bruna tivesse escolhido trabalhar no vasto setor da segurança, a sua conta bancária seria muito mais tranquilizadora; o pior era que esses empregos sempre lhe tinham parecido embrutecedores e aborrecidos. No entanto, se a dada altura ficasse de facto sem recursos, sabia que podia conseguir um lugar de guarda-costas ou de vigilante. Os humanos estavam sujeitos a uma taxa de desemprego de... de quanto? Consultou o seu telemóvel: de 46% nos EUT, 33% na região hispana. Pelo contrário, os tecno-humanos, via agora no ecrã, tinham pleno emprego. Aqueles dados impressionaram-na; os especistas costumavam afirmar que os reps concorriam ilegalmente com os humanos, roubando-lhes os

empregos, mas ela nunca tinha visto as percentagens. Pensou no *barman* da Crate, o da crina de cavalo, nos seus dias com um horário de trabalho monstruoso e um ritmo esgotante, e no medo que lhe provocava aceitar essas condições. Sim, custava-lhes ganhar o suficiente para viver, sobretudo se queriam implantar uma crina à moda, sobretudo se queriam ser como outros, mais afortunados, e viver ao ritmo do que ditavam os ecrãs públicos. Evidentemente, o *barman* odiava a sua espécie, embora tivessem sido os humanos a criar assim os rep. Rai's parta! Como se atreviam depois a condená-los? Três anos, três meses e treze dias.

Subiu ao seu apartamento de muito mau humor, inseriu o cartão da água na ranhura e tentou descontrair-se envolta no vapor ardente. Não a aliviou minimamente, pelo que selecionou o vapor frio. Também não resultou. Saiu do duche tão tensa como uma mola e espicaçada pelo desejo de beber um copo. Por todas as malditas espécies, ainda nem sequer tinha tomado o pequeno-almoço! Em vez do vinho, pegou num copo de café, agitou-o para o aquecer e bebeu-o de uma só vez. O estômago gemeu sob aquela inundação abrasadora e amarga. Recebeu uma chamada: era o tatuador essencialista. A rep cobriu-se com uma toalha e atendeu.

– Olá, minha Bruna. Tivemos sorte – sorriu Natvel.

Estava muito feminina, com os seus traços suavizados por uma doçura maternal. A detetive endireitou-se de chofre, toda ela ouvidos.

– Ángela Gayo. Chama-se Ángela Gayo. Tatuou-se há exatamente catorze dias num multiócio de Vallecás. É uma mulher com cerca de quarenta anos e o tatuador achou-a muito estranha.

– Estranha?

– Passou o tempo todo a falar sobre Paul Lizard e do muito que se amavam.

Doeu. Desesperou-a e indignou-a a sua própria fragilidade, mas isso não evitou que continuasse a doer.

– É bonita?

Natvel voltou a sorrir:

– O tatuador pensou que era doida. Caucasiana, pálida, com olheiras, meio careca, pequena e com uma cabeça grande de mais; fora isso, pouco memorável.

Não parecia ser uma inimiga perigosa, disse Bruna para consigo. Mas em que tipo de inimiga estava a pensar? Suspirou, agradeceu a Natvel e, depois de desligar, bebeu outro café. A seguir, foi pesquisar o nome «Ángela Gayo».

Em Madrid havia onze. Embora pudesse ter vindo de fora. Na região, totalizavam cento e três. Decidiu seguir primeiro a pista madrilená.

Entre os trinta e os cinquenta anos: três. Acrescentou Vallecás: nenhum resultado. Começou à procura dessas três, verificando todas as listagens públicas e privadas com encriptação fraca às quais podia aceder, como plataformas sociais, usuários de cartões de água, de passes de transporte, do Arquivo Central... Encontrou duas das Ángelas: trinta e poucos anos, aspeto muito jovem, uma delas era mulata, a outra, alta e forte. Não condiziam com a descrição. As correspondências à terceira mulher custaram a aparecer mas, finalmente, Bruna descobriu-a na lista de clientes de um seguro de saúde. Na fotografia, a mulher olhava para a câmara com uma expressão de pena ou, talvez, de medo. Uma testa muito grande e abaulada parecia esmagar os restantes traços insignificantes. As suas feições tinham qualquer coisa de impreciso, de instável, que se tornava inquietante. O seu coração acelerou: podia ser ela.

A encriptação do historial médico da mulher era demasiado forte para conseguir furá-la, mas conseguiu entrar na área administrativa da empresa médica. Era um seguro caro e bom, mas havia algo estranho. Há dois anos que não havia nenhum serviço, nenhuma ocorrência. Antes viam-se muitas consultas médicas, pagamentos parciais de medicação e de algum meio complementar de diagnóstico, tudo registado sem especificidades. A última atividade,

de janeiro de 2108, tinha sido uma transferência em ambulância... para CRGM, Beco dos Sencientes, s/n, Vallecás. Sustendo a respiração, procurou «CRGM»: o resultado foi «Centro de Reabilitação de Grandes Mentes», uma residência psiquiátrica do Estado. *Um projeto revolucionário e inovador para acolher, tratar, recuperar, desenvolver e inserir socialmente pessoas com capacidades excepcionais que sofrem de algum tipo de transtorno psíquico*, anunciava a página da instituição. *Como se demonstrou há muitos anos, uma elevada percentagem das mentes mais brilhantes sofre de alguma anomalia genética ou neurológica que pode afetar o funcionamento correto do cérebro. De alguma forma, a criatividade parece ser filha daquilo a que os nossos antepassados chamavam erradamente «loucura». Mozart, Goya, Schumann, Beethoven, Leonardo da Vinci, Virginia Wolf, Galia Lalanda ou Miguel Ângelo, entre muitos outros, conheceram o lado obscuro da sua genialidade. A CRGM aspira a iluminar essas sombras.* Bruna sentiu uma excitação quase dolorosa de tão aguda. Apanhei-te, pensou. Apanhei-te. Vestiu umas calças grossas e uma *T-shirt* dos seus tempos milicianos e saiu a toda a pressa.

Saiu do elétrico a trezentos e vinte e um metros do seu destino, conforme a informou o telemóvel. Vallecas era uma zona residencial de gente muito rica. Décadas antes, tinha sido um bairro proletário tradicional, mas a sua proximidade ao novo centro urbano atraía os especuladores imobiliários que, depois de desalojarem os antigos moradores e de os empurrarem para os subúrbios, tinham derrubado os velhos edifícios e construído grandes torres rutilantes de apartamentos de luxo com jardins suspensos e segurança privada durante vinte e quatro horas. Por ali não se viam muitos reps além dos guardas dos portões que, como de costume, eram maioritariamente tecnos de combate. Também não circulava muita gente pelas ruas e, o que era ainda mais notório, quase não havia ecrãs públicos: um oásis acústico em comparação com a tagarelice incessante que inundava Madrid. O silêncio e os espaços amplos eram prerrogativas dos poderosos, pensou Husky com azedume.

A entrada do Beco dos Sencientes estava decorada com uma grande estátua de Koko, o famoso gorila fêmea que há cem anos, antes de os grandes primatas serem incluídos no género *Homo*, dominara a linguagem dos signos e fora uma heroína para a sua espécie. Husky contornou o monumento e entrou na ruela que, na realidade, não era mais do que uma pequena passagem ajardinada entre duas torres. Albergava um único edifício, um dos poucos que sobrevivera à picareta dos especuladores. Era uma estrutura octogonal de oito pisos, um exemplo típico do estilo geómetra, muito na moda em meados do século XXI. A sua superfície brilhante de vidro cromático, agora escurecida para filtrar a luz ardente do sol matinal, parecia azeviche. Após um momento de hesitação, Bruna dirigiu-se para o que parecia ser a porta, embora nos edifícios geómetras nunca se soubesse; mas, para seu alívio, quando se aproximou da parede envidraçada, uma das centenas de triângulos que formavam o grande octógono abriu-se automaticamente,

deixando desimpedida a entrada para um vestíbulo que lembrava mais o átrio de um hotel de cinco estrelas do que o de um centro médico.

– Bom dia. Venho visitar uma das vossas pacientes – disse Bruna ao rapaz que estava na receção, tentando soar o mais natural possível apesar da sua envergadura, da sua tatuagem e dos seus olhos de cobra.

O humano olhou-a de cima a baixo enquanto Husky se arrependia de ter vestido uma roupa militar tão agressiva.

– Nem todos os nossos hóspedes podem ser visitados. Além disso, preciso de consultar o supervisor de dia, que agora está ocupado – respondeu o humano, reticente e claramente preparado para continuar a elencar dificuldades.

– Bom, não me importo de esperar até que fique disponível... – contemporizou a detetive com o seu melhor sorriso. – Trata-se de Ángela Gayo.

O nome da mulher teve o efeito fulminante de um esconjuro. O rececionista ficou transtornado e saltou da cadeira como que impelido por uma mola.

– Espere aqui! – ordenou, antes de desaparecer a correr por uma porta.

Bruna já considerava a possibilidade de ir sorrateiramente atrás dele quando o jovem regressou, acompanhado por uma mulher madura que tinha implantado um terceiro olho, esse visor prodigioso que, ao que parece, era um microscópio potentíssimo e também um instrumento de análise por meio de raios infravermelhos, ultravioletas, *gann* e T; além disso, armazenava e comparava os dados obtidos a uma velocidade petafulminante e os resultados podiam projetar-se à vontade e diretamente sobre o nervo ótico. Era um aparelho caríssimo e só os investigadores mais importantes o usavam, constituindo uma espécie de marca visível da excelência científica.

– Sou a doutora Carlavilla, diretora do CRGM. Quem é e porque

quer ver a Ângela?

O tom de voz era perentório. O terceiro olho tinha uma proteção semiorgânica, uma membrana opalina que parecia palpitar e estremecer no meio da testa dela. Era bastante perturbador. A androide decidiu ser sincera.

– Sou Bruna Husky, detetive privada. Estou a investigar o desaparecimento de um polícia. Há dois dias, ele recebeu uma encomenda anónima que continha um retângulo de pele humana com o nome dele tatuado: Paul Lizard. Achamos que o pedaço de pele pertence a Ângela Gayo.

A rep achou que o plural «achamos» lhe conferia mais autoridade. A doutora fechou por instantes os seus três olhos; pelo menos o terceiro também pareceu ficar opaco durante meio segundo. Depois suspirou.

– Julgo que será melhor falarmos com calma. Venha até ao meu gabinete.

A androide seguiu a mulher até uma sala de tamanho médio, mobilada com dois confortáveis sofás brancos, uma mesa de trabalho com uma cadeira e uma parede coberta de arquivos. Em frente, um enorme triângulo de vidro abria-se sobre o jardim. Seria um espaço sóbrio e agradável não fosse a cor rosa-choque, pavorosa, com que estavam pintados as paredes e o teto.

– É relaxante – considerou a médica num tom seco.

– Perdão?

– A tinta cor-de-rosa. Foi demonstrado que acalma, tranquiliza e reduz a agressividade das pessoas. Talvez as faça recordar-se do útero materno. E agora conte-me tudo o que sabe, por favor.

Não era muito, de modo que Bruna terminou depressa. Evidentemente, não mencionou as suas pesquisas sobre os pais de Lizard, nem acerca do Mosca, o presumível centro cultural. Depois de a ouvir, Carlavilla permaneceu alguns segundos calada e pensativa; na membrana da sua testa agitavam-se sombras subtis, como minúsculas nuvens a atravessar um céu leitoso.

– A Ángela Gayo não está aqui – acabou por dizer. – Fugiu há quatro dias. Estava connosco há dois anos e julgávamo-la mais ou menos estabilizada. Enganou-nos. É muito inteligente, algo que é normal neste sítio. Tem uma mente matemática prodigiosa e é um génio da informática. Foi assim que conseguiu fugir: alterou todos os códigos de segurança do edifício e desbloqueou as portas, ainda não sabemos bem como. Dias antes, tinha participado com outros internos numa saída programada; levaram-nos a um multiócio próximo, onde ela tatuou o nome de Paul Lizard durante um descuido dos monitores. Nessa altura, o inspetor Lizard aparecia muito nos ecrãs devido ao atentado de Madrid e a Ángela ficou obcecada por ele. Estava todo o dia à espera das notícias para o ver. Julgava ter-se apaixonado.

– E não lhe ocorreu que era necessário avisá-lo? Não pensou em chamar a polícia? – crispou-se Husky.

A cobertura protetora do olho implantado abriu-se. Aberto, era ainda mais inquietante. Uma pupila cega que via tudo.

– Deu-se o caso de me encontrar em Camberra num congresso. Regressei depois de a Ángela ter fugido. E não, fosse como fosse não teria avisado o inspetor. Não era a primeira vez que ela fazia uma coisa do género e tal nunca constituía um perigo para mais ninguém. Mas se eu tivesse cá estado, talvez ela não tivesse fugido, porque a tatuagem era um sinal claro de recaída e teríamos tomado as medidas necessárias.

– Diz que ela não constituía nenhum perigo? Lizard desapareceu.

– Duvido muito que o seu desaparecimento se deva à Ángela.

– É o que pensa? Não acha que é demasiada coincidência? Como sabe, Lizard dirige o grupo antiterrorista encarregado de investigar o atentado. E se Ángela está de conluio com o EJI?

– Impossível. A Ángela não pode ter nada a ver com os Ins porque esteve dois anos aqui fechada. Nem sequer tinha visitas, porque não tem família. Não tinha contactos com o exterior.

Bruna franziu o sobrolho. Estava frustrada e irritada, mas não

ardia de fúria, como teria sido normal nela. Suspirou e reclinou-se no sofá confortável. O verde que se via através da janela combinava bem com o rosa intenso das paredes. Talvez fosse verdade. Talvez, no fim de contas, aquela cor permitisse o sossego. Mas não a ela. A ela não. Bruna não tinha nascido do ventre de uma mulher. Não guardava nenhuma memória dessa caverna maternal protetora e carnuda. Três anos, três meses e treze dias. A conhecida serpente da raiva voltou a levantar a cabeça no seu íntimo.

– Desapareceram ambos ao mesmo tempo. Não consigo acreditar que seja casual. E uma vez que neste centro a falta de controlo parece ser mais do que muita, não sei como pode garantir que ela não teve contactos com o exterior.

Disse-o depreciativa e cruelmente, com a intenção de ferir, mas a médica permaneceu impassível, com os seus três olhos fixos e imóveis na detetive. Bruna suspirou.

– Preciso que me dê todos os dados sobre Ángela Gayo. Tenho de a encontrar.

– Eu também quero encontrá-la. Fomos a casa dela. Como lhe disse, possui um domínio absoluto da tecnologia informática e ganhou muito dinheiro antes de ser internada, pelo que é dona de um pequeno apartamento. Mas não apareceu lá. Não sabemos onde está.

– E aqui não tinha amigos? Outros pacientes a quem pudesse fazer confidências?

A médica fez um trejeito estranho com a boca, um misto de sorriso e esgar severo.

– Para dizer a verdade, sim. Era inseparável de duas irmãs gémeas que são umas pianistas extraordinárias.

– Quero vê-las, falar com elas – exigiu Husky.

Agora o sorriso da médica era evidente:

– Oh, é claro que as pode ver. Falar é que já não me parece tão simples.

Bruna resfolegou, exasperada. O silêncio pesava sobre elas como um cobertor molhado. As irmãs Sarabia, Nina e Nena, olhavam para a rep com os olhos redondos e plácidos, tão vazios como os de vitelas. Estavam de pé, de mãos dadas como meninas bem-comportadas, embora deversem ter uns sessenta anos. Não operadas. Eram muito pálidas, quase transparentes, de traços imprecisos, muito magras e com o esqueleto cheio de protuberâncias. Umas túnicas brancas e vaporosas tornavam-nas ainda mais indefinidas. Os cabelos lisos e louros, que um risco ao meio dividia no alto do crânio, chegavam-lhes quase até aos joelhos. Pareciam uns estranhos insetos peludos, libélulas com cabelo em vez de asas.

– Não querem contar-me o que sabem da vossa amiga? Temos de localizá-la. É para o seu próprio bem – insistiu a androide, cada vez menos convicta.

Nem um pestanejar daqueles desbotados olhos azuis. Nem um único sinal de ter sido sequer ouvida.

– Já lhe disse que nunca falam – interveio a doutora Carlavilla. – Só comunicam através da música e, mesmo isso, só o fazem com muito poucas pessoas. A Ángela era uma delas, ou melhor, era a única que se dava verdadeiramente com as Sarabia. Elas tocavam e a Ángela respondia por meio do teclado de um dos pianos.

No quarto das irmãs, sem janelas mas muito amplo, viam-se dois reluzentes pianos de cauda, unidos e em frente um do outro, de modo que as Sarabia podiam olhar-se nos olhos enquanto interpretavam alguma peça.

– Mas disse-me que Ángela era matemática, não música.

Carlavilla arqueou as sobrancelhas e olhou para ela, trocista.

– Evidentemente. E a matemática é música, ou melhor, o inverso. Na antiga Grécia, a música era considerada a expressão artística da matemática... E na Idade Média fazia parte das artes do *quadrivium*, juntamente com a aritmética, a geometria e a

astronomia... Ou seja, fazia parte das ciências. «A música trata dos números sonoros», disse Zarlino, um compositor do século dezasseis... Enfim, a Ángela nunca estudou música, mas possui não só ouvido absoluto como, além disso, é capaz de tocar qualquer série de notas ao piano com uma facilidade inexplicável. E assim se compreendiam... As Sarabia interpretavam uma melodia relacionada com a proporção áurea, por exemplo, e a Ángela respondia, digamos, com uma sequência de Fibonacci...

Bruna olhou para ela tão espantada que a médica se riu.

– Refiro-me a tocarem notas musicais ordenadas de acordo com padrões matemáticos... e isso é uma linguagem. Muito complicada, evidentemente. Nem eu era capaz de entendê-las, embora também seja sobredotada. Muitas vezes, a Ángela servia-nos de tradutora das irmãs.

– E não há nenhuma outra maneira de chegar a elas? – perguntou a androide, desanimada.

– Bom, a Nina e a Nena aceitaram comunicar connosco algumas vezes por meio de um código muito simples: perguntamos-lhes o que queremos saber num formato binário e elas respondem com o acorde de Tristão para dizerem que sim e com o acorde de Prometeu para dizerem que não. Significa que nos respondem com sons predeterminados – apressou-se a explicar a médica perante a expressão da rep. – Mas desde que a Ángela desapareceu, até a isso se recusam. Estão completamente isoladas no seu mundo.

Bruna observou-as em silêncio. Continuavam sem se mexer, imperturbáveis. Todavia, atrás daquela tranquilidade aparente, a androide começou a aperceber-se de pequenos sinais: os nós dos dedos entrelaçados das irmãs estavam esbranquiçados devido à tensão e permaneciam ambas muito direitas e encostadas à parede, o mais longe possível dos visitantes, como que desejosas de fugir daquele quarto bonito e espaçoso que, apesar de tudo, era uma prisão.

– A mãe morreu quando elas nasceram, possivelmente

assassinada pelo pai. Nunca se chegou a saber. O tipo achava que tinha a fórmula para criar um génio e queria passar à história por isso. Trancou as meninas numa cave sem janelas, mantendo-as completamente isoladas, e nunca lhes falou. Elas só dispunham de dois pianos para se expressarem. Tinham catorze anos quando as resgataram. Conseguiram dominar o alfabeto e entender a linguagem, mas nunca aprenderam a utilizá-la – disse a médica, lenta e sombriamente.

Bruna ficou horrorizada. Os humanos e as suas ambições demenciais. Ânsias de glória cruéis, sangrentas.

– O que aconteceu ao pai?

Carlavilla suspirou:

– Fugiu. Nunca o encontraram.

É claro. Nem o mal tinha castigo, nem o bem tinha prémio, ruminou a androide, que era uma criatura propensa ao pessimismo. Pobres Sarabia. Continuavam de mãos dadas e tinham começado a tremer. Husky sentiu-se uma torturadora.

– O que se passa com elas?

– Têm sempre medo – respondeu a médica. – Só a música as acalma.

A androide sorriu:

– Nesse caso, dar-lhes-emos música.

Custou-lhe convencer Mirari e Maio a virem ao CRGM, não porque se recusassem a ajudá-la, mas porque tinham um espetáculo às nove da noite e eram cinco e meia da tarde. Apesar das suas malparadas finanças, Husky ofereceu-se para lhes pagar a viagem de táxi ida e volta. Não podia perder um minuto na sua busca desesperada de Lizard. Mirari era uma falsificadora veterana e habilidosa e Husky recorrera aos seus serviços mais de uma vez. Mas, na sua vida legal, Mirari trabalhava como violinista no Atom, um circo de baixa categoria. Maio, que era um *bicho*, um dos poucos alienígenas que viviam na Terra, também trabalhava lá. Estava exilado do planeta Omaá e era um ambalo, ou seja, um virtuoso do amb, uma espécie de flauta da sua cultura. Bruna conhecera Maio na sua própria cama, quando acordara junto dele depois de uma noite louca de oxitocina e de névoa.⁸ Ainda recordava o sobressalto e o desassossego que sentira diante da ideia de ter feito amor com um ser tão alheio e translúcido, mas Maio era bom tipo e, além disso, como diria Oli: «Quem é que nunca dormiu com um marciano?» Depois disso, ele e Mirari, surpreendentemente, tornaram-se amigos íntimos, transformando-se até num casal; o *bicho* juntou-se aos músicos residentes do Atom e, desde então, o circo tinha muito mais sucesso. Um ambalo era uma raridade requintada que toda a gente desejava escutar.

Chegaram às 18h00 em ponto, causando a sensação habitual. O rapaz da receção perdeu a fala e formou-se imediatamente um grupinho de enfermeiros e de pessoal administrativo em redor do enorme Maio e dos seus braços furta-cores e meio transparentes. O resto do corpo, abençoadas fossem todas as espécies, estava coberto com uma *T-shirt* e umas calças pretas, que os pouparam à visão de todo aquele âmagο palpitante e rosado.

Levaram-nos de imediato ao quarto das Sarabia, que continuavam encostadas à parede como duas moscas louras. Ninguém disse nada, porque havia uma linguagem muito mais

poderosa em movimento. Mirari passou os primeiros cinco minutos a apertar e a calibrar os parafusos do seu braço biônico com um pequeno aparafusador e depois, com parcimônia, tirou do estojo um violino *Steiner* austríaco do século XVII. O contraste entre o magnífico instrumento e a prótese metálica a cair aos bocados, quase tão antiga como ele, era notória. Mirari tinha perdido o braço num salto de teletransporte e, por isso, completava agora os seus rendimentos falsificando identidades, para um dia poder pagar um braço caríssimo de primeira qualidade. Como o de Bruna, indetetável até para a própria, pensou a androide, abrindo e fechando com orgânica suavidade a sua mão esquerda, totalmente mimetizada com a carne real graças aos tecidos artificiais criados em laboratório. Era tão perfeito que a rep até se esquecia de que ela própria tivera de amputar o antebraço há uns meses para salvar a vida, naquele que fora um momento atroz e muitíssimo doloroso.⁹

Maio também tinha tirado o seu amb, uma espécie de vara de madeira, ou de um material semelhante a madeira, com estrias a todo o comprimento. Levou-o aos lábios, soprando-o transversalmente como uma harmónica. Ele e a violinista nem tiveram de olhar um para o outro. De repente, a música começou a brotar, inicialmente quase inaudível, como uma vibração das próprias vísceras, como um levíssimo tremor do mundo. Era o amb, com o seu som líquido e sensual, em notas inebriantes que, mais do que uma vibração mecânica para os ouvidos, nos atravessavam a pele.

Nina e Nena transformaram-se. Afastaram-se da parede e pareceram encarnar. Antes eram espíritos e agora regressavam à vida: os olhos foram-se-lhes enchendo de expressão; os corpos, de autonomia e decisão. Seis ou sete minutos depois de a violinista e de o ambalo terem começado a tocar, as Sarabia, excitadas como crianças, correram em unísono até aos bancos dos seus pianos. Mantiveram por instantes as mãos no ar, quatro estrelas brancas ansiosas por voar, e depois, em perfeita sincronia, caíram ao mesmo

tempo sobre os teclados.

O tempo parou.

Os quatro tocaram, improvisando mas perfeitamente conectados, a música mais bela que Bruna tinha ouvido. Algo que já não era música, mas o próprio ritmo da vida, o sussurro tenaz do Universo. Tocaram sem parar, enquanto Carlavilla e Husky, as únicas espectadoras presentes, se esqueciam de respirar e dos seus próprios nomes. Até que, de repente, o braço da violinista encravou; um guincho cortou aquele fluir sublime e a lei da gravidade funcionou novamente. O tempo reapareceu e, com ele, a morte. Três anos, três meses e treze dias.

– Rai’s parta... – sussurrou Mirari, lançando a cabeça para trás. E depois acrescentou: – Mas não importa.

Espantada, a androide reparou que a violinista estava a chorar. A dura e estoica Mirari! Nessa altura, deu-se conta de que as Sarabia e Carlavilla também choravam. Pelo grande Morlay, ela própria tinha as faces molhadas! E era uma lágrima omaá aquilo que brilhava nos olhos de Maio?

O resto foi relativamente simples. Mirari propôs a Nina e Nena distribuir as letras do alfabeto pelas notas de quatro oitavas, começando pela mais aguda do piano, e as irmãs responderam a todas as perguntas com amabilidade e diligência. Gostavam muito de Ángela, a qual queria ser livre, e por isso a tinham ajudado. Elas, pelo contrário, não queriam abandonar o seu precioso quarto sem janelas; eram felizes ali, com os seus pianos. Não sabiam onde estava a fugitiva, mas Nina trocara com Ángela a sua chapa de identidade. Ali não precisava dela e Ángela queria passar despercebida. E, por favor, a violinista e o ambalo poderiam voltar e tocar com elas? Mirari e Maio prometeram-lhes que sim.

Bruna aproveitou o táxi de regresso dos seus amigos e, do circo, tomou um elétrico para a esquadra. Os ecrãs públicos cuspiam notícias furiosas e confusas, mais estrondosas e atordoantes que nunca. O prazo da Presidente Guang terminara, tropas dos EUT

tinham-se teletransportado para Ceres, alguns falavam de confrontos no planeta anão, outros, de uma calma tensa entre os dois exércitos frente a frente, mas ninguém sabia de forma segura qual era a situação real. De repente, quando Bruna estava a chegar à sua paragem, todos os ecrãs se apagaram. Voltaram a ligar-se passados uns trinta segundos; os jornalistas, histéricos, gritavam estar a emitir pelo canal de emergência. Ao que parece, tinha havido um atentado no nodo principal da empresa de ecrãs. «Com mortos!», gritavam os comentadores, «um atentado dos Ins!» Bruna resfolegou. Os meios de comunicação triplicavam sempre o dramatismo quando as vítimas eram eles.

Apareceu então aquele tipo. Idade indefinida e um aspeto estranho. As sobrancelhas altas de mais, curvadas e finas como um desenho a tinta, davam-lhe uma aparência de surpresa perpétua, talvez de troça. Vestia-se integralmente de preto, com uma camisola de gola alta até ao queixo, e o cabelo, igualmente preto e cortado à navalha, colava-se-lhe ao crânio como uma luva. Havia nele um pouco de afetação e de astúcia. De repente, materializara-se em todos os ecrãs.

– Boa noite, caros amigos. Chamo-me Jan Lago e, tal como vós, sou um cidadão dos EUT muito preocupado com a situação do nosso mundo. Estou convencido de que partilho também convosco a certeza de estar perante o momento mais crítico que o nosso jovem Estado Unificado viveu até agora, bem como a desconfiança face a dirigentes que não só não parecem estar à altura das circunstâncias, como dão mostras de estar a conduzir-nos para uma catástrofe. A falta de autoridade moral e real do Governo da senhora Guang fez com que terroristas, que até ontem não passavam de um grupúsculo residual, se tenham transformado numa ameaça grave, e a nossa debilidade é tão notória que Cosmos, um dos mundos flutuantes, uma plataforma orbital, apenas um pedaço de sucata no espaço, se atreveu a humilhar a Terra. Nem mais, nem menos do que a Terra!

«Nem mais, nem menos do que a Terra.» O mesmo tinha dito o

general Lino na entrevista a Ovejero. Apelavam todos aos mesmos baixos instintos, pensou Bruna.

– Temos de dar uma resposta firme, uma resposta unida, uma resposta à altura da nossa história! E temos de impor a ordem nas nossas ruas, nas nossas cidades. Nem mais um morto pelo terror! Basta de impotência! Amigos, sei que partilham comigo todas estas inquietações. Sou igual a vocês, exatamente igual, salvo num pormenor. Eu tenho dinheiro. Muito dinheiro. Tanto que pude pagar estes minutos nos ecrãs públicos. E garanto-vos que são caríssimos nesta janela de audiência máxima. E se estou a fazê-lo, se estou a sair do conforto da minha vida privada e da direção absorvente das minhas empresas, porque vos digo desde já que todo o meu dinheiro foi eu quem o ganhou, da primeira à última gaia, se abandonei a minha vida de cidadão anónimo, repito, que é a vida que realmente me agrada, é por um sentido de responsabilidade para com a sociedade, para convosco, para comigo mesmo, para com o mundo, para com os nossos filhos! A nossa nação afunda-se, mas eu sei como salvar-nos. Tenho várias ideias, Presidente Guang, e hoje exporei a primeira: ofereço-me para comprar Ceres. Encarregar-me-ei da defesa do planeta anão e conservá-lo-ei para uso dos cidadãos da Terra. Quem sabe, talvez com o dinheiro da venda o nosso patético Estado na bancarrota possa pagar uma polícia suficientemente profissional para dismantelar o EJI. Boa noite, amigos. E até breve.

Os ecrãs recuperaram a sua algaravia habitual. Husky olhou em volta: toda a gente esteve pendente do discurso. Como ela, aliás, que, ao sair do elétrico, ficara parada a ouvir Jan Lago. Sujeito desabrido, mensagem perturbadora.

Entrou na esquadra com a cabeça a andar à roda. Perguntou por Kai, a tecno, colega e talvez amante de Lizard. Felizmente, a inspetora apareceu logo.

– O que se passa?

– Proponho-te um acordo – disse Bruna. – Creio que posso

fornecer-te informações mas, para isso, tens de partilhar o que sabes comigo.

8*Lágrimas na Chuva.*

9*O Peso do Coração.*

Bruna fora à esquadra de propósito, pois sabia que eles dispunham dos recursos necessários para localizar instantânea e eficazmente a chapa de identificação de Nina. E, de facto, ali demoraram apenas dois minutos a descobrir que a chapa fora utilizada pela última vez no aluguer de um microapartamento na zona velha de Madrid.

A operação foi montada imediatamente. Como subchefe do grupo antiterrorista, Kai conseguiu que a presença de Bruna fosse aceite, embora a tenham obrigado a usar um colete antibalístico e ordenado que se mantivesse sempre atrás do grupo de assalto. Eram seis, dois tecnos e quatro humanos.

O edifício em colmeia ficava perto da Praça de Callao, na zona da cidade mais destruída pelas Guerras Robóticas. Há um século, tinha sido um bairro central, mas agora era um labirinto escuro de construções miseráveis para realojamento dos deslocados, de velhas naves industriais e das «colmeias» mais baratas de Madrid. Aquela que procuravam ficava junto de um *moyano*, os sinistros crematórios de androides. A chaminé escura erguia-se na noite por cima da aglomeração irregular de telhados e dela saía, nesse mesmo momento, um fumo branco. Bruna estremeceu. Também ela acabaria ali ou num sítio semelhante. Três anos, três meses e treze dias.

A «colmeia» nem sequer tinha porta de entrada. Ou seja, devia ter tido, um dia, mas fora arrancada pelos gonzos e agora estava apoiada à parede. Quanto ao resto, o vestíbulo era como o de todos esses edifícios, enorme e com uma trintena de elevadores, vários deles em funcionamento quando entraram. Viam-se pessoas à espera e, sendo quase onze da noite, havia muito movimento, o que era normal tendo em conta que, entre os treze andares, havia mil e trezentos apartamentos, cem por andar. Porém, esse movimento de formigueiro transformou-se numa correria louca assim que a equipa de assalto apareceu. Aqueles que desciam nos elevadores voltaram a

fechá-los e a subir; aqueles que esperavam por eles saíram disparados em várias direções, como frangos sem cabeça. Os polícias dividiram-se: dois ficaram ali em baixo com as espingardas de repetição de plasma armadas, enquanto os restantes, seguidos por Bruna, subiram as escadas.

Procuravam o apartamento 551, no quinto andar. Notava-se bem a antiguidade do edifício nas portas: as folhas, de má qualidade e pouco resistentes, tinham sido reforçadas de diversas maneiras ao longo do tempo pelos muitos inquilinos. Alguns puseram grades; outros, barras de aço ou de acrílico. Havia-as com modernos sensores de movimento, mas também com correntes e cadeados primitivos, e alguém tinha mesmo colocado um grelhador elétrico com um letreiro: «Perigo, alta voltagem». O 551 era dos menos fortificados, apenas com uma fileira de fechaduras de segurança; notava-se que era um microapartamento rotativo, dos que só se alugavam por alguns dias.

Não se ouvia nada. Alguns vizinhos deitaram a cabeça de fora, assustaram-se e fecharam as portas. Os polícias entreolharam-se; Kai fez um sinal com a cabeça e começou a voragem. Dois tiros de plasma rebentaram as fechaduras e em cinco segundos estavam todos lá dentro: ocupar um habitáculo que só media doze metros quadrados era fácil. Os sentidos geneticamente potenciados de Bruna, ativados em modo de alerta máximo, permitiram-lhe observar a cena do assalto com uma calma espectral e uma minúcia capaz de lentificar a noção do tempo. Viu o microapartamento, compacto e polivalente, mais parecido com uma cabina dos antigos vaivéns espaciais do que com uma casa; e, dentro desse espaço estreito, estava incrustada Ângela, como um mexilhão na sua concha, a olhar para um ecrã. Uma mulher insignificante e deslavada, mais surpreendida que assustada, mais desvalida que violenta. Não é ela, pressentiu Husky, sentindo o coração cair-lhe aos pés, não é ela a culpada.

Em dois minutos, a inquilina estava presa com as algemas

inibidoras e os polícias tinham verificado a sua identidade. Ángela permanecia muda, estupefacta.

– Onde está Lizard? – perguntou Kai.

– Nu-nu-nu... – tartamudeou a mulherzinha.

– O quê? Responde!

– Nu-nu-nunca quis ver-ver-ver-me. Nem se-se-sequer quis co-co-conhecer-me. Es-es-es-crevi-lhe, te-te-telefonei-lhe... – balbuciou Gayo.

– Onde está?

– Não sei!

Tinha um dos braços ligados; sem dúvida, o fragmento de pele fora arrancado dali. Mas no outro braço tinha mais feridas. Cicatrizes feias, já curadas. Num pequeno balcão sobre o lavatório microscópico viam-se duas cuecas de mulher, horrorosas, que pareciam ter sido postas a secar depois de lavadas. Sobre uma prateleira lateral, outro portátil, além daquele que a mulher estava a usar. Husky deu uma vista de olhos áquilo que Ángela estava a ler no ecrã. Era um texto em letra miúda, um relatório ou talvez um romance: *O Monte dos Vendavais*, de Emily Brönte. Não fazia ideia. Perguntaria ao velho Yiannis.

Nesse momento, um dos polícias humanos soltou um grito:

– Vejam!

Tinha visto uma coisa no telemóvel, que de imediato projetou em modo holográfico. A imagem, com um metro por um metro, mostrava três indivíduos de capuzes vermelhos. Um deles falava com a voz distorcida por um modulador:

– ... Mas como só percebem a linguagem da repressão e da força, utilizaremos as vossas próprias armas e demonstrar-vos-emos que somos muito mais poderosos.

Nesse momento, os encapuzados afastaram-se e revelaram, atrás de si, uma fileira de homens e de mulheres de joelhos e com as mãos presas atrás das costas, provavelmente com algemas eletrónicas. A câmara começou a focar os rostos, um por um,

enquanto a voz distorcida continuava a falar:

– Isto é uma guerra... A guerra contra o abuso e a exploração. E vão perdê-la, porque a verdade está do nosso lado.

Na imagem, via-se o rosto tenso e preocupado de uma humana ruiva com cerca de cinquenta anos. Por detrás dela, apareceram duas mãos enluvadas, também de cor vermelha; uma segurou e levantou o queixo da mulher e a outra começou a cortar-lhe o pescoço com uma faca.

– Por todas as espécies!!!

– Puta que o pariu!!!

Um clamor de horror ergueu-se entre o pequeno grupo que enchia o microapartamento, enquanto a mão continuava a cortar, com demasiada lentidão, com dificuldade, e a vítima se contorcia e guinchava de uma forma insuportável, até a gritaria se transformar num estertor gorgolejante. Jorros de sangue tridimensional pareceram cair sobre os pés dos polícias e a ruiva caiu, finalmente, com a cabeça bamboeante, quase completamente seccionada. Outro dos encapuzados apressou-se a debruçar-se sobre ela, certamente para terminar o trabalho. A câmara mostrou os restantes reféns, um por um. Rostos chocados, aterrorizados, sombrios, enfurecidos, derrotados. Restavam treze.

O primeiro indivíduo voltou a dirigir-se à audiência:

– Exigimos que ponham em liberdade todos os Ins encarcerados ou detidos nos EUT. Têm vinte e quatro horas para o fazer. Se não cumprirem esta petição, amanhã decapitaremos mais um e acrescentaremos uma nova exigência à lista. A vida destes vossos cães ficará mais cara por cada dia que passar. À medida que acabarmos com estes, arranharemos outros prisioneiros. Isto está só a começar. Pela liberdade! Pela igualdade! Pela justiça! Sangue por sangue! Viva o EJI!

A imagem apagou-se. Houve um silêncio perplexo, consternado. O silêncio global de um planeta ferido.

O quinto refém a contar da direita era Lizard.

Os catorze reféns sequestrados em diversos lugares da antiga Europa eram todos membros das forças de segurança que integravam grupos operacionais de combate ao EJI. A mulher decapitada, uma irlandesa e a única juíza de instrução do grupo, detinha o posto de responsabilidade mais alto. Provavelmente por isso, tivera a infelicidade de ser a primeira executada. Nos EUT tomaram-se medidas imediatas: atribuíram-se escoltas aos magistrados e aos detentores de cargos políticos, ordenou-se às forças de segurança que ativassem o protocolo de risco no nível máximo. No entanto, nas primeiras quatro horas posteriores à execução, constatou-se o desaparecimento de pelo menos outros seis agentes: três na região americana e três na asiática.

A mensagem dos terroristas tinha sido difundida simultaneamente em todos os ecrãs públicos do mundo. Tinham entrado no sistema de uma maneira que os especialistas da polícia ainda não conseguiam perceber e tão-pouco investigar. Tratava-se de uma verdadeira proeza tecnológica, porque os ecrãs públicos (que, apesar de se chamarem assim, eram negócios privados e cobravam pelas imagens transmitidas) pertenciam a milhares de empresas diferentes nos EUT, pelo que o EJI tivera de se infiltrar em todas elas. Husky viu as imagens dezenas de vezes, tantas que a carnificina começou a perder o seu efeito traumático e se transformou numa banalidade. No entanto, cada vez que passava pelo rosto sombrio de Lizard, continuava a sentir o mesmo beliscão. O exame da longitude dos braços dos três encapuzados, comparada com a medida aproximada das suas cabeças, mostrava que dois deles eram de baixa estatura. Sobretudo o verdugo, a avaliar pelas mãos. Adolescentes, provavelmente. O fundo era uma parede lisa de um material metálico. Poderia ser um laboratório, uma fábrica, um silo. A luz era artificial. Ou estavam num local totalmente fechado ou numa zona horária em que era noite. A rep sabia que a cena fora emitida em direto e sem manipulações. E também sabia o nome de

todos e de cada um dos condenados à morte, além do inspetor. Quanto tempo restava a Paul? Quando o escolheriam? Uma vez, em Potosí, durante os seus dois anos de milícia, numa época particularmente dura, os comandos humanos do esquadrão, que estavam muito bêbedos, puseram-se a jogar à roleta russa com as pistolas de plasma. Eram três e um deles, o capitão, era um psicopata desprezível. Houve uma primeira ronda sem vítimas, durante a qual Bruna esteve todo o tempo a desejar que fosse o capitão a rebentar a cabeça. Mas acabou por não acontecer nada porque alguém avisou o tenente-coronel e acabaram os três no calabouço. Agora a morte dançava outra vez numa roleta russa que ninguém sabia como parar. Com sorte, com muita sorte, dispunha no máximo de treze dias.

Com a autorização do juiz, que aplicara a lei antiterrorista, injetaram Ángela Gayo com zenthotal. As declarações da detida sob o efeito da «droga da verdade» foram exatamente as mesmas que já prestara na altura da sua detenção e todas eram consistentes com os dados que tinham acerca dela. Inacreditavelmente, o envio do pedaço de pele e o desaparecimento de Paul não estavam relacionados e tinham sido simples coincidência. Falaram com a doutora Carlavilla e ela corroborou as suas suposições.

– É evidente que a Ángela não fez nada. Há dois anos que está internada no nosso centro. E não é a primeira vez que se mutila. Infelizmente para ela, tudo começou com a amabilidade de um vizinho. Não estava habituada a ser tratada com simpatia e desequilibrou-se. Apaixonou-se por ele. Aterrorizou-o. A partir daí, começou a automutilar-se.

Contaram mais cinco cicatrizes, nos braços, nos antebraços, nas coxas. Pobre idiota. Nem sequer conhecia Lizard pessoalmente!

Ángela tinha usado como identificação uma chapa civil que não era sua, o que constituía um delito. A dada altura, haveria um julgamento e uma multa, mas, para já, Kai pediu a Bruna que a levasse para o CRGM, enquanto eles, supostamente, se

encarregavam de continuar a investigar. Embora a detetive tivesse a certeza de que não faziam a mais pequena ideia por onde deviam começar.

– Apanha um táxi e entrega-nos depois o recibo.

Quanta generosidade, resfolegou a rep. Ao sair da esquadra, tirou dois cafés do distribuidor e estendeu um a Ángela.

– Nã-nã-não. Obri-obrigada. Nã-nã-não bebemos.

Bruna supôs que o plural era uma referência à comunidade de doidos onde ela vivia. A androide sacudiu os dois copos para aquecer a bebida e bebeu-os um atrás do outro. O seu estômago gemeu e ela apercebeu-se de que estava há vinte horas sem comer nem dormir. Eram seis e meia e começava a amanhecer. Três anos, três meses e doze dias.

Quando entraram no táxi, a rep reclinou-se e fechou os olhos. Talvez conseguisse dormir um pouco até chegarem a Vallecas. Depois não teria tempo.

– Eu po-po-posso... – sussurrou Gayo, ao seu lado.

Bruna não lhe prestou atenção. Dormir. Dormir.

– Eu posso. Acho que posso. Sei que posso. Eu posso descobrir como entraram nos ecrãs públicos! – soltou Gayo de uma tirada.

Pelo grande Morlay!

– Ángela, é isso que tentam, neste momento, todos os especialistas em informática dos EUT. Tu julgas-te mais esperta? – resmungou a androide, arrancada, mau grado seu, da sua agradável sonolência.

– Eu-eu-eu sou um de-de-desses espe-pe-pecialistas. Antes trabalhava co-co-cómo info-info-informática. Eu po-po-posso segui-los. Não me-me-me leves para o centro, por favor. Po-posso ajudar-te.

A testa abaulada, os olhos separados de mais, o cabelo escasso a revelar-lhe o crânio. Parecia um bebé anormalmente grande e velho. Mas estava no Centro de Reabilitação de Grandes Mentas. E a doutora Carlavilla não mencionara algo semelhante a respeito dela?

Bruna telefonou-lhe; sim, de facto, confirmou a médica do terceiro olho, Gayo era um génio informático e, evidentemente, podia ajudar a localizar o EJI, tão bem ou melhor do que os melhores.

Convencer a médica a deixar Gayo provisoriamente sob a tutela de Bruna foi bastante mais difícil. A própria Ángela teve de lhe pedir com uma comovente eloquência gaguejante, prometendo-lhe em troca que tomaria todos os medicamentos e que falaria duas vezes por dia com ela através do telemóvel. Bruna teve de assinar eletronicamente um documento em que se responsabilizava pela mulher; mas assim que o táxi as deixou diante da sua porta de entrada, a rep arrastou Gayo até ao apartamento do arquivista, a dois minutos de distância, para que ele tomasse conta dela. Pobre Yiannis! Ia-lhe enchendo a casa e a vida com todas as criaturas pelas quais, irrefletidamente, se responsabilizava.

Enquanto Yiannis, ajudado pelo entusiasmado *Bartolo*, preparava um pequeno-almoço copioso para todos, Bruna foi a casa, de onde trouxe os remédios de Gayo, que Carlavilla acabara de enviar por um robô mensageiro, e a sua pequena pistola de plasma, que escondia atrás do forno. Quando voltou para junto dos outros, Ángela já tinha instalado o seu centro de trabalho usando o ecrã principal de Yiannis e os dois portáteis que tinha levado para o microapartamento (num deles tinham-na apanhado a ler aquela coisa, como se chamava? *Serras Ventosas?*).

– Vou demorar algum tempo – disse Gayo, com uma dicção perfeita, lançando à rep um olhar sério e intenso.

– Imagino.

Bruna devorava os ovos, o arroz e as algas fritas preparadas pelo arquivista. E se os reféns estivessem em Cosmos? E se, como dizia aquele general especista na televisão, a Terra Flutuante estivesse a ajudar os EJI? Ao que parece, segundo contavam os poucos terráqueos que tinham estado em Cosmos, o local era basicamente um labirinto de paredes metálicas. E, evidentemente, proporcionaria aos terroristas um refúgio perfeito.

Uma repentina sensação de incomodidade fez Husky erguer os olhos. Ángela continuava de olhos fixos nela. Absortos, ardentes.

– Estás a olhar para onde? – irritou-se.

– Ah, eu-eu-eu... nã-nã-não. É que... és muito bo-bo-bonita – disse com timidez.

– Uma beleza! E, sobretudo, muito simpática – troçou Gabi, que saía da cozinha.

Logo de seguida, ouviram o som retumbante de uma porta a bater: a russa com a sua delicadeza habitual, a caminho da escola.

– Melhorou muito – tagarelou alegremente Yiannis, de olhos arregalados. Aquela situação angustiante devia manter a sua bomba de endorfinas em pleno funcionamento. – Refiro-me à Gabi, melhorou muitíssimo! Vê bem que já não tenho de a obrigar a ir para as aulas.

Husky não respondeu; estava a pesquisar informação cruzada sobre o EJI e Cosmos no seu telemóvel. Alguns jornalistas defendiam que na Terra Flutuante havia um campo de treino para os terroristas, onde estes recebiam formação militar. E que tinham sido os cientistas cósmicos a sintetizar o novo explosivo *inferno*. Mas tudo isto pareciam ser suspeitas sem qualquer base de prova. Ah, se pudesse teletransportar-se para Cosmos... mas não podia. A Terra Flutuante tinha um escudo impenetrável aos saltos de TP. Bruna tinha estado duas vezes em Labari, disfarçada e ilegalmente (não eram permitidos andróides nas Terras Flutuantes), mas nunca visitara Cosmos. Podia pedir uma identidade falsa a Mirari e tentar entrar na plataforma orbital sob algum pretexto, mas a crise de Ceres tornara o acesso praticamente impossível. O elevador espacial, que era o transporte oficial entre a Terra e Cosmos, fora temporariamente cancelado. Havia algumas astronaves diplomáticas e outras de carga, mas essa via era ainda mais impenetrável. Lizard podia estar lá preso, mesmo por cima da sua cabeça, e Bruna não era capaz de lá chegar. Que frustração insuportável!

As horas iam passando e o dia avançava até à hora da execução

seguinte. A detetive gostaria de se deixar cair na cama e ficar a dormir durante três anos, três meses e doze dias, até fundir a pequena morte do sono com a morte interminável e verdadeira, mas não tinha tempo. Por conseguinte, depois de torturar o estômago com mais dois copos de café, decidiu dar uma volta pelo Mosca.

Bruna só tinha encontrado um local público chamado Mosca e, a avaliar pelo que lhe dissera a adolescente das tranças, tinha quase a certeza de que se tratava deste. O Mosca ou Movimento Social Comunal Autogestionário, como rezavam os anúncios, era um centro cultural situado em Getafe, que já fora um município, mas que agora fazia parte dos subúrbios de Madrid. De qualquer forma, ficava muito longe e, enquanto a rep ia mudando de tapetes rolantes e de elétricos, teve de suportar o dilúvio atreador dos ecrãs. Tinham localizado quase todos os familiares dos reféns e agora podiam vê-los nos diversos canais, entre lágrimas, a implorar à Presidente Guang que libertasse os presos Ins. Estas mensagens patéticas alternavam com as notícias da crise de Ceres. Ao que parece, os exércitos continuavam a vigiar-se fortemente, frente a frente, sem que a situação evoluísse em nenhum sentido. Mas a guerra não declarada no campo de batalha parecia estar a travar-se entre os comentadores, que se insultavam uns aos outros com uma agressividade inusitada. Uns defendiam que a Presidente Guang devia demitir-se por causa da sua gestão catastrófica e cobarde da crise e outros respondiam que ela era um génio da diplomacia e que, afastada da ribalta, levava a cabo uma ofensiva política inteligente e eficaz; havia também uma percentagem minoritária, mas não desprezível, de charlatões que se referiam elogiosamente a Jan Lago e pediam que a ajuda do magnata fosse aceite. O que dava oportunidade de voltar a ver Lago, com as suas sobrançelas arqueadas de tinta da China, a repetir milhares de vezes a sua oferta da noite anterior.

O prédio que albergava o Mosca era imundo e estranho. Parecia um enorme armazém circular e a parte superior, que sobressaía da fachada, estava escorada. O centro cultural só ocupava um quarto do anel; Husky deu a volta completa e reparou que havia também uma loja de móveis em segunda mão, uma oficina de reparação de robôs domésticos, um infantário e um restaurante de comida rápida

que se chamava Praça de Touros. Por isso, deduziu que o edifício tinha sido um tauródromo, o que mostrava a antiguidade da construção, uma vez que há mais de oitenta anos que as touradas eram proibidas.

O Mosca tinha a porta aberta e via-se uma quantidade de cartazes eletrónicos a piscarem na fachada: «Somos muitos, não estás só», «Atreve-te a mudar o mundo», «Guang *stinka*», «Entra e junta-te a nós», «Polícia *rakataka*»... As pessoas entravam e saíam, a maior parte adolescentes vestidos com os uniformes de guerra suburbanos, cores berrantes, roupas cosidas com agramos, tranças tesas, botas de biqueira metálica. Husky aproximou-se com grande naturalidade e entrou no recinto; lá dentro havia um vestíbulo muito amplo, cadeirões esventrados com pessoas sentadas, um balcão que parecia um bar, grupos de pessoas à conversa. Meia dúzia de portas abriam-se nas paredes: Sala 1, Sala 2, Biblioteca, Auditório...

– O que fazes aqui?

Bruna olhou para baixo. O seu interlocutor era um rapaz com uns vinte anos, forte e grande, embora a rep o ultrapassasse meia cabeça. Usava uma saia escocesa que deixava à mostra as suas pernas robustas e peludas. Tinha as faces perfuradas por duas linhas de pregos. Não lhe ficavam bem. Uma pena. Era muito bonito.

– Estou a entrar e a juntar-me – respondeu-lhe a rep.

– Queres armar-te em engraçada, *boneca*?

– Foi por isso que me barraste a entrada? Porque sou uma rep? Uma *boneca*?

Husky viu-o titubear e concluiu:

– Quer dizer que vocês também são desses?

O rapaz cresceu, desafiador:

– Não temos nada contra os tecnos. Mas tu és de combate. São todos da bófia.

– Eu não.

– Não és polícia?

- Não.
- E o que vens cá fazer?
- Ver. Conhecer. Informar-me. Como todos.

O rapaz olhou para ela durante alguns instantes, reflexivo e carrancudo, mas depois abanou a cabeça e deixou-a passar. Nem sequer leu a sua chapa de identidade. E não a revistou. Claro que Bruna também não o teria deixado, porque levava uma pistola de plasma sob a axila. Enfim, eram ingénuos, inocentes; na realidade, estes pequenos arruaceiros suburbanos tinham bom fundo.

Husky continuou a andar, deambulando pelo vestíbulo sem que ninguém lhe prestasse muita atenção. Aproximou-se do balcão, onde vendiam sandes de frango, de presunto e tortilha. Comprou uma de presunto e deu-lhe uma dentada. O pão parecia borracha e o recheio podia facilmente ganhar o prémio do sucedâneo de medusa mais repugnante do ano. Engoliu o pedaço com dificuldade e atirou o resto para o caixote do lixo. A pessoa ao seu lado no balcão apressou-se a apanhá-la. Com a sandes na mão, a rapariga olhou para Bruna, escandalizada.

- Que desperdício... Como podes...

Começou a devorá-la com fruição. Parecia uma miúda de uns catorze anos, no máximo, embora fosse tão baixinha e raquítica que talvez aparentasse menos idade do que aquela que na verdade tinha. As unhas estavam quebradas e sujas e a sua túnica antiquada também não era um prodígio de limpeza. Quanto aos sapatos, enormes e pesados, talvez os tivesse herdado ou comprado em segunda mão por uma pechincha. Os pés nem lhe deviam chegar a meio da sola.

- Vens cá muito? – perguntou Bruna.

A rapariga negou, abanando a cabeça enquanto mastigava. Depois engoliu e disse:

- Só cá estou há uns dias. Gosto.
- E o que se faz aqui?
- Tudo. Dão aulas. Ajudam-nos. São boas pessoas. E são artistas.

Pintam, fazem teatro. E muitas coisas. Agora há um espetáculo – acrescentou, apontando para a porta onde se lia «Auditório». – Podes entrar, é grátis.

De facto, ouvia-se o retumbar de alguma coisa vinda dali, de modo que a rep decidiu seguir o conselho da rapariga e foi espreitar. Abriu a porta com cuidado e deu por si na parte de trás de uma grande sala com bancadas. Ao fundo ficava o palco, iluminado e ocupado por três rapazes que tocavam kangas, os *tablets* musicais.

– *Se te disserem que é para teu bem, não acredites!* – cantavam os rapazes aos gritos.

E os *tablets* repetiam, distorcendo o som, enchendo-o de ecos, transformando a frase numa cascata atrozadora:

– *NÃO ACREDITES! NÃO ACREDITES!*

– *Só querem multiplicar por cem os gês que cobram!* – continuavam a berrar os artistas.

– *OS GÊS QUE COBRAM! OS GÊS QUE COBRAM!*

Husky avançou pelo corredor lateral até ter uma visão global das bancadas. Levaria umas cem pessoas e nesse momento o auditório estava meio cheio de um público fundamentalmente juvenil, que acompanhava o ritmo do grupo com os pés e cantava em coro o estribilho.

De repente, as costas de Bruna ficaram tensas e todo o seu corpo ficou alerta, mesmo antes de ter consciência dos motivos dessa sua reação. Mas ali estava. Sim, ali estava. Na extremidade da segunda fila, logo do outro lado... Um dos rapazes desaparecidos. O das orelhas de abano. Olhou-o, absorta, sem pestanejar, tentando certificar-se de que era mesmo ele, porque a sala estava às escuras e só o vira numa fotografia tridimensional. Mas tinha de ser; aquelas orelhas eram inconfundíveis. E, já agora... Um momento, um momento! No assento contíguo a do rapaz, a rir e a aplaudir a banda, estava o homem-cavalo, o *barman* da Crate com a crina implantada à moda balabi.

Nesse momento, uma rapariga irrompeu na sala:

– Os *azuis*! Os *azuis* estão a atacar-nos!

O seu grito interrompeu a atuação e todo o auditório se pôs de pé. Bruna saiu a correr à frente da turba e deparou com uma situação tensa no vestíbulo: uma dúzia de polícias fiscais, os temidos *azuis*, tinham entrado no local e dispuseram-se em posição de defesa, armados com espingardas de repetição de plasma e protegidos com aquelas couraças metalizadas de um azul brilhante que os fazia parecer escaravelhos. Um dos *azuis* segurava pelo antebraço a adolescente dos sapatos grandes com quem Husky estivera a falar. A rapariguinha contorcia-se, chorava, quase suspensa no ar pela garra do polícia.

– ... e foi identificada como ilegal, pelo que se procede à sua retirada – dizia o *azul*. – Qualquer tentativa de impedir o cumprimento da Lei será considerada um delito.

Com que então, a miúda era uma *traça*, disse Bruna para consigo sem grande surpresa: fora por isso que não usara a gíria dos subúrbios. Devia ter acabado de chegar de alguma Zona Zero, os sítios mais contaminados do planeta. Se não tivesse antecedentes, deportá-la-iam. À segunda vez, multa ou trabalhos forçados até conseguir pagá-la; à terceira incursão ilegal num setor limpo, acabava na cadeia.

Atrás da rep comprimiam-se as pessoas que tinham saído do auditório. Juntamente com as que estavam no vestíbulo e com as que tinham acorrido de outras zonas do Mosca, somavam mais de uma centena. No silêncio tenso, alguém gritou:

– *Rakataka!*

E imediatamente toda a gente começou a gritar em coro, num ritmo ameaçador e troante:

– Po-lí-cia *ra-ka-ta-ka*, po-lí-cia *ra-ka-ta-ka*.

Os *azuis* pareciam tensos, apesar de toda a parafernália de armas e armaduras. Tinham colocado guardas à porta para garantirem uma retirada expedita, mas devia haver outra saída do Mosca,

porque uma vintena de jovens se tinha concentrado no exterior, diante da entrada.

– PO-LÍ-CIA RA-KA-TA-KA!

O rapaz da saia escocesa e dos pregos na cara aproximou-se do *azul* que segurava na rapariguinha e começou a dizer-lhe alguma coisa que a rep não ouviu. E, de repente, sem qualquer motivo, porque a atitude do rapaz não parecia agressiva, outro agente rebentou-lhe a cara com a coronha da espingarda. O jovem caiu como um autómato repentinamente desprovido de corrente elétrica, com o rosto cheio de sangue. E esse foi o início da batalha.

Com um único grito de fúria, a massa de *moscas* atirou-se sobre os polícias, que começaram a disparar cargas beta, supostamente apenas atordoantes, mas que se sabia já terem sido fatais. Bruna chegou à porta com duas passadas, uma cabeçada e três sopapos indiscriminados. Aquela guerra não era sua e, além do mais, não podia permitir que a detivessem, sobretudo com uma pistola sem licença. Estava quase a sair quando viu uma miúda a agarrar-se à perna de um *azul*. E não era qualquer miúda. Era a pequena russa.

– Gabi!

Ao seu lado, encontrava-se Emma, a amiguinha, com as faces habitualmente acinzentadas vermelhas da adrenalina.

– Bruna, ajuda-nos! – gritou Gabi sem soltar a barriga da perna do *azul*, que estava a lutar com outro *mosca*.

E foi o que a androide fez. Solto Gabi com um puxão, prendeu-a debaixo do braço direito e, agarrando em Emma com o outro, abriu passagem até ao exterior com dois pontapés e afastou-se do edifício a correr.

Mas aquela não devia ser a ajuda que a russa reclamava, porque a pequena selvagem se contorcia, pontapeava e insultava na sua língua, tentando bater na androide com os punhos. Emma, pelo contrário, ia tranquila, inerte e confiante, como os cachorrinhos quando as mães os transportam pelo cachaço.

– Larga-me, larga-me, idiota, larga-me! – berrava Gabi.

Bruna continuou a correr enquanto as pessoas se afastavam com receio à sua passagem. Era uma androide de combate com duas meninas humanas debaixo dos braços, uma delas nada conformada com a sua situação. Como provavelmente alguém acabaria por avisar a polícia, a detetive optou por entrar numa rua secundária e pouco transitada, onde parou. Nesse momento, sentiu uma dor agudíssima no antebraço direito: a pequena russa tinha-lhe ferrado os dentes.

– Rai’s parta, Gabi!

Soltou Emma, agarrou no maxilar de Gabi com a mão esquerda e apertou-lho até a obrigar a abrir a boca. Um regueiro de sangue corria-lhe alegremente pela pele abaixo. Não era a primeira vez que Gabi a mordia.

Pousou a miúda no chão, prendendo-a firmemente por um braço.

– Porque fizeste isto?

– Traidora.

– És um animal.

– E tu és como eles. Renegada.

– Como eles, quem?

Gabi franziu o sobrolho e apertou os lábios. Estava furiosa, mas já não lutava. Tinha abandonado a batalha, coisa rara nela.

– Vamos para casa – sugeriu a vizinha ajuizada de Emma, que não se mexera do sítio onde a androide a pousara.

– Sim, é o melhor – resmungou Husky.

Taciturnas, apanharam um tapete rolante. A ferida latejava dolorosamente, ainda sangrava e Husky não trazia nada na mochila para a tratar.

– Não posso acreditar que me tenhas feito isto. És uma selvagem.

– Está bem, sinto muito – sussurrou a pequena russa.

Bruna olhou para ela, surpreendida.

– É que foi tão triste – interveio Emma. – Pobre *traça*. Era como nós. Quase da nossa idade. Que culpa tem ela de ter nascido numa

zona tão contaminada que a condena a morrer quarenta anos antes daqueles que vivem aqui? E estás a ver, não pode sair de lá porque não tem dinheiro. Enquanto aqui, na zona mais limpa, vivem felizes os que a envenenam. Não é justo, pois não? A Gabi sente-se magoada com estas coisas porque as viveu. Foi por isso que perdeu a cabeça e te atacou.

A pequena russa levantou a cabeça e olhou para a rep. O rosto dela crispou-se:

– Já sei que não te devia morder, mas odeio-te. Odeio-te.

– Está pior do que nunca. Mais violenta e insuportável – queixou-se Husky enquanto Yiannis lhe desinfetava a dentada e a cobria com um penso regenerador.

– Nãooo, Bruna, está a entrar na adolescência, percebes? Os humanos são assim. Tu... bom, tu não sabes, claro, mas nestas idades...

– Claro. Sou o raio de uma rep, um monstro de laboratório. Que hei de saber sobre a verdadeira vida? – observou a detetive com amargura. – Pois garanto-te que a tua Gabi é um monstro ainda maior.

Três anos, três meses e doze dias. Embora agora tivesse uma nova contagem atroz com que ficar obcecada: treze dias. No máximo, treze dias até à morte de Paul.

– Não fiques assim, Bruna. Não disse que eras um monstro. E a menina também não o é. Além disso, não é a *minha* Gabi. Foste tu quem a acolheu! Foste tu quem ma trouxe...

– Sim, já sei. Não mo recordes.

A rep estava tão cansada que nem sabia o que dizia. Mas não podia perder tempo. Eram quatro e meia da tarde. Se os terroristas voltassem a surgir nos ecrãs às onze da noite, só restavam seis horas e meia até à próxima execução.

– E a Ángela?

– Esteve a trabalhar, mas agora foi dormir. Pediu-me que a acordasse às seis. Ainda não conseguiu nada – disse Yiannis.

Bruna resmungou, desesperada e furiosa.

– Vão matá-lo. Vão matá-lo. Nunca pensei que fosse morrer antes de mim – sussurrou, enterrando a cabeça nas mãos.

O arquivista pôs-se a andar muito agitado junto dela, três passos para trás e três para a frente, com a bomba de endorfinas a funcionar a todo o gás.

– Pois justamente, justamente para te animar, repito, para te animar... Vou contar-te. Sabes em que estive a trabalhar nestes

últimos dias? Vê lá, há um novo sistema para verter *memas* em bases de sílica... As mesmas bases que se usam para as vossas memórias artificiais; mas na MemoLab conseguiram sobrepô-las umas às outras de tal modo que agora têm uma capacidade de armazenamento praticamente ilimitada. E puseram-se então em contacto comigo para ver se... como sou arquivista... para que colabore com eles no depósito de memórias reais; não as que escreve um memorista, mas...

– Yiannis, agora estou-me a cagar para isso... Porque pensas que poderia animar-me?

O velho parou de chofre e olhou para ela com uma surpreendida cara de louco:

– Bom, bom ... Não sei, se calhar um dia conseguimos depositar toda a tua memória real, tudo o que tu és, noutro corpo... Se calhar conseguimos que não tenhas de morrer do teu TTT...

Se tivesse forças, a rep teria dado uma gargalhada. Mas não tinha energias para se rir nem para suportar os delírios do arquivista. Sentiu-se a uma distância sideral de todos: daquela fedelha repugnante, da doida da Ângela, que dormia tranquilamente, do velho e estúpido Yiannis, sempre com os seus projetos impossíveis. Ah, que detestáveis lhe pareciam! Bruna sentiu que a sua antiga e feroz misantropia se revigorava e desfrutou disso. O ódio era um alívio.

Uma coisa quente e áspera roçou-lhe a perna. Deu uma olhadela e encontrou o olhar embevecido do comilão, que se tinha abraçado à barriga da sua perna.

– Bruna boa. *Bartolo* pena – disse o bubi com uma comovente expressão de tristeza, tão feio e narigudo, tão barrigudo.

E a seguir começou a beijocar-lhe a perna e a deixar-lhe um regueiro de baba na pele.

Animal estúpido, pensou Bruna, lutando contra os seus sentimentos, contra o calor suave que ia derretendo o gelo da raiva no seu peito. Mas, por fim, não teve outro remédio senão claudicar;

uma derrota em toda a linha, porque pegou no comilão ao colo e afundou a cara no seu pescoço peludo. *Bartolo* tinha um cheiro acre reconhecível, o cheiro tranquilizador da manada. Nunca se tinha permitido uma fraqueza como aquela de abraçar o bubi. Não se reconhecia; que estava a acontecer-lhe? *Bartolo* permanecia muito quieto, provavelmente em êxtase. Depois de uns minutos, Husky pigarreou e pousou-o suavemente no chão.

– Acho que vou dormir umas duas horas. Assim não sirvo para nada – disse.

Era verdade. Percebia-o agora com clareza. Tinha de descansar.

Cinco minutos depois, entrava no seu apartamento. A cama estava por fazer; a casa, suja, cheirava a lençóis suados e a bafio. Ordenou à consola que ativasse a ventilação, que escurecesse os vidros e que a acordasse às vinte para as seis. Depois pousou a pistola na mesa de cabeceira e deixou-se cair sobre o colchão.

Um instante de negrume mais tarde, a campainha da porta acordou-a. Husky saiu do abismo do sonho com um esforço sobre-humano. Levantou-se como um autómato e comprovou que o despertador estava quase a tocar e que as duas horas tinham passado num piscar de olhos. Estava atordoada, entorpecida; farrapos de névoa retardavam-lhe os pensamentos. A campainha soou novamente. A consola mostrava uma mulher forte de cabelo frisado. A rep voltou atrás e, regressando à cama, pegou na pistola. Abriu a porta mantendo-a empunhada e meio escondida atrás da coxa.

– És Bruna Husky – disse a mulher. Era uma constatação, não uma pergunta.

– Hum... E tu?

– Sou Barri Aznárez – apresentou-se, muito segura de si, como se, com isso, estivesse tudo dito.

Husky olhou para a mulher, desconfiada. O cabelo, curto e castanho, estava entremeado de branco, coisa pouco habitual. Era alta para uma humana, talvez um metro e oitenta, e tinha, sem

dúvida, excesso de peso. Grande e redonda, com um rosto vagamente familiar. Por operar, com uns cinquenta anos.

– E? – perguntou a detetive com maus modos.

De repente, um raio de reconhecimento atravessou-lhe a cabeça entorpecida. Aznárez. E aquela cara. Não era possível.

– És... és... – gaguejou, ainda incrédula.

– Sou a irmã do Paul. A irmã do Lizard.

– O Paul não tem irmãos – respondeu Husky, sem estar muito segura das suas próprias palavras. Aquele rosto carnudo, aquelas bochechas, os olhos cor de caramelo escondidos por umas pálpebras pesadas... Eram muito parecidos.

– Claro que tem. Tem-me a mim. Sou a irmã mais velha dele.

– Investiguei-o. Quando detiveram os pais dele, não havia mais ninguém.

– Vamos continuar a falar à porta ou posso entrar?

A rep franziu o sobrolho:

– Vou revistar-te.

– Está bem.

A gorda era dura como uma pedra. Tinha muito mais carne do que Lizard, mas era igualmente maciça. E não trazia armas. Telemóvel também não. Como era possível? Por que diabo não usava o computador móvel no braço? Husky endireitou-se e permitiu que a mulher entrasse. A recém-chegada deixou-se cair com toda a naturalidade numa das poltronas incómodas e feias de pele aditivada, uma impressão barata em 3D que fazia parte do recheio do apartamento pré-mobilado.

– Tenho quarenta e nove anos, mais seis do que o meu irmão. Quando detiveram os nossos pais, eu já vivia longe deles há um ano. Fugi aos treze. Devo dizer que foi muito fácil. Aqueles cabrões nem sequer procuraram por mim.

Vestia umas calças de ganga a rebentar e uma blusa, também de ganga, tão enxovalhada como se fosse de algodão verdadeiro. Tudo muito retro. Isto vai demorar, pensou a detetive, e, com um suspiro,

sentou-se na outra poltrona.

– Mas não teria conseguido se não fosse a Família. Eles acolheram-me e criaram-me. Deram-me amor e ensinaram-me.

– Que família?

– Bom, as pessoas costumam dizer, de forma depreciativa, que somos uma seita. No entanto, quando tudo se afundar, só nós saberemos como sobreviver.

– E vocês são...?

– Os Novos Antigos.

Ah, daí as calças de ganga, o cabelo grisalho, o rosto por operar, a ausência extravagante de telemóvel. Os Novos Antigos era um movimento de retrógrados que viviam da maneira mais natural e menos tecnológica possível.

– Não são vocês que aprendem livros de cor? – perguntou Bruna. Recordava-se vagamente de Yiannis Ihe ter contado algo sobre isso.

– Nãoooo! Isso é um mito com origem num romance famoso do século vinte, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, onde se fala de uma sociedade repressiva que queima livros; para os salvarem, cada um dos opositores memoriza uma obra. Mas nós temos muitos livros, livros maravilhosos em papel, e ninguém os queima. Temos problemas é com o armazenamento de dados e com o conhecimento contemporâneo, porque não queremos usar o Arquivo Central e isso deixa-nos em desvantagem no acesso a informações que nos podem ser úteis. Por isso, cada um de nós especializa-se numa área e aprende os dados de cor. Todos juntos, somos como um computador humano. Eu sou especialista em trivialidades. Por exemplo, dez por cento de todas as espécies animais no mundo são insetos parasitas.

Bruna olhou para ela, atónita. E depois recuperou de chofre a sensatez:

– Vão matar o Paul. Talvez seja decapitado daqui a quatro horas. Não podemos perder tempo com estas coisas.

– Foi por isso que vim. O meu irmão mandou-me uma carta. Uma carta em papel, através de um robô mensageiro. Aqui está.

Husky pegou-lhe com os dedos trémulos. Era uma folha pequena, escrita à mão:

Barri, quase não tenho tempo. Espero que continues a viver no mesmo sítio. Guarda-me estes documentos, são importantes. Não confio nos meus colegas. Não fales com ninguém. Se me acontecer alguma coisa, dá-os à Bruna Husky. Não lhe telefones. Vai vê-la pessoalmente.
Paul Lizard.

E acrescentava a direção da androide. Bruna levantou a cabeça, comovida: só confiava nela. Nela. Lizard.

– Há quatro anos que não falávamos. Mas sim, continuo a viver com a Família – disse Barri, estendendo-lhe duas folhas dobradas.

Husky abriu a primeira. Era uma cópia suprarrealista de um documento de aspeto antigo. O original devia ser um pergaminho, contendo o que pareciam ser os planos de construção de um pássaro mecânico. Em cima, à esquerda, via-se o desenho de um corvo, com metade do corpo coberto com penas naturais e a outra metade depenada, revelando uma armação de madeira e metal. Mais abaixo vinham os diagramas da construção e desenhos parciais com as dobradiças das asas, as patas, a cabeça com olhos de vidro, o bico articulado e o mecanismo do interior do corpo, feito de madeira com rodas dentadas, como as de um relógio. Tratava-se de uma belíssima imagem.

A detetive pousou-a no chão e abriu a outra folha. Era uma página de papel com os seguintes dados, anotados à mão na letra de Lizard:

COGESSEUTE1003542709-35789

KK6#555#UTTT + + 567((P//

17-111-233 SABUD

89-12-34 ORGGG

341-30-57 MIKIS

– Que significa tudo isto? – perguntou a detetive.

– E como raio queres que saiba? Esperava que tu me disseses.

Bruna dobrou as folhas.

– Posso ficar com elas?

– Podes, mas eu também fico. Vou ajudar-te. Desta vez, quero fazer alguma coisa pelo meu irmão. Sempre me senti culpada por o ter deixado com os nossos pais.

Como diabo julga que pode ajudar-me esta gorda excêntrica, acabada de vir da sua seita retrógrada?, pensou a detetive. Mas não tinham tempo para discutir.

– Então vem comigo. Vamos perguntar a um amigo.

– Muito bem. Posso deixar a bicicleta na entrada?

– Hã?

Bruna quase se tinha esquecido da existência das bicicletas. Poucos as usavam, visto serem grandes e incómodas. Quase toda a gente preferia as pranchas planadoras ou os tapetes rolantes. Mas, claro, Aznárez tinha de ter bicicleta.

– É melhor trazê-la cá para dentro – disse Husky.

E começou a arrepender-se de ter aceitado a companhia da mulher.

– Que maravilha de manuscrito – elogiou Yiannis, embevecido e absorto com o diagrama do pássaro. – Com certeza que o original é de velino, o pergaminho mais fino, confeccionado com a pele do bezerro recém-nascido. E o autômato é belíssimo... Pelo que aqui se vê, conseguia andar, mover a cabeça e os olhos, bater as asas, abrir o bico e, com certeza, também grasnar... Mas o mais incrível é que, se não me engano, e não, para quê falsas modéstias, tenho a certeza de que não me engano, o mais incrível é que esta é a assinatura do grande Juanelo Turriano... É extraordinário! Se o original for autêntico, e acredito que sim, trata-se de um documento valiosíssimo. Nem mais, nem menos do que os planos de um autômato desconhecido de Juanelo. Dão-se conta da importância?

Bruna e Barri olharam para o arquivista com aquela expressão pétrea que costuma disfarçar a ignorância total, mas o velho estava tão excitado que nem reparou.

– Vejam: aqui está a assinatura, mesmo por baixo do desenho do corvo, em letra pequena e com uma tinta vermelha que sobressai muito pouco no velino, uma assinatura modesta, se se quiser, mas inequívoca: «*Juanelo Turriano fecit*»... e a rubrica, esta linha reta com um pequeno caracol para a direita. É ele, sem dúvida.

– E... quem é esse tipo? – acabou por perguntar a detetive.

Yiannis observou-a com um deleite professoral que Bruna conhecia bem. Ia dar uma aula magistral. Desde que o tinham despedido do Arquivo Central aquando da crise especista,¹⁰ os seus arrebatamentos didáticos tinham piorado.

– Pois bem, Juanelo nasceu em Cremona, Itália, em 1500. Veio para a corte espanhola de Carlos V em 1530 e o imperador nomeou-o relojoeiro da Corte. Fabricou para Carlos V dois famosos relógios astronómicos, mas era, além disso, um matemático magnífico que participou na elaboração do calendário gregoriano e, por acréscimo, um engenheiro portentoso, que construiu o chamado «Artifício de Juanelo», uma enorme máquina hidráulica capaz de puxar

dezassete mil litros de água por dia até ao Alcácer de Toledo, ultrapassando um desnível de mais de cem metros. Aliás, o coitado do homem arruinou-se com esse trabalho prodigioso, porque nem a cidade, nem o rei Filipe II lhe pagaram o combinado. Morreu em 1585 na indigência. Bom, acabei de rever as datas no meu telemóvel para as citar corretamente, mas enfim... – concluiu com falsa modéstia.

– Bom, mas que tem isso a ver com o pássaro mecânico? – resmungou a impaciente Husky.

– Calma, já lá vou, já lá vou. Colmatar os buracos insondáveis da incultura leva o seu tempo... De facto, Juanelo era um construtor de autómatos inacreditável. No Museu de História da Arte de Viena conserva-se uma das suas criações: uma dama da corte com alaúde, que mede o mesmo que uma marioneta e toca música. Mas a sua obra mais famosa foi o «Homem de Pau», que tinha tamanho humano e percorria as ruas de Toledo pedindo esmola... Juanelo construiu-o quando estava na ruína, em parte para conseguir dinheiro com que viver, em parte para afrontar o rei Filipe II, que não lhe pagara... A Inquisição considerou o boneco diabólico e contam que mandaram destruí-lo à pedrada, ou seja, foi lapidado... Pois bem, acontece que Juanelo era amigo íntimo de El Greco e parece que no seu conhecidíssimo quadro *O Enterro do Conde de Orgaz*... Sabem quem foi El Greco? Um pintor grego muito célebre na corte espanhola do século dezasseis? Bom, não interessa. Então, este famoso El Greco tem um quadro magistral, intitulado *O Enterro do Conde de Orgaz*, que alguns dizem fazer referência ao Homem de Pau. Em primeiro lugar, por causa de um pequeno retábulo que existe na parte de baixo do quadro, onde se representa a lapidação de Santo Estêvão; mas, sobretudo, devido ao estranho monge de hábito cinzento e perfil um pouco rígido que está à esquerda da tela, em primeiro plano... Se repararmos bem, o rosto dele não parece ser realmente de carne, até pela cor. Além disso, ao seu lado está uma criança que olha para o espectador. Tem no bolso um

lenço com a assinatura de El Greco e uma data, 1578, que não é a do quadro, mas talvez a data de quando Filipe II se recusou a pagar a Juanelo, e aponta com o dedo para um bordado na casula do padre, que poderia interpretar-se como o símbolo de uma moeda de ouro, ou seja, da dívida... Devo dizer-vos, no entanto, que muita gente considera que tudo isto que acabei de vos contar, incluindo a própria existência do Homem de Pau, é pura lenda. A data do lenço do menino, por exemplo, sempre foi interpretada oficialmente como a data do nascimento do filho de El Greco, que se supõe ser representado por essa figura... Mas a mim parece-me que o quadro de El Greco está cheio de signos e de indícios bastante enigmáticos e, para dizer a verdade, penso que o Homem de Pau existiu. Durante séculos, também se julgou que outro famoso autómato de Juanelo, um «São Diego» composto por mais de mil peças, era lenda, até o terem encontrado em Genebra em 1977. Encontra-se atualmente no Instituto Smithsonian, em Washington, e é prodigioso. Caminha em várias direções, move a cabeça, a boca, os olhos, brande um crucifixo e dá golpes no peito... Continua a funcionar, tantos séculos passados. Assim, porque não acreditar em tudo o resto?

Bruna olhou para as horas: 20h05. Gemeu interiormente. Estavam a ficar sem tempo. Um véu de sangue nublou-lhe a visão.

– Pois, tudo isso é muito interessante, mas o que fazemos com essa informação? De que nos serve? Por que razão o Lizard o tinha? Vão matá-lo, Yiannis.

O arquivista, de chofre, ficou sem palavras, como se acabasse de sair de um sonho. Puxou pelos cabelos ralos, preocupado.

– Sim... Claro...

– Tenta obter todas as informações possíveis acerca desse pássaro, Yiannis. Ajuda-me a descobrir se Juanelo o construiu por sua conta ou se foi alguma encomenda e, se assim foi, para quem o fez... E onde está. Isso seria formidável. Saber onde está – considerou a detetive.

- Se é que chegou a construí-lo. Mas sim. Vou dedicar-me a isso.
- E os números e letras da outra folha? – perguntou Barri.
- Não faço ideia. Esperem...

Copiou os dados no motor de busca geral do Arquivo Central e, depois de um minuto de demora, o ecrã indicou: «Não há correspondências».

– Bom, não te preocupes, isto não significa nada, é por ser o nível de pesquisa mais elementar. Também me dedicarei a isso.

Um calafrio percorreu as costas de Husky. Uma sensação ténue, mas incómoda. Voltou-se bruscamente e lá estava aquela mulher estranha, Ángela, com o cabelo ralo e a testa abaulada, olhando-a sem pestanejar. Desagradável.

– Ah, és tu. O que se passa?

– Ten-ten-tenho algo. Al-al-algo que te pode interessar.

Tremia-lhe a voz. Parecia muito nervosa. Inspirou profundamente e depois disse com segurança e sem tropeços:

– Sabemos que em todos os EUT há milhares de empresas privadas que administram as páginas públicas. Mas se formos subindo de nível e olharmos para os grupos em que estão integradas, para as firmas associadas e para os conselhos de administração, vemos que, pouco a pouco, vai acontecendo isto...

Gayo projetou a imagem a partir do seu telemóvel e agora todos podiam ver como as colunas compridas com os nomes das sociedades se iam unindo e fundindo, tornando-se cada vez mais curtas, até ficarem reduzidas, finalmente, a meia dúzia de empresas.

– Estas cinco aqui são as únicas totalmente independentes e são pequeníssimas. Ficam em zonas remotas. Mas esta, Paseris, é um grupo empresarial imenso, com interesses diversificados: farmacêuticas, transportes, eletrónica e outras áreas; não tive tempo para ver tudo. Ora bem, o mais importante é que a Paseris está relacionada, seja por partilhar acionistas ou conselheiros de administração, seja através de filiais, com todas as empresas dos ecrãs públicos do mundo.

– Como? Não percebo... – disse Aznárez.

– Quero dizer que cada uma desses milhares de empresas gestoras respondem, de alguma forma, à Paseris. E agora vem o mais importante: o suporte operacional de todos os ecrãs públicos do mundo, à exceção daquelas cinco empresas minúsculas, é fornecido pela Paseris. Assim, basta furar a segurança desta. Ainda não sei como o fizeram, mas a verdade é que não têm de invadir milhares de sistemas, como julgávamos, bastando-lhes invadir um. Foi muito mais fácil. Além disso...

Uma explosão interrompeu-lhe as palavras. O estrondo soara no exterior, mas muito perto, e agora ouvia-se uma gritaria. Os quatro correram até à varanda. Estavam no terceiro andar de um prédio com mais de duzentos e cinquenta anos e a varanda, dotada de um velho gradeamento de ferro, dispunha de um espaço muito estreito. Aí se comprimiram Yiannis, Bruna, Barri e Ángela, comprovando que a rua estava cheia de gente que parecia furiosa. Ouviu-se outro estrondo: era um petardo. Cartazes tridimensionais, cor de fogo, tremiam por cima das cabeças, pedindo a demissão de Guang e de Chem Conés, o presidente regional de Espanha; os nomes deles apareciam envoltos em chamas virtuais. «Políticos cobardes, estamos a arder», gritavam em coro, e também «São mais que incompetentes, são assassinos indecentes».

Nesse momento, apareceram a pequena russa e a sua amiga Emma e tiveram todos de se apertar ainda mais contra o varandim para lhes dar lugar. Será segura esta velha varanda ou cairemos todos no vazio?, inquietou-se Husky. Alguém se tinha encostado de tal maneira às suas costas que quase lhe era impossível respirar; olhou por cima do ombro e viu que era Ángela. A sério que precisa de estar colada a mim desta maneira?, irritou-se a androide; e, com um empurrão da anca, afastou-a uns centímetros.

«Vão ver o que são sarilhos se morrem os nossos filhos», rugia a multidão. À direita ouviu-se uma nova explosão e um tapete rolante começou a arder. Embora esta manifestação fosse muito mais

violenta do que a organizada contra o aumento da água, os PAC de assalto mantinham-se a uma centena de metros de distância, em formação, mas descontraídos, e não pareciam estar muito dispostos a intervir. De repente, todos os ecrãs públicos se sincronizaram e apareceu novamente Jan Lago. Hoje vestia uma jaqueta verde de colarinho duro e alto que fazia lembrar um dólman militar.

– Amigos! Sei que estão tão desolados como eu. Dentro de duas horas, aqueles terroristas anticapitalistas, amparados pelo estado comunista de Cosmos, porque eu não tenho a mais pequena dúvida de que agem conjuntamente, enfim, esses miseráveis assassinarão com toda a certeza outro dos nossos rapazes, outra das nossas raparigas, os guerreiros, os mártires da nossa civilização e do nosso modo de vida.

As massas vibraram.

– E, enquanto isso, o que fazem as pessoas que deviam estar encarregadas de nos defender? Eu digo-vos. Não fazem NADA. Não fazem NADA!

«Assassinos!», clamava a multidão.

– Nem na frente de Ceres, onde tudo continua congelado, nem contra estes terroristas, que não passam de um punhado de assassinos adolescentes fanáticos, mas que puseram em xeque a humanidade. E porque é que isso acontece? Porque há muito tempo que esta sociedade perdeu os valores que sempre a estruturaram. Porque quebrámos a nossa tradição. Porque não sabemos quem somos. Somos andróides, somos alienígenas, somos mutantes? Não, senhor! Somos humanos! Humanos! E temos de recuperar o orgulho do longo legado da nossa humanidade.

Novamente o discurso especista e supremacista, enfureceu-se Husky. Em todas as crises, independentemente da causa que as originasse, os reps acabavam sempre por pagar.

– Hoje estendo a minha oferta de ajuda a estes dirigentes ineptos e corruptos! Estou disposto a custear um exército, um corpo militar profissional e eficiente, constituído por humanos terrestres, capaz

de lutar pelos nossos interesses. O tempo está a acabar; aconselho-vos a aceitarem a minha proposta, caso contrário, iremos procurar outras soluções. Se o sistema não nos defende, teremos de ser nós a defendermo-nos do sistema.

Estas foram as últimas palavras do milionário. A transmissão acabou e a multidão explodiu em aplausos.

E todos os presentes se puseram a gritar o chavão, em coro e com fervor.

– Es-es-este é u-u-um deles – sussurrou Ângela, novamente colada às costas da rep como uma segunda pele.

– O quê?

– Esse hom-hom-homem, esse Lago que-que-que acabou de-de-de falar... É um dos con-con-conselheiros de administração da Paseris.

Tanto o Governo Regional como o Global tentaram ocultar a emissão pirata do EJI, sem sucesso. Às 23h00 UTC + 1, os terroristas voltaram a ocupar os ecrãs públicos de todo o planeta, proclamaram a sua pomposa mensagem de ameaça e decapitaram um polícia muito jovem que soluçava, aterrorizado como uma criança. Foi pavoroso. Finalmente, os encapuzados acrescentaram uma nova petição às suas exigências: derrogação imediata das taxas energéticas que impediam as pessoas sem recursos de viverem nas zonas menos contaminadas.

– Essa é uma boa exigência – grunhiu Yiannis.

Bruna olhou para ele, atônita:

– Não falas a sério...

– Sim; quer dizer, não, não estou a favor dos Ins, mas o que estão a pedir é, em si mesmo, muito justo e necessário. Tu sabes que essas taxas são uma fraude. Quando passou a ser proibido cobrar pelo uso do ar, as empresas energéticas inventaram-nas como substituição. São uns animais. Não olhes assim para mim, sou totalmente contra os terroristas... Mas também te digo que, se eles começarem a colocar questões deste tipo, é possível que acabem por se tornar populares.

Husky franziu o sobrolho, recordando-se da fúria selvagem de Gabi depois da detenção da *traça*. Ruminou em silêncio as palavras do arquivista. O espetáculo da execução fora demolidor e arrepiante, mas talvez Yiannis tivesse razão e os Ins acabassem por conquistar apoios. Bruna tinha aprendido na sua curta vida que os humanos eram especialistas na arte de desumanizar os seus semelhantes. Rapidamente, metade dos terráqueos seria capaz de assistir, em direto e sem pestanejar, às degolações.

Doze dias no máximo para salvar Lizard. Quão longo lhe parecia agora o prazo da sua própria condenação: três anos, três meses e onze dias – era uma da madrugada de terça-feira, 18 de fevereiro. Bruna estremeceu. Tinha conseguido ver o inspetor durante alguns

segundos; pareceu-lhe que tinha uma ferida numa das sobrancelhas, e mais tarde, ao rever e ampliar as imagens, verificou que, de facto, se tratava de um pequeno corte com uma crosta de sangue seco. Tinham-lhe batido; talvez tivesse tentado fugir.

Bruna levantou-se da cadeira e foi até à janela. A noite estava mais silenciosa do que o costume; a cidade, atemorizada com a situação, enroscava-se sobre si própria. Nos ecrãs públicos viu refletirem-se, dez vezes seguidas, as caras alteradas e chorosas dos pais do jovem guarda assassinado. Um ressonar sonoro chegou-lhe do quarto; era a irmã de Lizard, a quem tinha cedido a cama quando ambas regressaram a casa. A calma geneticamente reforçada da androide permitia-lhe continuar a raciocinar, a trabalhar e a evitar que gritasse de dor como aqueles pobres pais; mas, mesmo assim, Husky sentia a angústia como uma corda de nós a apertar-lhe o estômago. Aproximou-se da mesa do *puzzle* e tentou desanuviar a cabeça, concentrando-se nos perfis das pequenas peças impressas e nos jogos de luzes e sombras da imagem. Esforçou-se para colocar nem que fosse mais um fragmento, mas cinco minutos depois rendeu-se, sem ter conseguido nada.

– Nem consigo pensar! – desesperou-se em voz alta.

Apetecia-lhe beber um copo de vinho mas, em vez disso, agitou o seu enésimo copo de café e engoliu-o. Um robô mensageiro acabara de lhe trazer uma dúzia de cafés instantâneos. Voltou à cadeira, diante do ecrã principal, e continuou a vaguear pela Rede. Procurou informações sobre o assalto ao Mosca e não encontrou nada nos meios de comunicação oficiais, mas nos fóruns alternativos descobriu protestos furiosos e inflamados. Além de levarem a rapariga da Zona Zero, os *azuis* também detiveram o jovem da saia escocesa, que ela reconheceu imediatamente nas imagens devido aos vistosos pregos nas faces. Era uma informação dececionante, porque Husky tinha esperança de que tivessem capturado o rapaz das orelhas proeminentes, o presumível Ins, se é que o orelhudo que vira de passagem no centro cultural era

realmente o adolescente desaparecido.

Pensou por instantes em telefonar a Kai para lhe perguntar se havia novidades, mas achou mais prudente não o fazer; Lizard tinha dito que não confiava nos colegas. Nem sequer na inspetora rep?, interrogou-se com um ligeiro adejar de esperança. Depois de alguns segundos de indecisão sobre o que fazer, começou à procura de informações sobre Jan Lago.

O autoproclamado salvador da crise era um milionário de segunda geração, filho de Dom Lago, um cientista brilhante que construíra um império na indústria farmacêutica e cujos laboratórios tinham descoberto e comercializado o *Nemeprot*, o medicamento que acabara com o Alzheimer, tornando Dom Lago multimilionário. O patriarca tinha morrido há décadas, com cerca de cem anos, e Jan Lago ia já nos oitenta e nove, tão bem disfarçados com operações que não os aparentava de todo. Era um homem reservado e enigmático que não concedia entrevistas e quase não aparecia em público, uma inacessibilidade que favorecia a difusão de rumores em torno da sua pessoa. Cada um dos negócios de Lago era dirigido por um dos seus filhos; pelos vistos, tinha cerca de uma vintena e a lenda defendia que todos eles tinham sido gerados por fecundação *in vitro* em barrigas de aluguer, sem qualquer contacto sexual com o magnata. Os filhos eram todos varões, circunstância extraordinária e obviamente muito suspeita, porque a Lei não permitia a seleção de sexo, a não ser em caso de doença hereditária associada aos cromossomas de género. Ao que parece, cada rebento tinha o mesmo nome do pai, mas com o acrescento consecutivo de uma das letras do alfabeto: Janá, Janbê, Jancê e assim sucessivamente. Que grande mentecapto, pensou Husky, dando uma rápida vista de olhos às empresas. De repente, teve de reprimir um vômito inesperado: Lago era o proprietário da TriTon, o laboratório de gestação de tecno-humanos que a criara! A detetive engoliu com esforço a saliva acre que lhe enchia a boca. Ela própria era um produto dos negócios de Lago, ela própria era

parte dos seus lucros chorudos. Bom, ela e as outras onze Huskys, porque faziam doze cópias de cada clone. Recordou com saudade Clara, a sua irmã genética, morta violentamente há poucos meses, e um alfinete de mágoa arranhou-lhe o coração.¹¹

Respirou fundo para tentar ultrapassar a vertigem e o asco e continuou a investigar os negócios do magnata. Vários laboratórios farmacêuticos, evidentemente; indústrias aeroespaciais e de armamento, energia solar e maremotriz; robótica anatómica... Não surgia nenhuma firma de ecrãs públicos.

Nesse momento, recebeu uma chamada holográfica no seu telemóvel: era Kai.

– O que fazes, Husky? – pespegou-lhe a tecno, assim que Bruna atendeu.

– São duas da manhã. Estou a dormir.

– E dormes sempre assim, vestida e sentada numa cadeira?

– Está bem. Tento encontrar pistas. Sem sorte até agora – respondeu Bruna, cautelosa. – E vocês?

– Na mesma, basicamente. Diz-me, o que fazias esta tarde no Mosca?

A detetive ficou alerta:

– Quem te disse que estive no... nesse sítio que mencionaste?

– Estás a ver, sou o raio de uma adivinha. Não me faças perder tempo, Husky. Apareces nas imagens feitas pelos *azuis* durante a operação.

– Ah, está bem. Estás a interrogar-me oficialmente?

– Diz antes amistosamente. Na realidade, faço-te um favor ao dizer-te que apareces na operação.

Seria de facto um favor? Que procurava Kai? Seria dela que Lizard desconfiava? Todas as campainhas do alarme paranoico de Bruna dispararam. A detetive já tinha sofrido no passado a traição de um androide que Cosmos conseguira comprar, proporcionando-lhe uma tecnologia que lhe permitiu triplicar o seu tempo de vida. Salvar-se da morte terrível e precoce dos reps era um motivo

convicente para se deixar corromper.

– Hum... Achei que o Mosca, sendo um centro de reunião da juventude radical, poderia ter alguma relação com os Ins. Um tiro no escuro; não sei bem que rumo seguir. Até agora não descobri nada – disse Bruna com cautela.

Pensou se, na gravação, a viam sair a correr com as duas crianças debaixo dos braços. Tinha sido uma coincidência, mas parecia muito suspeita.

– Sim, de facto não foi mal pensado. Vigiar o Mosca.

– Bom, a verdade é que não tive tempo para nada. Os *azuis* apareceram logo a seguir e lixaram tudo.

– A polícia fiscal é assim. Acham-se uns reizinhos. E as miúdas? Uma era a tua russa, não era?

Sim, tinham-na visto.

– Foi uma surpresa para mim. Não fazia ideia de que estavam ali. Uma é a Gabi, sim. E a outra, uma colega de escola. Parvoíces que fazem os humanos imaturos; sabes como é.

– Pois. Se calhar, mais do que vigiar o Mosca, devias vigiar essas miúdas. A mim, parecem-me bastante radicais.

– Por todas as espécies, têm doze anos!

– Os humanos conseguem ser merdosos em qualquer idade.

Bruna sentiu-se incomodada perante a aspereza das palavras de Kai, embora há muito pouco tempo pudesse ter subscrito integralmente essa frase. Mas agora a rep apercebia-se de que alguma coisa se modificara no seu íntimo. Talvez se devesse à sua relação com Lizard e até à sua proximidade com a bravia Gabi. Resfolegou, decidida a mudar de assunto e, de caminho, lembrou-se de lançar um isco.

– A propósito, este Jan Lago que está tão empenhado em salvar-nos a vida parece-me bastante suspeito. Sabes que está relacionado com dezenas de empresas de ecrãs públicos?

– Sim, claro. Mas pior do que isso é o megagrupo Paseris, a que ele também pertence. É a Paseris quem gere todos os ecrãs dos EUT.

Falámos com Lago. É um tipo muito resvaladiço, mas está a ajudar-nos bastante. Conseguiu que os técnicos da Paseris fechassem a brecha por onde entravam os Ins. Bloqueámo-los. Receberemos a próxima mensagem deles, mas não aparecerão nos ecrãs públicos e as pessoas não a verão diretamente.

Isso daria uma folga aos Estados Unidos da Terra e aos seus governantes, pensou a rep. Mas ela precisava de ver as imagens em direto.

– Eu tenho de as ver, Kai...

A inspetora assentiu vagamente. O seu rosto fino e delicado entristeceu-se.

– Percebo... Verei o que posso fazer.

– Também gostaria de falar com Lago – acrescentou Husky.

– Porquê? Sabes alguma coisa que não me tenhas contado?

A detetive refletiu por instantes. Não, sobre o magnata não tinha nenhuma informação. Só intuições imprecisas e uma antipatia imediata.

– Não, não sei nada acerca dele. Mas intriga-me – respondeu com uma autenticidade enfática.

– Não é boa rês, de certeza. É o proprietário do TriTon.

As duas entreolharam-se durante umas décimas de segundo, num silêncio intenso e cúmplice.

– Não sei se conseguirás vê-lo, mas amanhã à tarde, ou seja, hoje, dentro de algumas horas, ele lança uma campanha a favor de seres biónicos no Museu de Novas Tecnologias de Madrid. É às dezanove. E é uma cerimónia pública. Suponho que te deixarão entrar.

– Obrigada, Kai.

– Espero poder agradecer-te, eu também, a dada altura. Se fores a isso do Lago e descobrires alguma coisa, avisa-me.

Desligou abruptamente, sem se despedir. Dois segundos depois, um *Bartolo* alegre atirou-se a Bruna, disposto a abraçá-la, e atravessou o corpo da androide de um lado ao outro.

– Ohhh! – gemeu o bubi, aparecendo no outro lado da rep com uma expressão desolada de espanto.

O pobre comilão não conseguia perceber o mistério das comunicações holográficas. O arquivista, que tinha feito a chamada, pegou em *Bartolo* ao colo.

– Olá, Yiannis, o que se passa?

– Julgo que sei... bom, que sabemos. A Ângela ajudou-me muito. Julgo que sabemos o que significam as letras e os números.

O coração dela parou entre dois batimentos.

– O que é?

Gayo apareceu num dos cantos da holografia. O seu rosto estranho e torturado tornava-se ainda mais inquietante por não se conseguir ver o resto do corpo, reduzido a uma cabeça flutuante. A mulher olhou para Bruna com a fixação do costume.

– Bom... – disse o arquivista, pigarreando de pura emoção e carregando no telemóvel para projetar no ar as filas de números e de letras recolhidas do documento de Lizard: – O mais importante é a primeira linha, a mais comprida: COGESSEUTE1003542709-35789. São as coordenadas de um lugar no espaço. As letras significam Coordenadas Orbitais Geoestacionárias Serviços Secretos Estados Unidos da Terra Este. São medições efetuadas pelos serviços secretos dos EUT relativamente a um objeto em órbita geoestacionária, ou seja, que não se move relativamente à Terra. E os números seguintes indicam-nos que está a 100 3542709 graus de longitude este e a 35 789 quilómetros de altura. Como sabes, não é costume indicar-se a altura nas órbitas geoestacionárias, o que demonstra uma precisão locativa extremamente afinada. As coordenadas estão escritas de uma forma inusual, com a letra «E» deslocada e sem acrescentar o «K» aos quilómetros, com certeza para que o significado da anotação passasse despercebido e para que não aparecesse nada se o introduzíssemos no motor de busca, como eu fiz. Naturalmente, não é necessário dar a latitude porque, por ser uma órbita

geoestacionária, a latitude é sempre zero. E esse lugar...

– ... fica em Cosmos... – sussurrou Husky.

– Exatamente. As coordenadas indicam um ponto exato em Cosmos. Concretamente, um dos nodos exteriores.

A estrutura da plataforma orbital de Cosmos era uma rede de triângulos equiláteros cujos vértices eram esferas ou nodos habitáveis, interligados entre si por meio de tubos. Estes triângulos uniam-se para formar tetraedros, os quais se combinavam até comporem uma enorme pirâmide de esferas e tubos que parecia flutuar no espaço.

– Quanto às outras cinco linhas – prosseguiu o arquivista –, são um acesso à Ultratumba, sabes, a zona mais sombria da Rede obscura. Comunicações venenosas, blindadas e ilegais.

Sim, Husky sabia. Os governos andavam há décadas a tentar controlar esse inferno eletrónico sem nenhum sucesso, o que levava a receosa detetive a desconfiar de que, na realidade, não queriam controlá-lo.

– A primeira dessas linhas, KK6#555#UTTT+ +567((P//, é um dos portais da Ultratumba. Há dezenas, embora os alterem frequentemente. Além disso, não basta ter a direção de acesso, é preciso dispor das palavras-passe adequadas.

– Diz-nos que as outras linhas são as palavras-passe... – sussurrou uma voz junto ao ouvido de Bruna.

A rep sobressaltou-se. Tinha-se esquecido da irmã de Lizard e não a sentira levantar-se da cama nem chegar à sala. Barri estava de pé atrás dela.

– São, mas... Olhem, veem este espaço destacado?

Yiannis tinha premido uma tecla e no computador diante dele fluía a página de acesso à Ultratumba. Um ecrã completamente vazio, exceto por um quadrado em branco.

– É preciso inserir aqui a primeira linha, 17-111-233 SABUD... E, como veem, abre-se outro ecrã igual. Inseri no novo quadrado a palavra-passe seguinte, 89-12-34 ORGGG... E depois 341-30-57

MIKIS... E, finalmente, 98-777-302 NEHHE... E vejam o que aparece.

Enormes letras vermelhas cintilantes atravessaram o ecrã: «Acesso caducado».

– Oh, bolas – dececionou-se Bruna.

– Sim, é uma pena. Mas a Ángela conseguiu entrar remotamente no computador do Lizard e resgatou a última imagem que o inspetor viu depois de utilizar estas palavras-passe. É esta...

Era uma imagem fixa, de qualidade medíocre. Uma dezena de figuras com capuzes vermelhos e com o que pareciam ser espingardas de repetição do letal e proibido plasma negro entrincheiravam-se atrás de um muro baixo. Diante deles, do outro lado do muro, um robô com uma pistola. Ao fundo, de pé, duas pessoas com capuz observavam a cena.

– Parece... parece um campo de treino militar... – disse Bruna, sentindo eriçar-se a penugem das costas.

– É o que julgamos.

– Quer dizer... um campo de treino dos Ins em Cosmos... Nesse nodo de Cosmos que as coordenadas assinalam.

– É o que pensamos.

Husky observou a fotografia, atenta e concentrada. Com quase toda a certeza, tanto o chão como a parede do fundo eram de ligas metálicas, um ambiente semelhante ao que se adivinhava nas ligações dos EJI. Na imagem, o material tinha uma tonalidade mais clara, mas poderia tratar-se de uma simples diferença de iluminação. Era muito possível que os reféns também estivessem ali, na Terra Flutuante. As mãos doíam-lhe e ela apercebeu-se de que tinha os punhos cerrados e de que estava a cravar as unhas nas palmas.

– Tenho de ir a Cosmos. Imediatamente.

– Temos – grunhiu Aznárez. – Vou contigo.

– Impossível. A crise de Ceres interrompeu as comunicações. O elevador espacial de Cosmos não funciona desde a invasão do

planeta anão – lembrou Yiannis.

– Não pode ser... Com certeza que há outras maneiras de lá chegar.

– Astronaves?

– Sim, os embaixadores de Cosmos usam-nas como malas diplomáticas mas, como deves compreender, tu não as vais poder usar...

– Hum... Esperem um momento.

Husky telefonou a Mirari. Ela demorou a atender e, quando apareceu, o seu rosto ostentava uma coroa emaranhada de cabelos brancos e uma expressão ensonada de mau humor.

– Mirari, desculpa as horas, mas preciso de falar contigo através de uma comunicação blindada.

A mulher franziu o sobrolho e desligou. Menos de um minuto depois, a cara dela voltou a iluminar-se.

– Ativei um aparelho de distorção dupla. Julgo que estamos mais ou menos seguras. Pelo menos durante alguns minutos. O que se passa?

Bruna fez um resumo rápido.

– Ocorre-te alguma maneira de eu poder ir até Cosmos? – acabou por perguntar.

– Podermos. Eu também vou – insistiu Barri.

Husky reprimiu com dificuldade a sua irritação. De maneira nenhuma ia carregar com o empecilho daquela gorda ultrapassada, ignorante e fora de forma.

– Bom, há os bandistas... – disse Mirari, pensativa. – Embora sejam muito desagradáveis.

– Bandistas?

– Sim, as pessoas que negociam produtos ilegais... Levam para Cosmos mercadorias acima da cota e livres das taxas com que os EUT as oneram...

– Contrabandistas. Chamam-se contrabandistas – esclareceu Yiannis.

– Pois... isso. Foi o que eu disse, bandistas.

As Terras Flutuantes possuíam uma autonomia energética e alimentar quase total, mas, mesmo assim, precisavam de algumas matérias básicas, como superenzimas ou terras raras, que os EUT lhes vendiam a um custo muito elevado. Graças a estes bens, o mercado negro florescia.

– Podias pôr-me em contacto com eles? Achas que me levariam numa das suas viagens?

– Nos levariam – concluiu Barri, colada como uma melga.

– Cala-te, Aznárez – resmungou Husky.

– Conheço alguns. Eu pergunto-lhes. A boa notícia é que são tipos sem escrúpulos e de uma cobiça insaciável. Vivem para arrecadar dinheiro e seriam capazes de vender os próprios filhos, de modo que aceitarão se lhes ofereceres um acordo apetecível. A má notícia é que te vai sair caríssimo. Não creio que possas pagar.

Husky sentiu que o mundo escurecia, como se alguém tivesse diminuído a luz. É verdade. Não tinha dinheiro.

– Po... podemos hipotecar a minha casa – sugeriu o arquivista.

A rep olhou para ele com carinho:

– Obrigada, Yiannis. Mas demorariam a conceder-te a hipoteca, se a concedessem...

– E não acredito que fosse suficiente – afirmou Mirari.

O negrume crescente apertou a garganta de Bruna. Custava-lhe respirar.

– Eu-eu-eu po-po-posso pagar-lhes... – sussurrou Ángela num fio de voz.

Todos os olhares se fixaram nela.

– Tu?

Ela pigarreou.

– Sou ri-ri-rica. Tenho di-di-dinheiro. Além disso, está e-e-em numerário, são gês em notas. Dou-te o que precisares, Bruna.

À medida que falava, Gayo ia adquirindo segurança e elevava o tom de voz. A tecno olhou para ela, atónita, e lembrou-se de que a

médica do CRGM tinha comentado que Ângela era uma profissional muito cotada. Husky sentiu uma pontada de culpa. Não tinha tratado nada bem aquela doida.

– Muito obrigada, Ângela – disse, genuinamente agradecida. – Mas tu ouviste a Mirari: sairá muito caro.

– Posso responsabilizar-me por isso. A sério que tenho muito dinheiro. Sempre me pagaram bem. Sou boa no meu trabalho – disse.

Por instantes, uma centelha de orgulho embelezou os seus olhos demasiado separados e desenxabidos. Quando se sentia segura de si própria não gaguejava. Que estranhos eram os humanos, pensou Husky.

– Estou a dizer-te que vou contigo – enxofrou-se Aznárez.

– E eu digo-te que não vais. É uma viagem muito perigosa e não posso perder tempo nem energias a cuidar de ti – resmungou Husky.

Discutiam em voz baixa para não serem ouvidas, mas a raiva tremia-lhes nas palavras. Mirari tinha falado com um bandista conhecido como Jaco e chegara a um acordo. A violinista tinha preparado uma desculpa vaga e pouco credível para justificar o seu pedido, mas o tipo nem quis saber porque queriam ir a Cosmos. Tão-pouco aceitou levar Bruna porque achava muito arriscado. No entanto, estava disposto a vender-lhe o seu pequeno vaivém. Era um chão velhíssimo e, como toda a gente sabia, Jaco andava a querer trocá-lo há muito tempo. A venda far-se-ia de forma legal, deixando rasto. Se a androide tivesse problemas na Terra Flutuante, ele limitara-se a vender-lhe a astronave. O que a rep fizesse depois com ela não era da sua responsabilidade. O preço oficial do veículo seria de 200 000 gês. Mas, na realidade, teria de lhe dar meio milhão. Ángela ouviu, imperturbável, este valor alucinante.

– Te-te-tenho esse valor. Posso pagá-lo.

Ao início da tarde, Bruna acompanhara Gayo a um cofre bancário subterrâneo, de onde a mulher retirara um saco de pano endurecido cheio de maços das famosas *línguas*, as notas vermelhas de 500 gês. O meio milhão só pesava um quilo; na caixa ficaram apenas 50 000 gaias, que a mulher também tirou, justificando-se:

– Não vá ser pre-pre-preciso...

A rep sentia-se tão cheia de gratidão pela generosidade incrível de Ángela que já não a incomodava tanto o seu olhar fixo e o seu silêncio extasiado. A compra do vaivém far-se-ia no dia seguinte, quarta-feira, dia 19, às onze. Bruna queria viajar para a Terra Flutuante nessa mesma tarde; a viagem até Cosmos demorava três dias intermináveis (mais três decapitados, mais três possibilidades angustiantes de que um deles fosse Lizard) e ela tinha de chegar lá,

encontrar Paul e sair dali antes que a venda desse entrada no Registo Global de Veículos Espaciais e que, em consequência, Jaco informasse Cosmos para que revogassem a licença do chão vendido. Oficialmente, os bandistas voavam registados como mão de obra técnica da plataforma. A androide disporia de uma semana, no máximo. Era melhor só contar com seis dias, para se manter dentro do limite de segurança.

O dia seguinte ia ser muito duro e Bruna estava esgotada. Sabia que devia dormir, mas um palpite arrastava-a nesse momento em direção ao Museu das Novas Tecnologias, na companhia da obstinada irmã de Lizard (a teimosia era, claramente, um traço de família), para assistir à conferência de Jan Lago. Estavam a chegar ao seu destino. O museu apareceu à frente delas. Era um cubo rutilante e imenso de aço polido, que parecia maciço porque não revelava nenhuma abertura. A rep saltou do tapete rolante, seguida por uma Barri enfurecida que ainda insistia em discutir.

– Chiu... Cala-te, agora não – segredou a rep, perentória.

Faltavam vinte minutos para as sete e à porta já se amontoava um grupo numeroso de pessoas. A fama repentina de Jan Lago era um íman para as multidões. Tiveram de fazer fila para entrar e, enquanto esperavam, uma das pichagens que cobriam a estação de elétrico mais próxima chamou a atenção de Bruna. «Os capuchinhos vermelhos justiceiros», diziam as letras fosforescentes em fúcsia ao lado do desenho tosco, também em fúcsia, de um capuz. A androide afligiui-se. Yiannis bem a avisara de que os Ins podiam acabar transformados em heróis.

Passaram pelos arcos detetores de metais e entraram no enorme átrio do edifício. Os quinze andares davam para um pátio central que subia até ao teto de vidro do museu. Bruna sabia que as paredes metálicas, aparentemente inamovíveis, podiam deslizar, revelando ou escondendo grandes janelas de vidro de distribuição caprichosa, mas nesse momento o cubo estava tão fechado como uma caixa-forte, a não ser pelo teto transparente.

O átrio estava enfeitado com plantas e flores de exótica exuberância. Os robôs empregados de mesa, diligentes e silenciosos, passavam com bebidas e uma boa parte dos convidados usava um laço prateado na lapela, símbolo dos ciborguistas. Sobre as cabeças, voavam pequenas bolas de luz e som, como bonitos pirilampos cantadores. «Pela abolição da Lei de Integridade Humana», proclamavam os grandes cartazes tridimensionais que ladeavam o auditório, com as luzes a piscar, vistosas. E também: «O nosso corpo é só nosso. Não à tirania do Estado». Nas bandeiras que rodeavam todo o recinto estava escrito o nome da empresa de peças anatómicas artificiais, Transhuman, que organizava o evento. Era propriedade de Jan Lago, obviamente.

Há décadas que persistia um debate social em torno dos limites da utilização de órgãos e de implantes robóticos nos seres humanos. Há muito tempo que se transplantavam fígados, corações, rins e pulmões artificiais, evidentemente, além de próteses de braços e de pernas, que chegavam a roçar a perfeição. No entanto, as experiências sobre a substituição robótica de partes do cérebro ativaram os alarmes nos setores mais conservadores da sociedade. Até que ponto um ser humano podia ser substituído por peças artificiais sem perder a sua essência? Era um problema de quantidade, da percentagem de substituição do organismo, ou seria antes uma questão de qualidade, ou seja, das peças que eram robotizadas? Um coração metálico tornava-nos menos humanos do que uma perna de titânio? No fim de contas, o coração tinha neurónios. E o sistema digestivo. E muitas outras partes do organismo. Pouco depois da Unificação dos EUT, foi promulgada uma lei restritiva, a Lei da Integridade Humana, que estabelecia uma complicada tabela de percentagens de humanidade medidas em pontos Bio, dependendo do órgão a substituir. No total, um ser humano possuía mil Bios, escrupulosamente refletidos na sua chapa civil, e a lei proibia que fossem substituídos mais de 60%; ou seja, a fronteira eram os quatrocentos pontos naturais. A lei fora

severamente criticada por todos os setores; os mais imobilistas achavam-na excessivamente permissiva, um horror contranatura, e os ciborguistas consideravam-na despótica. Além disso, verificava-se uma quase unânime condenação da ininteligibilidade da lei e da sua complexidade labiríntica e arbitrária. As intervenções no cérebro, por exemplo, eram tuteladas e, para uma substituição ou alteração parcial de algum elemento, era preciso apresentar um pedido, que depois era examinado por um comité de três especialistas de forma um tanto ou quanto caprichosa e sem um protocolo objetivo em que se apoiassem. Yiannis teve de pedir licença ao comité para implantar a válvula de feromonas na amígdala, por exemplo. Custou-lhe cinquenta e dois pontos Bio.

Serviam canapés de saúvas colombianas fritas com mel, um requinte estaladiço e caro. Husky tirou dois, mas Aznárez, com destreza de malabarista, conseguiu encher ambas as manábulas e esvaziar a bandeja. O facto de o empregado ser um robô evitava, pelo menos, os olhares de censura. Já eram 19h25, o local estava a abarrotar e a cerimónia ainda não tinha começado. A angústia da morte e da mágoa crescia no estômago de Bruna como uma erva daninha. Três anos, três meses e onze dias. E só doze dias para salvar Lizard. Pegou num copo de vinho branco de uma bandeja que passava ao seu lado e, contrariamente ao habitual, bebeu metade de um trago. Olhou para os convidados, pessoas de todo o tipo, muitas delas de aparência humilde, certamente atraídas pelas proclamações populistas de Lago. Mas os portadores de laço prateado eram todos privilegiados, gente com dinheiro. Entre eles, havia umas quantas dezenas de homens e mulheres com cerca de trinta anos, tão bonitos, perfeitos e imperturbáveis que não enganavam ninguém. Eram, sem dúvida, robôs amantes, robôs eróticos. Os daquela qualidade tinham um preço muito elevado. Sim, evidentemente, havia muito potentado nessa sala.

Um punhado de aerobolas concentrou-se sobre o palco, iluminando-o, e as outras diminuíram a intensidade da luz,

baixando também o volume da música até a extinguirem. Na parede do fundo acendeu-se o nome da empresa anfitriã e o seu logótipo, um coração metálico que palpitava como costumavam fazer tais aparelhos, com um subir e descer de êmbolos. Um homem com uns quarenta anos, alto e atlético, apareceu sob os focos. Um sorriso cintilante, a cara bem operada. Esbanjava simpatia profissional e prepotência.

– Olá a todos! Bem-vindos à festa da liberdade. Como me alegra ver tantos amigos! Sou Janhache Lago, conselheiro-delegado da Transhuman. E sim, sim, sei que muitos de vocês vieram ver o meu pai, Jan Lago, que está agora nas bocas do mundo, e com razão, por ser o único que nos pode salvar nesta altura de inquietação extrema...

Uma explosão de palmas interrompeu-lhe as palavras. Janhache agitou as mãos no ar, pedindo serenidade:

– Calma. Calma. Vê-lo-ão mais tarde. Antes temos de falar de um assunto importante, de um assunto que, na realidade, também está relacionado com esta crise. Estamos nas mãos de um governo de ineptos. De um governo despótico, que nos arrebatava direitos individuais, e, ao mesmo tempo, de um governo fechado em si próprio, cobarde e ignorante, incapaz de enfrentar o inimigo e de nos defender.

Mais aplausos.

– Daqui a pouco, o meu pai falará mais acerca disto, mas agora vamos centrar-nos no motivo que nos reuniu hoje aqui: a abolição da infame Lei da Integridade Humana. Quem são estes ineptos para decidirem sobre a minha vida, sobre a minha carne, sobre uma coisa tão íntima como os meus rins? Isso é inadmissível! Isso é tirania! O meu corpo é meu!

Clamor. Que pena, pensou Bruna, que a justa indignação que perpassava pelas palavras de Janhache fosse um pouco ensombrada pelos interesses económicos da empresa Transhuman, que, naturalmente, seria a primeira a beneficiar da revogação da lei.

– Ao longo da História, o progresso teve sempre de lutar contra a incompreensão e os preconceitos, contra o abuso de poder e os déspotas. Somos o futuro, amigos, e venceremos. Vejam...

Uma estranha luz, leitosa e rosada, caiu das alturas sobre todos os presentes, deixando à vista, numa transparência brilhante e fantasmagórica, todas as próteses, todos os implantes.

– É um *scanner* de raios T integrados, inócuo, evidentemente. Tanto regista as ligas metálicas como os biopolímeros – explicou o filho de Lago.

O efeito era impressionante. A quase totalidade dos presentes revelava trabalhos de substituição. Os mais humildes mostravam apenas uma orelha ou um dente, mas muitos outros, sobretudo os portadores de laço prateado, tinham feito substituições importantes. Pernas, ombros, fragmentos de crânio, olhos biónicos, maxilares, partes da coluna vertebral, pulmões que se dilatavam, corações que palpitavam, ossinhos minúsculos das mãos, o enorme labirinto de algum intestino... Todos os componentes artificiais emitiam um brilho rosado que os tornava totalmente visíveis. Distribuídos entre os convidados humanos, os robôs amantes pareciam ilhas de luz ofuscante, tão luminosos que incomodavam a vista. O seu próprio implante também estava iluminado, apercebeu-se Husky, aquela prótese biónica e quase perfeita que substituíra o braço que tivera de amputar. A rep ficou a olhar para a prótese, fascinada. Um brilho sedoso evidenciava, sob a pele artificial, o intrincado labirinto metálico. Abriu e fechou a mão esquerda e tudo aquilo se moveu suavemente. Husky deu uma olhadela a Barri Aznárez, que não tinha um único acrescento artificial. Nem sequer um dente. Devia ser a única em toda a sala.

O *scanner* apagou-se e o baile de espetros terminou abruptamente. Os convivas olharam uns para os outros um pouco perturbados, como quem tivesse acabado de ver o vizinho nu sem querer. Uma pequena explosão sobressaltou a audiência, que voltou a fixar a sua atenção no palco. Tinha sido uma bomba de fumo, e,

por entre os fiapos de névoa alaranjada, apareceu ao pé de Janhache uma personagem singular. Estava nu e descalço, exceto por uns calções azuis brilhantes. O tórax era de carne, embora tivesse uma janela transparente sobre o peito esquerdo que deixava ver o ritmo poderoso do seu coração artificial. O resto do corpo era metálico, resplandecente e polido, com desenhos ornamentais intrincados, efetuados com incrustações de ouro. De cada um dos braços saíam-lhe dois antebraços com as correspondentes mãos articuladas, e os pés, que reproduziam anatomicamente os humanos, eram dotados também de rodas retráteis. Mas o mais impressionante era o rosto, que combinava partes orgânicas e robóticas. Húmidos olhos humanos brilhavam furiosos nas suas órbitas de aço e, ao abrir os lábios de titânio, espreitava, trocista, uma língua carnuda.

– Que raio é aquilo? – sussurrou Barri, estupefacta.

– Um ciborrad. Um ciborgue radical. São doidos. Espanta-me que Janhache o tenha trazido, porque são totalmente proibidos, evidentemente. São ilegais – explicou Husky.

O ciborrad passeava-se pelo palco, provocador, levantando as quatro mãos no sinal de vitória com uma expressão desdenhosa e triunfal e agitando, como um possesso, a língua vermelha e húmida. Era um pouco assustador. Uma nova bomba de fumo ocultou-o; quando a neblina artificial se dissipou, o ciborrad tinha desaparecido. A irrupção do ativista durara apenas um minuto. O público gritou e desatou a aplaudir, como quem festeja um truque de magia. Quando a ovação amainou, o sorridente Janhache tomou novamente a palavra:

– Amigos, já o comprovaram, somos os cidadãos do futuro. Não somos humanos, somos transumanos!

Um rugido percorreu a audiência e depois, certamente orquestrados, começaram os gritos. «Não somos humanos, somos transumanos!» e também: «O meu corpo é meu!», repetiam as pessoas. Janhache deixou-as gritar durante algum tempo e depois

voltou a pedir calma, abanicando o ar com as palmas das mãos ossudas.

– Ninguém pode estabelecer limites ao que queremos fazer com os nossos corpos e com as nossas vidas. Mas, para isso, a primeira coisa a fazer é abolir a Lei. Criámos um movimento social, uma plataforma biónica, à qual vos convido a juntarem-se. Temos um programa de ações estratégicas para atingirmos o nosso objetivo, mas acerca disso falar-vos-á o meu pai. Com todos vocês, Jan Lago!

As pessoas gritaram de regozijo e de expectativa, mas a alegria esmoreceu rapidamente quando o magnata apareceu no palco, sim, mas numa holografia. Alguns assobiaram, mostrando o seu desagrado.

– Amigos, sei que queriam ver-me pessoalmente e eu também teria gostado de partilhar esta festa convosco, mas nesta altura não é prudente, nem para mim, nem tão-pouco para vocês, garanto-vos, não é prudente, repito, que me deixe ver em carne e osso em nenhum local... – começou Lago a dizer, enfiado num fato roxo de uma peça, com um elegante lenço cor de laranja amarrado ao pescoço.

De repente, o mundo explodiu com um ruído ensurdecedor, um estrondo brutal que feria os tímpanos. Fumo, gritos de dor, guinchos de pânico. Atordoada, Bruna apercebeu-se de que estava a olhar para o chão. Tinha caído de joelhos, os ouvidos zumbiam-lhe, ardia-lhe a garganta. A bomba não tinha sido um adereço, como as anteriores. A algazarra recrudesceu e avolumava-se à sua volta. Pôs-se de pé de um salto, um pouco enjoada. Respirou fundo, imóvel, fazendo uma rápida verificação interna do seu estado. O maldito fumo fê-la tossir novamente. Mas estava bem, operacional. As sirenes de alarme soavam, ruidosas. Do cimo da sua estatura, observou a sala, iluminada pelas luzes vermelhas de emergência. Só tinha decorrido um minuto desde a deflagração. O ponto zero localizava-se, sem dúvida, uns metros à direita, a julgar pelos gritos, os gemidos, os corpos retorcidos pelo chão. No espaço restante, as

pessoas fugiam, sem saber para onde, correndo transtornadas em todas as direções, tropeçando umas nas outras. No palco, uma batalha campal. Um grupo de encapuzados lutava com Janhache e com os seus guarda-costas.

A adrenalina galvanizou o corpo de Husky. Lamentou não ter trazido a pistola, mas não a teriam deixado entrar com ela no museu. Com três empurrões e quatro saltos, chegou ao palco, para onde subiu com um pulo. Enquanto aterrava, viu um dos terroristas disparar sobre um rep de combate que era, sem dúvida, um dos homens de Lago, e o tecno caiu, de peito trespassado por um buraco de dez centímetros. Era o maldito plasma negro, capaz de furar uma chapa de aço com um metro de espessura. Bruna atirou-se ao encapuzado, que tentou voltar-se e apontar-lhe a espingarda. Não foi suficientemente rápido e a androide, agarrando-lhe a cabeça com ambas as mãos, rodou-a e partiu-lhe o pescoço. Deixou que o corpo caísse ao chão, dando instintivamente a volta, como um gato, mas uma pancada forte na orelha esquerda deixou-a de joelhos. Com a vista enevoadada, percebeu que o seu assaltante largava a barra com que lhe batera e se atirava sobre a espingarda de repetição do terrorista que ela tinha matado. Husky tentou pôr-se de pé, mas não conseguiu. Estava atordoada, à beira do desmaio. O encapuzado encostou-lhe o cano da arma à testa.

– Adeus, idiota – disse o homem.

Nesse momento, um pontapé lateral arrancou-lhe a espingarda das mãos e uma mole de carne atirou-se para cima dele e esmagou-o. O terrorista, grande e forte, tentou resistir, mas a sua antagonista era mais ágil e sabia lutar muito melhor. Um golpe de chave, três murros, um pontapé nos genitais, duas cotoveladas e um golpe final no pescoço e o tipo foi ao chão. Barri Aznárez resfolegou e passou os dedos pela mata alvoroçada dos seus caracóis a fim de os domar.

– Se não tivesse vindo contigo, estavas frita. Que merda de rep de combate me saíste – resmungou, ajudando a espantadíssima Bruna a levantar-se. – Tens ao menos a justificação de que ele te

partiu a cabeça? – ironizou, tentando examinar-lhe o golpe.

– Deixa-me – disse a androide, dando-lhe uma palmada; tinha um ferimento e sangrava, mas começava a sentir-se melhor. – E Janhache?

– Levaram-no.

No chão do palco jaziam três terroristas e quatro tecnos do serviço de segurança. Aproximaram-se para verificar o seu estado: os humanos mais novos, talvez com dezassete ou dezoito anos, também estavam mortos. Um deles era uma rapariga e fora a ela que Bruna partira o pescoço. O raio de uma adolescente. Husky não tivera outro remédio e, além disso, a rep tinha sido desenhada para ser assim, rápida e letal. Mas não conseguiu evitar aquela espécie de mal-estar, aquela opressão no peito que já sentira noutras situações semelhantes e que se parecia muito com a dor. O terceiro terrorista, com quem a irmã de Lizard tinha lutado, ainda estava vivo, embora inconsciente, e devia rondar os vinte e cinco anos. As luzes gerais acenderam-se e um grupo bastante nervoso de polícias de assalto entrou de repente.

– Mãos no ar! Toda a gente de mãos no ar! De joelhos e as mãos no ar!

Bruna e Barri ajoelharam-se com resignação junto dos mortos. Na sala continuava a reinar a maior das confusões, com corpos enegrecidos e desmembrados, feridos que gemiam, gente que chorava. Perto do palco, via-se uma mulher madura cheia de cortes que sustinha nos braços, com um mimo amoroso e soluçante, a sucata desbaratada de um robô amante destruído pela explosão. O chão estava cheio de sangue e nos charcos flutuavam, arrancados pela onda expansiva, botões desfeitos das flores exóticas que enfeitavam o local, como flores de lótus num lago decorativo. Que mundo tão louco, pensou Husky.

– A molécula de clorofila é composta por cento e trinta e seis átomos de hidrogénio, carbono, oxigénio e nitrogénio em redor de um anel central e no centro do anel há um átomo de magnésio. Ora,

se trocarmos esse átomo de magnésio por um átomo de ferro, teremos uma molécula de hemoglobina. O sangue humano e a seiva das plantas são quase iguais – disse Aznárez, lentamente.

Bruna olhou para ela, atordoada e atónita.

– Que queres? Já te disse que sou especialista em trivialidades – desculpou-se a irmã de Lizard.

Dois polícias subiam ao palco nesse momento.

– Onde aprendeste a lutar assim? – sussurrou a detetive.

Barri sorriu:

– Ainda te falta descobrir muitas coisas sobre mim. Por isso, já sabes, Husky. Iremos juntas a Cosmos.

Bruna e Barri foram de bom grado até à esquadra prestar declarações sobre o atentado. Ainda lá se encontravam aquando do terceiro comunicado do EJI. Tal como Kai lhes contara, os técnicos da Paseris tinham conseguido blindar o acesso aos ecrãs públicos e os terroristas não puderam emitir o seu espetáculo macabro para todo o planeta. No entanto, Husky e a irmã de Lizard assistiram em direto, pela linha especial da polícia. Decapitaram um homenzarrão que se babava de terror e, alternado com o sentimento de pavor e de compaixão, a rep não conseguiu evitar o júbilo selvagem por não ter sido Paul. Os Ins acrescentaram uma nova exigência: baixa imediata do preço da água para a sua vigésima parte. Malditos! Até ela se alegrava com a ideia de chatear o consórcio aquífero. O EJI tinha um instinto propagandístico magnífico.

– Devias deixar que te vissem esse golpe na cabeça... – resmungou a inspetora.

– Não é preciso. Estou bem – respondeu Husky, comprimindo uma almofada fria de gel contra o crânio dorido e tentando que não se notasse muito a enxaqueca brutal que a martirizava.

As notícias do assalto à Transhuman e do sequestro do filho do magnata causaram uma comoção profunda em todo o planeta. Em diversas zonas dos EUT, na Alemanha, na Nova Zelândia, na Índia, surgiram outros potentados que, seguindo o exemplo de Lago, compraram espaços nos ecrãs públicos regionais e se ofereceram para financiar exércitos privados a fim de defender o povo, conforme proclamavam numa retórica inflamada. Os cidadãos da região hispana lançaram-se às ruas, esperando uma mensagem de Jan Lago, mas a única coisa que puderam ver foi o resumo, sem imagens, da terceira comunicação dos terroristas. Forneceram o nome do executado e uma informação concisa relativamente à nova exigência. Tudo isto durou apenas meio minuto; porém, a seguir, os jornalistas usaram outros dez para enfatizar a poderosa engenharia que conseguira intercetar o EJI e impedir que este acesse aos

ecrãs públicos. As pessoas, desconcertadas, continuaram nos passeios à espera que Lago aparecesse, enquanto o número de mortos do atentado no museu aumentava progressivamente. Já ia em cinquenta e seis, incluindo o Ins suicida que deflagrara a bomba, e havia ainda cento e quarenta e quatro feridos, alguns em estado crítico. No entanto, as horas passavam e o milionário mantinha-se em silêncio.

– Não me parece que vá aparecer hoje – considerou Kai. – Pagou um espaço de emissão, como nos dias anteriores, mas duvido que o use. Está destruído. Julgo que se culpa pelo que aconteceu a Janhache. Pelos vistos, tinha informações de que queriam sequestrá-lo. O EJI andava atrás dele, por isso usaram um explosivo convencional e não o maldito *inferno*. Queriam ter a situação sob controlo para conseguirem raptá-lo. Foi por isso que não houve mais mortes.

– E quando viram que Lago não estava, levaram-lhe o filho – concluiu Aznárez.

Bruna apresentou Barri à inspetora, mas não lhe disse nada sobre os documentos de Lizard, e muito menos acerca da projetada viagem a Cosmos. A detetive estava no fim das suas forças e a dor de cabeça estava a matá-la. Aznárez queria que um médico lhe examinasse o corte, mas a rep recusou. Não via a hora de voltar para casa e injetar uma das suas preciosas doses subcutâneas de paramorfina. Se bem se lembrava, ainda lhe restavam cinco. Precisava de se recompor, de descansar, de comer. E de se preparar. Tinha voltado a ver, por um instante, o rosto de Paul; nos seus comunicados, os Ins encarregavam-se de focar e de mostrar, um por um, todos os reféns, para torturarem os familiares destes e aumentarem o impacto aterrador da sua ameaça. O inspetor continuava a manter a habitual expressão pétrea. Barri, pelo contrário, crispou o rosto quando viu o irmão. Nisso, não se pareciam um com o outro. Três longos dias até chegar lá acima. Mais três mortos da roleta russa até poder resgatá-lo. Se é que

estava em Cosmos. Tinha de estar. Era a sua única esperança.

– Já podemos ir embora, Kai?

– Sim, podem. Mas não vão para muito longe.

Só para a estratosfera, pensou Husky, levantando-se com um salto e reprimindo um gemido: demasiada rapidez para o seu crânio magoado. Nesse momento, um polícia jovem e agitado entrou como um vendaval no gabinete:

– Está morto, inspetora. Não tive culpa, era indistinguível da pele, não pude fazer nada...

O terceiro terrorista, o homem que Aznárez derrubara, suicidara-se com um adesivo venenoso.

Ángela insistiu, até à exaustão, em acompanhá-las na aquisição da aeronave e, uma vez que o dinheiro era todo dela, era preciso reconhecer que tinha um certo direito a isso. Ainda assim, Husky recusou linearmente.

– É para o teu bem, Gayo. Não te posso implicar nisto, de forma nenhuma. O mais sensato é ficares de fora. Além disso, não tens chapa falsa. Seria suicídio, não percebes?

O mais aborrecido, pensou Husky, era a mulher não parecer importar-se nada em morrer por ela. Claro que estava muito grata a Ángela pela sua generosidade, mas a personalidade da informática era irritante. Como, além disso, a rep se sentia culpada por não lhe ter mais afeto, às vezes a irritação aumentava.

Num tempo recorde, Mirari tinha conseguido arranjar a Bruna e Aznárez duas chapas civis falsas, com os telemóveis correspondentes. Às 10h15, a violinista, olheirenta e sem ter dormido, chegou com o material a casa da androide.

– O Maio ajudou-me; caso contrário, não teria conseguido. E, para dizer a verdade, receio ter deixado alguma ponta solta. Não se consegue trabalhar bem com tanta pressa.

A rep pedira-lhe uma identidade masculina e agora era Segundo Reyes, de origem hispano-filipina, um transportador e piloto de aeronaves com alguns pequenos delitos na juventude (furtos, venda de *caramelos* e outras drogas leves) que o levaram à cadeia por um período curto. Reabilitado, trabalhava oficialmente como mão de obra eventual e tinha um contrato intermitente com Cosmos como operário auxiliar. Quanto a Barri, era Virginia de la Cruz, mecânica de profissão, mulher de facto de Segundo há uma década e sua colega de trabalho, também contratada de vez em quando por Cosmos. Husky demorara um bom bocado a disfarçar a sua condição de rep, porque os tecno-humanos não eram admitidos nas Terras Flutuantes. Escondeu a tatuagem com dermossilicone, ocultou as pupilas de gato com lentes de contacto negras e cobriu a

cabeça rapada com uma peruca que imitava um crânio com cabelo enxertado, mas meio ralo, como se lhe tivessem feito um trabalho barato de cobertura capilar que se fora deteriorando com o tempo. Reforçou também os maxilares e as maçãs do rosto para os tornar mais masculinos, desenhou a tatuagem de duas cruzes nas faces e aplicou umas pálpebras orientais espessas sobre os olhos. Depois, dependurou nas orelhas duas fiadas de pequenas cruzes de madeira e vestiu um fato sintético barato, cor de laranja berrante. Tinha um aspeto horrível. Quanto a Aznárez, só consentiu em trocar os seus velhos tecidos de algodão por um vestido tão teso e sintético como o da rep, mas em lilás.

– Não preciso de desfigurar a minha cara. Estou desde os treze anos com os Novos Antigos! Não há fotografias minhas na Rede. Ninguém conseguirá identificar-me.

No entanto, demorou algum tempo a habituar-se ao telemóvel, uma vez que não os usava desde a adolescência.

Apanharam um táxi para chegarem a tempo ao Centro de Registos e Notariado e conseguiram ser pontuais, mas, para desespero da rep, o bandista só apareceu pelas 11h20. Entrou na sala de espera a saltitar como um pássaro, não muito alto, mas com uma magreza tão excessiva que aparentava maior estatura. Os ombros tinham a largura da cabeça, a única parte da sua figura com um tamanho normal, e daí para baixo todo o seu corpo era um arame. Parecia um bicho-pau.

– Trazem o dinheiro? – perguntou em jeito de cumprimento, com um vozeirão de barítono completamente incongruente com a sua falta de substância.

– Também me alegra ver-te, Jaco – respondeu Mirari, que viera para servir de mediadora. – A tua pergunta é ofensiva.

– Bah, não sejas melindrosa, Mirari. Já me conheces. Vamos à venda.

– Um momento – disse Bruna, baixando o tom de voz para parecer mais viril. – Tem combustível e carga?

Jaco tinha combinado deixar o foguete pronto para voar e com uma remessa das mercadorias que costumava levar para Cosmos. Essa seria a sua entrada na Terra Flutuante.

– Claro, «Cruzinhas» – respondeu o «bicho-pau» num tom mordaz. – As baterias de positrões estão no máximo e levam dois contentores de ração vegetal. Além disso, há comida e água e também remendei o *preservativo* da nave.

– O *preservativo*? – disse Husky, completamente às escuras.

Jaco olhou para ela com uma desconfiança súbita.

– Para o lixo espacial, Segundo – interveio Aznárez, dirigindo-se depois ao homem e acrescentando, em jeito de explicação: – Nós chamamos-lhe *capuz*.

O bandista tranquilizou-se.

– Bom, isso. O *preservativo* para o *trash*. Mas vamos ao *business* pois não quero que me vejam muito com vocês. Não sei o que estão a tramar, mas não deve ser nada de bom.

Levantaram-se, carregaram no botão para pedir uma sala e escolheram a mais pequena e barata das que estavam livres. Era um aposento de quatro metros por quatro, com uma espécie de armário num canto.

– Primeiro, o mais importante – disse Jaco, enfiando-se no armário. Husky seguiu-o e fechou a porta atrás de si. Era um cubículo insonorizado e muito estreito. Ainda bem que o «bicho-pau» não ocupava muito espaço.

– Aqui tens o resto – disse a rep, entregando-lhe o saco.

O bandista agarrou-o sem dizer uma palavra, tirou os 300 000 gês e pôs-se a contá-los calmamente. Depois, voltou a guardá-los no saco.

– OK.

Saíram do cubículo e dirigiram-se à consola notarial. Ali havia câmaras e microfones, que registavam tudo minuciosamente. O armário, pelo contrário, era um ponto cego. Ativaram a consola, indicaram o que pretendiam, passaram as chapas civis pelo leitor

para se identificarem, assinaram digitalmente o acordo e Bruna pagou a transação, introduzindo as *línguas* pela ranhura correspondente.

«Confirmo que a 19 de fevereiro de 2110, às 12h01 UTC+1, a aeronave *Mosquito*, matrícula EX/ES/2079/403277, marca Lockheed Airbus, modelo Panda, foi vendida por Jacobo Carlos, CHC AR/54666873, e adquirida em propriedade por Segundo Reyes, CHC ES/22765990F, que saldou neste ato a totalidade da dívida através da quantia de 200 000 gaias em numerário. Para que conste, anota-se a referida transação nas chapas civis de ambas as partes, embora a compra e venda só se torne oficial quando for inscrita no Registo Global de Veículos Espaciais, o que será efetuado num máximo de sete dias a partir de hoje», informou a máquina com uma voz feminina, seca e eficiente. E acrescentou: «São 430 gaias, por favor.»

Bruna meteu outra nota na ranhura e retirou o troco e o recibo. Perguntou a si própria quem «ordenharia» as máquinas notariais... Pagar 430 gês por dez minutos de utilização de uma consola estúpida era abusivo. Se calhar, Jan Lago também estava por detrás disto. Ou o consórcio aquífero.

Assim que chegaram à rua, Jaco desapareceu aos saltinhos sem dizer uma palavra. Bruna e Barri despediram-se de Mirari e dirigiram-se para o cosmoporto de Quatro Ventos.

– Como sabias aquilo do *preservativo*? – perguntou Husky quando ficaram sozinhas.

– E tu, como é que não sabias? Preocupas-me. A sério que és capaz de pilotar um vaivém?

– Evidentemente. É um conhecimento de série para os replicantes de combate. Vimos assim de origem – disse Bruna com uma ironia amarga.

– Então não percebo a tua ignorância. Toda a gente sabe que a Terra está rodeada por uma faixa espessa de lixo... restos de naves, de estações espaciais e de satélites, excedentes das Terras

Flutuantes, sucata de acidentes... Limparam a estratosfera três vezes, utilizando redes de nanotubos, mas mesmo assim há milhão e meio de fragmentos com mais de dez centímetros a orbitar o planeta a altitudes diversas. Assim, aqui há uns anos lembraram-se de pôr essa mesma rede de nanotubos a recobrir as naves, para as proteger. É uma espécie de preservativo aberto atrás, para dar espaço aos propulsores do vaivém. Trata-se de uma cobertura porosa que permite a passagem do ar, não dificultando a saída da atmosfera, mas detendo e rejeitando os fragmentos pequenos de lixo. Sem isto, as astronaves podiam acabar destruídas. Os elevadores espaciais também dispõem de um envoltório. E sei tudo isto porque faz parte da minha especialização em trivialidades.

Por isso é que eu não sabia, pensou a rep. Bruna tinha pilotado astronaves durante os seus dois anos de milícia em Potosí, onde não existia lixo espacial. Para mais, fora teletransportada ao planeta mineiro, de modo que nem à ida, nem à vinda tivera de atravessar as faixas de desperdícios da Terra. Olhou para Aznárez pelo canto do olho, com um sentimento semelhante à admiração. Como pudera parecer-lhe gorda, antiquada e fora de forma? Era sólida como uma rocha. Uma presença imponente. E salvara-lhe a vida.

O *Mosquito* estava estacionado no hangar mais afastado, mais sujo e mais barato do cosmoporto. Demoraram meia hora a encontrá-lo e outra meia hora a localizar o encarregado do local. Estava num dos bares, agarrado a um copo de anis seco como quem se segura ao varão de um transporte público para não cair. Chamava-se Gorki, segundo o que dizia a inscrição na lapela do seu fato-macaco oleoso. Acompanhou-as de volta ao hangar sem largar o copo. Dentro do barracão só se viam três astronaves.

– Aquela é a vossa – indicou o tipo, apontando para a do fundo.

Tratava-se da maior, o que não era bom, porque tinha um aspeto vetusto e, com aquela tonelagem, gastaria muito mais energia ao mover-se. A avaliar pela matrícula, o veículo tinha trinta e um anos e aparentava ter todos os dias da sua idade.

– Achas que aquele calhambeque voa? – murmurou Aznárez.

– Pelo menos modernizaram os motores – disse Husky. O sistema de baterias de positrões só tinha quinze anos. – Vamos conseguir.

– Oh, acredito que sim. É um barquinho muito marinheiro – balbuciou Gorki, diante de um ecrã. – Mas não irão hoje.

– Como?

– Pois. Estou a ver que acabaram de comprá-la. Até estar insbrique... insibre... inscrita no Registo, não sai daqui.

– Como assim, não sai? Saímos agora mesmo, assim que houver uma abertura.

– Pelos meus mortos que não despegam! Resepren... represento a Lei!... – bradou Gorki, fazendo um movimento empolado com a mão que fez derramar metade do conteúdo pegajoso do copo sobre a consola.

Foi inútil discutir com ele, sobretudo porque não era Gorki quem tinha de dar a autorização, mas a Mesa de Controlo de Quatro Ventos. E, de facto, conforme a rep comprovou, revendo a toda a velocidade no telemóvel a legislação relativa ao transporte espacial, as astronaves precisavam de estar inscritas no Registo Global para poderem voar. Sete dias. Não podiam esperar tanto tempo. Nessa altura, Jaco já teria avisado Cosmos e não conseguiriam entrar, angustiou-se a rep. A cabeça ardia-lhe, sentia náuseas, vertigens. Tinham gasto meio milhão de gês para nada. Lizard morreria.

De repente, o coração deu-lhe um salto no peito:

– Espera... Vê o que dizem aqui... «As naves comerciais com carga perecível estão autorizadas a voar, mesmo que ainda não inscritas no Registo, se dispuserem de um passaporte provisório emitido pela Direção-Geral de Transportes ou pela Direção-Geral da Polícia. O referido passaporte tem um período de validade de dez dias.»

Ficaram caladas durante alguns segundos, pensativas e sombrias. Finalmente, a rep disse:

– Vamos falar com a Kai.

Regressaram à esquadra, porque aquela não era uma situação que pudesse ser resolvida por telefone. Pediram à inspetora que saísse com elas para tomar um café e a tecno acedeu. Ficou atónita ao vê-las disfarçadas. Foi uma conversa difícilima: Kai ficou indignada quando a puseram a par de tudo o que lhe tinham escondido; ardia com a fúria fria própria dos tecnos de combate, que Bruna tão bem conhecia, e por várias vezes esteve quase a ir embora. Mas acabou por ficar, o que despertou em Husky, mais uma vez, o fantasma de uma possível relação sentimental com Lizard. A detetive esforçou-se por esmagar a víbora dos seus ciúmes. Por ora, não podia permitir-se esse desgaste.

– Tenta compreender, Kai. O Lizard escreveu que não confiava nos colegas. Por isso, escondemos-te o que sabíamos.

Contaram-lhe tudo, até o que tinham descoberto sobre Juanelo. Entregaram-se nas mãos dela, cometendo possivelmente um erro fatal. Bruna pensou, exasperada, que precisava de decidir que paranoia preferia cultivar: ou a de Kai amante de Paul, ou a de Kai «toupeira» da polícia, porque ambas as suspeitas não pareciam ser compatíveis. Ou seriam? A roda asfixiante das suas obsessões girava cada vez mais depressa.

Ainda zangada, glacial e carrancuda, a inspetora pediu-lhes os dados do *Mosquito* e tratou da licença através do telemóvel. Só demorou quinze minutos. O ecrã de Bruna iluminou-se quando recebeu o passaporte.

– Não direi nada a ninguém para já. Eu também tenho algumas desconfianças sobre a segurança da esquadra. Mas avisa o teu amigo Yiannis. Diz-lhe que vou ver os documentos – grunhiu Kai.

– Obrigada.

– Estou a pôr a minha carreira em risco por vocês. Espero que valha a pena. Embora, na realidade, não seja por vossa causa que o faço. É pelo Lizard.

Um ponto para a teoria dos amantes. Rai's parta!

Com tantos percalços, quando conseguiram uma oportunidade de descolagem já eram 20h30. A lagarta arrastou o vaivém até à plataforma respetiva, onde ficaram à espera mais vinte minutos. Bruna aproveitou o tempo para inspecionar o *Mosquito*; Jaco fornecera-lhes tudo o que tinham pedido, mas não as informara acerca da espessura quase geológica da sujidade acumulada. Os sacos-cama dos beliches estavam tão impregnados de fluidos que pareciam ser feitos de cartão e nos recantos do *Mosquito* havia montículos de matéria indeterminada que deviam datar do primeiro ano da nave. Além do fedor reinante, particularmente difícil de suportar por uma androide com os sentidos potenciados.

– Que nojo de sítio...

Os comandos estavam pegajosos e os ecrãs, rachados. Mas os motores funcionaram à primeira, a nave elevou-se entre rangidos e começou a acelerar inesperadamente. Durante uma hora, Husky manteve-se junto dos controlos e atenta à sequência de saída até se terem afastado mais de quinhentos quilómetros da Terra, porque essa primeira faixa era a mais saturada de lixo espacial e, embora o *preservativo* se tivesse aberto adequadamente, era conveniente vigiar o aparecimento de algum resíduo demasiado volumoso para que a cobertura de nanotubos o pudesse rejeitar. Regra geral, a Mesa de Controlo ligava para avisar caso detetasse um risco de colisão, mas o tempo de resposta era tão curto que convinha estar alerta.

– Viste? Que barbaridade... – disse Barri, apontando para o exterior.

Referia-se à nuvem de desperdícios que se abria, vertiginosa, à passagem da nave, como se fosse uma chuva prateada a cair de noite sobre um automóvel.

– Aqueles fragmentos de sucata deslocam-se a uma velocidade de sete quilómetros por segundo... Ai... Não me sinto nada bem – acrescentou Aznárez, com a voz a enfraquecer cada vez mais.

Estava lívida. A irmã de Lizard nunca tinha voado numa nave

espacial e a microgravidade estava a cobrar o seu preço. Quando deixaram para trás a zona mais saturada de detritos, Husky abandonou os comandos e foi verificar a caixa de primeiros socorros do cargueiro, também ela nojenta. Encontrou uns adesivos estabilizadores já caducados, que achou serem melhores do que nada, e colou-os ao braço de Aznárez sem lhe contar que estavam fora do prazo de validade. Fosse por ainda funcionarem ou por mera sugestão, em poucos minutos a mulher começou a melhorar.

Bruna, pelo contrário, piorava. Aproximava-se o momento fatídico de cada dia: as onze da noite, a declaração do EJI, a execução selvagem. Os segundos decorriam e envenenavam-na. O seu próprio medo era tóxico, uma peçonha que lhe retorcia as vísceras e lhe cortava a respiração.

– Já está na hora, não está? – perguntou Aznárez.

Em vez de responder, a rep ligou a Yiannis. Ainda estavam suficientemente perto da Terra para que as comunicações quase não tivessem atrasos, graças aos satélites espelho de órbita baixa. O rosto enrugado do arquivista apareceu no ecrã: não, não tinham decapitado Lizard, mas um tal Charles; não viram a execução, porque os terroristas continuavam sem conseguir aceder aos ecrãs públicos; e não, Jan Lago não voltara a aparecer.

A rep estava tão contente que desligou sem o interrogar sobre a quarta exigência do EJI. Levantou-se, ébria de alívio, e deu umas quantas cambalhotas no ar, aproveitando a microgravidade. E a despeito de ainda faltarem dois dias e meio para chegarem a Cosmos.

Aqueceram umas bandejas de arroz com bolas de proteína sintética. A textura era viscosa, o sabor, repugnante, mas a androide tinha tanta fome (não comia nada desde o pequeno-almoço) que, quando terminou, se serviu de outra. Barri olhou para ela, horrorizada.

– Estou habituada a comida verdadeira – grunhiu. – Semeamos, cultivamos, fazemos as nossas próprias conservas... Por isso, não

consigo engolir esta porcária...

No entanto, acabou por esvaziar a bandeja. As carnes generosas da mulher tinham sido adquiridas, com certeza, por via de um bom apetite.

– A ração que levamos deve ter o mesmo sabor que isto... – observou Bruna.

Tinha achado estranho que em Cosmos comessem ração. É evidente que nas plataformas artificiais a alimentação era sempre um problema, mas atribuíam aos cósmicos um nível tecnológico suficiente para sintetizarem alimentos melhores. Claro que se tratava, de acordo com as etiquetas, de ração vegetal, e as plataformas não costumavam dispor de espaço suficiente para plantar o que quer que fosse. Talvez se tratasse de um simples suplemento alimentar.

– Eu faço o primeiro turno, Bruna. Vai deitar-te. Chamo-te daqui a cinco horas – disse Barri. – E acordo-te imediatamente se se passar alguma coisa.

A rep cheirou os beliches até descobrir o menos fedorento e enfiou-se no saco, preso à cama para impedir que a pessoa flutuasse. Tinha-se esquecido das incomodidades da vida no espaço. Recordou que teria de voltar a lavar-se com aquelas asquerosas esponjas químicas e sentiu um calafrio de repugnância. Fechou os olhos, disposta a conciliar o sono imediatamente, e tentou recuperar o velho hábito de dormir em ambiente de gravidade zero. Era uma sensação estranha, como se os pés estivessem mais altos do que a cabeça. Como se quisessem pôr-se a andar sozinhos. Enquanto a escuridão suave da inconsciência avançava no seu interior, a rep recordou que, antes de descolarem, estivera um fiscal a bordo. Vira os contentores e inspecionara as chapas civis, ou seja, as chapas falsificadas por Mirari.

«Há um problema», mencionara. «Ou melhor dizendo, há muitos problemas. As vossas licenças pessoais de voo são para trabalharem em Cosmos como operários eventuais. Não estão autorizados a levar

mercadorias. No entanto, o passaporte provisório é para cargueiros com produtos perecíveis... E levam dois contentores de ração para insetos que, por um lado, não é perecível, ou seja, não se ajusta à licença, e, por outro, é uma mercadoria, o que também não se ajusta à vossa licença pessoal...»

Era um tipo com uns sessenta anos, de feições imprecisas. O tom de voz era frio e profissional, mas por baixo vibrava um matiz de troça sarcástica que lhe curvava para cima as comissuras dos lábios. Fora essa malícia subterrânea que levava Husky a decidir-se.

«Sim... Mas veja, temos este outro documento que explica tudo isso», dissera a rep, carregando no seu telemóvel.

Pô-lo em modo de pagamento por proximidade e marcou 500 gês. O fiscal deu-lhe uma vista de olhos desapaixonada.

«Interessante», disse. «Mas claro que compreenderá que tem de ter outro documento igual para a sua namorada.»

A rep suspirou e subiu a oferta para 1000 gaias.

«Muito bem», disse o homem, enquanto a transferência era concluída. «Acabei de vos dar a autorização.»

Os EUT estavam podres, ruminou Husky, pendurada como uma cria de canguru no seu saco-cama fedorento. A injustiça e a corrupção eram situações comuns. Era por isso que o discurso enlouquecido dos Ins atraía tanta gente. E no entanto... Restavam dez dias a Lizard, se tanto. Sentiu uma opressão no peito que talvez fosse um grito incapaz de encontrar a saída. Já chega, já chega, censurou-se Bruna. Se quero ajudá-lo, tenho de descansar. Recorrendo à sua calma artificialmente reforçada e ao seu treino de rep de combate, foi fechando, um por um, os pensamentos tempestuosos, desligou a consciência e deixou-se cair no abismo do sono.

A notícia caiu-lhes em cima como uma machadada. Na quinta ligação do EJI, o filho de Lago aparecia junto dos restantes reféns.

– Não pode ser, não pode ser... – balbuciou a rep.

Viajavam há pouco mais de vinte e quatro horas. Em Madrid, eram 23h31 de quinta-feira, 20 de fevereiro, e o rosto enrugado de Yiannis no ecrã da cabina de voo parecia o espelho da desolação.

– Foi sequestrado na noite de terça-feira, dia dezoito, Bruna. Há cinquenta horas. Se os reféns estivessem em Cosmos, não era possível ele já ter chegado. Faltariam, pelo menos, dez horas de viagem, ou mais – raciocinou o arquivista.

– E se se tivessem teletransportado?

– Tu própria me disseste que em Cosmos tinham um bloqueador de tepes ou teletransportes...

– Sim, é verdade, nós não podemos tepear-nos, mas eles são capazes de o fazer, não tenhas dúvida. Não te esqueças de que foi assim que transferiram o exército para Ceres – insistiu Bruna.

Nada impedia os Ins de se teletransportarem, isso era evidente, mas havia também a possibilidade de Lizard continuar na Terra. A dúvida inundou de repente a cabeça da rep, como se a tivesse mantido contida até àquele momento e transbordasse agora numa enchente súbita. Se o inspetor não estivesse na plataforma flutuante, elas estavam a subir até Cosmos para nada, perdendo seis longos dias. Rugiu de frustração.

– Não desespere – pediu-lhe Barri. – Podes estar certa em relação ao teletransporte. De qualquer forma, estamos a seguir a pista que o Paul nos deixou.

A boa notícia era que, juntamente com Janhache, os Ins tinham trazido mais nove reféns, capturados em diversos pontos dos EUT. Somando o filho de Lago e subtraindo a mulher que tinham acabado de matar, o número de vítimas nas mãos dos terroristas subira para dezanove. Bruna sorriu com amargura. Era terrível alegrar-se por terem sequestrado mais pessoas, mas isso aumentava

as possibilidades de Lizard.

De alguma maneira, os Ins tinham conseguido contornar o reforço de segurança instalado pelos técnicos da Paseris, voltando a emitir em direto em todos os ecrãs públicos. Um espetáculo dantesco.

– Tenho os vídeos. Já tos envio – disse o arquivista.

Com tanto refém, o cenário sombrio das execuções parecia lotado. Os encapuzados arrastaram um aterrorizado Janhache e obrigaram-no a ajoelhar-se em primeiro plano.

«Desta vez escapaste, Lago, mas nem tu, nem a tua imensa prole, se vão salvar. Olha sempre por cima do ombro, porque estaremos aí...», disse, com a habitual voz distorcida, aquele que parecia estar ao comando. «Julgaram-se muito espertos, bloqueando o nosso acesso durante dois dias», prosseguiu. «Mas nós somos ainda mais espertos e, por isso, eis-nos aqui novamente. Em canal aberto, para que todo o mundo veja. Liberdade de expressão. Essa é a base da vossa democracia, não é? Não se gabam tanto dela? Mas depois, quando alguém diz alguma coisa que não vos agrada, censuram-no.»

De baixo do capuz escapou um ruído seco que talvez fosse uma gargalhada. A seguir, o Ins fez um sinal com a mão e dois dos terroristas levantaram uma refém e trouxeram-na em bolandas. Era uma chinesa jovem e miúda. Começou a gemer assim que a agarraram e as pernas dobravam-se-lhe, de modo que os captores tiveram de mantê-la em pé junto do ajoelhado Janhache. A rapariguinha mijou-se.

«Hoje estamos aborrecidos devido a essa vossa artimanha de nos bloquearem o acesso aos ecrãs. Por isso, lembrem-se de que os culpados disto são vocês», disse o líder.

Fez um sinal com a cabeça e outro encapuzado aproximou-se da chinesa: tirou uma faca, vazou-lhe um olho, depois o outro e a seguir cortou-lhe a cabeça. Tudo isto podia ser enumerado com rapidez, mas fora executado com uma rudeza lenta e ensanguentada, entre gritos, contorções e estertores.

– Por todas as espécies! – exclamou Bruna, ofegante.

Ao seu lado, Aznárez lutava contra o vômito.

– No saco, no saco, que a gravidade é zero! – gritou-lhe a rep.

Enquanto a irmã de Lizard vomitava com a cara dentro do saco aspirador, Husky ouviu o fim da mensagem terrorista:

«E esta é a nossa exigência de hoje: um sistema de saúde público, gratuito, universal e igualitário. Não pode voltar a morrer nem mais uma criança por falta de dinheiro para pagar os medicamentos. Sangue por sangue! Viva o Exército da Justiça Instantânea! Até amanhã...»

Capuchinhos vermelhos, salvadores do povo, pensou Bruna, enojada e desolada. Yiannis apareceu novamente. Estava a ter gastos enormes, porque as conexões orbitais de voz e de dados eram caríssimas.

– Vais arruinar-te com as ligações, Yiannis...

– É-me indiferente, para o pouco tempo que ainda temos de vida... Jan Lago também apareceu nos ecrãs, logo a seguir aos terroristas. Esta é a mensagem dele.

O magnata estava desfigurado, com olheiras, e vestido integralmente de preto.

«Deixo-vos um aviso: não toquem no meu filho. Se querem guerra, terão guerra, nem que para isso tenha de lutar primeiro contra aqueles que não são capazes de nos proteger. Não se deixem enganar: eu sei defender-me. Vocês ainda não se aperceberam, mas já estão mortos.»

E mais não disse. Todavia, parecia um bloco de gelo, perigoso. Poderoso também. Husky teve de fazer um esforço para não cair sob o fascínio do seu carisma. Em momentos de aflição extrema, aquela voz que enfrentava o horror proporcionava proteção e consolo.

– O primeiro-ministro de Cosmos, Krakotek, chegou à Terra a bordo do vaivém diplomático da sua embaixada e reúne-se com Guang dentro de algumas horas no Palácio Presidencial. Se não se conseguir desbloquear o conflito de Ceres, não sei o que será dos

EUT. A situação está muito tensa por aqui. Já houve confrontos nas ruas entre os partidários de Lago e os do Governo. Vai haver uma guerra – disse o arquivista com um ar angustiado e num tom apocalíptico.

– Calma, Yiannis, descontrai e espera um pedacinho. Daqui a pouco a tua bomba de endorfinas entrará em funcionamento e verás tudo com outros olhos.

– Não. Ficarei menos assustado e descuidar-me-ei, e nessa altura chegarão os gorilas de Lago e cortar-me-ão o pescoço. Já vivi tudo isto com as Guerras Robóticas... Outra vez a mesma coisa. Dirigimo-nos para o desastre. Não sei se não deveria desligar a bomba, o medo ajuda-nos a sobreviver... – gemeu o velho.

E, sem acrescentar uma palavra, desligou. Nesse momento, a androide recordou-se de uma coisa que o arquivista lhe tinha contado há algum tempo, mais uma das muitas histórias que Yiannis gostava de narrar e que agora adquiria uma relevância sinistra. Na sequência de uma antiga guerra civil em Espanha, em meados do século xx, e que fora ganha por um ditador, um grande número de prisioneiros políticos vencidos fora destinado a trabalhos forçados nas minas da zona das Astúrias. Logo nos primeiros tempos do pós-guerra, alguns escroques, partidários do ditador, desciam de vez em quando à mina maior, colocavam em fila todos os prisioneiros, numeravam-nos e, depois, apontavam para uns quantos ao acaso e exigiam-lhes que dissessem um número. Tiravam da formação o desgraçado que tinha o número mencionado e fuzilavam-no. Mas o mais comovente fora que, em mais de uma ocasião, o prisioneiro questionado respondia dando o seu próprio número, condenando-se, por conseguinte, a uma morte certa.

«Imagina que jogo tão eficaz e perverso», comentara Yiannis. «Porque, por um lado, os melhores entre os prisioneiros, os mais corajosos, os mais generosos, os mais difíceis de vergar, davam o seu próprio número e, por isso, eram eliminados; e, por outro lado, os restantes, os que davam um número de um companheiro,

ficavam destruídos para sempre. Sim, parece um mecanismo de repressão perfeito, e no entanto... No entanto, creio que os verdugos não tinham em conta uma coisa essencial, que é o exemplo de integridade e de heroísmo dado pelo companheiro que se imolava. Quando alguém morre por nós – e, evidentemente, todos deviam a vida a esses heróis que deram os seus próprios números –, quando alguém morre por nós, repito, sentimo-nos obrigados, de alguma forma, a ser melhores. A manter a nossa existência à altura dessa dádiva colossal. Por isso, embora os melhores fossem eliminados, o seu exemplo aumentou obrigatoriamente a dignidade daqueles que sobreviveram. Verdadeiramente destrutivo, e o que os teria aniquilado como pessoas, teria sido todos eles darem o número de um companheiro...»

Husky não tinha tanta certeza dessa leitura tão positiva do arquivista, que era o depressivo mais otimista que a rep conhecia; mas, de qualquer maneira, a história deixara-a a tremer. Por que diabo tinha de se lembrar daquilo justamente agora? E se o EJI, que acabara de demonstrar não ter limites na sua crueldade, decidisse fazer um jogo perverso semelhante com os reféns? Tinha a certeza de que Lizard daria o seu próprio número e Bruna enlouqueceria de dor. E se dissesse o número de outro? Nesse caso, enlouqueceriam os dois.

O coração martelou-lhe no peito enquanto a sua atividade cerebral disparou, imaginando mil tormentos. Tentou concentrar-se em respirar para diminuir a angústia, vendo amontoar-se o negrume do espaço no outro lado da claraboia. Ao fundo, muito longe ainda, a estrutura piramidal de Cosmos brilhava, sombria, sob os raios do sol. Que fazia ela ali, presa numa lata velha no meio do nada, enquanto a Terra começava a arder, enquanto arrancavam sadicamente os olhos a uma mulher e Lizard esperava a vez do seu martírio, sabe-se lá onde. Faltavam trinta horas para chegar à Terra Flutuante porque estavam mesmo a meio do trajeto. Aí chegadas,

serviria de alguma coisa?

Jaco não incluía vinho nas provisões, nem branco nem tinto, mas Husky vira duas garrafas de vodca e outra de mussu, a aguardente gnés. Foi buscar a bebida e voltou com vodca.

– Queres? – ofereceu a Barri.

– Não.

A rep julgou aperceber-se de um certo tom de censura. Estava a marimbar-se.

– É novamente a tua vez – disse. – Chama-me daqui a cinco horas.

Tirou um hipnótico da mochila e engoliu-o com quatro grandes goles do álcool áspero. Nem sequer pensava em sair do cadeirão.

– Ótimo, caso necessite de ti numa emergência – ouviu Aznárez resmungar ao seu lado.

E depois, graças ao grande Morlay, o nada.

Três anos, três meses e sete dias. Segundo o horário de Madrid, eram 04h30 de sábado, 22 de fevereiro, embora no espaço o tempo fosse um contínuo de fulgor e de sombra indistinguíveis. O *Mosquito* estava parado à distância protocolar, na faixa de receção de Cosmos. Tinham enviado a documentação da nave e as credenciais de ambas e esperavam agora pela resposta da plataforma. Tinham posto o veículo nos parâmetros da órbita geoestacionária e acompanhavam Cosmos na sua lenta rotação sincronizada com a Terra. Um pouco acima, não muito longe, ficava a principal órbita cemitério de lixo espacial. No negrume cósmico, via-se brilhar um anel de pontos luminosos, quase como uma nova Via Láctea. Só que não eram estrelas, e sim sucata.

Na noite anterior, a Paseris voltara a instalar um reforço de segurança no sistema e o EJI não conseguira aceder aos ecrãs públicos. Apesar disso, não adornaram a execução do refém escolhido, um guarda de origem sueca, com mais nenhum floreado sádico além da decapitação habitual, cumprida sempre por mãos ineptas com facas demasiado pequenas. Já estava a acontecer, ruminou Husky, sombria, já estavam a habituar-se ao horror da carnificina. A cada dia que passava, toda a gente parecia impressionar-se um pouco menos com aquelas mortes sujas, arquejantes e pavorosas. Toda a gente menos os reféns, evidentemente.

Lizard. Dezoito dias.

– Tanta demora! – inquietou-se Aznárez. – Achas que souberam da venda do *Mosquito*? Ou de toda aquela confusão do passaporte provisório?

– Espero que não. Eles ligam-se ao Registo Global para recolher a informação e quem consta aí ainda é o Jaco.

– E se nos permitirem atracar, o que pensas fazer? – perguntou Barri.

Era uma pergunta essencial.

– Não sei.

Tinham conseguido chegar a Cosmos, mas de que serviria se não as deixassem entrar na plataforma? Não sabia qual o procedimento habitual seguido pelos bandistas. Deveria ter averiguado junto do «bicho-pau», mas Jaco também não parecia muito disposto a grandes conversas.

– Controlo de Cosmos para *Mosquito*.

O rosto do funcionário do porto apareceu no ecrã.

– Já verificámos os vossos dados. Tudo em ordem. Só falta a confirmação da carga.

A carga dos bandistas, claro, não vinha registada oficialmente na nave.

– Trazemos dois contentores de ração vegetal.

O homem assentiu. Era jovem, com os lados da cabeça rapados e um capacho de cabelo avermelhado bem recortado no alto. Num dos lados do pescoço tinha umas letras tatuadas que Husky não conseguiu ler.

– Onde está o Jaco?

– Estão a fazer-lhe um nariz novo. Partiram-lho num jantar de amigos – improvisou.

– Não sabia que o Jaco tinha amigos – observou o ruivo, sarcástico.

– Ele também não. Daí esta coisa do nariz – interveio Barri.

O tipo encolheu os ombros.

– É-me indiferente. Só que... o Jaco gosta de mussu... e eu também. Partilhávamos isso – disse, cauteloso.

Ah, bom. Aquilo seria o que parecia?

– Não te preocupes... Eu também o acho uma boa pinga – arriscou Husky.

– Muito bem. Mando-te as coordenadas do porto. Atraca e espera que cheguem os empilhadores-robôs e as instruções para a descarga.

O porto para onde as enviaram ficava num nodo exterior, não muito longe daquele que Lizard tinha assinalado. Enquanto se

aproximavam da plataforma, Husky admirou a formidável construção espacial, enorme e leve ao mesmo tempo, com a sua rede de tubos e de esferas no meio do nada. O material era irreconhecível, metálico mas com um aspeto escorregadio e líquido; tinha uma cor avermelhada muito escura, tão densa como o sangue coagulado; porém, quando os raios de sol lhe batiam em cheio, brilhava como cobre acabado de polir.

Entraram no hangar e as comportas fecharam-se atrás delas. Esperaram alguns minutos enquanto os valores de oxigénio e de gravidade eram repostos. Husky viu o contorno das suas nádegas a encostar-se ao assento: de repente, o corpo voltava a ter peso. A rep admirou a potência tecnológica de Cosmos; a outra plataforma orbital, o Reino de Labari, que tinha a forma de um enorme pneu, conseguia a gravidade pelo procedimento habitual de rotação. Mas os cósmicos não giravam, o que significava que tinham descoberto um método revolucionário para solucionar o problema gravitacional. Bruna reprimiu um calafrio: um inimigo com semelhantes conhecimentos científicos assustava.

– Empilhadores-robôs pedem autorização – soou uma voz impessoal no seu telemóvel.

Husky dirigiu-se ao porão e abriu a porta. Dois empilhadores-robôs esperavam pacientemente do outro lado. Husky levou-os até aos contentores.

– São estes dois.

Habilidosos e precisos, os autómatos abriram as suas plataformas telescópicas, fizeram-nas deslizar por baixo das caixas e abraçaram os contentores com os seus grandes tentáculos articulados superiores. Uma vez bem seguros, içaram-nos.

– Acompanha-nos, Segundo Reyes.

Bruna pegou na garrafa de mussu. Ainda bem que na noite anterior preferira beber vodca.

– Fica aqui – disse ela a Barri. – E, enquanto isso, tenta arranjar o... essa pequena avaria que surgiu – acrescentou, num rasgo de

inspiração.

– De acordo – respondeu ela, com uma expressão de surpresa, mas seguindo-lhe a deixa.

Aznárez era rápida!

Por dentro, os nodos também brilhavam, pelo menos aquele que, aparentemente, era dedicado ao transporte espacial. Bruna viu vários hangares para aeronaves e, mais à frente, sinais que indicavam o ascensoporto. Da meia esfera superior, que fazia as vezes de céu, emanava uma luz prateada e brilhante. Quanto à metade inferior, as paredes tinham um acabamento liso e mate. Tudo era metálico, tudo brilhava; as pessoas iam e vinham por entre o fulgor, em passarelas automáticas que se entrecruzavam a diversas alturas. Na zona média, pequenos veículos que pareciam bolas transparentes zumbiam de um lado para outro sobre carris. Aquele nodo portuário fora construído para impressionar, para intimidar os visitantes, não pela sua beleza, mas pela sua força. Transmitia uma imagem austera, dura e poderosa. O ambiente tinha qualquer coisa de marcial, reforçado pelo facto de toda a gente, homens e mulheres, vestir o mesmo uniforme, um fato-macaco cor de chumbo que parecia feito de borracha e que só se diferenciava pelas várias insígnias nos ombros e no peitilho. Além disso, a maior parte dos cósmicos usava armas de cano curto à cintura e, de quando em quando, viam-se metralhadoras-robôs a patrulhar a zona. Mais do que uma plataforma orbital de civis, parecia um destacamento militar prestes a sofrer um ataque. E é possível que, na verdade, tivessem razões para recear um assalto, dado o agravamento da crise em Ceres.

Acima das cabeças e por baixo da abóbada radiante, vibravam no ar frases a vermelho, vistosas, que se acendiam e apagavam de forma intermitente. Eram aforismos; suficientemente perto, também se podia ouvir a transcrição áudio: «Não digas *eu*, diz sempre *nós*»; «Somos as células do grande corpo de Cosmos»; «Antes de sermos livres, temos de ser iguais»; «Pátria ou Morte»; «A Revolução é nossa

mãe»; «O egoísmo é burguês, a solidariedade é revolucionária»; «A obediência torna-nos grandes»... No ponto mais alto da cúpula celeste via-se um enorme retrato holográfico, animado, da cabeça de um homem com o rosto completamente liso, sem qualquer pilosidade, incluindo as sobrancelhas. A sua cara colossal olhava para um dos lados do nodo e depois para o outro, com uma expressão arrogante e um pequeno sorriso de benevolência, como um pai severo que se orgulha dos seus filhos. Devia ser o primeiro-ministro de Cosmos, calculou Husky.

– Aquele aí em cima é Krakotek? – perguntou ao robô mais próximo.

– É o Grande Líder Krakotek, Primeiro Camarada entre os Camaradas – respondeu o engenho; se não fosse um pedaço de sucata, a rep teria jurado que usara um tom de voz recriminatório por ela não ser suficientemente respeitosa.

– E aquelas frases a vermelho...?

– Sou um empilhador-robô. Não me perguntes o que não sei. Cada um no seu lugar e todos por um mesmo objetivo – atalhou a máquina.

E a detetive voltou a perceber um certo matiz didático na réplica.

Tomaram uma passarela ascendente que os conduziu até à parede curvada do nodo. A poucos metros de distância abria-se uma grande boca circular de onde saíam os carris e os veículos transparentes. A passarela deixou-os à entrada de uma abóbada comprida, com algumas semelhanças com uma estação de metro terrestre. Pelo centro, circulava constantemente, a baixa velocidade, uma espécie de tapete rolante largo, com bancos num dos lados. Os robôs entraram no tapete e Husky seguiu-os.

«Terráqueo Segundo Reyes e dois empilhadores-robôs para EXX333», anunciou a máquina.

Husky percebeu que o chão do suposto tapete rolante estava segmentado em placas e que a secção onde eles se encontravam se

soltava das placas da frente e de trás, saía do tapete largo e entrava num carril paralelo. Em volta deles materializou-se uma bolha transparente de proteção: tinham-se transformado numa espécie de pequeno veículo feito à medida. Que engenhoso, pensou a rep: tinham sido aquelas as bolhas que vira passar sobre carris. Uns metros à frente, o veículo entrou no túnel propriamente dito. Uma vez aí, todas as viaturas, incluindo aquela em que viajava, aceleraram furiosamente. Percorriam, sem dúvida, um dos tubos de ligação entre as esferas. As paredes de metal polido deslizavam em ambos os lados a toda a velocidade, anódinas e vertiginosas. Pouco tempo depois, abrandaram e, atravessando uma estação sem parar, saíram noutro nodo. Atravessaram a esfera sem se deterem, curvaram no ar e entraram num novo tubo de ligação. No total, demoraram cerca de trinta minutos terrestres no trajeto, atravessando quatro esferas, três delas possivelmente zonas habitacionais, porque passaram por cima do que pareciam ser casas e ruas. O quarto nodo, pelo contrário, apresentava uma distribuição estranha. Enormes construções escuras erguiam-se encostadas às paredes curvas da esfera, muito acima do horizonte convencional que, nos outros nodos, parecia dividir o espaço entre céu e terra em partes iguais. Aqueles edifícios volumosos, ou o que quer que fossem, careciam de janelas, embora estivessem separados em segmentos por longas fissuras verticais, como tubos de órgão colossais. Os volumes tubulares só deixavam livre cerca de 20% do hemisfério superior e esse pequeno fragmento de céu prateado estava ocupado, quase por completo, pelo rosto tridimensional de Krakotek, que, como nos habitáculos anteriores, continuava a derramar sobre Cosmos, imperturbável, o seu poderoso sorriso patriarcal.

Enquanto o veículo atravessava o nodo, Husky não avistou um único humano. Exceto pela pequena porção de céu, a pesada construção alveolada cobria todo o local; não havia ruas à vista, de modo que toda a vida devia ser subterrânea, ou seja, no interior do

órgão gigantesco. Assim que atravessaram a cúpula, o veículo em que viajavam saiu do carril central por onde circulavam e aproximou-se da estação. A velocidade diminuiu, a bolha protetora desfez-se e os segmentos do chão uniram-se aos da frente e aos de trás, formando de novo um tapete contínuo.

– Segue-nos, Segundo Reyes – ordenou um dos robôs, descendo do transportador com a carga bem apertada entre os braços metálicos.

Dirigiram-se para um grande portão escuro que se abriu assim que se aproximaram. Lá dentro esperava-os o funcionário do porto, o tal com os lados da cabeça rapados e com o capacho vermelho no topo.

– Vamos lá ver se está fresco. Os nossos pequenos quase não conseguiram roer a última ração que o sacana do Jaco trouxe – grunhiu, em jeito de cumprimento.

Em resposta, Bruna entregou-lhe a garrafa de mussu. O homem aceitou-a, abriu-a, limpou o gargalo com a manga e bebeu um gole.

– Brrr! Isto sim, é bom. Vejamos...

Os robôs tinham descarregado os contentores e abriam-nos nesse momento. Uma lufada de ar bafiento a ervas podres inundou a pituitária afinada de Husky. Uma mulher de bata branca e tranças, que Husky não tinha visto até esse instante, subiu pelos entalhes do primeiro contentor e inseriu umas varas medidoras na carga; depois, repetiu a manobra.

Encontravam-se numa ampla plataforma de vidro transparente que saía da parede curvada da esfera. Exceto por uma luz que os iluminava de perto, tudo o resto estava às escuras. No entanto, a visão noturna de Bruna fê-la aperceber-se de que se encontravam numa espécie de grande túnel vertical no interior de um dos tubos. Por cima dela, em frente e em baixo, abriam-se grandes espaços, trevas rumorosas que chiavam. Um roçar áspero e o sussurro de um mar de metal agitavam as sombras. E havia ali mais alguma coisa: por detrás do fedor penetrante a erva podre, um odor frio e

inquietante, um cheiro indefinido, mas que parecia conter um perigo conhecido de outros tempos. A mulher desceu do segundo contentor e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Está aceitável.

Tinha uma tatuagem num dos lados do pescoço: «A curiosidade é a desculpa do reacionário». E Bruna conseguiu ler a frase que o funcionário tinha tatuado no pescoço: «A revolução não se pensa, faz-se».

– Está bem, toma o teu dinheiro – disse o oficial, estendendo-lhe um punhado de notas enxovalhadas.

Dinheiro real, evidentemente, para não deixar rasto. Bruna contou-o com cuidado, como se isso lhe importasse: 1600 gês. Não fazia ideia do montante que fora acordado, mas achou que seria mais seguro protestar.

– Isto é menos do que...

– Eu avisei o Jaco que descontaria na carga seguinte. A ração da viagem anterior era uma porcaria. Reclama com ele. Além disso, podes levar de volta os contentores.

Com a ajuda dos robôs, a mulher da bata branca descarregava a ração para uns depósitos afixados à parede.

– «A revolução não se pensa, faz-se» – disse Husky em voz alta.

– Isso mesmo – respondeu o homem. – É uma frase do *Livro Vermelho* do Grande Camarada Krakotek.

– Todos vocês tatuam as frases dele no pescoço?

– Todos. Ou quase todos.

– E quem não o faz?

O homem encolheu os ombros com irritação.

– Sou um funcionário do porto, não me perguntes o que não sei. Cada um no seu lugar e todos por um mesmo objetivo.

– Está feito – disse a mulher.

E, endireitando-se, tocou no painel da parede. O recinto iluminou-se. Estavam, de facto, no interior de um dos tubos. Em volta deles, em cima e em baixo, até perder de vista, uma infinidade

de alvéolos, construídos num material que parecia resinoso, palpitava de vida infinitesimal. Bicharocos negros e minúsculos rastejavam, estalejavam, trepavam por cima uns dos outros, cobriam as paredes em cachos. Encontravam-se numa enorme granja de insetos.

– Já lhes cheirou a ração... Estão sempre a morrer de fome – disse o tipo. – Isto que trouxeste não dura mais de sete dias. Ainda bem que não és o único fornecedor.

Em redor, tudo estremecia, vibrava e zumbia com a agitação negra, queratinosa, estridente dos bichos. Husky viu grilos, baratas, escaravelhos, gafanhotos, aranhas, montes de élitros indistinguíveis e trémulos. Claro; como não pensara nisso antes? Toda a alimentação de Cosmos era elaborada, sem dúvida, a partir de insetos. Era a maneira mais eficiente de arranjar nutrientes de qualidade numa plataforma orbital como aquela. Na Terra, os insetos também faziam parte da dieta, não de forma única, nem sequer maioritariamente; milénios de preconceitos e de medos sensatos tornavam difíceis de suportar a visão das granjas insectíferas. A praga de alforrecas que quase destruíra a diversidade biológica dos mares terráqueos fornecera a atual base nutricional do planeta, sendo a quase totalidade dos alimentos pré-cozinhados confeccionada com a carne desses celenterados, ricos em proteínas e em colagénio, baixos em calorias e isentos de gordura. Agora, a ingestão de medusas, ou melhor, da pasta feita a partir das medusas, à qual depois acrescentavam sabores diversos – a frango, vaca, pescada ou porco –, estava gastronomicamente assumida e não provocava qualquer espécie de rejeição social. Os insetos, pelo contrário, salvo algumas exceções extravagantes, como as saúvas colombianas, continuavam a provocar a repugnância geral, embora Bruna soubesse que, nos buracos mais miseráveis das mais miseráveis Zonas Zero, as pessoas comiam bichos quando não tinham acesso a mais nada.

Descarregada a encomenda e cobrada a mercadoria, Husky não

teve outro remédio senão despedir-se e fazer o caminho de volta até à sua nave, na companhia dos dois empilhadores-robôs, novamente abraçados aos contentores vazios. Quando chegaram ao *Mosquito* e os operários metálicos se despediram, após prenderem as grandes caixas no porão, Husky fez um gesto discreto de negação na direção de Barri e ligou ao funcionário do porto. O ruivo apareceu no ecrã.

– Peço autorização para ligar os motores.

– Autorização concedida. Abro-te um canal de desatracação em... dezassete minutos a partir de agora.

Esperaram em silêncio; Husky receava que, enquanto estivessem ancoradas em Cosmos, as suas conversas pudessem ser ouvidas. No fim de contas, estavam conectadas com o sistema da plataforma. Os minutos decorreram com uma lentidão exasperante mas, finalmente, o funcionário deu-lhes o aviso de saída. O hangar vedou-se, abriram-se as comportas e o *Mosquito* ativou a bomba de positrões e saiu da plataforma para o negrume. A nave tinha começado a descrever uma elipse em volta da grande estrutura piramidal de Cosmos para depois se propulsar em direção à Terra quando, de repente, Husky parou os motores e deixou o veículo geoestacionado.

– O que se passa?

A rep não respondeu a Aznárez. Libertou-se a toda a velocidade do cinto de segurança e saiu disparada do assento. Literalmente disparada, na realidade, pois não calculara adequadamente a microgravidade e o impulso atirou-a contra a parede.

– Mas... o que estás a fazer? – insistiu Aznárez, preocupada.

– Ganha tempo; refere um problema técnico – murmurou Husky, impelindo-se com os braços pela nave abaixo até ao módulo de propulsão.

Quando chegou aos propulsores, rastejou pelo espaço estreito sob os motores e arrancou um dos muitos cabos que ligavam o computador central da nave ao reator. Emergiu das profundezas coberta de pó e de teias de aranha e voltou a subir a toda a

velocidade até à cabina. Encontrou a irmã de Lizard a falar com o tipo ruivo.

– Não sei o que aconteceu. De repente deixou de funcionar...

– Mas o que é que deixou de funcionar? São obrigados a enviar imediatamente um relatório dos danos... – contrapunha o tipo com uma irritação evidente.

– Já aqui estou, já aqui estou... Envio-te a autoanálise agora mesmo – disse Husky, ofegante, prendendo-se ao assento.

Pedi ao computador um diagnóstico do sistema e, efetivamente, apareceu registada uma anomalia, uma desconexão de dados.

– Já nos aconteceu anteriormente, ao sairmos da Terra. Esta nave é uma lata velha – resmungou Husky. – O Jaco sabe melhor do que eu em que secção tem de pontapeá-la para que volte a funcionar, mas a mim, às vezes, resiste-me.

– Podemos mandar uma equipa de mecânicos – propôs o funcionário, examinando o diagnóstico. – Não parece ser grande coisa.

– Nããã, de certeza que é um cabo solto. Já me aconteceu. Dá-me algum tempo e já vejo...

– Está bem. Dou-vos duas horas. Avisem quando estiverem prontas.

A rep desligou e voltou-se para Aznárez, que olhava para ela, expectante.

– Não vi nada de interessante em Cosmos... ainda – disse Husky. – Mas olha...

Barri olhou na direção em que o dedo da rep apontava e viu, através da janela, o fragmento da pirâmide que nesse momento estava mais perto: um nodo escuro, situado a uns mil metros de distância.

– Essa esfera é justamente aquela que as coordenadas do Lizard assinalavam – disse Husky. – E julgo saber como entrar lá.

O que o vetusto *Mosquito* tinha de mais antigo eram os fatos espaciais. Eram cinco: um de reserva mais os obrigatórios para as quatro pessoas que constavam como tripulação autorizada; mas assim que Husky se aproximou para os examinar, apercebeu-se de que tinham a mesma idade da nave e que, ao contrário de outras partes do veículo, nunca tinham sido substituídos, modernizados ou reparados. De facto, quatro dos fatos estavam inutilizados, porque dois deles não tinham reservas de oxigénio e os outros dois estavam furados ou rasgados. Quanto ao quinto, embora parecesse operacional, era tão antiquado e estava tão sujo que a proteção que garantia era duvidosa. Com certeza, o bandista só utilizava o *Mosquito* para viagens curtas até à plataforma e não se preocupava muito com a condição dos fatos, os quais provavelmente nunca usara. Bastava tê-los para passar nas inspeções.

Mas era o que havia, de modo que a rep se enfiou no único fato intacto e selou o capuz insuflável.

– Por todas as espécies... – resmungou. O modelo era para alguém de estatura menor e o capacete comprimia-lhe a parte superior do crânio.

Testou o oxigénio: era um tanque antigo, mais pesado e com menor capacidade do que aqueles que utilizara durante os seus anos de milícia em Potosí. Mas funcionava e, se o medidor de oxigénio não estivesse avariado, e não parecia estar, tinha o suficiente para duas horas de autonomia. Também testou a carga de nitrogénio dos propulsores, embora não conseguisse experimentá-la no interior da nave. Tudo em ordem.

– O que pensas fazer? – perguntou Aznárez, inquieta.

– Bem, é óbvio. Voarei até ao nodo e tentarei entrar – respondeu-lhe a rep através do sistema de som do fato, verificando, aliviada, que funcionava. – Em todas as esferas por onde passei havia várias XOX estrategicamente distribuídas.

– Várias o quê?

Por todos os sencientes, a ignorância dos Novos Antigos podia ser um aborrecimento!

– Não conheces a sigla? São saídas de emergência espaciais. Todas as construções do espaço exterior têm de dispor, pelo menos, de uma.

– Mas se são de saída, como vais entrar?

– São bidirecionais! Bom, podem fechá-las, se quiserem, mas é habitual manterem-nas bidirecionais, podendo ser abertas a partir de fora ou de dentro, sobretudo nas construções permanentes do espaço, devido ao tráfego frequente de astronautas...

– Mas detetar-te-ão assim que saíres do *Mosquito* – preocupou-se a irmã de Lizard.

– Não necessariamente. Serei apenas um ponto no vazio e há muito lixo às voltas por aí. Confundir-me-ão com ele.

O que Husky não dissera a Barri era que as pequenas câmaras tinham sempre alarmes ligados, embora, como conhecia bem as XOX devido à sua estada em Potosí, tivesse esperança de conseguir enganar o sistema. Na realidade, não estava certa de que o seu plano funcionasse, mas não lhe ocorria outra maneira de entrar em Cosmos. E era preciso apressar-se, uma vez que o funcionário do porto só lhes concedera duas horas. Meteu alguns objetos num saco estanque e encaminhou-se para a eclusa de ar. Sem se despedir de Barri, entrou e fechou a porta hermética atrás de si.

– O cabo que desliguei é um vermelho que está mesmo por baixo da turbina direita, no primeiro nível de propulsores. Não o tirei completamente; por isso, não procures um cabo solto. Limita-te a empurrá-lo novamente até ouvires o clique do fecho e, se não descobrires qual é, empurra todos... – explicou depressa, enquanto a eclusa despressurizava, porque, de repente, desconfiou de que não voltaria.

– Porque me dizes isso agora? – inquietou-se Aznárez.

Mas a portinhola exterior já se abrira e Husky foi cuspidada para o exterior.

Nunca tinha voado assim no espaço, à exceção de pequenos saltos a poucos metros da superfície de Potosí. De repente, atacou-a uma vertigem descomunal, a maior da sua vida, uma sensação de queda infinita, quase insuportável. A rep rangeu os dentes, respirou fundo e concentrou-se no nodo para onde queria dirigir-se: se ia cair, que fosse nessa direção. Mas não. Não caía para lado nenhum; era só um engano visual, uma ilusão. Na realidade, flutuava. Ligou os propulsores. Agora voava, impelida por um jorro de nitrogénio.

Esforçou-se por baixar o ritmo da respiração, que era demasiado agitada. O oxigénio do fato cheirava a ranço. Calculou que, da forma pausada como se movia, demoraria uns seis ou sete minutos a superar os mil metros que a separavam do nodo: ia um pouco mais depressa do que se caminhasse. De vez em quando, tinha de soltar um novo jorro de gás para corrigir a trajetória e reparou que as reservas de nitrogénio desciam a toda a velocidade. Tinha de haver um defeito, fosse nos tanques, fosse nas medições, porque tamanho consumo não era normal. Àquele ritmo, dificilmente teria o suficiente para voltar ao *Mosquito*, pelo que tentou aproveitar o impulso com avareza e retificar a trajetória o menos possível. O que diminuiu o seu avanço, ao torná-lo mais zigiguezagueante. Talvez demorasse dez minutos até à esfera. Rogou mentalmente ao grande Morlay que a falha estivesse nos medidores e não nas reservas dos tanques.

Três anos, três meses e sete dias. Não, não, tinha de se concentrar. Seiscentos metros até ao contacto. Quinhentos e cinquenta metros até ao contacto. Quinhentos metros até ao contacto. Teve de recorrer a toda a sua calma geneticamente reforçada e focalizar as suas energias e pensamentos para suportar o breve e, no entanto, interminável voo. A cerca de cem metros de distância da superfície do nodo, localizou o olho fechado de uma XOX, à direita da sua trajetória. Corrigiu a direção e distância da superfície e encaminhou-se para lá. Um minuto depois, investiu violentamente contra a plataforma e, depois de agitar as mãos por

alguns segundos, conseguiu agarrar-se à pega da escotilha. O mecanismo de abertura era um triplo quatro: era preciso carregar em quatro botões em simultâneo com quatro dedos e repetir três vezes o movimento, a típica manobra universal de segurança para evitar ativações acidentais por erro ou impacto.

Antes de executar a manobra, tirou do saco um pequeno mas potente inibidor dual. Não conseguiria evitar que o alarme disparasse ao abrir, mas podia tentar que o sinal não fosse transmitido. Quer o fosse por radiofrequência, quer por meio de um circuito fechado Meissner, o que era o mais provável, o inibidor impediria a passagem dos dados. Claro que era possível Cosmos ter desenvolvido um sistema de alarme mais sofisticado, mas teria de arriscar. Husky arrancou a proteção do autocolante do inibidor, colou a caixa ao metal sedoso da plataforma e ativou o aparelho. Uma luz vermelha indicou que estava operacional. A rep inspirou profundamente o oxigénio malcheiroso e carregou nos botões. Uma vez. Duas. E três. A comporta da XOX abriu-se com uma docilidade silenciosa, como uma pálpebra de metal a destapar um olho. A rep atirou-se de cabeça para o interior e a placa voltou a fechar-se. Husky inspirou novamente: apercebia-se agora de que tinha estado a sustentar a respiração. Encontrava-se numa câmara típica deste tipo de saídas de emergência, que eram sempre cubículos pequenos, com um ou dois fatos espaciais encostados às paredes. Ali estavam dois. Enquanto o habitáculo pressurizava, a rep comprovou que o alarme era um circuito Meissner. Boa: se o inibidor permanecesse ativo durante muito tempo, acabariam por descobrir a falha no sistema; por enquanto, as intermitências poderiam ser atribuídas a alterações no magnetismo solar.

Seguindo uma inspiração repentina, Bruna despiu a toda a velocidade o velho fato espacial e entrou num dos equipamentos resplandecentes da XOX. Além de solucionar o problema do baixo nível de nitrogénio, ajudava-a também a deslocar-se pela plataforma. Como não tinha acesso ao uniforme cinzento de

Cosmos, pensou que passaria mais despercebida vestida de astronauta. Ou seja, seria estranho, chamaria muito a atenção; mas, justamente por isso, era provável que não suspeitassem dela. A segunda porta apitou e abriu-se enquanto Bruna tirava o capacete esvaziado e as luvas, deixando-os presos aos ganchos magnéticos nas costas do fato. Espreitou cuidadosamente para fora da XOX e viu que estava na extremidade de uma das estações de transporte. Saiu da cápsula de emergência com naturalidade e cumprimentou, com um ligeiro aceno de cabeça, uma cósmica de baixa estatura que olhava para ela, ou melhor, para Segundo Reyes com estranheza. A mulher desviou os olhos e entrou num dos veículos bolha. Não havia muito movimento na estação. Bruna deu uma vista de olhos ao computador: na cronologia artificial de Cosmos, eram, supostamente, nove da noite. Uma hora tardia para um povo marcialmente trabalhador.

A grande altura a que estavam situadas todas as estações de Cosmos deu à rep uma boa perspectiva do interior da esfera. Parecia um nodo de armazenagem ou fabril; o espaço abria-se numa quadrícula ordenada de ruas com construções retangulares de diversos tamanhos, a maior parte delas sem janelas e com o aspeto de naves industriais. Circulava pouca gente pelas passarelas e a metade superior da esfera, que correspondia ao falso firmamento, emitia um brilho apagado azul-cobalto que simulava o anoitecer, embora a roseta central omnipresente com o rosto animado de Krakotek estragasse consideravelmente o efeito. Bruna consultou o telemóvel e as coordenadas que Lizard indicara com tanta precisão pareciam apontar para um grande edifício quadrado, situado quase na outra ponta do recinto. A rep saltou para a primeira passarela e, apesar da incomodidade do traje espacial, tentou mover-se o mais rapidamente possível. Quando chegou à construção, já tinham decorrido quarenta e seis minutos desde a sua saída do *Mosquito*. O tempo urgia.

Começou a percorrer o perímetro do bloco, que parecia não ter

nenhuma abertura, sem encontrar ninguém, o que fez disparar a sua inquietação: as coisas estavam a ser fáceis de mais. Meteu a mão dentro da bolsa estante que ainda trazia e apalpou a velha pistola de plasma. Já quase a terminar de dar a volta ao edifício, deparou com uma entrada, um portão metálico com um puxador. Não se via fechadura em lado algum. Bruna apertou a arma, ainda escondida no saco, e agarrou no puxador com a mão biónica. Era absurdo e até um pouco ridículo experimentar uma coisa tão simples, mas fê-lo: puxou. A porta abriu-se com a maior facilidade e sem qualquer ruído.

Era um armazém. O raio de um armazém normal, ou era isso que parecia. Sob uma luz branca, fria e desagradável, filas ordenadas de robôs de trabalho enchiam cerca de dois terços do espaço. Bruna reconheceu alguns empilhadores-robôs iguais àqueles que tinham descarregado a ração, mas havia-os de muitos tipos e tamanhos, nenhum deles antropomórfico, e alguns pareciam estar meio desmontados. Talvez fosse uma oficina de reparações ou de manutenção. Por isso não havia guardas e nem sequer estava fechado, disse Husky para consigo, profundamente desanimada por o local não ter qualquer importância.

Mas, nesse caso, qual o motivo das coordenadas? Porquê tanto cuidado em enviar a carta à irmã? Seria um erro de Lizard? Teria sido enganado?

Husky passeou lentamente entre as filas de robôs, sentindo o seu desassossego aumentar. Alguma coisa não estava bem. Alguma coisa estava, na verdade, muito mal. Desesperada, procurou no telemóvel a imagem fixa que Ángela conseguira resgatar do computador de Lizard, a fotografia que supostamente reproduzia um campo de treino dos Ins, e examinou minuciosamente a dezena de figuras encapuzadas e armadas, escondidas atrás de um parapeito, o robô armado com uma pistola que pareciam enfrentar, os dois terroristas que observavam a cena de longe...

O autómato armado era antropomórfico e não se via nenhum

semelhante em todo o armazém. Também não se via nenhum muro baixo ou parapeito. As paredes e o chão eram de metal e muito parecidos com os da imagem, mas isso não era, em absoluto, revelador. Mas... um momento, um momento. Ao fundo, ao lado das figuras que observavam a cena, quase fora do enquadramento, via-se qualquer coisa. Bruna ampliou a imagem. Sim. Havia uma linha vertical que terminava num pequeno ângulo. Uma porta. Mais concretamente, tratava-se do batente direito da porta por onde ela tinha entrado. Excitada, a rep foi a correr até ao ponto onde a fotografia certamente tinha sido tirada. Observou o rebordo do batente e mediu o tamanho dessa folha e o espaço entre o ângulo superior e o teto. A relação entre a altura da porta e a distância em relação ao teto era exatamente a da fotografia, Bruna tinha a certeza, porque um sentido espacial bastante apurado fazia parte das suas qualidades de androide de combate. Depois, comparou essa proporção com a distância até à esquina do local, também visível à direita da imagem. Uma vez mais, a relação era idêntica. O hangar era um campo de treino, embora agora estivesse disfarçado.

Oitenta e dois minutos desde a saída do *Mosquito*. Ofegante, Husky voltou a percorrer o armazém, tentando descobrir o que antes talvez não soubera ver. Tinha de restar alguma coisa, algum vestígio. Angustuada, pensou que talvez estivessem a esconder a realidade sob uma camada de metamateriais, que, fabricados com átomos artificiais, eram capazes de desviar a luz e criar zonas de invisibilidade. Poderiam ter escamoteado dessa forma todo o parapeito, por exemplo. Se assim fosse, disse para consigo, desanimada, não teria tempo suficiente para revistar a fundo o enorme hangar. Começou a percorrer as fileiras de máquinas dóceis, agitando as mãos no ar, à frente e à sua volta, para ver se tocava nalgum mecanismo revelador agora invisível. Sentiu-se ridícula. Todos os robôs ali presentes eram industriais ou domésticos, sucata humilde e serviçal, nenhum destinado à defesa. Se aquele sítio fosse um armazém ou um hospital de auxiliares mecânicos, o mais lógico

seria haver um pouco de tudo. Onde estavam as metralhadoras-robôs que ela vira ao chegar? Era possível, evidentemente, que houvesse outro hangar mais protegido para o armamento mas, mesmo assim, Bruna começou a alimentar a desconfiança, aguda, absurda, de que todo o interior do edifício fosse uma encenação, um cenário. Como se estivessem à espera dela e, talvez, a espiá-la. Um arrepio gelado percorreu-lhe as costas e, de repente, teve consciência de que se sentia vagamente observada. Seria uma simples e louca invenção da sua paranoia? Ou uma informação real fornecida pela nexina, a hormona que multiplicava a percepção?

Cada vez mais alerta, com o corpo inundado de adrenalina, continuou o seu percurso minucioso, fileira a fileira e corredor a corredor por entre as máquinas. Tinha examinado quatro quintos do hangar quando sentiu o cheiro. Estava no fim de um dos corredores, muito perto da parede de metal, quando o seu olfato apurado sentiu um odor estranho e, ao mesmo tempo, vagamente conhecido, um eflúvio pegajoso e pertinaz. O que era aquilo? Husky tinha a certeza de já o ter sentido. Um cheiro oleoso, com um toque simultaneamente cáustico e adocicado. Era... Sim, ela conhecia-o, era...

A resposta deixou-a agitada. Aquele era, sem qualquer dúvida, o cheiro de *inferno*, o novo explosivo usado pelos Ins. Excitada, Husky pôs-se a aspirar o ar como um cão de caça. Só demorou um minuto a seguir o rasto olfativo até um robô mensageiro. Afastou a máquina e ajoelhou-se para observar o chão: o cheiro era mais intenso ali. Junto à parede, na linha de união com o chão, havia uma mancha pequena de uns dez centímetros com vestígios de uma substância pegajosa, uma espécie de óleo. Era o explosivo. Talvez nos treinos tivessem praticado com *inferno* ou ensinado a manipulá-lo. De qualquer modo, tratava-se de uma prova inequívoca de que Cosmos estava por detrás do EJI. Além disso, a substância estava por queimar, com a sua composição intacta, e, por conseguinte, podia ser estudada. Husky tirou a pistola do saco estanque, pousou-

a no chão e, a seguir, tentou dar a volta à boca rígida do saco a fim de recolher uma amostra de *inferno* com a parte interior. Não era tarefa fácil. O saco era feito com um plástico especial, tão impermeável e impenetrável que repelia todo o tipo de substâncias, e a quantidade de explosivo era mínima. Mas a rep, que não dispunha de outros meios, insistiu com a borda da abertura até conseguir raspar uma camada tênue de óleo. Fechou o saco estanque, satisfeita. Meio segundo depois, um tiro desintegrou a sua pistola de plasma.

Quando a rep começou a ter consciência do que acontecera, já tinha rolado pelo chão, saltado e corrido até se entrincheirar atrás de um empilhador-robô. Os reflexos dos reps de combate eram muito mais velozes do que o seu pensamento. Olhou em volta: havia, pelo menos, uma vintena de guardas ou soldados, com armaduras completas e espingardas de plasma, a encaminhar-se na sua direção. Não conseguiria vencê-los, isso era evidente. Talvez este fosse o fim, disse para consigo com a calma fria, libertadora e luminosa que se ativava dentro dela diante do perigo. Depois, essa mesma frieza levou-a a pensar: não querem matar-me, querem prender-me. Se quisessem acabar comigo não teriam disparado contra a minha pistola, mas contra mim. Essa certeza abria uma janela de esperança mínima que a rep estava disposta a aproveitar, de modo que, num segundo, idealizou um plano vertiginoso, a sua única hipótese, se tivesse sorte.

Analisou a toda a pressa o empilhador-robô atrás do qual se protegia; era idêntico aos que tinham descarregado a ração e, basicamente, semelhante a todos do seu género. Não conseguia deslocá-lo recorrendo ao telemóvel, porque não estava conectado; mas todas aquelas latas tinham um controlo manual como medida de segurança, pelo menos na Terra. O que tinha de fazer era encontrá-lo. Bruna subiu para a pequena plataforma de manipulação e, acorada para não se tornar um alvo fácil, procurou o botão de ligar e ativou a máquina. Uma luz azulada

acendeu-se imediatamente, contornando e destacando uma membrana quadrada. Que prático, disse a rep para consigo, aquele devia ser o controlo manual. Afundou os dedos na membrana a toda a pressa, porque os soldados se aproximavam, e o empilhador-robô abriu de uma só vez o braço telescópico. Não, não, não, pensou Husky, carregando intuitiva e aleatoriamente na borracha sensível. O empilhador-robô começou a dar voltas sobre si próprio, sacudiu os tentáculos, deitando ao chão meia fila de máquinas e, finalmente, com Bruna agarrada com dificuldade, saiu impelido na direção correta e investiu contra a parede mais próxima. Provavelmente não teria conseguido abrir um buraco, ou isso implicaria mais de uma investida, não fossem os tiros de plasma dos guardas. Alguns acertaram no empilhador-robô, desfazendo-o em pedaços, mas outros atingiram a parede e furaram-na. A parede cedeu com um ranger metálico horrível e pontas soltas de alumínio, afiadas como navalhas, passaram a milímetros do corpo da rep. O empilhador-robô parou, mas Husky já se encontrava no exterior. E, o que era ainda melhor, a máquina estragada bloqueava a abertura atrás de si.

Bruna correu e correu, com toda a energia, com todos os recursos do seu corpo perfeito, enquanto mãos armadas disparavam através de pequenos orifícios na parede rachada. Depressa os teria atrás de si, saíam rapidamente pela porta, com a agravante de o traje de cosmonauta a estorvar. Mas os guardas também vestiam armaduras completas e, além disso, a rep não podia permitir-se pensar no perigo; cada uma das suas células concentrava-se em correr, em procurar um lugar onde proteger-se, alguma coisa com que defender-se ou um milagre. E o milagre aconteceu, na forma de uma XOX.

Voou até à saída de emergência, carregou no triplo quatro e, com a porta a fechar-se atrás de si, viu-os ao longe. A porta hermética bloqueou-se automaticamente e, enquanto a rep punha o capacete e as luvas a toda a pressa, iniciou-se o processo de

expulsão. Vinte segundos, trinta, quarenta... Aos cinquenta segundos, com a câmara prestes a chegar ao vazio, acendeu-se uma luz vermelha e uma voz gritou: «Procedimento abortado.» De alguma forma, os cósmicos tinham desativado a saída. Ouviu-se o ciciar do ar que tornava a encher a XOX. Desesperada, Bruna atirou-se na direção da porta exterior. Só dispunha de alguns segundos antes de os guardas conseguirem entrar. Sim, sim! Havia um controlo manual, um triplo quatro igual ao de fora. Esmurrou os botões, frenética, e uma sirene atroadora começou a soar. «Perigo! Perigo! Câmara pressurizada! Câmara pressurizada! Confirmar manobra! Confirmar manobra!», dizia uma voz perentória entre clarões de luz vermelha. Husky já tinha acionado três vezes os quatro botões, mas a porta teimava não abrir. Tentou outra vez e mais outra. À terceira, tanto a porta como Bruna foram projetadas para o exterior com grande violência. A pressão interior fizera com que a câmara se transformasse num canhão de ar comprimido ao abrir-se a XOX. O impulso atirou a rep para o espaço, aos tombos, afastando-a a toda a velocidade da Terra Flutuante. Na vertigem daquele torvelinho insuportável, Husky sentiu-se cair, sentiu-se morrer, pensou que o seu cérebro se liquidificaria e jorraria pelo nariz, que vomitaria e se afogaria no seu próprio vomitado. Teve de recorrer a todos os seus recursos de androide de combate, às suas hormonas artificiais, às suas sinapses reforçadas, para entrar numa espécie de letargia vigilante, que era uma das táticas extremas da milícia tecno. Assim, com os batimentos, a respiração e o metabolismo reduzidos, esperou, numa calma rígida próxima da morte, que o sistema automático de estabilização giroscópica, incluído em todos os fatos espaciais, conseguisse que o seu corpo deixasse de girar como um pião.

Finalmente, quando parou e emergiu da letargia, estava a mais de quatrocentos metros de Cosmos. Entre si e a plataforma, viu flutuar a porta da XOX, que se soltara da câmara. O que não deixava de ser uma boa notícia, porque essa saída de emergência

estaria agora selada, uma vez que a sua abertura poria em risco todo o nodo. E o que seria o pequeno objeto esbranquiçado que brilhava um pouco mais longe? Oh, não, rai's parta, não podia ser... mas sim, era. O saco estanque com a amostra do explosivo. A violência da saída devia ter quebrado a correia. Tenho de o recuperar, pensou Bruna, embora o gasto extra de combustível e tempo não a deixasse satisfeita. A rep estava numa zona do nodo diferente daquela por onde entrara; nem sequer avistava o *Mosquito*, que devia estar no outro lado da esfera, e o caminho até à nave seria longo. Oxalá o fato que vestia dispusesse de boas reservas de nitrogénio. Porque, além do mais, tinha de regressar a toda a pressa, antes que viessem no seu encalce.

Por todas as malditas espécies!

Pelo grande Morlay!

Estava morta.

Bruna engoliu em seco, ainda atordoadada pela constatação da catástrofe. Tinha carregado na ignição dos propulsores na manga do fato de cosmonauta e nada acontecera. Apalpou os lados das ancas, onde deviam estar os cilindros dos retrofoguetes, onde aliás tinham estado durante todo o tempo em que andara por Cosmos com o fato, mas só encontrou fibras flutuantes, fios de presilhas resistentes que, no entanto, não tinham resistido. Os propulsores tinham desaparecido. Husky dava-se conta de como todo o corpo lhe doía, em consequência da força da expulsão da XOX e de certamente ter batido contra os rebordos da câmara ou da porta. Atónita, viu o olho aberto da XOX na superfície da esfera e pareceu-lhe ver qualquer coisa a flutuar junto da eclusa, presa a ela: os tanques propulsores. Por isso é que ninguém a perseguira. De alguma forma, os cósmicos tinham percebido que ela perdera os propulsores e sabiam que não sobreviveria.

A detetive mergulhou num ataque de pânico tão puro e tão agudo que chegou a perder a consciência de si própria. Já não era Bruna Husky, mas uma bola dura de terror a flutuar à deriva no

vazio negro e absoluto do Universo. Talvez tenha gritado; talvez tenha mesmo desmaiado durante uns segundos. Foi um instante de desolação total, de morte em vida. Ou de algo pior do que a morte: uma impotência indescritível, uma solidão impossível de assumir, tão delirante como um ataque de loucura. A sua mente começou a despedaçar-se e faltou-lhe o ar. Afogava-se.

Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Husky nunca tinha precisado de fazer um esforço tão heroico de autocontrolo. Nunca exigira tanto de si própria. Mas finalmente, pouco a pouco, foi voltando a si. O peito doía-lhe devido ao afinco com que continuara a respirar. Pestanejou. Flutuava placidamente no negrume, afastando-se cada vez mais de Cosmos, a uma velocidade lenta e constante. Uma centena de metros à frente, o saco estanque parecia indicar-lhe o caminho em direção ao nada com um fulgor esbranquiçado de cometa. A plataforma orbital era uma estrutura imensa, suspensa no vazio, simultaneamente escura e luminosa, densa e grácil. Impressionava pelo seu aspeto inusitado, alienígena, mas, simultaneamente, a sua forma tinha qualquer coisa profundamente reconhecível, que a aparentava com a estrutura do átomo. Era de uma enorme beleza.

Ao longe, as trevas interestelares, salpicadas pelas faíscas das estrelas, dos planetas iluminados pelos seus sóis, das luas, das nebulosas, das galáxias distantes. A salvo do filtro sujo da atmosfera terrestre, a imensa maioria dos corpos celestes revelava um brilho redobrado e fixo, sem nenhuma cintilação, duros botões de luz. O cosmos parecia um guarda-joias de veludo negro cheio de diamantes. E à sua esquerda – ah!, à esquerda de Bruna, que agora a via claramente porque o seu corpo tinha girado lentamente no vazio –, lá ao fundo, estava a Terra, esplendorosa, uma bola de fulgor hipnótico, de peso e dimensão colossais, com o seu azul intenso rabiscado pela nata batida das nuvens. Um fio prateado, o cabo do elevador espacial, prendia suavemente Cosmos ao globo terrestre. Era tanta a beleza do que via, tão inacreditável e sobre-

humana, que a cabeça de Bruna ficou sem espaço para o medo. Durante alguns minutos, limitou-se a flutuar, numa lenta deriva até aos confins do nada, com a mesma placidez com que devia ter flutuado no tanque de líquido amniótico em que fora gerada.

Mas depois disse para si própria: vou sufocar. Quando o oxigénio acabar, dentro de pouco tempo, começarei a asfixiar. E todas as células do seu corpo voltaram a estremecer e a declarar-se em rebeldia contra a própria ideia de morrer. Pensou: não consigo aguentar esta agonia lenta; tenho de acabar depressa, antes. Pensou: posso tirar o capacete e o sofrimento termina imediatamente. Embora demorasse mais de três minutos a morrer, perderia os sentidos passados quinze segundos. Pensou: porque não o faço? Porque não estou a fazê-lo? Assustá-la-ia a explosão fugaz de dor, quando o ar dos pulmões lhe rebentasse os alvéolos? Acaso acarinharia, apesar de tudo, alguma esperança de salvação, remota, absurda? Ou seria verdade que os androides eram programados para não conseguirem suicidar-se? Husky sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e não soube discernir se era devido ao terror de morrer ou à mágoa de não conseguir matar-se, ou seja, por se sentir, mais uma vez, um simples produto comercial que os fabricantes castraram com um *chip* secreto para não porem em risco a sua preciosa mercadoria.

Embora, quem sabe, talvez estivesse simplesmente a chorar diante da beleza esmagadora do Universo.

Nessa altura, viu-a aparecer por trás do nodo. Imprecisa, trémula entre as suas lágrimas, avistou o *Mosquito*. Tentou falar com Barri ligando-se à consola de comando do foguete, mas não soube ativar o painel de comunicação do fato de Cosmos, que talvez também se tivesse estragado com a saída violenta da XOX. Era igualmente possível que lhe tivessem cortado o acesso remotamente. Ali estava ela, aos tombos no vazio como uma bêbada espacial, enquanto Aznárez passava distraidamente perto dali.

Náufraga e invisível.

Mas não; o *Mosquito* parecia aproximar-se. Sim, era indubitável, dirigia-se para ela. Estava já mais perto. E ainda se aproximou mais. A nave parou a duas centenas de metros. Uma velha baleia de metal no mar do nada. Mas o que fazia, porque esperava? Aznárez punha-se em perigo, Cosmos podia disparar sobre ela.

Nesse momento, Husky lembrou-se de que, vestida com o fato espacial da plataforma, a irmã de Lizard não sabia que era ela. Levantou os braços e cruzou as mãos à altura dos pulsos, formando um X. Era o velho símbolo dos androides durante as Guerras Robóticas; entretanto, caíra em desuso porque as pessoas não gostavam de recordar aquela época de carnificinas. No entanto, os especistas supremacistas costumavam passar filmes antigos dos reps para alimentar o medo. Bruna tinha esperança de que, apesar de ser uma Nova Antiga, a irmã de Lizard tivesse visto os ecrãs públicos com assiduidade suficiente para reconhecer o sinal.

Passado um minuto, o *Mosquito* lançou uma pequena sonda-robô que, após traçar um breve arco, se dirigiu com agilidade até à rep, arrastando um finíssimo cabo de carbono. Um cordão umbilical que a devolveu à nave e à vida.

Havia muitas incógnitas. Demasiadas. Perguntas inquietantes, sem respostas, que atormentaram Bruna durante a longa viagem de regresso.

Era evidente que sabiam da sua ida a Cosmos. O que sugeria, mais uma vez, a existência de um traidor. Tinham preparado um cenário para que ela não encontrasse nada e, no regresso, fizesse um relatório que ilibasse os cósmicos. O primeiro-ministro cósmico Krakotek estava a negociar com a Terra e calhava-lhe bem uma prova da não ingerência da sua nação. Por isso tinha sido tão fácil entrar na plataforma e chegar ao armazém. Mas Husky descobrira vestígios do explosivo *inferno*, uma prova de cumplicidade com o EJI, acabando assim com a farsa. No entanto, porque não as tinham matado? Porque não dispararam sobre o *Mosquito*? Porque permitiram que a nave a resgatasse?

Resposta A: os cósmicos tinham percebido que perdera o saco com as provas. Uma hipótese absurda, porque era impossível que tivessem semelhante capacidade de perceção e de controlo dos pormenores. Resposta B: um tiro contra uma nave terrestre teria sido encarado como uma declaração de guerra na tensa crise diplomática que estava a viver-se. Aquela segunda hipótese já era plausível, mesmo provável; de qualquer modo, restavam demasiadas pontas soltas. Quem informara os cósmicos da sua viagem a Cosmos? Além de Yiannis e de Mirari, cuja lealdade a rep não questionava, apenas Kai e Jaco, o antigo dono da nave, sabiam onde ela ia. A figura de Jaco, limítrofe e turva, encaixava na perfeição no papel de bufo, mas o tipo desconhecia quem ela era na realidade, quase não tinha dados sobre a viagem e revelara reticências evidentes em saber mais. O que deixava Kai na berlinda. Seria ela a traidora? A sua rival, a colega de Lizard na Polícia Judiciária. Pensar nisso quase lhe provocava uma satisfação sombria e perversa.

Claro que também havia Barri Aznárez.

Como é que uma Nova Antiga, educada desde adolescente no ódio à tecnologia, fora capaz de dirigir tão bem a nave? «Porque me ensinaste, Bruna», respondeu Barri quando a rep lhe perguntou. E era verdade. Nos quase três dias de subida até à plataforma, a androide tentara explicar a condução do *Mosquito* para que a mulher conseguisse regressar à Terra, caso lhe acontecesse alguma coisa. Ainda assim, a eficiência com que o fizera e o facto de ser capaz de enviar uma sonda-robô continuava a parecer um feito extraordinário.

«Olha, está tudo aqui», dissera Aznárez, mostrando-lhe o manual da nave, um livro verde com desenhos e diagramas simples. «Além disso, sou uma boa mecânica, daquelas a sério, das máquinas de antigamente.»

Mas o maior busfalis era Barri Aznárez não existir. Husky investigara minuciosamente, recorrendo a todos os níveis de manipulação da informação a que tinha acesso legal e ilegalmente e não descobrira qualquer rasto de Barri Aznárez, não havendo também nenhuma referência de que os pais de Lizard tivessem tido um outro filho. Claro que os pais do inspetor eram delinquentes, falsificadores e burlões que tinham passado toda a vida a apagar as suas pegadas. E uma vez que os Novos Antigos se recusavam a participar no sistema, quase não havia dados sobre a seita.

Se Barri Aznárez era uma identidade fictícia, estava muito bem construída.

«Como é que o Paul fez aquela cicatriz tão estranha, em forma de oito, que tem debaixo da clavícula?» perguntara Husky um dia, num tom de voz casual.

Barri encolhera os ombros.

«Não faço a mais pequena ideia. Deve ter-se aleijado depois de eu me ir embora.»

«Acho que ele me disse ter sido por causa de alguma coisa que lhe aconteceu aos quatro anos.»

«Impossível. Devia estar a confundir. Ou a aldrabar-te. Ou tu é

que não te lembras bem. Quando me fui embora, o Paul não tinha nenhuma cicatriz.»

De facto, Lizard não tinha nenhuma marca em forma de oito; aquela fora uma armadilha demasiado pueril. Bruna olhou para Barri, que dormitava no lugar de copiloto. Aquelas pálpebras carnudas e pesadas, aquele maxilar forte, davam-lhe, sem dúvida, uma certa aparência com o inspetor. Tinham uma semelhança tranquilizadora.

Havia também a possibilidade de o funcionário que Bruna subornara para poder descolar ter avisado Cosmos da chegada de uma nave com documentos irregulares... Passar esse tipo de informações poderia constituir outra fonte de receitas paralelas para o tipo. Mas, claro, o homem não sabia quem ela era ou o que procurava na Terra Flutuante. A androide suspirou. Três anos, três meses e quatro dias. E um máximo de duas semanas de sobrevivência para Lizard. Estavam quase a aterrar no cosmoporto de Madrid, eram 17h10 da tarde de terça-feira, 25 de fevereiro, hora local, e os Ins só tinham quinze reféns.

Encontraram o cosmoporto ocupado pelo exército dos EUT. Tropas de assalto com couraças e armadas até aos dentes patrulhavam ostensivamente as instalações. Chegaram mesmo a ver vários robocombats, as temíveis pirâmides robóticas truncadas, capazes de paralisar os sencientes durante muito tempo com um tiro de ondas neurolépticas. Dependendo da sua capacidade, podiam ser eficazes em meia dúzia de pessoas ao mesmo tempo. Os do cosmoporto eram grandes, com um metro de altura, sem dúvida potentes, material militar para neutralizar assaltos de infantaria. Nos Acordos de Cassiopeia, assinados após os excessos das Guerras Robóticas, especificava-se claramente que os robôs bélicos não podiam ter capacidade letal, mas às vezes o impacto neurológico parava o coração dos afetados, razão pela qual os robocombats eram também providos de um eletroreativador, um desfibrilador cardíaco que as próprias máquinas usavam nas suas vítimas se detetassem que estas tinham entrado em paragem cardíaca – algo que Bruna Husky sempre achara ser o exemplo supremo da duplicidade cínica e retorcida dos humanos.

Além da crispada atmosfera belicista, a rep e a sua acompanhante depararam com um controlo de identidade rigoroso e inesperado. Felizmente, passaram sem problemas, graças às magníficas falsificações de Mirari e à sensatez, que as levava a manter os disfarces até chegarem a casa. Por instantes, na viagem de volta, a rep estivera à beira de se livrar da pele de Segundo Reyes, mas acabara por decidir manter a coerência documental entre os registos de saída e de chegada, receando, com uma intuição certa, um endurecimento das formalidades de reentrada. E assim, ainda ambas humanas, Bruna e Aznárez saíram do cosmoporto e dirigiram-se para a casa da detetive, através de uma Madrid de ruas vazias, peões fugidios e sacos de areia nas entradas. De quando em vez, um pelotão do exército dos EUT passava em marcha acelerada, com as espingardas de plasma em riste. Husky apercebeu-se de que

eram tropas compostas maioritariamente por reps de combate, o que demonstrava, de forma inequívoca, a perigosidade da situação, uma vez que os androides eram usados sempre como forças de choque nas campanhas mais duras e arriscadas. Yiannis tinha-as avisado enquanto regressavam à Terra. Fora muito breve nas suas ligações porque, de facto, tinha ficado aflito com o custo das primeiras chamadas, mas resumira eficazmente a situação: «Ontem à noite, segunda-feira, o EJI conseguiu contornar, mais uma vez, as *firewalls* da Paseris e aceder a todos os ecrãs públicos. E aproveitou a circunstância para decapitar Janhache, o filho de Jan Lago. Antes de lhe cortarem o pescoço, amputaram-lhe as orelhas e o nariz. Jan Lago jurou vingar-se, ameaçou desencadear uma guerra e é disso que estamos agora à espera: do início de uma guerra civil. A sociedade está muito dividida.»

Com efeito, os muros da cidade estavam cobertos de pichagens sonoras, observou Husky enquanto regressavam de elétrico a casa. Os *slogans* barulhentos eram a única animação nas ruas lúgubres: «Lago a Presidente», «Lago assassino e ditador», «Acabemos com a mentira dos EUT», «Pega em armas para defenderes a nossa democracia»... Quando chegaram à entrada do prédio e Bruna abriu a caixa do correio, três ou quatro panfletos animados saíram a voar da caixinha, lançando centelhas luminosas e gritando: «Matar para não morrer, matar para não morrer, matar para não morrer». Caíram-lhe aos pés, exânimes, após a sua vida breve de borboletas. No chão havia uma colheita murcha de folhetos semelhantes, revelando à rep que os seus vizinhos tinham sido insistentemente incomodados pelas mesmas palavras de ordem. Bruna olhou para os panfletos, enojada: tinham a forma e a cor de capuchinhos vermelhos. Os Ins, ou os seus partidários, tinham entrado no seu prédio, e vá-se lá saber em quantos outros na cidade, para distribuírem as suas mensagens sórdidas. Que fortes se sentiam! Ou que fortes se estavam a tornar, de facto e a toda a velocidade, inesperadamente, como um fogo devorador avivado por vendavais

de ódio.

Já em casa, Bruna tirou as lentes de contacto, retirou a dermossilicone com um dissolvente especial e regressou ao seu ser. Olhou-se ao espelho e suspirou. Suspeitava de que gostava de se disfarçar porque a única vez que lhe agradava ver a sua própria imagem era quando tirava a camuflagem. Um momento de tréguas no desespero de saber que era uma criatura manufaturada. Cerrou os maxilares: o instante de sossego já se tinha desvanecido. Enquanto comiam uma sopa pré-cozinhada de algas e grão-de-bico, Husky telefonou ao arquivista, que tentara falar com ela meia dúzia de vezes.

– Por todas as benditas espécies, que alívio! Estão bem, correu tudo bem? – agitou-se a holografia do velho.

A rep estendeu as mãos num gesto seco para deter a verborreia de Yiannis: não confiava na segurança das comunicações.

– Estamos muito bem. Não digas mais nada. Vamos a tua casa agora mesmo.

– Sim, por favor! Temos muito que falar... Além disso, as meninas estão muito assustadas.

– As meninas?

– Bom, é que a Emma fica aqui muitas noites a dormir com a Gabi. Julgo que os pais não cuidam muito bem dela.

Mais outro monstrinho a acrescentar à manada, ruminou a detetive, um pouco aborrecida. Às vezes, a generosidade do velho arquivista esgotava-a.

Quando chegaram a casa dele, descobriram que, na verdade, Yiannis e Bartolo é que estavam aterrorizados, e não as meninas. O bicho alienígena, a tremer até ao seu último pelo hirsuto, trepou com um salto para o colo da rep e começou a beijocá-la, encantado, enquanto Husky tentava manter a boca do comilão a uma distância cautelosa, nem sempre com sucesso.

– São momentos muito maus, Bruna, péssimos. Já vivi várias guerras e sei do que falo. As forças negativas vão-se acumulando de

uma forma encoberta, depósitos crescentes de aversão e tensão que um dia cristalizam numa explosão súbita de violência. E esse dia está bem próximo, bem próximo. Sinto-o como um peso sobre os ombros. Como se o ar pesasse de repente.

– É que o ar pesa mesmo – interrompeu-o Aznárez. – Um metro cúbico de ar ao nível do mar pesa um quilo e duzentos gramas, ou seja, mais do que um litro de água. E uma superfície de um metro quadrado rente ao chão suporta dez toneladas de ar.

Todos olharam para ela, espantados.

– O que foi? É uma informação interessante, que diabo... – justificou-se a irmã de Lizard, um pouco nervosa.

Yiannis suspirou.

– Enfim... Pois eu agora estou a sentir cada um desses quilos em cima de mim. Digo-vos que sei reconhecer este vento de cólera, esta ferocidade que nos devora por dentro como a peste negra. Já oiço os cascos dos cavalos.

– Que cavalos? – perguntou Aznárez, ansiosa por demonstrar um interesse fervoroso, a fim de se fazer perdoar pela sua interrupção.

– Os dos quatro cavaleiros descritos na primeira parte do Apocalipse de São João... Deus tem um pergaminho fechado com sete selos; Jesus quebra os quatro primeiros e liberta os cavaleiros. Um monta um cavalo vermelho e simboliza a Guerra; outro, um cavalo preto e é a Fome; o que monta um cavalo baio é a Morte. E o primeiro, o do cavalo branco, supõe-se que é a vitória do Evangelho... Cada vez que estes cavaleiros galopam pelo mundo, a dor triunfa. Ou talvez seja o contrário: quando a dor e o horror triunfam, quebram-se os selos dos cavaleiros... Os selos da civilidade, da tolerância e da concórdia. Estamos na iminência inexorável de um confronto armado, sei disso. E será feroz. Há três lados, cada dia mais enfurecidos: os partidários da ordem democrática dos EUT; os seguidores de Jan Lago, que desejam uma ditadura de direita e que, para mim, representam o cavalo vermelho, que é a Guerra; e os terroristas do EJI, o cavalo baio, a

Morte totalitária e dogmática.

– Nesse caso, os partidários dos EUT são o cavalo preto, não são? Representam a Fome – observou, mansamente, uma vizinha.

Era Emma. Olharam para ela, surpresos, porque ela tinha muita razão.

– Sim... hã... É verdade que o nosso sistema democrático é injusto e hipócrita... E desigual e corrupto e...

– Há muita gente na Terra que tem dificuldade em arranjar comida – voltou a dizer a menina num tom de voz judicioso e professoral.

– Sem dúvida; e, no entanto, este sistema tão cheio de contradições e buracos é o melhor que os humanos souberam criar até agora. Custou-nos séculos de suor e sangue, de heroísmo e sofrimento. É o único sistema com transparência suficiente para reconhecer as suas chagas e os mecanismos para tentar solucioná-las – lembrou Yiannis, desesperado. Acontecia-lhe sempre que menosprezavam a sua querida democracia. – A nossa nação é muito jovem. Os Estados Unidos da Terra foram criados em 2098, há apenas doze anos. Têm a vossa idade, Gabi e Emma. Como vocês, precisam de crescer e aprender. Tenhamos esperança, embora neste momento as estrelas sejam negras e estejamos a atravessar os tempos do ódio.

– E o cavalo branco, o que simbolizaria agora? – perguntou Aznárez.

Yiannis franziu o sobrolho:

– Não sei. Talvez a verdade.

– Se é que isso existe – troçou Bruna.

– Existe a mentira, sem dúvida alguma. Assim, a verdade seria, pelo menos, o desmascarar das mentiras. Da mesma forma que poderíamos chamar Céu à ausência do Inferno, que também existe. Mas na Terra.

– O EJI é o Inferno – disse Aznárez.

– É um deles. Há mais.

– Evidentemente, há demasiados – corroborou Bruna, sombria, recordando os seus anos de milícia em Potosí.

– O-o-o único Céu po-po-possível é o amor – disse uma voz trémula.

Era Ángela. Permanecera calada durante todo aquele tempo, como era habitual nela, a observar a rep com um olhar fixo e extasiado. Bruna pensou que faltava pouco para Ángela se atirar nos seus braços e começar a lambê-la como o bubi. Pobre e generosa Ángela. Tentou sentir afeto e gratidão por ela, mas era difícil. Não conseguia estabelecer uma ligação com aquela mulher estranha que a contemplava sem pestanejar, enquanto coçava, ausente, as cicatrizes que as mutilações das tatuagens lhe haviam deixado.

– Ángela, receio ter desbaratado o teu dinheiro. Como já referi quando entrei em contacto convosco a partir do *Mosquito*, subir até à plataforma não serviu para nada, além de confirmar que Cosmos está envolvido com os Ins. Mas perdi o resíduo que podia prová-lo.

Husky resumiu a viagem a uma audiência expectante, à exceção de *Bartolo*, que adormecera placidamente no colo da rep, com uma ponta da camisa de Bruna enfiada na boca. Felizmente, era uma peça de roupa militar fabricada em hiperkevlar, fina e flexível, mas blindada e indestrutível. Como era à prova de balas de plasma convencional de intensidade média, Husky esperava que também resistisse aos dentes trituradores do comilão.

– Nesse caso, continuamos sem saber onde está o Lizard – concluiu Gabi quando Bruna acabou de falar.

– Isso mesmo – respondeu Husky, um tudo-nada comovida por aquela russa selvagem demonstrar alguma preocupação pelo inspetor. – Mas... sabem que mais? Acho que ele não está em Cosmos. E não é só pelo pouco tempo que demoraram a levar Janhache até ao esconderijo dos Ins, porque, no fim de contas, podiam ter-se teletransportado. É que...

Parou, sentindo-se um pouco ridícula.

– É que, não sei, lá em cima tive a sensação nítida de que ele

não estava lá.

– Uma sensação? – disse Aznárez. – Não me tinhas dito nada.

– É que não sei bem como explicar. Talvez seja a nexina, sabem, a hormona experimental que nos implantaram... Supunha-se que aumentava a percepção empática, mas os resultados não foram conclusivos e abandonaram o projeto. Mas bom, talvez seja isso. Senti. Não está lá.

Hormona, engenharia genética, implantação: Bruna esforçou-se por dar um lustre científico à sua intuição mas, na realidade, estava a pensar no kuammil, que era como os alienígenas omaás denominavam aquela essência vital. O seu amigo Maio, o músico gigante e translúcido, contara-lhe que, ao fazerem amor, os omaás intercambiavam os seus kuammil e que, de alguma forma, ficavam unidos para sempre, ao ponto de Maio ser capaz de ler os pensamentos de Bruna, depois de esta ter ido para a cama com ele numa noite longínqua de droga e desmemória. Sim, no fundo mais louco de si mesma, nesse recanto quente e desmesurado onde abrigava a paixão, Husky acreditava no entrelaçar subtil e ectoplásmico de kuammil. Paul Lizard não estava em Cosmos, tinha a certeza.

– Se já acabaste, agora avanço eu – começou Yiannis com o orgulho transparente e pomposo de uma criança. – Descobri muitas coisas. Lembram-se do que vos contei sobre o quadro de El Greco, *O Enterro do Conde de Orgaz*? Devo estar a ficar velho e tonto, porque aquilo para o que o menino aponta com o dedo na casula do sacerdote não é uma moeda de ouro, mas um símbolo claro da Rosa-Cruz. É coisa sobre a qual muito se escreveu, é evidente, e também sempre se ouviu dizer que El Greco era rosa-cruz.

Yiannis juntou as mãos, entrecruzando os dedos, como se pedisse perdão, e ficou a olhar para elas com uma expressão contrita, partilhando assim a sua frustração por não ter visto antes tão clamorosa obviedade. Gabi, Emma, Ángela, Barri e Bruna aguardaram alguns segundos em silêncio e, finalmente, a rep

perguntou:

– E pode saber-se o que é essa maldita Rosa-Cruz?

– Ah! Claro. Pois... Era uma sociedade secreta esotérica, ou seja, de iniciados nos mistérios das ciências ocultas, da alquimia, da astrologia e de outros saberes antigos...

– Ou seja, uma máfia – concluiu a rep.

– Bom, uma máfia, mas não das más; uma máfia boa, por assim dizer... Procuravam o conhecimento, a harmonia, os mistérios do Universo... Nasceu supostamente no século dezasseis, pela mão de um alemão chamado Christian Rosenkreuz, mas esse mito foi certamente uma criação posterior. A história de Rosenkreuz é contada pela primeira vez no manifesto *Fama Fraternitates*, publicado em 1614, de autoria anónima, embora alguns o atribuam a um tal Johann Valentin Andrea. Enfim, como eram uma sociedade secreta, a sua história está repleta de bruma e imprecisões, mas há quem diga que a sua origem é muito anterior a 1614, e que já eram rosa-cruzes Dante, Leonardo da Vinci, Lutero, quem sabe Cristóvão Colombo, e, evidentemente, El Greco, porque um sinal rosacruziano típico é apontar com o dedo para o chão ou para o céu, como faz o menino de *O Enterro do Conde de Orgaz*, que aponta com o indicador para a rosácea rosacruziana e, com o outro, para os pés. Outro sinal essencial consiste numa mão aberta sobre o peito, como no quadro *O Cavaleiro Com a Mão no Peito*. E... e perdi-me. Onde é que ia?

– Dizias que Dante e Colombo foram rosa-cruzes e... – lembrou Gabi, tão diligente como uma aluna aplicada, para espanto de Husky.

– Ah, sim. E diz-se que também foram rosa-cruzes gente da envergadura de Descartes, Espinosa ou o grande Isaac Newton. Que vocês não sabem quem foram, mas acreditem que foram uns génios. Máfia boa, como vos disse. Mas o mais fascinante é que acho que descobri algo que não é conhecido e que é a cisão de uma parte dos rosa-cruzes numa máfia má.

Calou-se e sorriu beatificamente.

– Estupendo, magnífico, conta – animou-o Husky rotineiramente, para que ele continuasse. A rep conhecia muito bem o arquivista.

– Já vão ver... Ouviram falar da Pedra Filosofal?

Silêncio.

– Nem isso? Por todas as espécies... Bom, era uma substância mítica da alquimia que supostamente transformava o chumbo em ouro. Todos estavam empenhados em obtê-la, mas os bons alquimistas não o faziam pelo ouro e pelo poder, e sim porque a pedra filosofal era a chave da imortalidade. Percebem agora? Implicava não só vencer a morte, mas dominar o maior mistério da existência. Um desafio irresistível para as mentes mais brilhantes da época. No entanto, eu defendo que, no século dezasseis, alguns rosacruzes quiseram transformar a ordem num instrumento de poder terreno, começando a interessar-se mais pelo ouro da pedra filosofal que pela eternidade.

Que estúpidos, pensou Bruna. Miseráveis idiotas. Três anos, três meses e quatro dias. E quinze noites de carnificina para Lizard.

– Eu lembrava-me vagamente de ter lido alguma coisa num documento antigo sobre a relação de Juanelo Turriano com Fúcar, o banqueiro de Carlos V e de Filipe II. Procurei aqui e ali e acabei na Biblioteca Real do Escorial e na sua coleção de manuscritos do Conde Duque de Olivares, doada pelo sobrinho, o Marquês de Liche. E lá estava. Um códice inacreditável! Era um texto anónimo em latim, intitulado *De avibus malum*, «Sobre os pássaros maus», e contava uma história fascinante. Conhecem a grande família de banqueiros alemães, os Fugger, conhecidos como Fúcar em Espanha? Não? Bom, não interessa. Um dos membros dessa estirpe, Anton Fugger, nascido em 1493, foi o grande prestamista do imperador Carlos I e do seu filho Filipe II. Em meados do século dezasseis, este Anton era o homem mais rico da Terra, com uma fortuna calculada em mais de cinco milhões de florins. Porém, com a derrocada da economia da coroa espanhola na bancarrota de 1557, Fugger perdeu quatro milhões de florins e entrou em falência.

Ao que parece, Anton era rosa-cruz e um homem culto e inteligente, mas este tremendo revés deixou-o meio louco. Suponho que não conseguiu suportar a vergonha de ter levado à ruína um império familiar forjado durante dois séculos. Recorreu aos seus companheiros rosa-cruzes à procura de apoio e de vingança. Uma vez que nem o imperador mais poderoso da Terra era fiável, decidiu transformar aquela ordem secreta no maior poder terrestre e governar o mundo a partir das sombras. Mas como os rosa-cruzes se recusaram a secundá-lo no seu projeto, Anton Fugger saiu e organizou a sua própria cisão.

– A máfia má – disse Bruna.

– Isso mesmo. E, como símbolo, em vez de uma rosa e de uma cruz, pensou num pássaro, porque as aves veem o mundo de cima, veem tudo e, se voarem suficientemente alto, passam despercebidas para aqueles que estão presos à terra, rastejando como vermes. Esta imagem é do autor do livro. Pelo menos, foi assim que o meu telemóvel traduziu do latim.

– A propósito... – disse Aznárez – sabem que o andorinhão-preto vive permanentemente no ar? Come, dorme e copula voando. Só desce à terra para pôs os ovos e criar os filhotes. Voa sem parar durante nove meses seguidos. À noite, sobe aos dois mil metros de altitude, onde dorme, sem deixar de bater as asas... Bom, está bem, não olhem assim para mim. Suponho que o manuscrito não fala de andorinhões, mas de Juanelo e do seu pássaro mecânico...

– Exatamente. Ao que parece, Fugger entrou em contacto com outros homens poderosos para formar a sua seita e contratou Juanelo para que fabricasse um pássaro mecânico assombroso que cativasse os seus novos companheiros. Foram esses os planos que viram, embora não se saiba se o autómato chegou a ser construído, porque Fugger morreu em 1560, apenas três anos depois da bancarrota. O manuscrito não dizia nada acerca disso. Está datado de 1559. Talvez o próprio Fugger tivesse encarregado Juanelo de o escrever, visto ser tão laudatório em relação ao banqueiro.

Husky ficou pensativa.

– E por que razão o Paul teria os planos de um bicharoco mecânico mandado construir por um banqueiro falido há mais de cinco séculos? – perguntou Barri.

– Porque os pássaros maus continuam a existir. Porque essa sociedade secreta que aspira ao poder terreno ainda funciona. Espero que não voem tão bem nem tão alto como os andorinhões – disse a rep lentamente. – É uma boa pista, Yiannis. Agora só nos falta encontrá-los.

Lizard também não morreu na noite de terça-feira, de modo que o coração de Bruna retomou a regularidade dos seus batimentos, tentando aproveitar a folga das vinte e quatro horas seguintes. Ocorreram escaramuças isoladas entre grupos contrários demasiado efervescentes, mas a guerra anunciada também não começou. Kai, com quem se reuniram no bar de Oli depois da matança dos Ins, para trocarem informações, também não soube ou não quis contar-lhes nada de importante, pelo que Husky não pôde resolver as suas dúvidas e suspeitas ou, quem sabe, paranoias sobre a fiabilidade de Aznárez e da inspetora rep. Voltou com Barri para casa, arrastando os pés, física e emocionalmente exausta, mas, enquanto a irmã de Lizard se deitou imediatamente e começou a ressonar como uma máquina, a rep sentia-se presa num desses estados de esgotamento e sobre-excitação nervosa tão extremos que nem sequer conseguia descontraír e, muito menos, dormir.

Assim, aproximou-se da mesa do *puzzle*, tentando esvaziar a cabeça e concentrar-se no perfil das peças mais pequenas, nos jogos de luzes e sombras da imagem. Faltava pouco para o completar; perto da ilha vazia do centro havia uma bela galáxia cujo resplendor se espalhava na direção do buraco. Limita-te a pensar nisto, obrigou-se a rep. Só nisto. Com um movimento amplo da mão, espalhou no tabuleiro as peças que ainda não tinha encaixado e, depois, semicerrou os olhos e analisou as suas superfícies escuras até encontrar os traços luminosos que procurava. Sim. Aquela peça

era a continuação da galáxia. Encaixou-a no seu lugar e sentiu um ligeiro consolo. Olhou para as peças restantes: rebordos ondulados, sinuosos, lobulados, raras vezes retilíneos. Pensa só nisto. Só nisto. A sua cabeça foi visualizando a toda a velocidade as múltiplas combinações dos contornos. Experimentou e pôs de lado, experimentou e encaixou. Vinte minutos mais tarde, com um ligeiro empurrão do indicador, colocou a última peça do quebra-cabeças no respetivo espaço apertado. Observou a imagem, que via agora pela primeira vez. Tratava-se, como supunha, de uma panorâmica do espaço intergaláctico, com as suas explosões de luz flamejante no meio das trevas. Recordou a paisagem de uma beleza sobre-humana onde tinha estado a flutuar pouco tempo antes e emocionou-se, embora não fosse o mesmo céu que vira junto da plataforma orbital. Apontou o telemóvel para o *chip* informativo do *puzzle*, tentando perceber para que zona do firmamento olhava, e a resposta deixou-a aparvalhada. Não era o cosmos! Era uma fotografia das sinapses neurónicas: aqueles clarões estavam no interior do cérebro. Bruna resfolegou; o pequeno alívio que sentira ao solucionar o *puzzle* dissipava-se como uma argola de fumo. Como conseguiria localizar Paul se até confundia a vastidão do Universo com um mísero punhado de neurónios, presos num pequeno cérebro? Sentiu-se tão estúpida e inútil que até duvidou de que na sua própria mente ocorresse uma só sinapse.

No entanto, o exercício rotineiro e disciplinado conseguira tranquilizá-la um pouco, de modo que se arrastou até à cama, onde se deixou cair, e o mundo apagou-se ainda antes de a sua cabeça pousar na almofada. Dormiu como uma pedra. Quando o holograma de Yiannis irrompeu pela casa adentro às oito da manhã de quarta-feira, 26 de fevereiro (três anos, três meses e três dias, e catorze noites para Lizard), a androide teve de fazer um esforço sobre-humano para voltar do nada.

– Que... que se passa? – balbuciou, olhando para o espalhafato feito pelo arquivista.

– A Ángela. A Ángela foi-se embora. Nunca sai de casa. Tem medo. Mas esta manhã, quando me levantei, tinha-se ido embora.

– E?

– E a Gabi disse-me que a Ángela lhe contou que ia fazer uma tatuagem!

– E? – repetiu Bruna, apática.

– Mas será que não tens sangue nessas veias? Tu sabes o que ela faz às tatuagens. Essa pobre rapariga está mal, está ao nosso cuidado e deu-te todo o dinheiro que tinha. Não és capaz de te preocupar com ela?

Bruna não tinha espaço no peito para se preocupar com mais nada, mas suspirou e levantou da cama o seu corpo de chumbo. Ou melhor, do sofá da sala, porque, num momento de estupidez agravado pela noite, tinha cedido o quarto à corpulenta Aznárez. O arquivista voltou-se, pudicamente, de costas. Bruna dormia sempre despida.

– Está bem, está bem – resmungou a rep, dirigindo-se para a cozinha.

Tirou um café instantâneo, agitou-o para o aquecer e bebeu-o com um gole doloroso. Continuava a ser repugnante. Depois serviu-se de um copo de vinho branco. Na noite anterior, estava tão cansada que nem o provara e sentiu que o dia começava tão mal que o merecia. Sentou-se no sofá a saboreá-lo. Detestava beber vinho depressa.

– Mas o que estás a fazer que não sais já para...? Oh, por todos os sencientes, será que nunca mais te vais vestir? – resmungou Yiannis, voltando-se novamente de costas.

Bruna sorriu e bebeu outro gole. Os melindres pudicos do arquivista divertiam-na.

– Já vou, Yiannis. Tem calma. Pergunta à russa se sabe a que loja de tatuagens é que ela foi.

A figura flutuante do velho desapareceu. Um instante de calma. O homem regressou, caminhando prudentemente de costas.

– Não sabe.

– Está bem. Podes deixar nas minhas mãos, Yiannis. Prometo-te que vou procurá-la.

O velho desligou a chamada e Bruna acabou de beber o seu vinho com uma calma que nascia do esgotamento, porque no seu íntimo continuava tensa como uma mola, obcecada com a terrível urgência do tempo que se acabava. Depois tomou um duche de vapor e foi ao quarto vestir-se. Aznárez estava deitada na cama. Mais que deitada, parecia ter colonizado a superfície do móvel. O seu corpo grande e sólido esparramava-se em todas as direções. Bruna pôs-se a observá-la: roliça mas atraente. Sexualmente apetecível. Uma versão feminina de Lizard.

– Para onde estás a olhar? – grunhiu Barri sem mudar de posição.

– Então, estás acordada.

– Acordada e estoirada. Onde vamos?

Aznárez sentou-se na cama. Também ela dormia despida. Peitos redondos e volumosos. Como a maior parte da população, Bruna era mais ou menos bissexual. A rep tendia mais para os homens, mas não desprezava uma boa companhia feminina. Suspirou e abriu o armário.

– Pensei que podíamos ir até ao Mosca, para ver se param por lá aqueles miúdos que desconfio serem Ins, mas primeiro tenho de ir à procura da Ángela. Não demoro nada. Veste-te, toma o pequeno-almoço e, se quiseres, encontramo-nos em casa do Yiannis daqui a pouco.

Tinha procurado no telemóvel as lojas de tatuagens mais próximas; havia duas, mais ou menos à mesma distância mas em direções opostas, ambas a uns dez minutos de tapete rolante. O anúncio que aparecia em segundo lugar mostrava a imagem de uma tatuagem de letras, de modo que decidiu começar por essa, porque já desconfiava das intenções de Ángela. Pelo caminho, Husky voltou a constatar como a situação se deteriorara. Os ecrãs públicos

vomitavam uma aluvião incansável de notícias alarmantes, com imagens de confrontos de rua, elétricos descarrilados e carros a arder. A dada altura, viu nos ecrãs um bando assaltar um supermercado e, por acaso, estava a acontecer precisamente o mesmo numa loja próxima do tapete rolante por onde Bruna circulava: causava uma sensação estranha e irreal ver os saques em estéreo. Os jornalistas não paravam de denunciar a falta de abastecimento das lojas de alimentação. As pessoas abasteciam-se e preparavam-se para o que aí vinha. Sim, o ar pesava toneladas nos ombros.

Contudo, a maior parte das lojas permanecia aberta, com essa tenacidade de formiga dos humanos a tentarem manter a normalidade, sobretudo quando essa normalidade lhes afetava as finanças. Até um negócio tão incongruente nesta altura como uma loja de tatuagens continuava a oferecer os seus serviços. Bruna entrou na loja e viu que um homem de meia-idade estava à espera de vez na antessala: a clientela até se acumulava. Husky atravessou em duas passadas a receção pequena e rasca e abriu a porta, atrás da qual se ouvia o leve assobio da agulha *laser*. E, de facto, lá estava Ângela, oferecendo um dos seus ombros esqueléticos à tatuadora, uma humana com uns cinquenta anos e o lábio inferior atravessado por uma fiada de argolas.

– Para!

– Que se passa? Quem raio és tu? – espumou a mulher.

Uma tipa dura, que não se encolhia diante de uma rep de combate.

– É... é ela – balbuciou Ângela. – É Bruna Husky...

Por momentos, aquilo deixou a mulher das argolas desconcertada. E também a androide, que subitamente percebeu o que não quisera reconhecer até então. Aproximou-se de Gayo e viu um B maiúsculo perfeitamente desenhado no cimo do ombro.

– Mas o que estás a fazer? Estás louca!

– Está a tatuar o teu nome – disse a mulher num tom de voz

neutro que não escondia completamente a curiosidade que a situação lhe provocava.

Husky voltou-se para a mulher das argolas.

– Olha, não podes tatuá-la. Estás a ver todas essas cicatrizes pavorosas? São mutilações. Ela escreve os nomes das pessoas que julga amar e depois, como é tudo imaginário, um completo delírio, ela própria corta o pedaço de pele...

– Pelos malditos deuses do universo! A sério que faz isso? Essas cicatrizes bem me pareciam estranhas... – admirou-se a mulher, baixando a pistola tatuadora.

– Não podes escrever o meu nome. Apaga esse B.

– Eu não apago tatuagens, quem julgas que sou? – abespinhou-se a mulher das argolas.

– Nesse caso, escreve outra coisa: «Baleias Azuis», «Bela Vida a Minha», eu sei lá, o que achares melhor...

Falavam de Ángela como se ela não estivesse presente, como se não fosse capaz de gerir a sua própria vida, o que era, obviamente, o que Bruna pensava dela. Então a rep ouviu uma pequena fungadela e olhou para baixo: Gayo chorava. Lenta, suavemente, sem nenhum espalhafato, sem esforço, como se as duas fileiras de lágrimas que lhe percorriam as faces acinzentadas fossem um fluido constante produzido pelos olhos, riachos do rosto. Estava com uma expressão de tristeza tal que a androide ficou impressionada.

– Sei que pensas que sou maluca. Loucos, chamam-nos. Trancam-nos em quartos brancos, medicam-nos, receiam-nos, desprezam-nos, ignoram-nos. Como se os loucos fossem uma categoria taxonómica. Como se dissessem «coleópteros», «crustáceos». Bichos estranhos, definidos pela nossa loucura. E não é isso. Não é isso. Somos muito mais coisas. Somos seres que sofrem. Somos humanos. Tu devias saber isso, Bruna.

A detetive nunca tinha ouvido Ángela falar com uma voz tão serena, tão segura, com uma argumentação tão elaborada, tão forte. E sem gaguejar. Parecia outra pessoa. Claro que estava há vários

dias a tomar a medicação, pensou. Yiannis encarregava-se de a administrar escrupulosamente.

– Nasci numa Zona Três e não conheci o meu pai. Suponho que fugiu da minha mãe. Era bonita, muito bonita, por isso ficou horrorizada comigo desde o início. E era estúpida; essa é a minha vingança. Bebia de mais, tomava *morangos*. Foi empregada numa loja, foi empregada de mesa, limpou casas. Estivemos muitas vezes à beira de ir parar a uma Zona Zero por não podermos pagar os direitos do ar. Então, um dos seus amantes convidou-a para passar um fim de semana num *hedoné*. E ela lixou a vida.

– Ufff, *kafí, kafí*, buracos de morte – resmungou a tatuadora, tocando repetidamente na testa com três dedos, como faziam os alienígenas balabis para esconjurar o azar.

Husky conhecia bem a devastação provocada pelos *hedonés*, locais infetos de droga eletrónica. Baseavam-se em experiências feitas na Universidade do Canadá por volta de 1950: os investigadores tinham colocado nanoelétrodo numa zona concreta do cérebro de uma ratazana, onde se situa o centro do prazer, metendo-a em seguida numa caixa com uma alavanca, que a própria podia carregar para ativar o nanoelétrodo. O animal chegava a carregar sete mil vezes na alavanca durante uma hora. O sucesso levou a que alargassem a experiência a mais roedores: não bebiam, não comiam, as mães abandonavam os filhos, os machos ignoravam as fêmeas no cio. Os animais limitavam-se a carregar na alavanca até morrerem. Os *hedonés* tinham aparecido no fim do século XXI, quando a tecnologia de nanoimplantes cerebrais automáticos se desenvolvera totalmente. Os nanoelétrodo eram tão fáceis e seguros de inserir que qualquer idiota podia disparar um para o cérebro através das fossas nasais. No *hedoné*, forneciam a pistola adequada já calibrada: uma vez inserido o nanoelétrodo, as pessoas ficavam deitadas em beliches no local, carregando no botão que ativava a descarga quantas vezes quisessem. A cada vinte e quatro horas, os vigilantes desligavam o nanoelétrodo, mudavam

fraldas, limpavam sumariamente os clientes e desinfetavam-lhes a pele com raios D para evitar escaras. A alimentação e a hidratação eram feitas por via parentérica. Pagava-se ao dia e um preço altíssimo. Quando expulsavam os clientes, anulavam o nanoelétrodo para que não fosse possível utilizá-lo noutro lado. Mas as pessoas ficavam tão agarradas que muitas se passavam e enfiavam fios condutores pelo nariz ou pelas orelhas, tentando reativá-los. Sim, Bruna tinha visto muita gente perder-se nesses matadouros. Em Madrid eram proibidos.

– Depois disso, a minha mãe prostituiu-se, roubou, fez tudo para tentar juntar dinheiro e voltar ao *hedoné*. Quando a detiveram por um dos seus delitos, os serviços sociais encontraram-me. Eu tinha dez anos e passara todo esse tempo trancada em casa. Nessa altura, já divagava. Mentalmente, quero dizer. Já era estranha. Levaram-me para uma instituição, depois para outra; mais tarde comecei a ganhar muito dinheiro com as minhas aptidões tecnológicas e, durante algum tempo, deixaram-me ter a minha própria casa, embora sob a tutela de um psiquiatra. Vivi assim vários anos. Mas depois comecei com isto – acariciou delicadamente uma das suas mutilações – e voltaram a internar-me, desta vez no CRGM, o sítio de onde fugi. Devem pensar que foi um alívio para mim os serviços sociais terem-me encontrado, depois de ter vivido naquele abandono. Mas não. Eu sabia que ia ser difícil ter alguém que me amasse. Se nem a minha mãe me tinha amado! E assim foi.

– O que aconteceu à tua mãe? – perguntou Bruna.

– Não sei. Nunca mais soube dela.

– Com certeza que estoirou há muito tempo. Uma hedonista viciada? Morta e apodrecida há anos – considerou a tatuadora com a voz de quem consola alguém. E talvez tivesse razão e a consolasse realmente.

– Eu também estaria morta e apodrecida se não fossem eles.

– Eles quem?

– Os números. Quando tudo se desmorona, retiro-me para o

interior da minha cabeça. Filas ordenadas, cristalinas, perfeitas. Relações numéricas delicadas, tão subtis e resistentes como o fio de uma aranha. Eles são a minha única família. Sabem que há números amigos? São tão belos! Quando um número é amigo de outro, é porque, ao somarmos todas as cifras pelas quais é divisível, o resultado é o outro número. Percebem? Por exemplo: o número 220 é divisível por 1, 2, 4, 5, 10, 11, 20, 22, 44, 55 e 110. Pois bem, se somarmos todos esses divisores, dá 284, que, por sua vez, é divisível por 1, 2, 4, 71 e 142. E, se somarmos estas cifras, o que temos? O 220 outra vez! Fazem um casal tão bom e são tão bonitos, ambos de cor magenta, com o mesmo brilho e matiz idêntico... Depois, há também os números perfeitos, que são aqueles que, ao somarmos os seus divisores, tem como resultado o próprio número. Por exemplo, o 6, que é divisível por 1, 2 e 3. Ora bem, acontece que 1 mais 2 e mais 3 são 6. Que é cor de prata. Os números perfeitos são magníficos, sublimes; são o eixo do mundo, a ordem oculta das coisas, os deuses do universo matemático. Impressionam-me pela sua onipotência exata e clara, mas eu prefiro os números amigos. Não é maravilhosa essa conjunção, essa ligação tão íntima, tão essencial e estrutural das duas cifras? Unidas para sempre, sendo uma o espelho da outra. Exatas mas diferentes. Diferentes mas, no fundo, idênticas. E a sua relação nunca pode quebrar-se. Os números amigos estão destinados um ao outro. São pulsações, vibrações, sons do universo que se criaram juntos. Para mim, essa é a representação exata do amor. Esse é o amor que eu quero. O meu número amigo. Um dia, compreendi que ele tinha de existir em algum lado. E pus-me à procura. Esse amor que, quando chegar, se revelará como a única maneira possível de eu viver. Eternos para sempre no nosso laço indestrutível. És tu, minha Bruna? És a minha outra cifra?

Nãooo!, estive Husky prestes a gritar, horrorizada com a carência vertiginosa de Ângela, com o seu amor absoluto, tão perfeito e gelado. Um gelo que abrasava. E, ao mesmo tempo, a rep

sentia-se estranhamente comovida e refletida nas palavras da mulher. Não procuravam o mesmo todas as criaturas? Os humanos, os tecno-humanos e, com certeza também, à sua maneira, os alienígenas, os primatas e até *Bartolo*? Um amor sem sombras, sem barreiras, uma cumplicidade total, a entrega até ao abismo. Pensou em Lizard, na relação difícil que mantinha com ele, na sua paixão entrecortada de lava e ferro, e teve de confessar a si própria que abrigava a ambição louca de que Lizard fosse essa cifra exata, destinada a combinar para sempre com ela. Catorze noites letais para Paul; três anos, três meses e três dias para ela. A isso se reduzia hoje a eternidade para Bruna.

– Não, Ângela, não sou eu. Tenho a certeza, sei-o. Não tatues o meu nome, por favor. Não faças mais mal a ti própria – pediu-lhe suavemente.

O rosto de Gayo, que a excitação do relato iluminara, toldou-se como se o tivessem coberto com um véu.

– Claro. Evidentemente. Sou tão feia. Um monstro.

– Não é isso – protestou a detetive.

Não era isso. Mas era isso. Também. Afinal.

– Claro. Além do mais, sou tão estranha – acrescentou Ângela, como se tivesse ouvido os pensamentos da rep. – Por isso nunca quis fazer cirurgias estéticas. Porque assim posso fingir que me rejeitam devido ao meu aspeto e não devido à pessoa que eu sou, por inteiro...

Ninguém soube o que dizer, de modo que se abateu um desses pequenos silêncios que parecem ter presença própria. Depois Gayo sorriu de esguelha, com a sua expressão tímida habitual, e acrescentou:

– Bo-bo-bom, também há outra ra-ra-razão para não me ter operado: não quis alterar o meu físico para que o meu número amigo me-me-me pudesse reconhecer.

Quando Bruna chegou com Ángela a casa do arquivista, a mulher tinha tatuado no ombro o nome de Bertha Kopp, a magnífica matemática alemã cujos cálculos foram essenciais para a descoberta da luz densa, capaz de transportar cem mil vezes mais informação e de maneira cem mil vezes mais estável do que a luz *laser*, e graças a quem a professora Darling Oumou Koité se teletransportou, em 2073, do Mali até Encelado, uma das luas de Saturno. Foi a primeira vez que se conseguiu teletransportar um humano para o espaço exterior e tudo graças a Kopp. Após uma breve pesquisa no telemóvel, na qual descobriu que a matemática tinha morrido em 2104, Bruna achou muito bem que Ángela tatuasse o nome da cientista na pele.

– Yiannis, tem havido assaltos a supermercados. Tens comida suficiente, tens água? – perguntou a rep ao chegar.

– Sim, sim, já vi nas notícias. E não, não tenho provisões. Sinto muito, não me dei conta, não pensei nisso. Além de investigar esta questão do Lizard, estive a trabalhar muito na transferência de memórias. A empresa está a tentar apressar-nos. E é fascinante.

– Já me contaste, aquilo das bases de sílica...

– Bom, eu não me encarrego da parte tecnológica pura e dura, são outros que tratam disso. Eu encarrego-me de extrair as memórias, de saber em que recordações é preciso pegar e de que maneira, de organizar esses fragmentos de informação, de os equilibrar... Para isso, uso algoritmos e a Ángela esteve a ajudar-me. O que estamos a tentar fazer não é guardar pacotes de memórias num arquivo exterior, isso já foi feito, mas conseguir transferir para as bases de sílica uma personalidade inteira, uma vida inteira. Mas, claro, onde reside a identidade? Na memória, sim, mas também nos recantos da memória. Nas coisas que não sabemos que sabemos. Na nossa biografia sentimental e sensorial. Em...

– Yiannis, é possível que dentro de dez horas cortem o pescoço ao Lizard. Não temos tempo para isto.

– Ah, sim. Desculpa, desculpa. É que... ajuda a ultrapassar a angústia, sabes? Trabalhar num projeto que nos emociona, ajuda.

Como os números luminosos e perfeitos de Ángela, pensou a rep. Uma ortopedia eficaz para viver. Ela não dispunha de nada semelhante. Sim, às vezes o trabalho ou as investigações absorviam-na; concentrava-se nelas, satisfazia-a descobrir o que estava escondido e chegar a uma conclusão certa. Mas nunca se envolvia totalmente. Nunca era capaz de esquecer que ia morrer. Exceto quando Lizard a penetrava e a rep deixava por instantes de estar só, carne na carne, peles indistintas uma da outra, confusão dos hálitos, uma plenitude sem vazios.

Ou, à falta de Lizard, álcool e drogas para embotar o fio da dor. O absurdo da sua vida. Espernear durante dez anos sob o breve raio de luz da existência para não chegar a lado nenhum: tanta agitação e tanto sofrimento para nada. E, no entanto, não havia outro remédio senão continuar a lutar.

– Vou comprar provisões – disse Bruna.

– Vou contigo – disse Gabi. – Nunca trazes as coisas de que gosto.

– E eu vou com ela – acrescentou Emma, cuja presença constante começava a irritar a rep.

– Nem pensar. Neste momento, as ruas não são um lugar seguro para as crianças.

– Eu não sou criança. Quando era mais nova, vivi sozinha em ruas muito piores – indignou-se a pequena russa, com Emma ao seu lado, a assentir com a cabeça.

– Sim, eu sei. Tens razão. Mas hoje não sais. Acompanhas-me, Aznárez? – perguntou a rep.

A pequena tudoloja da esquina estava destruída, com as prateleiras derrubadas e a mercadoria não comestível pisada e espalhada pelo chão. Não se viaivalma. Husky pensou por instantes no casal de gerentes: dois homens de meia-idade, nascidos numa Zona Zero africana, que tinham conseguido ascender até à

Zona Um de Madrid.

– Espero que o Abdou e o Koffi tenham um bom seguro – disse a rep.

– Espero bem é que continuem vivos – contrapôs Barri. – Olha.

Nos ecrãs públicos estavam a passar as imagens de um dos tumultos de rua. Uma turba de saqueadores linchava três guardas privados, evidentemente, todos reps. A cena era arrepiante. Os três tinham morrido, informava o jornalista. O que é que esperavam, pensou Husky, amargamente. Um tecno de combate não conseguia deixar de combater... Estava programado para continuar a lutar até à morte. Havia um velho debate entre os humanos que, estimulado pelos supremacistas, recrudescia de vez em quando. Alguns indivíduos propunham que se *castrassem* os reps de combate depois de concluídos os dois anos de serviço militar, neutralizando-lhes o reforço hormonal da violência. A ideia não tinha avançado até à data, porque esses androides continuavam a ser muito úteis depois, como polícias, guarda-costas e forças de segurança privadas (embora os partidários da *castração* defendessem que eles tiravam trabalho aos humanos). No entanto, cada vez que havia uma crise de violência e os tecnos de combate eram os primeiros a ser enviados para o matadouro, nenhuma voz se levantava a pedir que lhes diminuíssem a agressividade. A mesma qualidade que, nesse momento, inundava Bruna de uma fúria venenosa e turva. Nunca se podia confiar nos humanos.

O supermercado estava protegido por um cordão de soldados do exército dos EUT. Todos eles androides, menos os oficiais. No interior, uma multidão ansiosa levava tudo, como formigas enlouquecidas de um formigueiro que alguém atacou. Bruna carregou o seu cartão de água e o de Yiannis e depois compraram tudo o que encontraram: pacotes de algas liofilizadas, fruta desidratada, bandejas de pasta de medusa com vários sabores e até uma barra de chocolate que tinha passado despercebida, enfiada entre duas estantes vazias. Para Gabi, pensou a rep num momento

repentino de debilidade afetiva.

Mas quando chegaram a casa de Yiannis, as meninas não estavam.

– Saíram! Saíram! Não conseguimos impedi-las. Estas miúdas são ingovernáveis! Não sei para onde foram! Oh, meu Deus, podem matá-las! Ou pior!

O arquivista contorcia as mãos em pleno ataque de angústia, rodeado pela coroa desgrenhada dos seus cabelos espetados.

– Calma, calma, a situação não está assim tão má. Além disso, julgo que ambas estão habituadas a movimentar-se em lugares difíceis – tentou tranquilizá-lo a rep. No entanto, por dentro estava bastante irritada. – Nós vamos passar pelo Mosca. Se ao regressar elas não tiverem voltado, vou procurá-las.

Entregou a barra de chocolate ao bubi, que se atirou à guloseima como se estivesse a morrer de inanição. De uma dentada, comeu um terço, com papel e tudo, e os seus pelos ásperos e avermelhados também se arrepiaram, mas de prazer.

– *Bartolo* feliz tão bom bom – disse com a boca cheia.

O arquivista riu-se e juntou as mãos com uma expressão satisfeita.

– Que engraçado este bicho. Vou guardar as compras e preparar um chá para quando voltarem. Com certeza que nessa altura as meninas já terão chegado.

A bomba de endorfinas já tinha entrado em funcionamento, suspirou Husky. Que estranha era a vida, e que tenaz. As rotinas abriam caminho através das dificuldades e das crises, como a água que encontra sempre uma abertura para continuar a correr. Dentro de sete horas podiam cortar o pescoço a Paul, talvez mutilá-lo e torturá-lo, e elas tinham estado a comprar chocolate num supermercado. A qualquer momento, podia desencadear-se um confronto bélico feroz, mas a bomba de endorfinas do arquivista ativava-se na mesma, o comilão lambia os beiços e Gabi comportava-se como a selvagem que era. Há uns tempos, Yiannis

contara-lhe que, nos breves momentos de calma entre os bombardeamentos das Guerras Robóticas, as ruas se enchiam de vendedores ambulantes, que anunciavam aos gritos as suas mercadorias, bem como de casais aos beijos e de crianças que brincavam: «Eu acho que as guerras são ganhas pelas gentes que não se rendem. Que insistem em manter a normalidade do quotidiano face ao horror», observara o arquivista. A vida era tão resistente e tenaz como uma ratazana.

O pior era ter de disfarçar. Fingir ter em Aznárez uma confiança que não tinha. O encontro do dia anterior com a inspetora no bar de Oli tinha sido muito tenso. Depois de lhe contar o que acontecera em Cosmos, Husky concluía:

– Estavam à minha espera, Kai. Alguém lhes deve ter passado a informação.

A polícia olhou para ela de sobrolho franzido:

– É uma acusação?

– Tu hás de saber a quem contaste.

– A ninguém.

– Isso ainda é pior.

– E vocês? A quem é que vocês contaram?

– Há o vendedor do foguete, que não conhecia a minha verdadeira identidade ou intenções. E há a Mirari, mas por ela ponho as mãos no fogo.

– Mais ninguém?

– Mais ninguém.

Bem, Yiannis, Ángela, provavelmente as miúdas e até o bubi sabiam, mas Husky não permitiu que a sua paranoia chegasse a tais extremos. Kai mordeu o lábio inferior, pensativa. Era bonita, a maldita.

– É muito preocupante, evidentemente – disse a polícia. – Também nos podem ter seguido, colocado escutas... quem sabe. Talvez tenhamos um *hiperdrone* a flutuar sobre as nossas cabeças.

– Mas existem mesmo? – perguntou Husky.

Dizia-se que havia uns aparelhos de espionagem sofisticadíssimos, uns *drones* minúsculos, providos de câmaras e microfones, com um alcance e uma potência inimagináveis. Estas pequenas máquinas eram ativadas pelo ADN de um indivíduo e ligavam-se a essa pessoa, seguindo-a constantemente, a uma altura tal que era indetetável, gravando as suas conversas e marcando a sua localização por infravermelhos, mesmo através dos telhados das

casas. Um brinquedo muito perigoso, a ser verdadeiro. Mas a rep sempre acreditara que era uma lenda urbana.

Kai esboçou um sorriso seco:

– Olha para cima. Se calhar até o vês brilhar. Um pontinho ao sol. E, de vez em quando, olha também para baixo. Para Aznárez, por exemplo – disse a polícia, enfrentando Barri. – Não há nada sobre ti em lado nenhum. Porque hei de acreditar que és irmã do Lizard?

– Eu também não gosto de ti, Kai – respondeu Aznárez com a mesma calma pachorrenta do inspetor. Sim, tinha de ser irmã dele. Ou talvez não.

– Ou tu, Bruna. Sabemos que Cosmos descobriu uma tecnologia capaz de nos fazer viver mais anos, capaz de nos salvar do maldito TTT. Vender-te-ias por isso, Husky? É uma boa razão para alguém se corromper, não achas? Até para atraiçoar um amigo...

– Digo-te o mesmo, Kai.

– Enfim... Hoje a despesa fica por vossa conta – concluiu a polícia, levantando-se do banco. – Falamos mais tarde.

E desde então não tinham voltado a encontrar-se.

Husky não confiava em ninguém e por isso preferia estar sempre com Barri, para a manter debaixo de olho. Queria ir ao Mosca, claro, mas antes precisava de passar pela discoteca para menores da Conde de Peñalver, a Crate, para ver se conseguia falar com o *barman* da crina de cavalo. Não tinha dito nada a Aznárez para que ela não o pudesse avisar, caso fosse ela a toupeira. Porém, quando a informou, quase ao chegar à discoteca, a irmã de Lizard não revelou nenhuma inquietação.

À entrada deram de caras com o mesmo rep de combate de dias antes, mas desta vez as formalidades foram rápidas porque Bruna lhe atirou logo com os 50 gês. Continuava a recorrer ao que restava do dinheiro de Ángela, a quem agradeceu mentalmente.

O local estava muito mais vazio do que na primeira noite em que Bruna lá estivera, talvez devido à instabilidade da situação

política e certamente também devido à hora, quatro da tarde. Aproximaram-se do balcão principal que era servido por uma jovem negra muito magra, de ossos pontiagudos e pele quase azulada. Parecia um espectro.

– Estamos à procura do outro *barman*, o rapaz que usa o cabelo como a crina de um cavalo, à moda balabi...

– O Fer. Foi-se embora – informou a rapariga.

– Foi para casa? De férias? – perguntou Husky com alguma impaciência.

– Voou. Deixou isto. Despediu-se.

– Quando?

– Há uma semana. *Zás*, e pronto.

– Sabes onde vive?

– Nem *clu*. Se o vires, pergunta-lhe quando é que me vai pagar os sessenta gês que me deve. É um *gilicán*. Por mim, pode morrer, mas que me pague antes.

Deixava amigos, o rapaz, pensou Bruna enquanto saíam. Já simpatizava menos com ele.

Dez dias depois, o Mosca continuava exatamente igual, com os mesmos cartazes tridimensionais pendurados sobre a porta, mais o acrescento de uma fotografia hiper-realista do rapaz da saia escocesa com a cara trespassada por pregos. «Liberdade para David», flamejava uma mensagem luminosa sobre o retrato. Ao que parece, continuava preso desde essa altura.

Ali também estava muito menos gente do que na ocasião anterior e Husky imaginou todos os *moscas* distribuídos em comandos de ataque, semeando o caos na cidade. Deviam estar a divertir-se imenso.

Uma outra diferença era a tensão que se sentia no ar. Na visita anterior, Bruna sentira que o Mosca era um lugar acessível. Agora, pelo contrário, toda a gente olhava para elas, e não o fazia amavelmente. Sem dúvida que sobressaíam: uma rep de combate, que eles associavam à polícia, e uma gigante robusta, muito mais

velha do que eles e com uma expressão de pedra. Agora eram claramente o inimigo. Nos dez dias que as separavam da primeira visita ao centro, o mundo enchera-se de inimizades, cada vez mais assanhadas, cada vez mais virulentas. Era o que acontecia sempre que o ódio triunfava.

Os rapazes e raparigas que se encontravam no vestíbulo, cerca de uns quinze, pararam de fazer o que quer que estavam a fazer e fixaram as intrusas. Instintivamente, formaram uma espécie de círculo amplo em volta de Bruna e de Barri; cinco ou seis deles, os mais fortes, obviamente com atribuições de segurança, tiraram da cintura longas varas metálicas. Com a ajuda inestimável de Aznárez, cujas capacidades já conhecia, Husky tinha a certeza de que os venceria. Mas não tinha qualquer desejo de os confrontar fisicamente.

– Bom, rapazes, o que se passa? Calma. Estamos à procura de Fer, sabem, o da crina de cavalo. Não queremos confusões, *crates* – disse a androide com uma inspiração repentina.

– Eu não sou a tua *crate*, *boneca* – respondeu uma das raparigas, atarracada e forte como uma pugilista olímpica, que brandia uma barra de ferro. – Para que o *lukeias*?

Bruna suspirou.

– Tenho um amigo que está em perigo. Vão matá-lo. E creio que Fer me pode dar informações que me permitam salvá-lo.

Soou sincera. Estava a ser sincera. A pugilista da barra de ferro hesitou. Bruna voltou a pensar que aqueles bárbaros suburbanos eram boas pessoas.

– Deixem-nas passar – ordenou uma voz atrás de si.

Voltaram-se. Era o *barman*, que acabava de aparecer por uma das portas do vestíbulo. Houve de imediato uma distensão geral, a ponto de Husky se ter admirado por os jovens não se sacudirem, como faziam os cães para descontrair depois de um pico de adrenalina. A rep e Aznárez atravessaram o vestíbulo e aproximaram-se do homem.

– A ti já te conheço – disse Fer com a mesma expressão desabrida e antipática do costume. – Estiveste na Crate.

– Exatamente.

– Está bem. Sigam-me.

Foi o que fizeram, indo atrás dele a bom passo por corredores estreitos e subindo por escadas metálicas oxidadas.

– Temos os escritórios cá em cima. Estaremos mais tranquilos. Agora sou o encarregado de atividades do Mosca. Deixei a merda da Crate. Pagam-me o mesmo, uma miséria, mas aqui pelo menos sou útil – explicou, abrindo o que parecia ser a porta de um gabinete e entrando sem se voltar, com a crina a ondular a cada passo.

Que falador está este tipo hoje, nem parece que há dias custava tanto arrancar-lhe as palavras, pensou Husky, entrando atrás dele. Nesse momento, sentiu uma picada no pescoço e o mundo apagou-se à sua volta.

Primeiro foi o ódio. Um rumor de vozes irreconhecíveis, como ecos de ondas sonoras debaixo de água. Depois sentiu partes do corpo. A testa apoiada numa superfície dura. Os joelhos também. Os braços incomodavam, sobretudo o esquerdo. O pescoço em tensão. A cabeça virada de lado. O peito esmagado, as ancas torcidas. Estava a recuperar todo o corpo e a sua carne pesava. Sim, como pesava. Estava de barriga para baixo, deitada no chão, os braços presos atrás das costas. Amarrados, possivelmente pelos pulsos. Voltou a ouvir o murmúrio de vozes, cada vez mais claras, embora ainda não compreendesse o que diziam. Tentou mover ligeiramente um pé. Não conseguiu. Os seus membros pareciam feitos de cimento, as pernas pesadas como as de um elefante. Experimentou abrir as pálpebras. Custou, mas conseguiu. O chão cinzento de vinil termocolante vulgar. Onde vira um pavimento semelhante? O que lhe acontecera? O pescoço doía-lhe. Fora isso: uma picadela e o nada. Onde estava? Pareceu lembrar-se de ter, diante dos olhos, a ondulação de uma crina hirsuta. O *barman*. Ia atrás do *barman*. Que se chamava Fer. Estava no Mosca.

E Aznárez ia com ela. Varreu com o olhar tudo o que conseguiu à sua volta e entreviu umas pernas roliças enfiadas nuns *jeans* horríveis, os da irmã de Lizard. Estava ali, deitada no chão como ela.

– Mas ouve-me por um momento. Acho que ela não tem nada a ver com os outros reféns. Husky, tudo bem, é detetive e tem andado a esgaravatar e a combater-nos. Mas a gorda? Todos os reféns pertencem às forças de segurança ou ao aparelho repressivo do Estado, as pessoas percebem que são o inimigo. Mas a gorda não é ninguém. Levá-la para junto dos outros não favorece a nossa imagem. É melhor livrarmo-nos dela aqui.

Bruna estava a recuperar rapidamente as suas faculdades. Deduziu que estava ainda no gabinete do Mosca e percebeu que era o *barman* quem falava, sentado diante de um ecrã, de costas para

ela. Não ouviu a voz de quem lhe respondia, porque Fer devia estar com auriculares.

– Já sei, já sei... Acho que te enganas, mas... Está bem, tu é que sabes, tu é que mandas... Não, têm mais uma hora de sono, pelo menos. Envia-nos gente para o transporte, os miúdos que ainda andam por aqui não sabem de nada... Sim, não te preocupes. Está tudo preparado para o grande dia. Na sexta-feira lançamo-los todos à rua... De acordo. Já falamos. Boa sorte.

– Sangue por sangue, Fer – disse uma voz aflautada.

Estava mais alguém no gabinete. Bruna voltou a cabeça alguns centímetros, mas a pessoa continuava fora do seu campo visual e ela não queria mexer-se muito, para não revelar que acordara. Ao drogarem-na deviam ter cometido, sem dúvida, um erro de principiantes: para neutralizar um rep de combate, costumava ser necessário duplicar as doses que eram eficazes para os humanos. Husky voltou a tentar mover um pé e, desta vez, o corpo respondeu. Os seus dedos, entumecidos e presos atrás das costas, também se mexeram. Deu um pequeno puxão: parecia uma atadura forte. Apalpou-a discretamente e deduziu que era metálica. Não se livraria dela facilmente.

– Estamos a fazer história, *crate*. Estamos a fazer a revolução – voltou a dizer a voz esganiçada com um tremor nervoso. – Estou muito emocionado.

– Sim. Vamos lá ver como nos saímos... – respondeu o *barman* com alguma frieza. – Houve muitas revoluções no passado e muitos revolucionários acabaram no patíbulo.

«Patíbulo». Uma palavra em desuso, que Bruna conhecia porque tinha todo o dicionário na memória: mais uma dádiva de Pablo Nopal, o seu memorista. Mas surpreendeu-a que um *barman* com crina à moda balabi tivesse tanta cultura.

– E como comunicamos a partir de sexta-feira?

– Com pombos – respondeu Fer.

– Com o quê?

– Com pombos-correios. Nunca ouviste falar? Queres fazer a revolução e não sabes nada. Anda, dá uma vista de olhos a essas duas, a ver como estão.

As pernas do segundo homem apareceram no ângulo de visão da rep. Dirigiram-se até ao corpanzil de Aznárez e acocoraram-se aí: era o menor das orelhas de abano, o mesmo que Bruna tinha visto no auditório do Mosca, juntamente com o *barman*. Como se chamava? Julio, Jaime...? O cérebro de Husky funcionava a toda a velocidade, um raio de pensamentos controlados e frios. Estavam à espera dos tipos do transporte, ia chegar mais gente, a situação só podia piorar.

– A gorda continua inconsciente. E a *boneca* também, com certeza.

As pernas aproximaram-se da rep e o rapaz inclinou-se sobre ela. Bruna soltou um pequeno gemido, um queixume fraco. O orelhudo agarrou-a pelo ombro e deu-lhe a volta, deixando-a de barriga para cima, e agachou-se um pouco mais para lhe ver a cara. Husky intuiu tudo isto por uma fresta entre as pestanas e, quando o vulto do adolescente se aproximou, a androide encolheu-se como uma mola e acertou na cara do rapaz com a testa. Os ossos estalaram ao partir, o ruído seco da pancada retumbou. O rapaz tombou como se lhe tivessem arrancado o esqueleto. Husky caiu de pé como uma gata, mas, para seu espanto, quase perdeu o equilíbrio porque a droga ainda lhe afetava os movimentos. Endireitou-se, retomando o controlo do corpo e, com uma passada, chegou junto do *barman*, que se levantara da cadeira com uma urgência desastrada e esticava o braço para agarrar numa pistola de plasma. Husky levantou a perna direita e, descendo-a como uma guilhotina, partiu o antebraço de Fer contra a mesa. O homem gritou e agarrou automaticamente o membro ferido com a outra mão, um instante que a rep aproveitou para lhe dar um pontapé que lhe acertou no maxilar e o deixou inconsciente.

Husky arquejou, com os músculos a doerem-lhe do esforço

exigente, ampliado pelos vestígios da droga no organismo. Aproximou-se de Aznárez e empurrou o corpo dela com o pé. Sim, a irmã de Lizard não fingia: continuava profundamente adormecida. Precisava urgentemente de libertar as mãos e de a tirar dali; afinal, seria difícil de arrastar com aquele peso. A pistola de Fer tinha voado com o impacto e estava no chão, perto da porta. A rep aproximou-se e agachou-se para a inspecionar: era feita de plasma negro, uma arma ilegal e um modelo moderníssimo que ela não conhecia. Tentou deduzir quais eram as posições do seletor de tiro; calculou que, se puxasse a alavanca para cima, poria o impulso num feixe 00 ou mesmo 000, a emissão de luz mais pequena e concentrada. Ajoelhou-se no chão, de costas para a porta, agarrou na pistola, manipulou a alavanca às cegas, ativando-a da forma que julgava correta, e prendeu a arma entre os pés, de modo a que o cano ficasse virado para cima. Pôs as mãos sobre a boca do cano, esticando a atadura o mais possível. Suava. Reviu mentalmente toda a sua postura, imaginando a trajetória do tiro; inclinou um pouco as costas para a frente e agachou a cabeça; não queria abrir um buraco no crânio. Também moveu as mãos para não as furar e tentou que só o metal que a prendia ficasse sobre a boca do cano, o que era difícil. Mas faltava ainda o pior: chegar com o dedo ao gatilho sem mover as mãos. Finalmente, roçou-o com o indicador e respirou fundo. Um milionésimo de segundo antes de disparar pensou: e se o seletor funciona ao contrário? Ou se o coloquei no impulso explosivo máximo? Um tiro de plasma negro era capaz de partir um carro em dois. Destruí-la-ia. Apertou o gatilho. No silêncio mais absoluto, o plasma negro não fazia ruído e não se via; Bruna sentiu ao mesmo tempo que os pulsos se queimavam e que estava livre.

– Deita-te no chão de barriga para baixo. Agora mesmo.

Husky ergueu o rosto. O orelhudo estava ajoelhado junto do corpanzil de Aznárez e encostava-lhe uma faca ao pescoço. O rapaz tinha a cara toda cheia de sangue, falava com dificuldade e estava muito nervoso.

– Deita-te ou mato-a! Deita-teeel!

A faca tremia-lhe na mão. Era idêntica às utilizadas pelos Ins para degolarem as suas vítimas. O rapaz empurrou um pouco e a ponta da lâmina entrou alguns milímetros na carne de Barri, que exalou uma espécie de suspiro. Um regueiro de sangue jorrou da pequena ferida e misturou-se no chão com as gotas enormes que caíam do nariz partido do rapaz. O orelhudo não sabia que ela tinha as mãos livres e uma arma, pensou Bruna, dando voltas à pistola entre as mãos para a empunhar corretamente. A surpresa de a ver livre fá-lo-ia perder uns instantes preciosos. Tinha praticamente a certeza de que conseguiria matá-lo. Mas ele era quase uma criança. As orelhas inacreditáveis, o rosto juvenil, o gotejar de sangue e o medo tremendo nos seus olhos. Quase uma criança. Quase.

O rapaz foi escorregando de lado, lentamente, até ao chão, como se estivesse a deitar-se. Um pequeno orifício negro mesmo no centro da testa deixava sair uma ténue argola de fumo. Bruna pôs-se de pé, ainda com a arma na mão. Olhou para as queimaduras dos pulsos, que ardiam mas não pareciam graves. Aproximou-se de Aznárez, ainda inanimada. Abanou-a e esbofeteou-a e a mulherona emitiu um queixume sem abrir os olhos. A rep voltou-a de barriga para baixo e, segurando-lhe os braços ao alto, disparou contra a atadura. A dor das queimaduras fez Aznárez contorcer-se e reanimar-se um pouco.

– O quê... o quê... o quê? – balbuciou, com os olhos entreabertos mas vidrados. – Ai, ai, ai...

– Para de te queixar. Temos de nos ir embora. Acorda! – gritou-lhe, tentando levantá-la.

Nessa altura, lembrou-se do *barman* e voltou-se de um salto, com a pistola na mão. Fer desaparecera. Tinha aproveitado a confusão para fugir: a porta estava aberta. Fora isso, sem dúvida, que tinha alertado a rep.

Não tinham tempo para o perseguir. Bruna agarrou no cadáver do rapaz e arrastou-o, escondendo-o num armário. E depois, com

muito esforço, conseguiu pôr de pé a mastodôntica Aznárez. Passou um dos braços dela por cima dos ombros e segurou-a com firmeza pela cintura. Agora sim, já a achava com excesso de peso.

– Anda, ajuda-me, acorda, temos de nos ir embora – rugiu a androide, arrastando a mulher, que lutava para sair daquela prostração, tentando sustentar-se nos seus pés de trapo.

Descer as escadas foi o mais difícil; depois atravessaram penosamente o corredor comprido, com Barri a reagir cada vez mais. Quando chegaram ao vestíbulo causaram sensação: uma vintena de rapazes e raparigas muito novos olharam para elas, primeiro com surpresa, depois com desconfiança e a seguir com raiva. Bruna mostrou a pistola.

– Esta não é a vossa guerra. Não tem nada a ver convosco, juro-vos. Não quero uma carnificina. Só queremos ir embora.

Ia falando enquanto atravessava a sala a caminho da saída. Os jovens permaneceram completamente imóveis mas, a cada passo que davam, Bruna ia-se apercebendo como aumentava a agressividade do grupo, como se ia acumulando o ódio dos *moscas* contra elas. Quando, finalmente, chegaram à porta e a transpuseram, o ambiente era quase irrespirável. Maldita guerra de crianças. Os cavaleiros do Apocalipse galopavam.

Depois de guardar a pistola na mochila, para não chamarem ainda mais a atenção, Bruna saltou com Barri para o tapete rolante mais próximo e, passada a esquina, mudaram para outro. Quando se distanciaram o suficiente (quando os *moscas* descobrissem o cadáver do orelhudo iam ficar umas feras), Husky telefonou a Kai e contou-lhe que tinha um morto num armário.

– Ai sim? Vem ter comigo agora mesmo à Rua Doctor Esquerdo, número cinquenta e seis. Rés do chão direito. Apanha um táxi, se encontrares algum. É urgente – respondeu a inspetora. E desligou.

Inquietas, a rep e a ainda cambaleante Aznárez conseguiram parar uma taxista, depois de dois dos seus colegas não as aceitarem: uma rep de combate e uma mulheraça que parecia bêbada não eram passageiros muito apreciados em tempos tão agitados. Já a caminho, a androide tirou as meias e escondeu nelas, o melhor possível, a arma que trazia dentro do saco. Era uma pistola ilegal de plasma negro e confiscá-la-iam se a vissem. Mas Husky tinha perdido a sua pistola em Cosmos e não queria andar desarmada em tempos tão difíceis. Trinta gês mais tarde, chegaram ao número 56 da Rua Doctor Esquerdo. O rés do chão direito tinha a porta aberta e havia uma movimentação de civis e polícias fardados.

– Entra, Bruna, entra – chamou-a Kai do interior da casa.

Entraram numa sala pequena e imunda, com uma janelinha triste de vidro fosco e um fogão sujíssimo. Mesmo no meio da divisão via-se um cadáver. Estava de barriga para cima, com as pernas esticadas e os braços ao longo do corpo, muito bem colocado, exceto pelo facto de o terem decapitado e de a sua cabeça estar pousada aos seus pés. Era Jaco, o bandista que lhe tinha vendido o *Mosquito*.

– Podes ter um morto num armário, mas não é caso único. Julgo que o conheces – disse Kai.

– Sim.

– Acho que os tipos de Cosmos não gostaram que ele tivesse feito

negócios contigo. Ou será que foram os do EJI? Enfim, não interessa, uma vez que atuam juntos, segundo dizes...

Fora do seu lugar natural, a cabeça parecia ainda maior em comparação com o corpo estreito e raquítico do bandista. A contradição entre a disposição meticulosa e perfeita do cadáver e a cabeça grotescamente deslocada tornava-se perversa e inquietante. Nem sequer havia manchas de sangue. Bruna debruçou-se para ver o coto do pescoço.

– Decapitado com uma arma de plasma negro – disse Kai. – Por isso o corte foi cauterizado.

A rep assentiu.

– Coitado do tipo – sussurrou Aznárez.

Estava encostada à parede, com o rosto esverdeado. Entre os restos da droga e o espetáculo mórbido, não parecia sentir-se muito bem.

– Então, ouviste-os comentar que esperam alguma coisa em grande para sexta-feira... – mencionou a polícia em voz baixa.

– Isso mesmo. Depois de amanhã. Parecia ser muito importante. Um atentado em massa?

O ecrã do bandista estava ligado, como era normal, embora sem som. Passavam imagens da Cimeira Terra-Cosmos que ainda decorria no Palácio Presidencial de Reiquiavique. A seguir à unificação, os EUT acordaram que a capital iria rodando por sorteio, de dez em dez anos. A primeira capital fora Buenos Aires; há dois anos, calhara a sorte à cidade islandesa e a próxima, que já era conhecida para que o município pudesse preparar-se, seria Argel. No ecrã, a Presidente Guang parecia discutir azedamente com um Krakotek que, ao vivo, aparentava ser tão pomposo e arrogante como nos medalhões animados que coroavam os nodos de Cosmos. As duas tecno-humanas entreolharam-se.

– Este seria um alvo magnífico – disse Husky.

Uma mensagem entrou no telemóvel de Kai.

– Hum. O meu pessoal já encontrou o morto do armário. O da

crina, no entanto, não está em lado nenhum. Neste momento, estão a fazer uma busca no Mosca.

Os jovens *moscas* deviam estar satisfeitiíssimos, pensou Husky.

– Também não encontraram a arma utilizada no homicídio...

– Deixei-a lá. Julgo que a atirei para o chão – respondeu Bruna calmamente.

Kai olhou para ela. Uma pequena faísca brilhava-lhe nos olhos. Finalmente, disse:

– Está bem. Acompanha-me para prestares declarações. Limpaste o sebo a um tipo e vai haver uma investigação.

– Eu sei.

– Informarei os meus superiores do que me disseste. E isso dos pombos?

– Não faço ideia. Pode ter sido uma piada. O *barman* não parecia gostar muito do rapaz.

– Está bem. Só mais uma coisa, Bruna: o corpo do bandista é uma mensagem – resmungou Kai. – Digo-te isto não só para que tenham cuidado, tu e essa aí, mas também para que tomes conta dos teus próximos. É possível que a tua família esteja em perigo. É evidente que sabem muito a teu respeito.

A minha família?, interrogou-se Husky, sentindo que as palavras lhe queimavam a boca. Mas sim, era verdade, ela tinha uma família. Mirari, Maio, Yiannis, Gabi, *Bartolo*. E agora Ângela e, muito recentemente, até a enfadonha Emma. Não podia arriscar-se a perdê-los, como sucedera com Lizard.

A caminho da esquadra, telefonou à violinista e disse-lhe que desaparecesse por uns dias juntamente com Maio. Depois, falou com Yiannis.

– As meninas acabaram de chegar – disse o arquivista com uma enorme serenidade. Devia ter ainda as endorfinas muito altas.

– Está bem, daqui a pouco vamos para aí – respondeu Bruna, com um alívio que tentou esconder.

Eram 22h30 de quarta-feira, 26 de fevereiro. Faltava apenas

meia hora para o sangrento ritual noturno.

Também dessa vez não mataram Lizard. Restavam-lhe, no máximo, treze dias, um número habitualmente agourento. Husky assistiu ao espetáculo atroz na Judiciária, na companhia de Kai. Quando cortaram o pescoço a uma mulher e Paul voltou a salvar-se, as duas trocaram um olhar e ficaram perturbadas ao aperceberem-se da alegria feroz que sentiam ao verem morrer outra pessoa. Foi um momento estranho, de intimidade e horror.

Chegaram de madrugada ao apartamento de Yiannis. A rep não sabia muito bem como protegê-los melhor; a situação estava turbulenta de mais para que um velho, duas miúdas, uma doida e um comilão abandonassem a casa. Decidiu ficar com eles nessa noite, embora receasse que isso os pusesse num perigo ainda maior. Uma vez que a casa do arquivista estava cheia, Husky cedeu o sofá a Aznárez e optou por dormir no chão, com uma almofada debaixo da cabeça. Deitou-se, sem dar grande importância para que os outros não se preocupassem, pondo o corpo atravessado diante da porta da entrada. Pensava que assim permaneceria mais alerta, mas quando abriu os olhos na manhã seguinte e descobriu que *Bartolo* ressonava no seu colo, percebeu que poderia ter passado um exército de Ins por cima dela sem a acordar. Na noite anterior estava esgotada. Nesse momento, estava apenas muito cansada. Era um avanço.

Quando os técnicos entraram na consola usada por Fer, todos os arquivos se apagaram. Os melhores especialistas dos EUT tentavam recuperar a informação mas, para já, o sistema resistia. Kai partilhara tudo isto numa mensagem que Bruna leu enquanto agitava dois cafés, um em cada mão.

– Ten-ten-tenho informa-ma-mação nova – sussurrou Ángela, aparecendo junto dela como um fantasma.

Husky sobressaltou-se. Gayo aproximava-se sempre de mais, não tinha consciência do espaço do outro, pensou com algum desconforto. Deu um passo para trás.

– Ai sim? – perguntou Aznárez, levantando-se a toda a pressa.

– E eu também. Eu também tenho. Uma coisa importante, acho – acrescentou Yiannis, aproximando-se com as mãos unidas à altura do esterno e os dedos entrelaçados. Ultimamente, repetia este gesto a toda a hora, como se a angústia por que todos estavam a passar o tivesse levado a adotar, inconscientemente, essa postura eterna de pedido de clemência ao destino.

Ángela aproximou-se mais e Bruna teve de fazer um esforço para não tornar a recuar. A rejeição seria demasiado notória; era melhor esperar uns instantes.

– Bo-bo-bom... Sabem quem é Stefania Vitali? – perguntou Gayo.

Silêncio.

– Ah, ga-ga-ganhou um Nobel de Economia em 2034 por inventar a curva Vitali, que permite determinar modelos de repetição em sistemas complexos... Em jovem, há quase cem anos, em 2011, esta mulher e outros dois matemáticos da Universidade Politécnica de Zurique, especializados em teoria da complexidade, Glattfelder e Battiston, fizeram um estudo muito interessante. Analisaram quarenta e três mil multinacionais e descobriram que oitenta por cento delas eram controladas apenas por setecentas e trinta e sete empresas. Ou seja, na realidade, as setecentas e trinta e sete pessoas que administravam essas empresas dirigiam oitenta por cento da economia mundial. Eles e os seus conselheiros, um pequeno clube de poderosos. Um trabalho incrível, não acham? A curva Vitali é também muito bela, muito elegante...

Husky retrocedeu um passo e respirou fundo.

– E?

– Sim, sim, desculpa, desculpa, já lá vou. Recordam-se de vos dizer que os milhares de empresas de ecrãs públicos que havia no mundo estavam relacionadas ou dependiam diretamente da Paseris. Descobri tudo isso com a curva Vitali.

– Sim...

– Ora bem, continuei a investigar. Lembrei-me desse trabalho de há um século e pus-me a examinar as corporações globais, que é como agora se chamam as multinacionais, como sabem... E são trinta e três.

– Tinta e três corporações?

– Nãoooo, há dezenas de milhares... Examinei trinta e seis mil, as mais importantes do planeta. E descobri que existem trinta e três pessoas que se repetem nas administrações ou que controlam, através de outra firma, setenta e três por cento das corporações. São os donos do mundo. Também controlam a empresa para a qual estás a fazer o estudo das transferências de memória, Yiannis...

– Trinta e três... É a Trinity... – sussurrou Husky, impressionada.

Mirari e Yiannis tinham-lhe falado da Trinity que, supostamente, era a maior organização clandestina do mundo, a máfia das máfias, um clube reservadíssimo de magnatas que dominavam os três setores comerciais mais poderosos do planeta: armas, energia e drogas, tanto as ilegais como as farmacêuticas. Dizia-se que só era possível entrar no grupo após o falecimento de um dos membros e por convite unânime dos outros trinta e dois; e também se murmurava que eram ferozes, implacáveis e isentos de qualquer humanidade. Mas Bruna sempre desconfiou tratar-se de um exagero e de uma lenda urbana.

– Eu disse-te que era verdade! – concluiu o arquivista.

– O mais importante vem agora – continuou Ângela, com as suas faces habitualmente amareladas agora coradas de emoção. – O conselho de administração da Paseris é composto por essas trinta e três pessoas. Uma delas é Jan Lago.

A rep ficou pensativa.

– A máfia má... – murmurou.

– Não, o que acabei de descobrir é mais importante – agitou-se o arquivista.

E permaneceu em silêncio durante alguns segundos, a sorrir e a apreciar a expectativa.

– Pelo grande Morlay! O quê?

– Paseris. Vem do latim, de *passer*, que significa «pardal», e de *passeri*, elemento de formação de palavras que exprime a ideia de «pássaro». Não sei como não me apercebi disto antes.

– A máfia má! – repetiu Husky, agora quase a gritar.

Tinha tido uma visão. As peças encaixavam como um *puzzle*.

– A Trinity é a máfia má de Anton Fugger, o banqueiro do império. A cisão dos rosa-cruzes. Devem existir secretamente há cinco séculos – concluiu a rep.

– Bem, talvez não; talvez os trinitários sejam recentes e estejam à procura de referências históricas com que enfeitar-se e fingir uma maior importância. Isso fez-se frequentemente. As lendas do rei Artur foram inventadas no século doze para legitimar o primeiro soberano Plantageneta, e os nazis recorreram ao Santo Graal ou...

– Yiannis, agora não – interrompeu-o Bruna. – Nesse caso, se o Lizard nos deixou o diagrama do autómato de Juanelo, queria indicar-nos Jan Lago? Mas... qual o sentido? Os terroristas mataram-lhe o filho...

– Vejam... – disse Emma com a sua vozinha de menina ajuizada.

Apontava para a consola de Yiannis, que acabara de conectar-se automaticamente a uma emissão de notícias urgentes.

– Casa, sobe o som – ordenou o arquivista.

No ecrã via-se o Palácio Presidencial de Reiquiavique, de cujo telhado saía, numa das esquinas do edifício retangular, uma pequena coluna de fumo negro. Diante das imagens, e informando a partir do estúdio central de Madrid, estava o detestável Enrique Ovejero, muito excitado e, dir-se-ia mesmo, radiante:

– ... os guardas do perímetro. Repito: só sabemos que o Palácio Presidencial de Reiquiavique, sede da Cimeira Terra-Cosmos e onde atualmente, reitero, *neste mesmo momento*, se encontram quer a Presidente Guang, quer o primeiro-ministro Krakotek, juntamente com os colaboradores de ambos, foi ocupado por uma força militar de origem desconhecida. Repito: o Palácio Presidencial foi ocupado

por uma força militar que neutralizou a guarda e se entrincheirou no interior do edifício. Atenção! Julia Caro Guang, Presidente dos Estados Unidos da Terra, e Diko Krakotek, primeiro-ministro de Cosmos, juntamente com os seus assessores e colaboradores, estão neste momento reféns de uma força militar de origem desconhecida... Atenção, atenção; dizem-me que o exército invasor poderá estar sob as ordens do general Tomás Lino...

O rosto recauchutado do apresentador cintilava de satisfação. Era evidente com quem estavam as simpatias do intriguista Ovejero.

– Era só o que nos faltava... – disse Yiannis, apavorado.

Sim, era evidente que o assalto colocava a Terra numa posição de fraqueza extrema face ao ataque massivo do EJI previsto para o dia seguinte, inquietou-se a rep.

– O general Tomás Lino, um militar na reserva, várias vezes condecorado, um dos heróis do exército dos EUT... A confirmar-se a informação... Sim, dizem-me que se confirma, dizem-me que o general vai falar dentro de minutos... Bom, eu diria que é um alívio. Pelo menos sabemos que não se trata do EJI. O Palácio Presidencial de Reiquiavique, sede da Cimeira Terra-Cosmos, foi ocupado por...

E, nesse preciso instante, a imagem desapareceu. Não apenas a imagem, também a consola.

– O que aconteceu? – perguntou Aznárez.

Ángela aproximou-se do aparelho:

– Não tem corrente... Estranho, todas as consolas têm baterias delta para evitar isto.

– Casa, autoanálise de problemas – ordenou Yiannis.

Não houve resposta.

– O meu braço! – exclamou Husky, sentindo uma pontada de medo no estômago. – Não o consigo mexer... e o meu telemóvel está morto.

O braço biónico da rep, a prótese magnífica e indistinguível da sua própria carne, implantada depois de, meses antes, ter tido de

amputar o membro acima do cotovelo para não morrer, não respondia aos impulsos mentais. Estava dobrado e rígido, sem sensibilidade, alheio, paralisado. E o telemóvel que trazia nesse pulso esquerdo também estava apagado.

– Como assim, não podes movê-lo? – inquietou-se Yiannis. – O meu telemóvel também não funciona.

– Nem o meu – disse Gayo.

Todos os computadores de pulso estavam desligados; não passavam de lâminas flexíveis e transparentes de grafeno, enroladas no antebraço, que não respondiam a nenhum estímulo.

– Estamos incomunicáveis – concluiu a rep, entrando de imediato em modo de perigo.

Uma aluvião de hormonas inundou-lhe as veias, ativando a sua capacidade mental e muscular, a sua velocidade de resposta e essa maravilhosa calma gelada que protegia os tecnos de combate nos momentos críticos.

– Afastem-se das janelas, deitem-se no chão. Aznárez, verifica se a porta de entrada continua trancada e procura alguma coisa que te sirva de arma – ordenou num tom sereno, tirando a pistola da mochila.

Barri regressou imediatamente com um facalhão de cozinha.

– A porta está bem. Mas também não funciona. O visor não acende.

Permaneceram em silêncio; Husky e Aznárez de pé, no centro da sala, costas contra costas, a rep empunhando a arma com a mão direita, a irmã de Lizard agarrada à faca. Yiannis, as meninas e Ángela, que mantinha no colo um aterrorizado *Bartolo*, todos deitados no chão. Um minuto, dois. De repente, a androide reparou na sua pistola: o contador de carga não piscava.

– Pelo grande Morlay! Rai's parta...

Examinou a arma: também estava desligada, inerte. Um pedaço de metal sem nenhuma utilidade.

– O plasma também não funciona – rugiu, atirando a pistola

para o chão.

– Isso é o que têm de bom as armas clássicas. Estás a ver como os Novos Antigos têm razão? – disse Aznárez, agitando no ar a lâmina afiada.

– Cala-te... – ciciou a rep, levantando a mão.

Aguçaram o ouvido. Da rua vinha um rumor, uma agitação de conversas, vozes alteradas. Bruna aproximou-se da janela cautelosamente. E depois abriu o vidro e debruçou-se para ver.

– Os tapetes rolantes estão parados. E as pessoas parecem assustadas. Julgo que os seus telemóveis também não funcionam. Não se passa só connosco.

Comprimiram-se todos na varanda estreita.

– Olha para os ecrãs públicos... – indicou Aznárez.

Escuros, apagados. Nunca na vida os vira assim, espantou-se Husky. Claro que era uma vida breve de tecno-humana. Três anos, três meses e dois dias. E só treze noites para ser a vez de Lizard. Tocou no membro paralisado; a cobertura de biossilicone estava abaixo da temperatura corporal. A prótese estava a arrefecer.

– Merda, merda, merda...

Tinha perdido o braço esquerdo. Bruna foi à cozinha e agarrou noutra faca. Voltou à sala.

– Vocês fiquem aqui e não abram a porta a ninguém – ordenou a Yiannis, a Ángela e às miúdas. – Nós vamos à rua ver o que se passa.

Os elevadores não funcionavam. Nas escadas, encontraram-se com vários vizinhos, todos muito assustados. Transpuseram a entrada para um mundo cheio de vozes humanas mas, por outro lado, estranhamente silencioso; não se ouvia a chiadeira dos tapetes rolantes, tão habitual que tinham deixado de aperceber-se disso conscientemente; o elétrico não retumbava; não havia tráfego, porque todos os veículos estavam parados no meio da rua. E, sobretudo, estavam livres do tormento atroz dos ecrãs públicos. Num mundo onde tudo era eletrónico, tudo o que dependia do

fornecimento elétrico ou eletrónico estava agora morto.

As pessoas deambulavam pela rua, atónitas, perdidas, aproximando-se dos vários grupos. Mas ninguém sabia nada, nem percebia o que estava a acontecer.

– É o EJI!

– São os de Cosmos!

– É a polícia secreta da Presidente Guang! Querem acabar connosco!

– É o fascista do Jan Lago!

– Guang, sua fascista dissimulada!

– Temos de nos armar, temos de nos defender!

Os ânimos começavam a exaltar-se e alguns dos transeuntes pareciam estar a preparar-se para um confronto.

– Mas alguém sabe o alcance do apagão? Se calhar é só neste bairro – dizia, sensatamente, uma rep de exploração.

Ninguém conseguia saber, porque não havia maneira de estabelecer qualquer comunicação. Um grupinho próximo começou a agitar-se e ouviram-se gritos angustiados. Bruna e Aznárez dirigiram-se para aí: no centro de um grupo de pessoas atónitas estava um homem-bolha. A rep reconheceu o seu vizinho vítima da SSQ ou Síndrome de Sensibilidade Química. O compressor de ar purificado que insuflava o seu habitáculo tinha deixado de funcionar e a bolha de plástico estava meio colapsada. Envolto no seu sudário transparente, o homem estava de joelhos no chão, a tentar respirar. Era evidente que estava quase a asfíxiar, mas o grupo horrorizado que o rodeava não fazia nada. Bruna agachou-se e tentou abrir os fechos da bolha, mas estes, evidentemente, não funcionavam porque também eram eletrónicos.

– Ajuda-me, Barri!

Tirou a faca e começou a apunhalar o envoltório. Era uma bolha muito velha e com remendos, mas o plástico resistia. O homem estava a ficar arroxado.

– Aqui, Bruna, aqui – indicou a irmã de Lizard, atacando um dos

remendos.

Meteram a ponta das facas por baixo do acrescento e arrancaram-no; depois, e a partir daí, conseguiram rasgar a bolha. O vizinho deitou-se no chão de barriga para cima e respirou agonicamente três ou quatro vezes até recuperar a cor normal.

– Obrigado – balbuciou.

E depois desatou a chorar, porque sabia que a exposição à contaminação ambiental também podia matá-lo. Seria apenas uma morte mais lenta. Nas últimas décadas, a Síndrome de Sensibilidade Química agravara-se muito. Mesmo nas Zonas Um relativamente limpas, como era o caso de Madrid, o contacto continuado com as substâncias artificiais, omnipresentes em todos os níveis da vida, pareciam estar a descompensar e a enlouquecer o sistema imunitário dos humanos.

Bruna pensou nos efeitos colaterais da situação: as pessoas-bolha a asfixiar, os doentes a perder o suporte básico de vida nos hospitais, os pacientes com corações artificiais a caírem fulminados... E os aviões desligados em pleno voo? Quantas aeronaves teriam conseguido planar e fazer uma aterragem mais ou menos segura? Husky ficou horrorizada. Qual seria o alcance do apagão?

Regressaram a casa de Yiannis e encontraram uns vizinhos a dar cabo da porta de entrada. Era possível saírem abrindo a porta manualmente, mas como a entrada só se fazia através do reconhecimento da impressão digital, a porta tinha ficado bloqueada. Nada que algumas marteladas não resolvessem, pois era uma fechadura fraca. Subiram a pé pelas escadas, com mais perguntas do que antes. Yiannis estava angustiadíssimo:

– E o que acontecerá ao Arquivo Central? E se se perdem todos os dados? – gemeu.

Husky olhou para ele, atónita. Numa altura como esta, aquela era a última coisa que lhe teria ocorrido.

– E a ti, o que te interessa? Despediram-te do maldito Arquivo,

por todos os sencientes!¹² – resmungou.

– Como podes dizer isso, Bruna? É Património da Humanidade!

O Arquivo Central era o registo eletrónico dos conhecimentos do planeta. Era um serviço de documentação público e toda a gente podia aceder ao nível mais básico de informação. Para níveis superiores, eram necessárias autorizações cada vez mais restritivas. Yiannis tinha trabalhado no Arquivo Central durante muitos anos, até o terem despedido durante a crise especista. Com que então, Património da Humanidade, repetiu Bruna, irritada, remoendo as palavras como quem morde um osso. Estariam os tecno-humanos incluídos nessa «humanidade»? Ou eram tão recentes, tão artificiais, tão secundários, que nem sequer podiam aspirar a algo tão pomposo como um património?

– Calma, Yiannis. Nem sequer sabemos o alcance do apagão. Desde que um único lugar na Terra continue ligado, o teu maldito Arquivo continuará intacto...

O velho esfregou as mãos com desespero:

– Oxalá... Oxalá... Caso contrário, seria terrível...

– Tudo isto tem de estar relacionado – observou Aznárez. – A ocupação do Palácio Presidencial, o apagão eletrónico...

– Ou não. Este pode ser o grande atentado que o EJI preparava – disse Husky.

– Mas não era amanhã? – admirou-se Yiannis.

– Podem tê-lo antecipado, justamente porque os descobrimos... Ou por recearem que os especialistas conseguissem extrair alguma informação, dado a polícia estar na posse da consola de Fer... «Como comunicamos a partir de sexta-feira» foi a pergunta do rapaz ao *barman*. Não acham que deve estar relacionado com isso?

«Com pombos-correios», respondera o homem-cavalo. A rep continuava a achar que tinha sido uma piada mas, efetivamente, era uma questão essencial: como conseguiriam os Ins comunicar uns com os outros? A androide voltou a tocar no braço, gelado, rígido, paralisado em ângulo reto, incómodo na sua imobilidade. Pela

primeira vez, sentiu-se mutilada.

– Que desespero – sussurrou com verdadeiro desconsolo.
– Se calhar, pode-se fazer alguma coisa em relação à tua prótese
– disse Aznárez.

– Arrancá-la. Pesa – respondeu Husky, furiosa.

Mas sabia que tinha dito uma parvoíce. As próteses de última geração, como a dela, estavam inseridas na carne e ligadas ao seu sistema nervoso. Não poderia arrancá-la sem provocar grandes danos.

– Não, não. Os Novos Antigos também usam próteses, só que básicas. Algumas são articuladas, mas manuais, têm de ser operadas com o outro braço; podemos dobrá-las ou esticá-las, meter a mão no bolso... É melhor do que tê-las tesas o tempo todo, não achas?

Bruna visualizou-se a correr com o antebraço solto e aos abanões.

– Não sei que te dizer. Se calhar, conseguiria cortá-la com cuidado, usando a faca, ou tentar desprendê-la do meu braço... – aventurou sem grandes esperanças.

– Não, não, que nem te passe isso pela cabeça. Irias destruir a prótese e ferir-te. O que é preciso fazer é desbloqueá-la. Deve haver alguma maneira de a passar a manual...

– Há sim – interrompeu Ángela. – Na flexura do cotovelo há uma espécie de parafuso. Se for rodado noventa graus, a prótese desliga-se. Utiliza-se quando é preciso montá-la e desmontá-la.

Ficaram todos a olhar para ela.

– E sabes isso como? – perguntou a rep.

– P-P-P... – gaguejou Gayo, começando a baloiçar-se.

– Para. Para de te baloiçar, por favor! Ninguém se vai aborrecer. Mas diz-me como sabes.

– Pro-procurei o diagrama da prótese na rede.

– Porquê?

– Porque-porque-porque era a tua pró-pró-prótese, porque faz parte de ti, porque queria saber tu-tu-tudo a teu respeito... Vi-o só

um instante, só um bocadinho, mas lembro-me de tudo o que vejo – acrescentou, em tom de desculpa.

Não, Bruna não se sentia de todo aborrecida. Sentia-se esmagada. Sepultada debaixo do amor de Ângela. Mas agora não tinha tempo para lidar com isso.

– Bom, deixa-me fazê-lo – disse Aznárez, agarrando na faca. – Sou uma boa mecânica, já to disse.

A posição rígida do braço dobrado tornava difícil chegarem à flexura do cotovelo. A irmã de Lizard espetou a ponta da faca na cobertura de biossilicone e começou a abrir uma pequena janela. Felizmente, os sensores delicados da pele artificial não estavam a funcionar e Husky não sentiu nada, mas a semelhança com a carne real era tanta que quase achou que lhe doía.

– Com certeza que mais tarde conseguem arranjar facilmente este buraco...

Tirou a pele recortada e espreitou pela brecha.

– Isso mesmo... cá está... uma peça com um centímetro de diâmetro e uma fenda a meio... Rodar noventa graus, dizes? Espera...

Mordendo os lábios, Aznárez lutou para meter a ponta da faca no buraco, apesar do impedimento do braço.

– Com isto não consigo. Preciso de uma chave de fendas.

– De certeza que também não funciona – disse Bruna. O aparafusador era eletrónico.

– Eu tenho a minha antiga caixa de ferramentas – lembrou Yiannis, excitado.

Saiu a correr e, pouco depois, regressou com uma velha caixa de plástico duro que parecia pesar muito. Aznárez abriu-a e remexeu durante algum tempo no caos que continha. Bruna viu dois martelos, umas tenazes e outros instrumentos que não reconheceu.

– Isto deve servir – disse Aznárez, mostrando uma pequena régua metálica.

Agarrou nuns alicates e, com muita habilidade e com a força das

suas grandes mãos, dobrou um pouco a ponta.

– Senão não se chega à fenda.

Assim, com a ponta da régua curvada, conseguiu entrar no buraco e rodar o parafuso. O cotovelo de Bruna desbloqueou-se imediatamente e o antebraço ficou pendurado. Era um peso morto, mas era mais cómodo tê-lo assim. Na flexura do cotovelo, um retângulo desigual e mal cortado deixava ver a confusão de circuitos integrados e peças metálicas que formavam o mecanismo da prótese. Husky sentiu uma pontada de dor pela perfeição perdida do seu braço.

E de repente pensou: mas eu estou bem, não sinto nada. Bruna sabia que os engenheiros genéticos que tinham desenvolvido os tecno-humanos utilizavam uma avançadíssima nanotecnologia biológica, não eletrónica. Por isso os reps não paravam. Não sou uma máquina, disse para consigo com um orgulho feroz. Não sou uma máquina. No entanto, se fosse verdade que tinham um *chip* para evitar que se suicidassem, talvez o apagão a tivesse livrado disso.

– Muito bem. Vocês vão continuar aqui fechados até a emergência passar. Mas acho que nós deveríamos ir ter com Kai – sugeriu Bruna, olhando para a irmã de Lizard.

– Vamos ter de ir a pé.

– Como é evidente. Ângela, como achas que puderam fazer uma coisa destas, ou seja, apagar tudo?

A mulher mordeu com nervosismo os lábios quase inexistentes; depois, meteu a mão no bolso das calças e tirou algo. Bruna olhou com atenção para o pequeno objeto pousado na palma da mão de Ângela.

– Hum... É... É uma bússola, não é? E então?

Era redonda, metálica, coberta com um vidro grosso e com uma aparência antiga.

– Sim, sim. Ofe-fe-fereceu-ma a doutora Carlavilla depois do meu primeiro ano no CRGM... Vê bem...

A doutora do terceiro olho do Centro de Grandes Mentes, recordou a rep, voltando a inclinar-se sobre o instrumento. A agulha tremia e saltava, enlouquecida.

– Qual é o problema?

– Há um fenó-fenómeno natural que pode causar tudo isto – explicou Ángela. – Uma tempestade solar. No caso de uma erupção do Sol suficientemente forte, a Terra pode receber um jorro de plasma magnetizado que arrasa tudo. Que rebenta os satélites, as redes elétricas, os aparelhos eletrónicos. Já aconteceu outras vezes na história. A tempestade mais forte de que temos notícia foi o Evento Carrington, que se deu em 1859 e destruiu o telégrafo, isolando os Estados Unidos da Europa. A ionização da atmosfera foi tão forte que houve auroras boreais aqui em Madrid. Deve ter sido magnífico. Felizmente, nessa altura quase não havia dependência da eletricidade e, portanto, não houve vítimas a lamentar. Depois disso, as duas maiores tempestades solares foram a de 1989, que deixou seis milhões de pessoas sem eletricidade no Canadá, e a de 2087, que apagou metade de África durante meses e causou muitos mortos. Mas como aconteceu no pico das Guerras Robóticas, não está bem documentada.

– Queres dizer que pode ser uma catástrofe natural?

Ángela pestanejou, desconcertada.

– Não. A atividade do Sol é rigorosamente vigiada. Os efeitos das tempestades solares atingem a Terra entre dezanove a cinquenta e duas horas depois de se produzir a emissão. Para um apagão assim, a erupção teria de ser fortíssima. Teriam dito alguma coisa nos ecrãs públicos. Sabê-lo-íamos. Portanto, se tivermos em conta as ameaças do EJI, a situação de guerra e a falta de avisos sobre uma tempestade solar, a probabilidade estatística de estarmos a viver os resultados de uma catástrofe natural é de 0,001. O que pretendo dizer é que devem estar a utilizar uma tecnologia capaz de criar plasma magnetizado em quantidades colossais. Por isso é que a bússola enlouqueceu.

Inclinaram-se todos sobre a mão de Ángela e contemplaram, impressionados, o pequeno instrumento, cujas convulsões mostravam a força invisível e torturante a que estava submetido. E de repente, diante dos olhos de todos eles, a agulha começou a diminuir os saltos e a tranquilizar-se, até finalmente parar. Ali ficou, a vibrar suavemente, como se estivesse ofegante depois de tanta agitação.

– E agora?

– Nã-nã-não sei. De-de-devem te-te-ter desligado a emissão de plasma. Nã-nã-não sei como o fazem.

Husky levantou o seu braço morto com a mão direita e olhou para o ecrã apagado do seu telemóvel.

– E se já não estão a emitir esse plasma, por que razão as coisas continuam sem funcionar?

– Porque entretanto já tudo ficou estragado.

– Oiçam! – disse a rep.

Ao longe ouvia-se alguma coisa, um rumor que parecia sonorização. Foram a correr até à varanda, voltando a comprimir-se no espaço exíguo. Tiveram de esperar quase cinco minutos até a fonte do som aparecer: era um comboio de cinco veículos militares, couraçados e armados com canhões curtos. Circulavam lentamente enquanto uma voz de homem ia anunciando:

– Cidadãos! Povo de Madrid! Somos o Exército Privado de Jan Lago! Viemos restabelecer a ordem! Não tenham medo! Vão para vossas casas e permaneçam aí até novo aviso!

As pessoas fugiam à sua passagem e as ruas iam ficando tão vazias como se o comboio militar fosse uma vassoura. Alguns gritavam: «Bravo!» e faziam saudações militares antes de obedecerem e de se retirarem.

– Ó minha mãe... – murmurou Yiannis, tão trémulo e aterrorizado que parecia prestes a desmaiar. Obviamente, a sua bomba de endorfinas deixara de funcionar.

– E como é que os veículos dele se movem? – rugiu a rep.

– Nã-nã-não s-s-sei – disse Ángela, quase a chorar. – Não sei como conseguiram. Se calhar usaram algum ti-ti-tipo de ecrã de proteção. Se calhar tinham tu-tu-tudo apagado e desligado. Não sei.

– Queres dizer... Queres dizer que os aparelhos que estiveram completamente desligados e apagados durante o ataque poderão funcionar? Um computador, por exemplo... – perguntou Aznárez.

– Suponho que sim, embora não te-te-tenha a certeza. De qualquer forma, um computador... Os satélites devem estar fritos, os nodos de comunicação também... Terias o ecrã operativo, mas não sei se conseguirias comunicar com alguém...

– Mas há uma possibilidade... – insistiu a irmã de Lizard.

– Sim...

Aznárez voltou-se para a rep.

– Posso arranjar um ecrã que, julgo, estará intacto.

– Onde?

– Na Família. Na minha comunidade de Novos Antigos.

– E isso onde fica?

– A quarenta e nove quilómetros de Madrid.

– Hum... teremos de andar um dia inteiro.

– Duas horas de bicicleta. É a sul e não há subidas. Lembro-te de que foi assim que vim – disse Aznárez.

Claro. A incómoda bicicleta de Barri estava enfiada debaixo da sua cama, recordou a rep.

– Mas não têm um motor eletrónico? Não funcionarão.

– Nós usamo-las para nos deslocarmos, mas creio que vocês as usam fundamentalmente para fazer exercício. Não, não são como as pranchas planadoras, que transportam as pessoas sem esforço. Aliás, no outro dia passei por uma estação de bicicletas, não longe daqui, e eram todas velocípedes manuais.

A rep refletiu por instantes. Nunca tinha utilizado uma velharia daquelas, mas não acreditava que fosse difícil. No entanto, o plano tinha uma falha.

– Há um problema. A Ángela devia vir connosco porque, se o

ecrã funcionar, é ela quem poderá tirar o maior partido disso... E não acredito que saibas andar de bicicleta, pois não?

– Pois-pois-pois-pois-pois-pois-pois-pois... – Gayo engasgou-se mais do que nunca. Tinha ficado nervosíssima. Fechou a boca, respirou fundo e voltou a tentar. – Pois-pois a verdade é que sei... No CRGM, utilizavam as bicicletas para que fizéssemos exercício – acabou por dizer.

E sorriu, orgulhosa e feliz.

– Muito bem. Nesse caso, vamos embora. Primeiro, vamos ter com Kai e depois vamos buscar esse maldito computador.

Decidiram ir buscar primeiro as bicicletas, para não perderem tempo indo a pé até à Judiciária, que ficava longe. Não sabiam que horas eram porque não havia nenhum relógio a funcionar, mas o apurado sentido geoespacial de Bruna fê-la calcular com bastante segurança que deviam ser umas cinco da tarde. O apagão dera-se por volta das duas. Percorreram a bom ritmo as ruas desertas, levando a bicicleta de Barri pelo guiador. Uma ventania gelada fustigava-lhes a cara; estava um tempo inusitado para fevereiro porque, por esta altura, já costumava fazer um calor sufocante.

– Que frio! Espero que não se dê nenhuma crise polar justamente agora – resfolegou Bruna, lamentando não ter passado no seu apartamento para trazer um casaco térmico.

O aquecimento global, além de aumentar em vários graus a temperatura do planeta, derreter os polos, inundar milhares de quilómetros de costas e desertificar terras que eram férteis, também originara todo o tipo de instabilidades climáticas, entre elas uma inversão térmica da chamada «oscilação ártica», um fenómeno incompreensível para a rep, mas que de vez em quando provocava ondas de frio muito intenso, breves e inusitadas, um dia ou dois de neve copiosa e queda a pique dos termómetros, que em Madrid podiam chegar facilmente aos vinte graus negativos. Se se verificasse uma crise polar agora, sem energia nem possibilidade de as pessoas se aquecerem, morreria muita gente.

– Seria terrível. Haveria muitas vítimas – observou Aznárez, como se lhe tivesse lido o pensamento. E acrescentou: – Sabias que o ser humano só consegue viver nu em cerca de quinze por cento da superfície da Terra?

Outro dado absurdo, pensou a rep. Como conseguia alguém investir tanto esforço em memorizar coisas inúteis? Os humanos não tinham consciência do valor do tempo.

– Onde estarão as bicicletas?

– Nas estações, já ali. Ah, claro!

Aznárez não tinha pensado nisso, evidentemente: como as estações não funcionavam, as bicicletas estavam presas aos seus suportes.

– Magnífico...

Ouviram-se gritos, tiros. Husky agarrou em Ángela com o seu único braço funcional e arrastou-a quase em bolandas até ao único esconderijo próximo, o refúgio precário que a estação de bicicletas proporcionava. Comprimiram-se atrás dela e Barri ocupava, como sempre, quase todo o espaço.

– Chiuuu...

Mesmo a tempo. Viram passar a correr três tecnos de combate com o uniforme dos EUT. Perseguiam-nos aos tiros. De repente, um deles caiu. Uns metros depois, caiu outro. O terceiro conseguiu continuar a fugir. Apareceram dez soldados com o uniforme verde brilhante do exército de Jan Lago, seguidos por um carro blindado. Aproximaram-se do primeiro caído, que se mexeu e tentou defender-se com algo que parecia um bastão. Um dos inimigos explodiu-lhe a cabeça com um tiro de plasma. O grupo continuou até encontrar o tecno seguinte, que um deles abanou com a biqueira da bota. Devia estar morto, porque continuaram em frente. Bruna e as suas companheiras esperaram que eles desaparecessem antes de saírem do seu esconderijo. Gayo tremia tanto que quase não conseguia manter-se de pé.

– Que grandes sacanas... – resfolegou Aznárez.

Bruna calou-se. Sentia tanta raiva que não podia permitir-se manifestá-la ou perderia o controlo. Aproximou-se da vítima mais próxima: o tiro rebentara-lhe a cara mas era, sem dúvida, uma mulher. A mão segurava ainda um taco de golfe de cabeça metálica. Uma arma improvisada, que não lhe servira para nada frente ao tiro de plasma, embora, como era o caso, se tratasse do plasma legal e não do negro. Pegou no taco e dirigiu-se até ao outro cadáver. Um homem com um buraco na parte de trás da cabeça. Aznárez parou junto de Bruna, olhando para o corpo.

– Não têm armas, claro. Refiro-me ao exército dos EUT. O apagão deixou-os indefesos – comentou a rep, amargamente.

Também não tinham vestido as armaduras... Naturalmente, não se abririam ou fechariam; se pusessem o capacete, ficavam cegos, uma vez que o visor não se acenderia. Horrorizada, a rep apercebeu-se de que também não funcionavam os telemóveis, todos os fatos, óculos, luvas ou qualquer outra peça de uso ou de vestuário potenciada e modificada eletronicamente. O seu próprio casaco térmico não a aqueceria.

– É inacreditável, é... Nunca tinha parado para pensar até que ponto dependemos da tecnologia eletrónica – sussurrou.

– Nós não. Percebes agora que os Novos Antigos têm razão? – alvoraçou-se Aznárez, exultante.

Husky olhou para ela, desolada, incapaz de iniciar uma discussão sobre o assunto.

– Acabemos com isto. Pega na arma do morto. Pode vir a servir-te.

O segundo cadáver tinha-se armado com uma moca comprida, como as da polícia de intervenção. Husky deu meia-volta e regressou à estação de bicicletas, junto à qual Gayo tiritava.

– Afasta-te.

Só podia usar a mão direita, mas era muito forte e agora esse vigor fora potenciado pela raiva. Começou a bater na estação com o taco, fazendo um barulho ensurdecedor. Os mercenários de Lago vão voltar, tenho de me apressar, pensou.

Ao quarto ou quinto golpe, e depois de agradecer mentalmente à empresa fabricante pela resistência do taco, Husky partiu a parte de cima da barra que segurava as bicicletas, acabando por arrancá-la depois ao pontapé. Tiraram duas bicicletas; Ángela montou a sua com facilidade. Bruna experimentou pedalar e deslocou-se alguns metros aos ziguezagues. Ter só uma mão a funcionar também não ajudava, mas depressa se habituou ao velocípede.

– Vamos, estou pronta.

A rua continuava vazia, mas, atrás das janelas, espreitavam moradores amedrontados. Quantos deles se apressariam a denunciá-las aos soldados de Lago?

Pedalaram na direção da esquadra, lutando contra o vento através da cidade deserta. De vez em quando cruzavam-se com outros ciclistas fugitivos ou com alguns transeuntes, esquivos como sombras. Também viram cadáveres no chão, vítimas do exército invasor ou, quem sabe, de implantes vitais que se desligaram. Mais ainda, pensou a rep: os cegos redirigidos eletronicamente teriam deixado de ver; os coxos, de andar; os paralíticos, de se moverem. Os diabéticos morreriam sem os seus pâncreas artificiais e os epiléticos voltariam a ter ataques. Recordou a festa probiónica de Janhache e os convidados que brilhavam com o fulgor rosado dos implantes. Todos eles teriam deixado de funcionar, como o seu antebraço. Por outro lado, o apagão democratizava radicalmente a saúde e colocava os ricos no mesmo lugar de dor e de precariedade em que viviam os pobres, que nunca tinham conseguido deixar de ser cegos, coxos ou epiléticos. Era um pensamento que, com certeza, alegraria as pequenas selvagens, Gabi e Emma.

À porta da esquadra via-se uma barricada feita com móveis e escudos de assalto. Desmontaram das bicicletas e aproximaram-se devagar.

– Alto lá! – gritou alguém atrás do parapeito. – Mãos ao ar!

A rep obedeceu e o antebraço ficou pendurado como um pêndulo diante da sua cara.

– Rai's parta! Barri, põe-te à minha esquerda e levanta-me a merda da prótese – pediu a rep. E depois gritou: – Sou Bruna Husky. Tecno de combate. Amiga de Lizard. Conhecemo-nos. Esta é Aznárez, a irmã de Lizard. Viemos falar com Kai.

Silêncio.

– Está bem. Aproximem-se devagar e sem baixarem as mãos – acabou por dizer a voz.

Kai estava na barricada e deixou-as passar. Trazia uma pistola à

cintura, uma velharia de aspeto duvidoso.

– Onde foste arranjar isso? – perguntou Husky.

– Ao armazém de provas. Tínhamos apreendido algumas armas de pólvora e fomos buscá-las. Só encontrámos quatro. E poucas munições. Deve haver mais algumas, mas não conseguimos aceder ao catálogo dos conteúdos porque o sistema está em baixo. Abrimos as caixas quase às cegas, guiando-nos pela data aproximada das apreensões.

As armas de pólvora tinham sido retiradas de circulação depois da Unificação, através da famosa Lei Mãos Limpas, que também limitara o uso estrito do plasma às forças de segurança e ao exército. As velhas pistolas e revólveres foram rasteados por *scanners* eficazes, capazes de detetar as suas ligas metálicas, e as pistolas de plasma precisavam, para o seu fabrico, de uma lâmina de celadium, o novo mineral das minas longínquas de Encélado, onde cada uma das lâminas era registada, numerada e dotada de um *chip* de localização. Apesar de todas estas precauções, abundavam na Terra as armas ilegais de todo o tipo, relíquias da era da pólvora e plasmas diversos.

– O que pensam da situação? – perguntou a inspetora.

– Não sabemos de nada. O exército de Lago está a aterrorizar a cidade. Vimo-os executar dois soldados tecnos.

– Sim... – suspirou Kai, sombria. – Aqui também não temos nenhuma informação. A falta de comunicações é desesperante. Não sabemos qual o alcance do apagão, embora tenham cá vindo colegas de seis postos policiais de várias zonas de Madrid, todos eles afetados. Pior ainda, as linhas seguras também não funcionam. Não sei se haverá alguma agência do Estado que continue em atividade, mas, mesmo que exista, está obviamente isolada. É um golpe planetário e perfeitamente organizado.

– E as armas dos golpistas funcionam, os carros deles andam...

– É verdade; não percebo.

Então explicaram a Kai a hipótese de Ángela e voltaram a

observar a bússola com atenção: a agulha continuava calma. A inspetora franziu o sobrolho.

– Queres dizer que, se encontrarmos componentes eletrónicos que estivessem completamente desligados durante o apagão, talvez ainda funcionem? – acabou por perguntar.

– Não sabemos. É uma possibilidade.

– Também temos pistolas de plasma no armazém – exclamou Kai, triunfante.

E desatou a correr, seguida por Bruna, por Barri e pela titubeante Ângela, que não conseguia suportar a ideia de ficar só. Desceram os degraus dois a dois e dirigiram-se ao armazém, cuja porta era guardada por um polícia humano fardado que apertava na mão um martelo grosso como se a sua vida dependesse disso. O que, na realidade, era bastante provável.

– Belmonte, é possível que as pistolas de plasma que apreendemos ainda funcionem. É preciso encontrá-las.

– Vai ser novamente um problema lixado – respondeu o homem, desabrido.

– Não... ao procurarmos as de pólvora vi uma ou outra... – disse Kai.

Entraram no depósito. Em circunstâncias normais, devia ser um lugar tão ordenado como o armário de uma sala de operações, com filas de prateleiras e de caixas de poliplast numeradas e ordenadas por tamanhos. Mas agora muitas delas estavam caídas no chão, com as fechaduras rebentadas e o conteúdo espalhado de forma caótica.

– Os juízes vão ficar contentíssimos com isto – resmungou o polícia, que tinha o pescoço mais largo do que a cabeça e não parecia particularmente sagaz.

– Belmonte, talvez já não haja justiça; talvez já nem haja futuro – impacientou-se Kai. – Acho que era por aqui. Sim, aqui está uma!

Apanhou rapidamente do chão uma pistola de plasma e tentou ativá-la. Não aconteceu nada. Repetiu o movimento duas ou três vezes, incrédula. A arma continuou morta.

– Por todas as malditas espécies! Vocês estavam enganadas. Esta arma de plasma estava apagada e desligada e mesmo assim não funciona.

– Não, inspetora. Não é bem assim. Todas as provas estão ligadas ao sistema. Quando se trata de alguma coisa antiga, como um papel ou as pistolas de pólvora, colamos um *chip*. Assim estão sempre controladas e catalogadas. A arma de plasma estava ligada – elucidou o polícia, obviamente satisfeito por poder humilhar um pouco uma tecno altiva.

Bruna sentiu uma espécie de vertigem. Era esmagador. Era assim. Estavam todos permanentemente ligados. Ou melhor, tinham estado assim até ao apagão. O mesmo sistema de catalogação e armazenamento em linha era usado nas lojas de telemóveis, nas fábricas de produtos eletrónicos e, com certeza também, nas fábricas estatais e secretas de armas. Perdera-se tudo.

– E agora?

Os fogões não funcionariam. As prateleiras dos supermercados não libertariam os seus produtos, se bem que as lojas tivessem sido todas saqueadas. Os cartões de água também não serviriam; onde iriam buscar água para beber? Talvez os golpistas a fornecessem. Deviam tê-lo previsto. Assim que eles se rendessem. Estavam só a vergá-los. Não lhes interessava que houvesse um grande sofrimento civil ou muita mortandade. Ou interessar-lhes-ia?

Derrotadas, subiram até ao primeiro andar.

– Estabelecemos controlos com os outros seis postos policiais que contactámos. Uma corrente de emissários de seis em seis horas. Daqui, enviamos alguém até ao mais próximo. Depois, regressa. Daí mandam outra pessoa até ao posto seguinte, e assim sucessivamente, até chegar novamente a nós, mas pelo lado inverso. Deste modo, conseguimos partilhar informação – explicou Kai. – Também enviámos dois polícias à sede da Presidência Regional, mas ainda não voltaram. Podem ter sido detidos ou mortos. O mais provável é que a Presidência esteja a ser atacada. Ou que os

golpistas a tenham ocupado.

– Está bem, Kai. Nós vamos aproximar-nos dos quartéis do exército. Suponho que também aí estarão a combater. Juntar-nos-emos à vossa corrente de controlos... Ou seja, voltaremos aqui. Possivelmente de madrugada.

– De acordo.

Kai acompanhou-as até à barricada. Lá fora entardecia; deviam ser umas seis e meia. Ia ser uma noite muito escura. A inspetora pousou uma mão no ombro de Bruna. Estranho gesto de contacto entre duas tecnos de combate.

– Sei que voltarão, Husky.

A rep avaliou a barricada frágil, as quatro pistolas de pólvora arcaicas.

– Eu também.

E, depois de se despedirem com um gesto da cabeça, montaram as bicicletas e seguiram caminho.

– A sério que vamos ao quartel do exército? – perguntou Aznárez assim que se afastaram um pouco da esquadra.

– Não.

– Hum... Continuas a desconfiar da inspetora?

– Para já, não precisa de saber mais – respondeu Husky, sentindo uma pontada incomodativa de remorso depois de ter sentido a mão de Kai a roçar-lhe o ombro quando se despediram. – De qualquer maneira, também não há nada que saber. Veremos se funciona esse ecrã que dizes ter.

A comunidade de Novos Antigos a que Aznárez pertencia situava-se nos arredores de Valdelaguna, uma povoação a quarenta e nove quilómetros a sudeste de Madrid. Deu uma olhadela a Ángela, que vinha na cauda, mas parecia estar bem. Em volta delas, a noite caía rapidamente. Evitaram uma avenida onde viram movimento de tropas e fizeram um desvio que levou Aznárez a perder-se.

– É que estou há anos sem vir a Madrid... Esperem aqui, vou pedalar até aquela praceta e já volto.

Bruna apoiou os pés no chão e descansou o braço. Cinquenta metros à frente, havia uma estação de elétricos. Pelo monocarril elevado, uma fila de pessoas avançava penosamente. Vinham de gatas, escarranchadas, com os pés e as mãos a rodearam a via, deslizando microscopicamente para a frente, com esforço e cuidado. Sob elas havia um vazio de cerca de quinze metros, uns quatro andares de altura, o suficiente para ser mortal. O elétrico deixara-os suspensos entre duas paragens, sem dúvida. Antes de perderem a esperança, deviam ter esperado durante horas para ver se o apagão se resolvia e se os resgatavam. Calculou como deviam ter sofrido até saírem do elétrico e conseguirem agarrar-se ao monocarril. Teriam com certeza partido uma janela e saído por aí, ajudando-se uns aos outros. Nesse momento, os últimos chegavam à estação, enquanto os primeiros a alcançá-la desciam as escadas até à rua.

Nessa altura, viu-os aparecer numa esquina: quatro jovens, uma rapariga e três rapazes, todos humanos. Levavam faixas verdes e largas amarradas nos braços e arrastavam correntes pelo chão, fazendo um barulho pavoroso. Era evidente que não se importavam de chamar a atenção, antes pelo contrário. Na luz escassa do anoitecer, não repararam em Bruna; foi a falta de ruído na estação que lhes despertou a curiosidade. Aproximaram-se dos passageiros, gingando os ombros numa fanfarronice ridícula. Com as suas pupilas verticais e a sua vista geneticamente melhorada, Husky via muito melhor do que os humanos e, mesmo na hora azulada do crepúsculo, teria conseguido ver que a cor dos braceletes dos jovens era exatamente igual à do exército de Lago. Onde teriam arranjado aquelas tiras de tecido? Ter-lhes-iam sido dadas pelos golpistas?

– Já sei o caminho. Vamos – disse Aznárez, parando junto dela.

Bruna não respondeu. Continuava a observar a cena.

– O que se passa?

A irmã de Lizard aguçou a vista, mas não conseguia ver muito bem. Os quatro gorilas de pacotilha falavam de uma forma arrogante com os passageiros. Estes eram pelo menos quinze, gente assustada que não queria confusões.

– Vamos! Não vos oiço! Mais alto! Viva Jan Lago! Gritem todos mais alto! – ouviu-se claramente um dos rapazes do grupo ordenar.

Um passageiro, também jovem, deu-lhe uma resposta inaudível e o tipo do bracelete bateu-lhe com a corrente e atirou-o ao chão. Isso, Aznárez já viu.

– Vamos, Bruna, vamos. Temos coisas mais importantes que fazer e a noite está a cair. Lembra-te de que não sabemos nada do meu irmão.

Lizard. Sim. Treze degolações no máximo. E agora, como saberia se o tinham assassinado? Três anos, três meses e dois dias. Bruna pôs os pés nos pedais e avançou alguns metros. Depois, parou.

– Esperem um bocadinho.

Desmontou da bicicleta, agarrou com a sua única mão no taco

de golfe, que trazia preso às costas com uma corda que Kai lhe dera, e aproximou-se do grupo. Deu a primeira bordoadada no rapaz que se destacava e que parecia ser o líder. Não queria matá-lo, de modo que o atingiu num dos lados da cabeça, de raspão, abrindo-lhe uma racha e quase lhe arrancando uma orelha. Ao fanfarrão seguinte, que tentou atingi-la com a corrente, atirou-lhe um pontapé aos genitais que o deixou sentado no chão de boca aberta, sem conseguir respirar. O terceiro rapaz e a rapariga fugiram a correr.

– Vamos. Desapareçam rapidamente antes que estes sacanas recuperem. Metam-se em casa e não saiam. E levem-no – disse Bruna, apontando para o homem ferido pela corrente, que estava a sangrar e meio estonteado.

Os passageiros apressaram-se a obedecer sem dizerem uma palavra. Sendo todos humanos, era evidente que tinham tanto medo de Husky como dos gorilas de braceletes, ou até mais. Mas quando a detetive foi buscar a bicicleta, já se sentia melhor, um pouco mais leve. Os tecnos de combate eram fabricados assim: as situações de raiva e de violência provocavam uma resposta dentro deles que ia crescendo como bolor e que os asfixiava se não encontrasse saída. Não havia nada que lhes aliviasse tanto a angústia como uma boa briga.

– Vamos.

A única coisa que amargou um pouco o prazer da rep foi o êxtase profundo que vislumbrou nos olhos de Ángela. Era evidente que a mulher a considerava uma heroína, mas Husky sabia que só agira assim por estar cheia de ruído e de fúria. Ainda bem que o sorriso trocista de Barri mitigava um pouco o seu sentimento de impostura.

Poucos minutos depois, anoitecia. Era impressionante atravessar uma cidade completamente às escuras. Numa ou noutra janela via-se um brilho trémulo: algum felizardo que dispunha de velas, sem dúvida decorativas. Pelo menos o tempo amenizara, de maneira que não haveria uma crise polar. Por mais que Aznárez gabasse as

bicicletas desportivas, o seu sistema de iluminação dependia de um pequeno cérebro eletrónico que, evidentemente, não funcionava. Dado que Bruna não tinha problemas para ver, ia à frente, seguida pelas duas mulheres. Mesmo assim, prosseguiram mais devagar do que o costume.

– A este ritmo, vamos demorar três horas ou mais – resmungou a irmã de Lizard.

Quando saíram de Madrid, a coisa melhorou. Apareceu a lua, que estava em quarto crescente, quase a três quartos, e não havia nuvens. O luar era suficiente, até para Aznárez e para Gayo. Aceleraram, deslizando como lâminas por entre as sombras; havia qualquer coisa de hipnotizante no facto de se deslocarem através de um mundo apagado. Já estavam quase a chegar quando, de súbito, viram que a estrada estava inundada.

– O que é isto?

– Não sei – respondeu Aznárez.

Desmontaram das bicicletas. Não era coisa pouca. O pequeno vale para onde a estrada descia estava sepultado sob uma massa de água que, ao luar, parecia mercúrio.

– Um pouco mais acima há uma represa. Talvez as comportas tenham aberto por engano, ou por segurança, ou sei lá porquê, quando o sistema falhou... Está sempre protegida pelos guardas do consórcio aquífero... Admira-me que não andem por aqui. Se calhar afogaram-se – aventurou a irmã de Lizard. – Vamos tentar fazer um desvio. Mas fica perto, é o vale seguinte.

Husky resmungou. Estava cansada, não tanto pelo exercício desconhecido, mas por ser obrigada a dirigir a bicicleta só com uma mão. Doíam-lhe um pouco o braço, o cotovelo, o pulso. Problemas de maneta, pensou com amargura. Avançaram através do campo, contornando a recém-criada lagoa, por vezes montadas mas a maior parte do tempo a pé, levando as bicicletas pelo guiador. Gayo não se queixava, mas era evidente que estava esgotada; tropeçou algumas vezes e tiveram de ajudá-la a tirar a bicicleta de uma ou

outra valeta. A lâmina prateada da superfície da água deixava ver objetos meio submersos – troncos, móveis partidos, um animal afogado que talvez fosse um cão.

– Isto está com mau ar.

Ouviram um ruído de folhas secas nas árvores próximas, um bater de asas. Ergueram os olhos. Eram duas pombas.

– Que raio fazem estas, a voar de noite? – admirou-se Aznárez.

Uma das aves seguiu caminho, mas a outra deu algumas voltas por cima delas, como se alguma coisa atraísse a sua atenção. Tinha um brilho estranho no peito.

– As pombas – disse Husky com a voz enrouquecida de excitação. – Era verdade, estão a usar pombos-correios.

Aznárez deu uma olhadela rápida à rep, depois agachou-se e remexeu no chão. Levantou-se imediatamente e, tomando impulso, atirou uma pedra à ave e acertou-lhe. A pomba esvoaçou descompassadamente algumas vezes e depois caiu ao chão.

– Ai! – gemeu Ángela, como se tivesse sido ela própria a magoar-se.

– Que estás a fazer?! – Bruna detestava humanos e reps da mesma forma, mas sentia uma simpatia inconfessável pelos animais. Fora essa fraqueza que a levava a adotar o comilão.

– Sou a melhor da minha comunidade a caçar pássaros com pedras. Comemo-los. Sinto muito, mas precisávamos de deitar a mão a essa pomba.

Era verdade. Aznárez tinha razão. Husky entregou-lhe a bicicleta e meteu-se no mato à procura da vítima. Encontrou-a imediatamente. Pegou no corpo do pobre bicho, ainda quente e palpitante, mas simultaneamente duro e frio. Quando o levantou à altura dos olhos, o pássaro teve um ligeiro tremor: acabava de morrer. Tinha uma ferida sangrenta no pescoço e na base da asa. E metade da sua cabeça era metálica.

A colónia dos Novos Antigos nos arredores de Valdelaguna ficava na encosta de um dos montes, suaves e despidos, que rodeavam a povoação. Era uma velha quinta a que mais tarde acrescentaram outras construções. No total, havia quatro casas, as três mais recentes divididas em pequenos apartamentos, enquanto a construção original acomodava as áreas comuns. O coletivo era composto por trinta e nove indivíduos, incluindo três crianças com menos de doze anos; sete famílias ou grupos de mais de um elemento e duas pessoas que viviam sozinhas, sendo Aznárez uma delas. Como boa irmã do carrancudo Lizard, pensou a rep. Estavam a construir uma quinta casa, porque dois jovens queriam tornar-se independentes. Faziam tudo manualmente e, portanto, devagar; além disso, também cultivavam a terra, caçavam (ilegalmente), cuidavam das ovelhas, alpacas, vacas e galinhas, e teciam e tingiam os xales artesanais de lã de alpaca, que vendiam em Madrid e que eram a sua principal fonte de rendimento. Bruna teve de reconhecer que eram bonitos, além de caríssimos, claramente um produto de luxo, tornando aquela colónia uma comunidade bastante próspera.

Autónomos, autossuficientes e operacionais, o apagão não os afetara em absoluto. De facto, chegar ali e entrar na grande sala comum, também sala de jantar e cozinha, foi entrar num mundo de luz deslumbrante. Tinham velas, candeeiros de azeite e também lâmpadas que funcionavam a manivela; os fogões eram de lenha ou de tacos prensados de turfa; a água saía diretamente das torneiras, extraída de um poço com bomba manual para um depósito elevado. Radiante de orgulho, Aznárez ia-lhes mostrando tudo isto. E era mesmo para estar orgulhosa. A sua colónia constituía uma gota de civilização no meio de um mundo colapsado – tal era o caos reinante que nem sequer importava que tal civilização pertencesse a uma realidade histórica desaparecida há duzentos anos.

Tinham chegado à colónia muito tarde, embora fossem 21h40 nos relógios do sítio, aparelhos arcaicos, de esferas redondas.

– Seguem a hora solar. Para ti são vinte e três e quarenta, mais ou menos – explicou Aznárez.

Significava que a execução dessa noite já teria acontecido, na suposição de que o EJI continuava com o seu espetáculo macabro. Embora já não tivessem espectadores, pois todos os ecrãs estavam desativados.

Isso significaria que teriam executado todos os reféns que ainda mantinham? Husky sentiu a sua nuca ficar rígida, a náusea a crescer, a respiração a falhar-lhe. Não era possível. Não era possível. Cerrou os maxilares. Tinha de continuar como se ainda existisse esperança. De avançar às cegas, literalmente, mas de continuar a andar.

O jantar acabara e quase todos os membros da comunidade se tinham retirado para os seus apartamentos. Barri cumprimentou dois colonos que ficaram para trás, a desligar as luzes e a fechar a sala comum, e depois levou novamente as suas companheiras até à rua. Procuravam o Maior Ingrido, o atual líder da colónia. O grupo era dirigido de forma rotativa e por períodos de dois anos pelos Maiores, aqueles ou aquelas que tivessem mais de quarenta e cinco anos; cada Maior era ajudado por um Menor, um posto ocupado também sucessivamente pelos jovens entre os vinte e os vinte e oito anos.

– Ou seja, se tivermos entre vinte e nove e quarenta e quatro anos, não mandamos nada, ah, ah, ah – riu-se Aznárez, que tinha quarenta e nove anos e estava há pouco tempo na Maioridade, pelo que ainda não lhe calhara exercer. – Temos sorte, Ingrido é bastante razoável.

Entraram no edifício que parecia mais recente, subiram até ao segundo andar e bateram à porta do apartamento do Maior. Abriu-a um adolescente com um corpo robusto de homem e cara de miúdo.

– Olá, Xim. Viemos falar com o teu pai.

O rapaz olhou para Bruna com uma expressão de horror. Depois, deu meia-volta sem dizer uma palavra e desapareceu no interior da

casa. Ingrido, de quem o rapaz era uma cópia perfeita mas em tamanho menor, apareceu imediatamente. Era um homem muito forte, de rosto bronzeado e tão cheio de rugas que parecia um velho. No entanto, não devia ter muito mais de cinquenta anos. Tinha o cabelo louro e grisalho preso numa trança, como o filho.

– Ah. És tu, Barri. Voltaste. E acompanhada – disse, lançando uma olhadela imperturbável a Husky.

– Sim. Aconteceu uma coisa terrível. Um apagão geral...

– Já sabemos. Vimos Valdelaguna desaparecer ao cair da noite. Perderam o controlo da barragem. É possível que haja mortos.

– Precisamos de usar o portátil, Ingrido.

O Maior franziu a testa. Voltou-se para olhar sobre o ombro; ao fundo do pequeno corredor, Xim ouvia com atenção.

– Vamos para a sala comum. Têm fome?

– Estamos a desfalecer.

É verdade, pensou Bruna, sentindo uma preguiça repentina e um apetite voraz; não tinham comido nada o dia todo.

Dirigiram-se novamente para o edifício principal, vazio e às escuras. O Maior acendeu os candeeiros e apontou para uma das duas mesas grandes de madeira. Sentaram-se aí, enquanto Ingrido remexia nos aparadores. As duas mesas ocupavam metade do espaço da grande sala, mas havia sofás e poltronas de aspeto envelhecido e confortável. O Maior voltou com tomates, queijo, pão e o que pareciam ser tiras de carne seca. Depois trouxe um jarro de água e três copos.

– Isso é carne a sério? – perguntou Husky.

– Naturalmente. Charque seco. Carne fumada de vaca – disse Aznárez, metendo um pedaço na boca com verdadeiro deleite.

Husky apercebeu-se de que, ao seu lado, a sempre calada Ángela estremecia. A rep também nunca tinha provado carne autêntica – coisa que consistia em comer um cadáver. Uma ideia que achou desagradável. As alforrecas, que eram a base da sua alimentação habitual, também estavam mortas, evidentemente. Mas simpatizava

menos com medusas do que com vacas. Também não é que tivesse visto muitas vacas na vida real. De qualquer forma, a rep sabia que era proteína de primeira qualidade e que tinha de se alimentar: pegou numa das tiras e deu-lhe uma dentadinha. Era saborosa. Junto dela, Ángela roía um pouco de queijo com a perseverança de um rato.

Ingrido sentou-se no outro lado da mesa e pousou as mãos largas no tampo. Como Aznárez, não usava telemóvel. Husky não conseguia habituar-se à visão dos pulsos nus. Ela própria continuava a usar a sua placa de grafeno, mesmo que não servisse para nada.

– Vamos lá ver. Contem-me tudo – pediu ele.

E Aznárez assim fez. Falou-lhe da mensagem do irmão, de Cosmos, do EJI, das execuções, de Jan Lago, do golpe de Estado, do apagão e da razão pela qual precisavam de aceder ao portátil. Ingrido ouviu até ao fim sem mover um músculo.

– Sabes que temos de decidir em conjunto – acabou por dizer.

O rosto de Aznárez entristeceu-se:

– Já receava.

– Amanhã às oito. Apaguem tudo e fechem quando saírem – ordenou Ingrido.

E, pondo-se bruscamente de pé, foi-se embora. Uma saída bastante abrupta.

– Que quer isso dizer? – perguntou Husky, embora antecipando a resposta.

– Toda a comunidade terá de decidir se nos deixam utilizar ou não o portátil. Um voto por pessoa, e votam os maiores de vinte anos. Amanhã às oito da manhã.

– O quê? Mas não é possível! Não podemos perder todo esse tempo e passar toda a noite aqui sem saber se executaram o Lizard – enfureceu-se a rep; as suas próprias palavras iam reacendendo-lhe a ira. – Mas será que aquele tipo não ouviu o que lhe disseste? Não percebeu que é uma emergência mundial? E tu acha-lo razoável?

– São as nossas leis! São os nossos costumes – contrapôs Aznárez, irritada.

Mas Bruna já não conseguia parar:

– Que leis, que costumes? Vocês não passam de um bando de chanfrados perdidos num monte! Mas que raio de gente são vocês que não percebem a gravidade do que se está a passar?

Barri levantou-se de um salto, derrubando a cadeira.

– Percebemos muito bem o que se está a passar! Compreendemo-lo melhor que vocês! Quem são os verdadeiros chanfrados? Nós, que conseguimos sobreviver, ou vocês, que perderam qualquer contacto com a realidade, que vivem ligados aos vossos aparelhos, que são escravos das vossas máquinas, a quem qualquer um pode apagar como quem apaga uma vela? Vocês são uma aberração tecnológica! Olha para o teu braço, rai's parta! E olha para ti: tu és uma...!

Aznárez parou. O seu rosto congestionado e vermelho contrastava com a palidez espectral da rep.

– Continua. Di-lo. Não te contenhas. Eu própria sou uma aberração, não é isso? Um monstro. Uma máquina defeituosa – disse Husky, pondo-se também em pé com a calma gelada de uma combatente.

Ficaram a olhar uma para a outra com os olhos em brasa, transformados em poços de ódio.

– E por-por-porque têm os Novos Antigos um portátil, po-po-pode saber-se? – questionou a voz trémula de Ángela.

Bruna e Aznárez olharam por instantes para aquela mulherzinha e depois resfolegaram, respiraram fundo, pontapearam o chão uma ou duas vezes sem saírem do lugar, soltaram grunhidos que soaram a rugidos de leas e a seguir sentaram-se de sobrolho franzido. Fizeram-no em uníssono, como se fosse um *ballet* previamente ensaiado, precisas em tudo exceto pela cadeira, que Aznárez teve de levantar do chão.

– Hum... É uma defesa. E um instrumento vital para podermos

sobreviver no vosso mundo – acabou por dizer Barri com voz rouca.

– Há muito tempo que não existe um serviço de correios como dantes. Atualmente, se quisermos enviar algo físico temos de usar robôs mensageiros. Foi assim que o meu irmão me enviou os papéis. E nós na colónia não queremos usar robôs: primeiro, é contra os nossos princípios e, além disso, são muito caros nas zonas remotas onde vivemos. É por isso que em todas as colónias de Novos Antigos há um telemóvel ou um portátil: usamo-los para entrar em contacto com as outras colónias, trocarmos informações, vermos os resumos das notícias que nos podem afetar. Não agradamos aos Estados Unidos da Terra, estão sempre a perseguir-nos. Enfim, ajudamo-nos uns aos outros e organizamos projetos comuns, como a memorização de dados. Precisamos do portátil, infelizmente, porque vocês destruíram as redes de comunicação tradicionais. Mas só o Maior em exercício é que o liga, uma vez por dia. Na região hispana, é às onze da manhã... As nossas onze, ou seja, às treze horas de Madrid.

– Ma-ma-mas, nesse caso, se ca-calhar também estava ligado durante a emissão de plasma... – disse Ángela.

– Não, julgo que não. Usamo-lo normalmente durante vinte minutos ou meia hora no máximo. Tenho quase a certeza de que quando se deu o apagão, que foi às duas da tarde, o nosso portátil estava desligado... Bruna, sinto muito, não queria dizer nada daquilo. Não penso que és uma aberração, de todo. Desculpa-me.

Gelo e calor misturaram-se no peito da rep, na sua garganta. Pigarreou:

– Eu também disse coisas muito desagradáveis. Esqueçamos isso. Temos muito que fazer até às nove horas da manhã.

– Como dormir – resmungou Aznárez.

– Sim, mas antes vamos investigar o cadáver da nossa pomba.

O apartamento de Aznárez era de uma simplicidade espartana e situava-se no rés do chão do único edifício da colónia com três andares. Tratava-se de um estúdio com cerca de vinte metros

quadrados. Uma cama enorme ocupava metade do espaço; havia ainda uma poltrona, uma mesa, duas cadeiras, um armário, umas prateleiras com livros em papel e um pequeno braseiro metálico que devia servir também de fogão. A casa de banho era comum a todo o andar.

Barri acendeu dois candeeiros e depois tirou de uma prateleira uma espécie de candeeiro elétrico unido a uma caixa com uma manivela.

– Isto aqui é o dínamo – explicou, rodando a manivela. – Dá-nos uma luz melhor.

A lâmpada acendeu-se, efetivamente, e Aznárez pousou o aparelho na mesa. Bruna tirou a pomba da mochila; a pobre ave estava rígida, com as penas desfiadas e o sangue do pescoço coagulado. Examinaram-na cuidadosamente à luz: metade da cabeça e do papo eram metálicos, bem como uma espécie de cinta que percorria as asas por baixo. Era inquietante, desagradável, até um pouco arrepiante. Husky olhou com atenção para o olho artificial: profundo, convexo. Aznárez estendeu-lhe uma lupa e voltou a ativar o dínamo.

A distorção, o biselado. Era uma lente, sem dúvida.

– O olho é uma câmara. Deveríamos desmontar toda a parte biónica. Tens...?

Com uma expressão triunfante, Aznárez pousou na mesa uma caixa de ferramentas muito limpa e organizada.

– Deixa-me fazê-lo. Já te disse que sou boa mecânica. Além disso, só tens uma mão, e digo isto sem intenção de ofender.

– Começa pelo peito. Tem aqui um rebordo, como se fosse a tampa de uma caixa de derivação – indicou a rep.

De facto, num dos lados do papo havia um sulco finíssimo. Aznárez usou as suas chaves de fendas mais pequenas, uma navalha, um arame esmagado. A fissura começou a aumentar.

– Já está...

Uma espécie de tampa retangular soltou-se e caiu ao chão com

um tilintar cristalino. O peito da pomba estava aberto. O seu peito artificial.

– Dei-dei-deixem-me fazê-lo – gaguejou Ángela.

No compartimento havia um pequeno cubo transparente, dentro do qual pareciam agitar-se minúsculas nuvens leitosas. Gayo meteu uma chave de fendas fina por baixo e, com muito cuidado, tirou o cubo do peito do pássaro. Segurou-o entre os dedos.

– É uma ba-ba-base de sílica. Uma base de sílica. Não muito diferente das que Yiannis usa para as suas *memas* experimentais. Aqui está tudo. As imagens, as mensagens. Todos os segredos desta ave estão aqui guardados.

– E como podemos aceder a essa informação? – perguntou Bruna.

– Pois... Com o portátil da Aznárez. Desde que seja um modelo suficientemente recente para dispor de uma porta *simpática*. E desde que o liguemos e funcione. E desde que os Novos Antigos nos deixem usá-lo...

Um véu de desânimo caiu sobre as três mulheres. Permaneceram uns segundos em silêncio, mergulhadas nos seus pensamentos ou, quem sabe, entorpecidas simplesmente pelo cansaço.

– Ali ficava Valdelaguna – disse Aznárez, apontando para a janela.

– O quê?

– Se espreitássemos, víamos a povoação lá em baixo. Toda iluminada. Agora olha.

Através do vidro só se via negrume.

– Sabes qual é o efeito da sombra no peso das coisas? – continuou a irmã de Lizard.

– Desculpa?

– A luz é energia, claro, mas também fotões, e os fotões têm massa. Por isso, ao caírem sobre a superfície das coisas, exercem uma pressão que as torna mais pesadas. O que significa que as coisas são mais leves na escuridão. Por exemplo, calculou-se que, de

noite, Madrid pese menos cento e quarenta quilos. E agora, com estas trevas absolutas, esse peso pode ser ainda menor.

A rep passou a mão pela cara. De chofre, sentiu que todo o corpo lhe doía. Os fotões oprimiam-na, esmagavam-na. Precisava de se estender e apagar.

– Vamos dormir. Temos de descansar.

– Totalmente de acordo. Debaixo da cama tenho um colchão. Tiramo-lo e tu podes ficar aí, Bruna. A Ángela pode partilhar a cama comigo.

A rep sorriu no seu íntimo. Obrigada, pensou, deixando-se cair no colchão. Muito obrigada, Aznárez.

A colónia levantou-se de madrugada, em plena roda-viva. Pelas oito, já tinham tomado o pequeno-almoço e cuidado dos animais. Todos eles foram chegando pontualmente à sala comum.

– Vocês não podem assistir à reunião – avisou-as Barri.

– Porquê?

– É assim. São reuniões da nossa comunidade, onde as pessoas têm direito a expressar-se livremente.

Bruna assentiu com a cabeça. Não queria voltar a enfrentar a irmã de Lizard.

– Depois conto-vos o que aconteceu. Desejem-me sorte.

– Está bem.

A manhã estava bonita e a temperatura ainda fresca, de modo que a detetive e Gayo se sentaram num dos bancos de madeira existentes naquela espécie de grande pátio que ligava as quatro casas. Outro dos bancos estava ocupado por três adolescentes, dois rapazes e uma rapariga, entre os doze e os dezasseis anos. Numa esquina, atrás de uma rede metálica, as galinhas debicavam o chão. Além do cacarejar e do piar dos pássaros, o silêncio era total. Os jovens não conversavam, só olhavam para elas. A colónia era um sítio muito estranho.

Os minutos decorreram. Passaram três pombas no céu; uma delas brilhava tanto ao sol que era, sem dúvida, um ser biónico como o que Aznárez derrubara com a pedra. Demasiado movimento de mensagens. E, enquanto isso, elas estavam condenadas àquela passividade desesperante. Um gato preto e branco atravessou o pátio na diagonal, silencioso. Os adolescentes continuavam a observá-las sem pestanejar. Obviamente, estavam encarregados de as vigiar. A reunião estava a demorar muito. Não era bom sinal. Bruna levantou-se.

– Vou deitar-me um pouco, a ver se durmo. Continuo estoirada e isto demora – disse em voz alta.

– Vo-vo-vou contigo – declarou Gayo, juntando-se

imediatamente a ela.

– Não. Tu ficas aqui e avisas-me quando saírem.

A sua voz foi tão cortante que a outra voltou a sentar-se, obediente e contrita. A rep dirigiu-se para o apartamento de Aznárez, seguida pela rapariga que as vigiava e que era a mais velha do grupo. Entraram no edifício e chegaram à porta do apartamento. Husky voltou-se. A rapariga estava a um metro dela.

– Vais meter-te na cama comigo? – perguntou-lhe.

A adolescente corou e cerrou os punhos. Olhou para a rep com medo mas, sobretudo, com ódio. Sem responder, sentou-se com um ar desafiador no chão do corredor.

– Muito bem; só não percas a porta de vista – ironizou Husky, entrando no apartamento.

As casas não tinham chave, mas tinham um ferrolho interior, que a rep se apressou a correr. Depois, espreitou pela janela, que dava para um desnível abrupto do terreno, um pequeno precipício, na realidade. Lá em baixo, de facto, avistava-se Valdelaguna. Com um salto, subiu para o parapeito e, agarrando-se ao rebordo da janela, pôs o corpo de fora para ver melhor. O edifício tinha um soco na base que sobressaía dois ou três centímetros e que na parte superior era percorrido por uma espécie de cornija ornamental. Até à esquina do prédio, de onde poderia descer até ao chão, havia uns três metros de parede sem janelas. Com as duas mãos, teria sido um passeio muito simples, mas só com uma... Agarrou-se à cornija com o braço direito e, com muito cuidado, desceu um pé e depois o outro até ao rebordo do soco. Era mais fácil do que pensara. Começou a deslocar-se para a direita, primeiro deslizando a mão pelo beirado e depois movendo os pés. Chegou à esquina sem problemas, eufórica e orgulhosa do seu corpo perfeito, como lhe acontecia frequentemente. Mas... três anos, três meses e um dia.

E talvez doze noites de vida para Lizard.

Avançou pela parede lateral do edifício e espreitou por detrás do galinheiro. A obediente Ángela continuava muito direita no banco,

sem se mexer. Em frente, igualmente rígidos, os dois rapazes continuavam a vigiá-la, o que significava que a adolescente devia continuar de guarda no corredor. Com uma corrida curta, Bruna protegeu-se atrás de outra das casas e daí chegou facilmente ao edifício principal. Deu a volta à quinta, à procura do melhor sítio para espiar a reunião. Descobriu uma janela aberta num dos lados e acocorou-se debaixo dela. Ouviu a voz de Aznárez, rouca e magoada:

– Nunca imaginei, Ingrido, que permitirias ao teu filho dizer semelhantes barbaridades.

– Tem vinte anos. Não permito nem deixo de permitir. É adulto e tem a sua opinião.

– Uma opinião criminosa – insistiu Barri.

– Ficas a saber que não sou só eu quem pensa assim! – disse uma voz estridente e juvenil, sem dúvida de Xim. – Vamos lá ver; quantos de vocês estão de acordo em que era preciso matar todos aqueles abortos?

Várias vozes gritaram «eu» e explodiu um alvoroço na sala.

– Silêncio! Silêncio! – pediu o Maior.

– Que se vote! – gritou alguém.

– Não se vai votar e não se vai fazer nada – retorquiu Ingrido numa voz cortante. – Veio com a Aznárez. É nossa convidada. Além do perigo que seria atacar uma rep de combate.

Com que então, disse Bruna para consigo, a reunião era acerca disso. Sobre ela ser um aborto e ser preciso matá-la. Não se admirava que a tivessem impedido de assistir. O coração batia-lhe contra as costelas e o estômago era uma bola. Sentiu náuseas. E uma fúria feroz a inundá-la. Vontade de se transformar num vento de violência. De lhes provar que tinham razão em temê-la.

– E mais essa: uma rep de combate! Estiveram todos no exército e fazem parte das forças repressivas do Estado! Além de serem o exemplo mais evidente da aberração da tecnologia, são tipicamente nossos inimigos – guinchou uma mulher.

– Não sei como chegámos a este delírio, mas esta reunião não era para isso. O Ingrido já explicou que esse assunto fica de fora. O que temos de decidir, e o que estou a pedir-vos, é que nos deixem utilizar o portátil da comunidade – insistiu Aznárez, soando desesperada.

– E eu volto a repetir que os Novos Antigos não deviam prestar-se a isso – argumentou um homem que, pela voz, devia ser muito velho.

– Mas estamos no meio de uma emergência planetária! Há um golpe de Estado em marcha! Pode haver muitos mortos, entre eles o meu irmão! – implorou Barri.

– E a nós que nos interessa esse Estado? Sempre foi nosso inimigo. Que pereça o seu sistema aberrante. Isto só pode favorecer-nos. Agora estamos numa posição de poder face ao caos que eles próprios provocaram – insistiu a mesma voz.

Repetiam sempre o mesmo chavão: *sistema aberrante*. A expressão devia fazer parte do catecismo do grupo, das palavras de ordem básicas, pensou Husky com azedume. Tendo recuperado o autocontrolo, tinha a cabeça clara como um cristal e o sangue gelado.

– O Gandarín tem razão – disse o Maior. – Que nos deram os EUT? Multas, perseguições políticas e policiais, incompreensão, acosso. Não creio que devamos intervir agora, de maneira nenhuma. Tenho muita pena pelo teu irmão, Barri, mas não vos vamos deixar usar o portátil. E pedimos-te, além disso, que as convenças a partir imediatamente. Tu podes ficar; somos a tua família. Mas elas têm de se ir embora sem mais delongas.

– O que vem aí vai ser muito pior, garanto-vos. O que vem...

Husky não continuou a ouvir as palavras de Aznárez, porque empreendeu o regresso a toda a pressa. A reunião estava quase a terminar, saíam todos pelo pátio e ela não queria que a descobrissem. Percorreu as traseiras dos edifícios num piscar de olhos, dependurou-se na cornija com a sua única mão e avançou o

mais depressa que pôde, na ponta dos pés, enquanto o pátio se enchia com as conversas dos colonos. Pensou que agora, pelo menos, tinha a certeza de que Aznárez dizia a verdade, que era irmã de Lizard. Este pensamento consolava-a. Ao entrar pela janela, ouviu as pancadas na porta:

– Bruna! Abre! – gritava Aznárez.

A rep atravessou o quarto e abriu o ferrolho. A irmã de Lizard entrou como uma fúria, seguida pela trémula Ángela.

– Juntem tudo! Vamo-nos embora! Vamo-nos embora agora mesmo!

Ninguém disse nada. Começaram a guardar os seus poucos pertences a toda a pressa. Husky viu que Barri tirava um objeto envolto num pano de uma gaveta do armário.

– O que é isso?

A irmã de Lizard abriu o embrulho: era uma antiga arma de pólvora. Tinha dois canos e era um pouco maior do que uma pistola.

– Levamo-la – murmurou.

E meteu-a no saco.

Penduraram as mochilas, chegaram à rua e recuperaram as bicicletas, que estavam estacionadas junto às dos colonos. Pareciam uma estranha manada de animais metálicos, pensou Bruna. No meio do pátio, toda a comunidade olhava para elas: quatro dezenas de pessoas intransigentes e hostis, com as pernas abertas e os pés bem firmes no chão, na atitude arrogante de quem diz «esta terra é minha».

– Vamo-nos embora. Que se fodam – resmungou Aznárez.

E começaram a pedalar estrada abaixo. Aznárez ia depressa, muito depressa. A rep estava quase a pedir-lhe que abrandasse um pouco, porque receava que Ángela ficasse para trás, quando chegaram a um riacho e, para sua surpresa, a irmã de Lizard saiu do caminho, pôs um pé em terra e meteu-se na água, arrastando a bicicleta pelo guiador.

– Rápido! Sigam-me.

Husky e Ângela imitaram-na e avançaram por entre as pedras, subindo o curso sinuoso da corrente. As margens estavam cheias de sarças e de vimes e depressa o caminho deixou de se ver. Caminharam pelo leito durante mais uns trinta minutos, pelo menos, e, ao chegarem a uma pequena ponte de pedra, Aznárez saiu do riacho, voltou a montar a bicicleta e saiu disparada por outra vereda. Husky pedalou até chegar junto dela.

– Que se passa? Tens medo de que tentem matar-me?

Barri olhou para ela, franzindo o sobrolho e, de repente, deu uma gargalhada irreprimível.

– Qual quê! – disse. – Roubei o portátil.

– O quê? Como?

Aznárez ficou novamente séria:

– Pelas conversas que tive esta manhã com algumas pessoas durante o pequeno-almoço, apercebi-me de que não iam permitir a sua utilização. Aproveitei um momento de descuido, mesmo antes de entrarmos na sala, e roubei-o. Não o fecham à chave; aliás, não fechamos nada à chave. Trago-o enfiado nas calças. Sabia que, ao sair da reunião, íamos ser vigiadas durante todo o tempo.

– Por todos os sencientes! Não tarda nada devemos tê-los atrás de nós. Já passou a hora da vossa ligação e de certeza que já sabem que o roubámos... E se tivessem dito que sim, o que terias feito?

– Iam dizer que não.

– Mas... as tuas coisas, a tua roupa, a tua casa, a tua vida... Não te vão perdoar...

– Que se fodam.

Aznárez cerrou os lábios e acelerou a marcha. A rep deixou-a ir à frente. Percebia muito bem que, às vezes, a solidão era a única companhia possível. Continuaram a avançar por mais meia hora; estavam a fazer um grande desvio, Bruna era capaz de o visualizar na sua cabeça bem treinada. Depressa chegaram a uma barragem quase vazia; diante dela, um caminho de destruição marcava a

passagem das águas torrenciais. Estava tudo cheio de lama, poças, arbustos arrancados. A irmã de Lizard parou.

– Acho que não nos seguem.

Abriu o saco e tirou a arma.

– É uma espingarda de canos serrados. Usamo-las para caçar. Também como arma de defesa, claro. Embora, regra geral, partilhemos tudo, esta espingarda é minha. Fui eu que a consegui. O pior é a munição ser pouca e comunitária. Só tenho os dois cartuchos que estão na câmara – disse Aznárez, inclinando os canos e mostrando-os. – São de chumbo. Sabes o que é?

Sim. Os reps de combate eram dotados de conhecimentos exaustivos sobre todo o tipo de armas. Apesar de nunca ter usado uma espingarda daquelas, Bruna sabia como fazê-lo.

– Claro. Também sei que podes disparar um cano e logo a seguir o outro.

– Exatamente. Primeiro sai o esquerdo.

– E que o tiro costuma ter um ligeiro desvio: o tiro da direita vai para a esquerda e vice-versa.

– Muito bem! Mas isso é se apontares para longe. De perto, é muito precisa. Toma – disse Aznárez, estendendo a arma a Bruna.

– E é a mim que a dás? – espantou-se a rep.

– És uma rep de combate, rai's parta... Apesar de só teres um braço, és cem vezes mais rápida e melhor atiradora do que eu. Sem mencionar o teu sangue-frio. Os nossos dois cartuchos ficarão muito melhor nas tuas mãos. Ou melhor, na tua mão.

Tinha razão. Husky enfiou a arma no bolso superior da mochila que levava às costas; bastava-lhe passar a mão por cima da cabeça para a tirar. Depois, ficaram alguns instantes a olhar para a paisagem arrasada e apocalíptica que se estendia diante delas.

– Temos de ir a pé.

Desmontaram e começaram a descer a ladeira. Não era fácil. Às vezes afundavam-se até aos tornozelos na lama pegajosa e as rodas ficavam presas. Era uma paisagem crispada, desolada,

enlouquecida. A representação perfeita do momento social que estavam a viver, pensou Bruna. «O que vem aí vai ser muito pior», dissera Barri, com razão. O general Lino era um supremacista. Os golpistas talvez mandassem executar todos os tecnos.

– Aaah! – disse Ángela num fio de voz, como se o grito não lhe saísse da garganta, apontando para qualquer coisa.

Olharam nessa direção. Entre os ramos arrancados de uma oliveira via-se um corpo humano. Pela posição desconjuntada era, sem dúvida, um cadáver.

– Uma vítima da inundação – disse Bruna, fazendo tenção de se aproximar.

– Não... – Aznárez agarrou-a por um braço, detendo-a. – Olha para ali.

Uns metros à frente, havia outro corpo no chão. E, um pouco mais abaixo, via-se um terceiro. Os três cadáveres estavam vestidos de branco, ou melhor, via-se que a roupa devia ter essa cor antes de ficar coberta de lama.

– São do cemitério da nossa colónia. Nos Novos Antigos, enterramos os mortos, não os cremamos. Além disso, também os mumificamos. O ritual funerário é muito importante para nós. Morte e renascimento. Somos agricultores. O cemitério fica perto da represa. A força da água deve tê-los desenterrado. Não quero aproximar-me porque, com certeza, devo conhecê-los. Nem os mortos permanecem na terra. É um sinal. Tinha de me vir embora – disse Aznárez sombriamente.

Uma fiada de cadáveres. Se era um sinal dos tempos, era sinistro, pensou a rep.

Um ruído atroador rasgou o ar por cima das suas cabeças. Instintivamente, olharam para o céu: eram aviões de combate, talvez os temíveis CIT do exército dos EUT, os Caças Invisíveis Tripulados em que ela voara durante o tempo da milícia. Invisíveis para os sistemas de deteção, mas não quando os tinham por cima das suas cabeças. Uma arma poderosa, sem dúvida, que todavia

podia também pertencer às forças golpistas. Os aviões desapareceram no horizonte, deixando atrás de si um silêncio pesado.

– Para onde vamos, Barri? – perguntou a rep.

A irmã de Lizard encolheu os ombros.

– Não sei. Vou na direção de alguma estrada que nos leve a Madrid. Estamos quase a chegar à C-3. Não queria voltar por onde viemos, visto essa ser a estrada mais próxima para sair de Valdelaguna e a mais óbvia. Se nos perseguem, procurarão por nós aí.

De facto, poucos minutos depois entraram na autoestrada completamente vazia, exceto por alguns veículos parados aqui e ali, nos lugares onde o apagão os surpreendera. Não se via ninguém.

– Olhem, uma estação de carregamento de baterias elétricas. Podíamos refugiar-nos ali e ver se o portátil funciona – sugeriu a rep.

Atravessaram a estrada e chegaram à estação de serviço, que também estava abandonada. Uma camioneta vazia continuava ligada a um dos postes. Entraram na loja, violentamente saqueada: as estantes distribuidoras estavam partidas e meio derrubadas, com certeza porque os assaltantes haviam tido dificuldade em arrancar os produtos dos resguardos eletrónicos das prateleiras. Viam-se pacotes abertos e comida espalhada pelo chão.

– Vamos lá para trás. Ninguém nos verá.

Meteram-se nas traseiras da loja com as bicicletas. Aí, protegidas pelas estantes, estavam a salvo dos olhares alheios. Sentaram-se no chão, entre restos pisados de patê de medusa com sabor a porco. Aznárez abriu o fecho dos seus velhos *jeans* e deixou ver a lâmina do computador colada à sua barriga redonda e dura. Tirou o dispositivo, alisou-o e pousou-o no chão. Não era um computador de pulso, mas um portátil de enrolar, de um modelo bastante recente.

– Te-te-tem uma porta *simpática* – disse Ángela.

– Sim...

A rep premiu o botão do interruptor. Ainda estava quente da pele de Aznárez. Que funcione, pelo grande Morlay, suplicou mentalmente, que funcione. Não só porque precisavam dele, mas porque, se não funcionasse, o roubo perpetrado pela irmã de Lizard teria sido um suicídio sem sentido. Carregou no comutador, sustendo a respiração. Durante dois segundos, não aconteceu nada. Mas depois o ecrã ficou de todas as cores.

– Boooa!

As células de energia daquela geração de portáteis tinham carga para cinco anos e o ecrã, que praticamente não era utilizado, estava a 98%, quase cheio. Aznárez pôs a mão sobre a membrana, que leu o seu ADN e desbloqueou o ecrã. Bruna suspirou, agarrou na lâmina resplandecente e entregou-a a Ángela.

– É todo teu.

Permaneceram em silêncio enquanto a mulher carregava, teclava e bichanava.

– Os satélites de comunicações estão bem. Estão todos no sítio, operacionais. O que demonstra, caso houvesse dúvidas, que não houve uma explosão solar e sim um atentado – informou Gayo com a voz séria e segura do seu outro eu. – E parece que o apagão só afetou a Península Ibérica. O resto do planeta está ligado e a funcionar normalmente.

– Ontem à noite os Ins executaram alguém? – perguntou a rep, ansiosa.

Gayo franziu a testa e procurou no portátil.

– Sim... Mas não foi o Lizard.

Bruna suspirou de alívio. Doze. Mais doze noites.

– Vejamos o que dizem as emissoras que estão fora do apagão – disse Gayo.

Aumentou o volume, ativou a imagem tridimensional e percorreu os principais canais de notícias. Quase todos estavam operacionais; só dois deles não emitiam e um estava nas mãos dos

golpistas. As informações eram tremendamente contraditórias e confusas mas, depois de passarem meia hora a ver uns atrás dos outros, conseguiram ficar com uma ideia geral da situação. O EJI tinha reivindicado o apagão e ameaçado repeti-lo noutras partes do planeta dentro de quinze horas (às seis da manhã do dia seguinte, sábado, hora de Madrid), se antes desse prazo não cumprissem algumas exigências delirantes: a dissolução do Governo dos EUT, a proclamação da República Democrática Justiceira e a detenção e entrega ao EJI, como prova de compromisso com a causa, de todos os ministros do Governo Global, todos os presidentes e ministros dos governos regionais, todos os generais dos exércitos e todos os comandos das forças de segurança da Terra.

– Mas estão loucos? Entregar a quem? Os terroristas precisariam de ter forças incomensuráveis. Onde estão? Ou será que as têm e não nos inteirámos disso? – perguntou Aznárez, desesperada.

Bruna pensou nas muitas pichagens a favor dos capuzes vermelhos. Pensou nos rapazes e raparigas do Mosca, facilmente inflamáveis, e em tantos outros como eles. Pensou nos seguidores ocultos e nos partidários oportunistas, em todos esses indivíduos que se juntavam às causas triunfantes à última hora. A rep confiava tão pouco no ser humano que estava convencida de que qualquer loucura era capaz de se impor.

Por outro lado, o general golpista Tomás Lino continuava entrincheirado no Palácio Presidencial de Reiquiavique, mantendo como reféns a Presidente Guang e o primeiro-ministro cósmico Krakotek, de quem nada se sabia desde o início da crise. Cosmos ameaçava enviar um contingente armado para resgatar o seu líder, enquanto o magnata Jan Lago, considerado o cérebro do golpe de Estado e em paradeiro desconhecido, enviava mensagens a depor o Governo de Guang, a autoproclamar-se presidente em funções dos EUT, a suspender a Constituição de 2098 e a declarar o estado de emergência máxima. Lago garantia que sabia como neutralizar a arma secreta do EJI e que podia acabar em horas com a ameaça

terrorista, mas, para isso, pedia ao exército dos EUT que depusesse as armas, o que ainda não ocorrera, embora algumas unidades do exército da Terra se tivessem passado para as forças de Lago. Combatia-se ferozmente em diversos pontos do planeta, especialmente nas fronteiras e nos céus da Península Ibérica ocupada pelos golpistas, aproveitando-se do apagão, bem como nos arredores do Palácio Presidencial.

– Há algo que não bate certo... mesmo nada certo – disse Aznárez. – Segundo os noticiários, Lago está contra o EJI; no entanto, quando se deu o apagão o exército dele estava preparado... eles não sofreram com a falta de ligações. Isto sem mencionar a coincidência no tempo entre o ato terrorista e a tomada do Palácio Presidencial. Têm de estar ligados.

– Ou Lago ficou a par do apagão de alguma forma e pensou em aproveitar-se disso para o seu golpe de Estado – observou Bruna.

Era uma hipótese plausível. Os Ins sempre foram fáceis de infiltrar, pelo menos até se terem transformado no EJI.

– E os papéis do meu irmão? Pareciam ligar o EJI aos trinitários...

– Ou não. O que sabemos graças às pistas deixadas pelo Lizard é que, por um lado, Cosmos ajuda o EJI e, por outro, que ele queria chamar a nossa atenção para os trinitários... É possível que tenha descoberto que estavam a preparar este golpe de Estado – argumentou a rep.

Um estrondo passageiro silenciou-as. Estavam a ser sobrevoadas por mais aviões de combate. Agora que sabiam que a Terra travava uma batalha no ar com os golpistas, Bruna cruzou imaginariamente os dedos, desejando boa sorte aos pilotos dos EUT.

– Podes contactar com o Ministério Global do Exército? Suponho que seria bom terem informadores na Península... – aventou Bruna.

– Posso, mas não seria prudente. Chamariamos a atenção do exército de Lago e localizar-nos-iam facilmente – respondeu Gayo.

– E assim não?

– Não. Agora estou só a usar os dados que outros terminais recebem em Madrid através de um programa cliente. O que vemos é o que veem os golpistas. Mas enviar uma mensagem em nome próprio é outra coisa.

– Está bem. Nesse caso, analisemos a informação da pomba.

Bruna tirou da mochila o pequeno cubo translúcido e manteve-o por instantes ao nível dos olhos. Minúsculas nuvens continuavam a flutuar no seu interior. Era bonito. Entregou-o a Ángela, que o apalpou delicadamente até encontrar a ranhura invisível de conexão, colocando-o em seguida sobre a membrana da porta *simpática*. O cubo acendeu-se com um brilho azulado e leitoso; poucos segundos depois, ouviu-se um apito e o cubo desligou-se.

– Já está.

– Já está o quê?

– A informação já foi descarregada – disse Ángela, manipulando o portátil.

De repente, as três viram-se no ecrã, no campo, gravadas de cima pelo olho do pássaro. Por isso ele dera duas voltas sobre elas. As pombas não serviam só para mandar mensagens; também faziam gravações dos locais por onde passavam. A última gravação era a delas, mas antes disso havia muitas outras. Passaram as imagens ao triplo da velocidade: confrontos, perseguições, movimentos de tropas, ruas quase vazias, assaltos a edifícios.

– Que mais?

– Hum... Há uma mensagem, mas está encriptada. É uma chave de máximo segredo, talvez um algoritmo AES-876, portanto vai levar algum tempo até conseguir lê-la... Sin-sin-sinto mui-mui-muito... – lamentou Gayo, compungida.

Assim que julgava ter falhado, voltava a gaguejar e a ir-se abaixo, pensou Bruna com uma pontada de afetuosa compaixão.

– Não há problema. Quando puderes. Mais alguma coisa?

– Nã-nã-não... Bo-bo-bom, sim... Po-podemos... Sim, podemos descobrir o trajeto da pomba. Geralmente, as direções ficam

gravadas no cubo. Só temos de as encontrar...

O ecrã encheu-se de cifras que começaram a passar vertiginosamente, uma catarata de dados que durou vários minutos, até Gayo se voltar para elas, sorridente e triunfante.

– Aqui está. Estas coordenadas geográficas marcam os sítios onde a pomba parou por mais de dez minutos nas últimas vinte e quatro horas, ou seja, mais ou menos desde o apagão.

O portátil mostrava sete direções. Ángela moveu o cursor por cima delas:

– São de diversos pontos da Península... Mas vejam, há uma coordenada que se repete três vezes... É a única em que tal acontece. Além disso, corresponde ao ponto de partida... 40° 23' 32,78" N, 3° 41' 50,06" O. É em Madrid. Aqui.

O ecrã mostrou a imagem de umas naves enormes e antigas, de ferro e tijolo. Algumas estavam meio em ruínas, mas outras mostravam uma reconstrução recente.

– O que é isto?

– Hum... Aqui diz que é uma zona industrial: os antigos matadouros de Madrid, inaugurados no início do século vinte... No século vinte e um transformaram-nos num centro de arte... Destruídos e abandonados depois das Guerras Robóticas, estão a ser reabilitados como zona industrial e de armazenagem...

Bruna assentiu.

– Será preciso ir até lá para investigar.

Já devia passar das cinco da tarde, calculou Husky, e, por causa do desvio que fizeram, estavam a cinquenta e cinco quilómetros de Madrid. Chegariam já de noite. A rep sentiu uma sede e uma fome ferozes. Levantou-se e entrou na casa de banho; as torneiras não funcionavam, evidentemente. Voltou para junto das companheiras.

– Temos de encontrar comida, e sobretudo água.

– Sim, também pensei nisso – disse Aznárez. – Vamos procurar bem para ver se conseguimos aproveitar alguma coisa.

Inspecionaram a loja e levantaram as estantes derrubadas.

Debaixo de uma delas encontraram oito pacotes de leite artificial e só um deles se rompeu quando os retiraram das braçadeiras. Beberam três imediatamente e guardaram os outros; o sabor era asqueroso, mas hidratou-as e sempre as alimentava um pouco. Mesmo assim, a fome apertava. Bruna apanhou uma lata rebentada de sucedâneo de patê de porco e, removendo a parte que tinha estado em contacto com o chão, devorou o resto.

– Não torçam o nariz. Precisamos de comer.

Aznárez devia estar tão enfraquecida como a rep, porque se pôs a catar o chão imediatamente; ela e Bruna comeram salsichas caídas no chão, mordiscaram a parte seca de pães meio molhados e chuparam o que restava de sopa em latas esburacadas, enquanto Gayo as observava, sem se mover.

– Nã-nã-não ten-tenho fome...

– Tu é que perdes.

Depois de vinte minutos de frenesim, conseguiram encher razoavelmente a barriga.

– São horas de nos irmos embora – disse Husky, limpando a mão às calças.

Nessa altura, ouviu um ruído. Aproximava-se um carro. Olhou pela janela e viu uma viatura blindada, pertencendo aos golpistas, que parecia dirigir-se para a estação de serviço.

– Para as casas de banho! Metam-se nas casas de banho!

Esconderam-se aí. As bicicletas quase não cabiam e tiveram de as levantar. Ouviram alguém entrar na loja e Bruna agarrou na arma.

– Digo-te que vinha daqui o sinal de um telemóvel ativo... Agora não o capto, mas vinha daqui – insistia uma voz masculina.

Bruna voltou-se e viu Ángela a manipular o ecrã, silenciosa e freneticamente.

– Que estranho – disse outro homem.

– Ah! Voltou a aparecer... A três quilómetros daqui. É onde está a nossa brigada.

– Que estranho.

– Pois, é o mesmo sinal. E não é um telemóvel dos nossos.

– Avisa-os. E diz-lhes que vamos para lá.

Ouviram-nos sair a correr, arrancar e afastar-se.

– Des-des-desviei o sinal para o telemóvel ativo mais próximo – disse Ângela. – Além dos deles...

– És um génio. Mas é melhor desligarmos o portátil.

Saíram da estação de serviço preocupadas com aquele encontro e com a notícia de que estava uma brigada de golpistas a meros três quilómetros de distância. A tarde caía rapidamente e a escuridão dar-lhes-ia alguma vantagem. Voltaram a montar nas bicicletas e circularam devagar, evitando os carros parados. Depressa viram, ao longe, uma concentração de veículos militares. Saíram da autoestrada e fizeram um desvio a pé pelo campo, até os ultrapassarem. No momento em que regressaram à estrada, aperceberam-se de que, a uns cem metros de distância, quatro ciclistas vinham na direção contrária. Quando estes as viram sair inesperadamente da valeta, saltaram das bicicletas e, abandonando-as, desataram a correr através do campo.

– Pelo grande Morlay, nem pararam para ver quem somos! – exclamou a rep.

– Gente aterrorizada que foge dos golpistas, suponho – disse Aznárez.

Passaram ao lado dos velocípedes caídos: uma rede com latas de comida, mochilas repletas, sacos de dormir. Uma família em fuga.

– Não toquemos em nada. Quando desaparecermos, voltarão – disse a rep. – Espero eu.

Uma vez, com Merlín, o seu amado Merlín, antes de o TTT o matar, recordou Bruna, tinham encontrado duas crias de melro caídas do ninho, no pequeno parque que havia ao lado do apartamento. As crias ainda não voavam e piavam ao pé de uma sebe. Merlín, que era um tecno de cálculo e sabia quase tudo, olhou em volta e encontrou o ninho no ramo de uma árvore, um pouco

descaído, talvez pelo vento, pela quebra de um ramo ou por causa de algum gato. Endireitou o ninho e, pegando nas crias, meteu-as lá dentro. Uma semana mais tarde, passaram pelo mesmo parque e aproximaram-se para ver os melros. Os passarinhos estavam lá dentro, tal como os deixaram, mas com o bico aberto, rígidos, mortos. Depois de Merlín lhes ter tocado, os pais não os reconheceram e não os alimentaram. E por que diabo estaria a lembrar-se disso agora?, interrogou-se a rep.

O céu tinha aquela cor esbranquiçada que adquire às vezes, mesmo antes da chegada da noite, e parecia muito mais iluminado do que a estrada, onde começavam a estagnar profundas sombras azuis. Circulavam em silêncio, contornando os veículos parados, cadáveres mecânicos que o apagão disseminara desordenadamente pelos caminhos, da mesma maneira que as águas tinham arrancado os mortos pacíficos das suas campas arcaicas e ido pendurá-los nas árvores. Bruna recordou o ódio dos agricultores e do jovem Xim, que a queria matar. Recordou as facas dos Ins a arrancarem olhos e a cortarem as gargantas de reféns manietados. Recordou o orifício pequeno e letal que o seu tiro de plasma deixara na testa daquele quase menino. O mundo colapsava e ali estavam elas – a renegada de uma seita, um aborto genético e uma pobre doida fugida de um hospital psiquiátrico – a pedalar nas sombras líquidas da noite precoce, achando que podiam fazer alguma coisa para o consertar. Bruna sentiu um desconsolo aniquilador, uma tristeza poeirenta que se parecia demasiado com o cansaço absoluto de viver. Pressentiu que Yiannis devia sentir algo do género quando lhe davam aquelas quebras, aquelas depressões que tanto irritavam a rep. Inquietou-se. Estaria a sofrer uma depressão? Mas os reps de combate não entravam em depressão. Será que tinham um *chip* implantado para o evitar, tal como o presumível microprocessador contra o suicídio, e o apagão inutilizara ambos?

Noite cerrada. Agora com nuvens, bastante mais escura do que a noite anterior. Bruna pôs-se à cabeça e reduziram a marcha.

– *Iuuu...*

Uma espécie de ulular de pássaro ouviu-se à direita.

– *Uiii... Uiii...*

E diante delas. E atrás. Bruna parou.

– Será uma coruja? – sussurrou Aznárez, parando ao lado dela.

– Teriam de ser vinte, não uma... Eu não sei como piam as corujas, mas aquilo não era um pássaro.

Cada vez se ouvia mais perto, um anel de chamamentos noturnos que se ia apertando em volta delas. A rep ficou com pele de galinha. Apontou para uma ambulância abandonada que tinham acabado de ultrapassar.

– Depressa, vamos esconder-nos ali.

Deixaram cair as bicicletas, entraram no veículo e fecharam as portas, embora as trancas, evidentemente, não funcionassem. Ficaram ali dentro em silêncio, sustendo a respiração. Só demoraram uns minutos a aparecer. Saíam por entre as sombras, pouco a pouco, posicionados em círculo em volta delas. Traziam desenhos fluorescentes no rosto, nos braços e na roupa, como se fossem pinturas de guerra. Tinham um brilho esverdeado que os assemelhava aos espetros. A grande maioria eram homens com modificações corporais extremas: pregos e esporões na cara e nos braços, ferões nas pernas. Dois deles pareciam ciborrads, pela abundância de próteses metálicas. Alguns tinham implantado lâminas retráteis nos nós dos dedos, que agora não funcionavam, e ficado com uma ou outra lâmina permanentemente de fora. Iam armados com correntes, barras de ferro, maças, machados. Eram, pelo menos, uns trinta. E sorriam. Estavam a apreciar a caçada.

Era com certeza deles que fugia a família que desatara a correr através do campo, pensou Bruna. O apagão dera-se há pouco mais de vinte e quatro horas e o colapso da sociedade já fizera aparecer bandos ferozes. No caos, proliferavam os animais daninhos.

– Estamos fodidas – disse Aznárez ao seu lado com uma voz tranquila.

Nem que fosse uma rep de combate. Era a digna irmã do seu irmão.

– É provável. Mas há de custar-lhes – respondeu Husky com uma calma idêntica.

Além da espingarda, continuavam a ter o taco de golfe, o bastão policial e as duas facas de cozinha que tinham trazido da casa do arquivista. Pouca coisa, se comparada com o armamento dos caçadores. Mas o pior era o braço inútil de Bruna. Era o raio de uma maneta e não conseguia habituar-se à ideia, mesmo que tivesse sido ela própria a amputar o braço.

Pela janela, avistou os atacantes, cada vez mais perto. Podiam incendiar a ambulância ou fazê-la capotar, pensou Husky. Era o que ela faria. O melhor seria oferecer-lhes outra opção tentadora quanto antes. Husky olhou para Ángela, acorada no chão junto dela, abraçada a si própria, lívida e trémula, e acariciou-lhe levemente a cabeça, como podia ter feito a *Bartolo*. Depois, abriu a porta traseira de par em par. Ficou ali, de pé, com a pistola de canos serrados na mão; poderia incitá-los a lutar e os atacantes teriam de vir aos pares, porque a largura da porta não dava para mais.

– Aznárez, impede que eles entrem pelas portas dianteiras.

– Está feito.

Os espetros, que estavam só a dois metros de distância, pararam quando ela apareceu. Impressionou-os encontrar uma rep de combate, coisa que, com certeza, não esperavam, e era evidente que a espingarda de canos serrados impunha respeito. Mas Husky não descartava a ideia de algum ter também uma arma de pólvora. Inspirou lentamente na pequena calma que antecedia a voragem da violência, o olho do furacão de qualquer combate. Sabia que o sobressalto dos atacantes duraria só uns segundos, os suficientes para voltarem a assimilar a sua esmagadora vantagem numérica. Bruna preparou-se e apertou a espingarda com a mão. Mas...

A linha de fantasmas agitou-se, como trigo fustigado pelo vento.

– Usss, usss, usss! – gritou um deles, talvez o líder, e todos se

puseram em movimento. Tinham pranchas com rodas, parecidas com as pranchas planadoras, mas manuais. Saltaram para cima delas e desapareceram rapidamente.

– O que se passa? – perguntou Barri.

– Para o chão, para o chão! – ordenou a rep, fechando a porta.

Tinha visto o clarão ao longe. Atiraram-se para baixo da maca e, poucos segundos decorridos, ouviram-nos passar. Viaturas e mais viaturas, luzes de faróis. A brigada golpista que tinham deixado para trás. Que não vejam as bicicletas caídas no chão, que não percebam que está aqui alguém, implorou mentalmente a rep ao Universo impiedoso e indiferente. O barulho e os clarões foram-se tornando mais esparsos e, finalmente, cessaram. Depois de alguns minutos sem ouvir nada, Bruna pôs-se de pé.

– Temos de continuar, antes que aquelas bestas regressem.

Continuaram o caminho pela autoestrada, embora na primeira saída tenham optado por uma estrada secundária. Dariam mais voltas, mas provavelmente estariam a salvo dos espetros. Beberam os pacotes de leite e pedalarão durante mais uma dezena de quilómetros. Já estavam muito perto de Madrid quando começou o combate. Lá em cima, muito lá em cima, no céu negro. Primeiro ouviram os estampidos dos caças e depois viram as explosões. Palmeiras enormes de luz abrasadora abrindo-se no ar, linhas ofuscantes de ouro ardente que marcavam a trajetória dos canhões de plasma. O fogo de artifício dos tempos do ódio. E depois, passados segundos, o ruído seco da explosão a ferir-lhes os tímpanos. Pararam uns instantes a assistir à batalha. Os pilotos deviam estar a arder nas cabinas, mas o espetáculo era belo, pensou Bruna, amargurada. O horror e a beleza de mãos dadas.

Viram cair, não muito longe, fragmentos dos aviões incendiados, como estrelas que marcavam o caminho. Quando lá chegaram, cinco minutos depois, viram-nos a crepitar, espetados no campo, grandes ferros flamejantes a uns duzentos metros de distância. Em volta das fogueiras moviam-se, perfiladas pelo fogo, as silhuetas de

algumas pessoas. As três mulheres prosseguiram o seu caminho, sem se deterem, até ao coração negro de Madrid.

Antes de se dirigirem para os antigos matadouros, decidiram fazer um pequeno desvio e passar pela casa de Yiannis, para confirmar se estava tudo bem e para se retemperarem. Na cidade havia muito movimento de tropas, de modo que tiveram de se movimentar com cautela. Encontraram Yiannis, Gabi e *Bartolo* muito inquietos, mas são e salvos. O arquivista arranjava maneira de fazer duas lamparinas de azeite, por isso tinham alguma luz. As três mulheres beberam e comeram alguma coisa, explicando por alto a situação.

– Venham cá ver – chamou-as a pequena russa, apontando para o exterior.

Da varanda, viam-se duas zonas diferentes de clarões furta-cores no perfil urbano.

– O exército dos EUT está a lutar nos arredores de Madrid – informou Ángela, que voltara a ligar o portátil, certa de que o sinal passaria despercebido na cidade, entre os muitos telemóveis dos soldados golpistas.

– É uma grande notícia – disse Aznárez. – Como terão chegado até aqui?

– Abrindo caminho a partir dos limites da zona do apagão, por transporte aéreo ou teletransportados... – aventurou a rep. – Parece que as coisas não estão a correr muito bem a Lago...

– Na-na-nada bem... As notícias dizem que os EUT já retomaram o controlo de três quartos da Península...

Mas o EJI mantinha a sua ameaça de mais apagões e, sobretudo, continuava a decapitar reféns. Faltavam duas horas para a próxima execução. Husky acabou de engolir apressadamente as últimas colheradas do guisado de grão-de-bico e pôs-se de pé. Tinha a sensação de que a pista dos matadouros era importante.

– Vamo-nos embora.

– Es-es-espera um momento... – pediu Gayo, ocupada no portátil. Depois ergueu o rosto emocionado. – Já a tenho.

– O quê?

– A mensagem encriptada. A da pom-pom-pomba. Consegui. É isto – disse Gayo, mostrando-lhes o portátil.

No ecrã via-se o seguinte:

$$\delta a(t) \equiv \delta(t - a)$$

– O que é isso?

– A fu-fu... a fu-fu-função delta... É uma função matemática que estuda fenómenos de intensidade tendente ao infinito e duração tendente a zero. Ou seja, valores em crista, explosões muito fugazes... – explicou Gayo.

– E para que nos serve?

– Nã-nã-não sei... Mas é muito bonita.

Bruna abanou a cabeça.

– Vamos, Aznárez.

Ángela agarrou no portátil e também se levantou.

– Tu não. Vai ser perigoso.

– Mas vocês não sabem nada sobre a função delta. Com certeza que terá algum significado. Com certeza que poderei dar uma ajuda – disse a mulher, muito segura de si e sem tropeçar nas palavras.

O pior é que tinha razão.

– Está bem. Vamos embora.

Quando saíram, cruzaram-se à porta com Emma. Parecia mais pálida e mais escanzelada do que nunca à luz trémula e fraca das lamparinas.

– Não devias sair, é perigoso – resmungou Bruna.

– Sei cuidar de mim, a sério. Tenham vocês cuidado. Há uma patrulha de soldados de Lago depois da esquina – indicou a menina.

– Emma! – gritou Gabi com verdadeira alegria.

E aproximou-se da amiga para a abraçar. Duas rosas de rubor apareceram na cara encovada da rapariga. Amavam-se. Ou seja, a selvagem Gabi era capaz de amar. Talvez Emma fosse mesmo o seu

primeiro amor, pensou a rep. Tal ideia fê-la sentir uma emoção estranha, indefinível. No entanto, não era desagradável. Podia mesmo dizer-se que era consoladora. Um calor que desfazia crostas de gelo. A rep espantou-se consigo própria: a sério que a comovia a possível felicidade da terrível Gabi? Daquela fúria russa mordedora?

Bartolo agarrou-se às suas pernas, choramingando. Não queria que ela saísse. A rep agachou-se, soltou-lhe os dedinhos pretos e, pegando-o ao colo, entregou-o a Yiannis. As emoções enfraquecem, resmungou. Os afetos acorrentam, transformando-nos num bicho tão tonto como *Bartolo*. Ou numa pessoa tão dependente como *Ángela*. E depois pensou em Lizard. Doze noites apenas. Ou talvez nenhuma. Era possível que morresse dentro de algumas horas.

Chegaram aos arredores dos matadouros muito antes do que Bruna calculara. Na realidade, não ficava muito longe do centro, mas era uma zona muito degradada e destruída; ninguém a frequentava porque ali não havia nada, daí a rep não a conhecer. Gradualmente, iam desaparecendo os edifícios e começava um espaço morto com escombros e terrenos vazios, com casinhas de telhados afundados e janelas partidas. Era como uma terra de ninguém entre duas fronteiras em conflito.

– Ei... Há gente nas ruínas... – sussurrou Aznárez.

Era verdade. Avistava-se uma luzinha minúscula e a visão noturna da rep permitiu-lhe ver que, entre as sombras, se deslocavam e escondiam algumas sombras mais negras. Pensou no bando de espetros da estrada. Esta seria uma boa guarida para os bandidos. Mas não deviam ser eles ou tipos como eles, porque as deixaram passar sem fazerem nada. Pelo contrário, dir-se-ia que se escondiam. Deviam ser mendigos ou talvez *traças*, ilegais vindos de uma Zona Zero.

Desmontaram das bicicletas para atravessar uma larga área de vias-férreas. As travessas eram ainda de madeira e entre elas cresciam ervas altas. Há muito tempo que nenhum comboio devia passar por aquelas bandas. No lado oposto via-se o perfil esmagador

dos matadouros e, por cima deles, o céu noturno iluminava-se com o resplendor da batalha, muito mais evidente ali. Ouvia-se mesmo um clamor surdo, proveniente dos combates vizinhos.

A zona das naves industriais dos matadouros estava apagada e em ruínas. Como o ponto assinalado pelas coordenadas ficava um pouco mais à frente, dirigiram-se para lá a pé, seguindo o muro velho e ulcerado do enorme conjunto de edifícios.

Husky começou imediatamente a sentir-se mal. Primeiro foi só uma espécie de inquietação, um maior nervosismo, um desconsolo. A angústia por Lizard, provavelmente. Depois, começou a sentir-se fraca. As pernas pesavam-lhe. Doía-lhe o estômago.

– Pa-pa-passa-se alguma coisa, Bruna? – perguntou Ángela, sempre tão atenta a ela.

– Não... nada... Estou bem.

Talvez lhe tivesse caído mal alguma das coisas que comera. Estavam a chegar à parte reconstruída, assinalada pela pomba. Aqui, o muro elevava-se até ao dobro da altura anterior e era de cimenplás reforçado, como os muros dos quartéis, com puas afiadas que lhe eriçavam o cimo. Um cartaz avisava que estavam eletrificadas, embora agora não funcionassem, claro. A rep apoiou-se à parede, enjoada.

– Tens a certeza de que te sentes bem? – preocupou-se Aznárez.

– Já disse que sim – respondeu, azeda.

– Ve-ve-vejam! – disse Ángela, excitada, consultando o portátil. – O exército dos EUT entrou no Palácio Presidencial... O general Tomás Lino suicidou-se... A Presidente Guang foi assassinada, mas resgataram com vida o primeiro-ministro Krakotek... A Terra apoderou-se da arma secreta do EJI, a máquina que causou o apagão! Ao que parece, é um acelerador de fluxo de plasma... O golpe de Estado foi praticamente derrotado, embora ainda não tenham encontrado os reféns do EJI...

As notícias deram alguma energia à maltratada Bruna. Inspirou profundamente e endireitou-se. Tinham chegado ao que parecia ser

a porta do recinto, embora o aspeto fosse o do acesso a um *bunker* de alta segurança. Dois robocombats, um de cada lado do umbral, guardavam a entrada. Eram grandes, de tamanho familiar, e, mesmo desligados como estavam, amedrontavam.

– Como vamos entrar? Parece inexpugnável – disse a irmã de Lizard, apontando para o portão de aço maciço.

Bruna respirou fundo, porque se sentia asfixiar, e apoiou a mão na pesada folha de metal. Nessa altura, os robocombats ativaram-se e giraram os seus troncos piramidais na direção delas.

– Merda! – gritou Aznárez.

Uma descarga neuroléptica deixá-las-ia paralisadas e com certeza ativaria também o alarme. Se os robocombats funcionavam, lá dentro devia haver gente. Inimigos.

Um pequeno ecrã azul iluminou-se no aço da porta, exibindo sinais que Bruna não conseguia distinguir. Uma dor de cabeça incapacitante toldava-lhe a vista.

«Trinta segundos para a descarga... Vinte e nove... vinte e oito... vinte e sete...», começou a contar uma voz artificial.

Bruna não conseguia pensar nem reagir; Barri olhava para ela, apavorada. Tinham de fugir imediatamente. Uma descarga de robocombats tão colossais teria um grande impacto.

– Há-há-há... – gaguejou Ángela. – Eu-eu-eu...

«Dezanove... dezoito... dezassete...»

Gayo atirou-se sobre a porta e começou a carregar nalguns dos sinais do ecrã azul.

«Sete... seis... cinco...»

A voz parou. A janela azul apagou-se e o portão abriu-se sem qualquer ruído.

– Vamos! Vamos! – Barri teve de apressar a rep.

Entraram no recinto e a abertura voltou a fechar-se atrás delas em completo silêncio.

– É que havia letras gregas e muitos sinais matemáticos, de modo que pensei que era isso – disse Ángela de um fôlego. – Inserir a

fórmula da função delta.

Bruna fez um esforço para se dominar. A enxaqueca estava a matá-la e ela sentia-se cada vez mais fraca. Tirou a espingarda das costas e deu-a a Aznárez. Não se sentia capaz de a usar.

– Leva-a tu...

Olhou em volta. Estavam num pequeno pátio, diante de uma enorme nave reconstruída. Era feita de pedra e tijolo, com remates pontiagudos, janelas de ferro forjado e vidros grossos, foscos e provavelmente blindados. Estava tudo às escuras, mas no fundo dos vidros espessos parecia palpitar um sopro de luz, como uma brasa.

Subiram o pequeno lanço de escadas e Bruna sentiu-se morrer em cada degrau. Que estava a acontecer-lhe? Todas as células do seu corpo se recusavam a entrar naquele edifício; era como se cada passo em frente a conduzisse à destruição e a uma dor imensa.

– O que tens? – inquietaram-se as outras.

– Não sei. Continuemos.

Tentaram a porta, mas estava fechada. Iluminou-se um intercomunicador:

– Nome, por favor.

Dobrada sobre si própria, Bruna disse:

– Jan Lago.

– Nome, por favor.

– Fer.

– Nome, por favor.

– Janhache.

– Nome, por favor.

Bruna desesperou-se. Gemeu. Sentia que estavam a serrar-lhe a cabeça. Voltou-se para Ángela.

– Quem... quem inventou essa fórmula?

– Paul Dirac – disse a mulher.

Aquela devia ser a senha porque, assim que Gayo proferiu o nome do matemático, a porta abriu-se com um clique. Entraram num vestíbulo altíssimo que desaparecia entre as sombras e onde se

via um arco por onde saía um ligeiro brilho. Bruna tentou dirigir-se para lá, mas todo o seu organismo a impedia. Caiu de joelhos, vomitou, gritou. Aznárez agarrou-a por baixo dos braços e levantou-a, muito assustada:

– O que tens?

– Dói... – arquejou a rep.

Apoiada na irmã de Lizard, avançaram na direção do arco. Um terror indescritível fazia tremer todo o corpo de Bruna, que nunca experimentara nada semelhante. Chegaram ao umbral e puderam ver a vasta nave que se estendia diante delas; filas e filas de grandes tanques de aço e vidro pareciam flutuar na penumbra. Estavam cheios de um líquido ambarino e, dentro de cada tanque, havia um corpo nu em suspensão.

Um vômito violento voltou a dobrar Bruna. Encontravam-se numa unidade de gestação de tecno-humanos. Uma fábrica de reps. Era o inferno.

– Oh, Bruna...

A androide livrou-se dos braços de Aznárez e avançou, aos tombos, até ao primeiro tanque. A etiqueta indicava: «Mineração. Mulher. Vinte e três anos. Data de ativação, 13-04-2110. TriTon Corp.»

TriTon! A empresa de andróides de Jan Lago. O mesmo fabricante que a fizera a ela. E a Clara. E a Merlín. Talvez ela também tivesse sido criada ali. Naquela mesma cisterna. Maldita fosse a função delta com que tinham aberto a porta... Essa fórmula que descrevia fenómenos de grande intensidade e duração ínfima, como o esvoaçar desesperado da brevíssima vida dos tecnos. Com um esforço agónico, Bruna ergueu a cabeça e contemplou o corpo. Teria preferido arrancar os próprios olhos. Tratava-se de uma jovem pequena e robusta, como todos os tecno-humanos mineiros. Mas tinha o corpo contorcido, as pálpebras entreabertas, o olhar vidrado, a boca repuxada numa expressão de dor que parecia um grito. As mãos tremiam-lhe convulsivamente no líquido espesso.

Bruna observou os outros homens e mulheres, tecnos de expedição, de combate ou de cálculo prestes a amadurecerem, ou crianças de dois, seis, doze anos. Todos eles deformados, atormentados, doentes. Sofrendo.

– Que... têm? – balbuciou Bruna.

E então compreendeu. A nave estava às escuras. A única luz era a de uns pequenos discos incandescentes que havia no chão, as luzes do sistema de segurança, que devia ter a mesma fonte de alimentação do intercomunicador e dos robocombats. O resto da unidade estava desligado. As cisternas de gestação tinham deixado de funcionar com o apagão. Os replicantes estavam a morrer.

O coração de Bruna partiu-se, ou, pelo menos, doeu-lhe tanto como se estivesse a partir-se. E dessa dor saiu um grito e uma fúria que a pôs de pé e lhe deu forças para avançar pela nave aos tropeções, por entre os pobres corpos torturados, por entre crianças espasmódicas e jovens perfeitos a agonizar. Todos tão infinitamente sós nas suas bolhas cruéis de líquido amniótico. As luzes de segurança davam um fulgor de brasa à penumbra e um brilho de facas ao metal.

Seguida por Aznárez e por Ángela, Husky chegou ao outro lado da nave e encontrou uma porta. Tentou abri-la. A mão tremia-lhe tanto que não conseguiu. A irmã de Lizard rodou a maçaneta, que girou sem problemas. Entraram numa sala de controlo, cheia de ecrãs e outros aparelhos, todos apagados. Atravessaram o local e dirigiram-se para a saída ao fundo. Bruna atravessou-a e sentiu-se um pouco melhor; à medida que se afastava da nave de gestação, a sensação de sofrimento e de morte iminente ia ficando menos aguda. Estavam agora num pequeno vestíbulo, com uma escada antiga em caracol, de ferro forjado. Também havia um elevador, mas não funcionava. Subiram as escadas, Bruna degrau a degrau, ainda a arrastar o corpo. Um corredor comprido e apagado dava para uma porta aberta ao longe, de onde saía uma torrente de luz elétrica e o ruído de música. Bruna fez um sinal a Aznárez para que

esta lhe devolvesse a espingarda, o que ela fez. A rep já se sentia mais ou menos recuperada. Percorreram silenciosamente o corredor até àquele foco hipnótico de luz, enquanto a música de violinos se tornava cada vez mais audível. Era bonita, pensou Bruna. Melancólica. Por vezes angustiante. Chegadas ao umbral, espreitaram com cautela. Era um grande aposento quadrado, a meio caminho entre uma sala de reuniões e uma unidade de reanimação intensiva hospitalar. Numa extremidade, uma mesa grande de madeira nobre, com ar sólido e antigo, e, à volta, doze cadeiras a condizer. Estantes escuras, repletas de livros de papel, cobriam a parede e no teto cintilava um lustre de cristal como os dos filmes de época. Yiannis teria adorado aquela decoração.

O outro lado da sala parecia uma sala de operações. Níquel e polímeros de um branco deslumbrante criavam um espaço médico e higiénico. No centro estava uma grande máquina de onde saía um emaranhado de tubos e fios; na parte dianteira do aparelho, metido numa espécie de bolsa rígida e semitransparente, que o mantinha de pé, estava um homem. Ou o que restava de um homem, porque quase tudo o que Bruna apreendeu ao primeiro olhar parecia metálico. Apenas o rosto era humano. O rosto de Jan Lago.

– Ah, entrem, entrem... Estava à vossa espera. Não se escondam atrás da porta... Não acredito que tenham medo de um pobre velho entrevado... Não é bonita, esta valsa triste de Sibelius que está a tocar? – perguntou o magnata.

Sem deixar de lhe apontar a arma, Bruna esticou o pescoço e examinou o local. Ao fundo, numa grande gaiola, viam-se meia dúzia de pombas biónicas, que batiam as asas e arrulhavam. Ali era o seu ninho, sem dúvida, como Gayo calculara. A não ser pelo alvoroço das aves, estava tudo tranquilo. Não estava mais ninguém na sala.

– Parece que está só... – grunhiu a rep.

Aznárez deve ter encarado a frase como uma autorização para avançar, porque entrou na sala de forma decidida.

– Não, nãoooo! – gritou Bruna, que acabara de ver a armadilha.

Mas já era tarde de mais. Junto à ombreira, no interior, estava a pirâmide truncada de um robocombat. Era um modelo de uso privado, de tamanho pequeno, mas suficiente para intercetar um indivíduo. O robocombat lançou o seu choque neuroléptico e derrubou o corpanzil da irmã de Lizard. Bruna disparou imediatamente os dois canos da sua espingarda: o primeiro contra o robocombat, conseguindo fazer-lhe um belo orifício, e o segundo contra a pistola de plasma que Lago acabara de sacar. A pistola de plasma voou até ao outro lado do aposento. Sem deixar de apontar para o milionário, porque ele não tinha maneira de saber que ela não dispunha de munições, a rep agachou-se para inspecionar o estado de Barri. Tinha os olhos revirados, mas o coração continuava a funcionar. Devagar, mas com vigor.

– Oh, Husky, podes parar de fazer alarde da arma. Essas espingardas têm de ser recarregadas depois de cada tiro. Ou lhe metes mais cartuchos ou não passa de um bocado inútil de ferro – troçou Lago, escarninho.

Evidentemente, que estúpida, pensou Bruna, irritada consigo própria. Em duas passadas, seguida por Gayo, que se colava a ela como uma sombra, a rep chegou até à pistola de plasma e apanhou-a. Parecia estar a funcionar.

– No entanto, esta já dispara – disse, aproximando-se lentamente do magnata e mantendo-o na mira. – Como sabes o meu nome?

– Como é possível não o saber? Foste a Cosmos e ao Mosca e deste cabo da nossa paciência.

Bruna apontou para o corpo de Aznárez:

– Quanto tempo ficará assim?

– Hum... Uns quarenta minutos, talvez menos. É corpulenta.

– Onde estão os reféns?

– Não sei.

Bruna disparou o plasma e rebentou-lhe meia orelha. O impacto fez saltar o revestimento biodérmico, deixando a descoberto as

entranhas de titânio.

– Ui! Isso quase doeu – exclamou Lago com uma calma irónica. – A sério que não sei. Se soubesse, dizia-te. Receio ter sido completamente derrotado. Não te espanta não teres encontrado ninguém até chegares aqui? É o que tem de negativo um exército mercenário. Adoram dinheiro, mas gostam mais da vida do que de dinheiro e, quando as coisas dão para o torto, deixam-nos pendurados. Os fanáticos, pelo contrário, são maravilhosamente fiéis aos seus ideais. É a única coisa simpática neles.

Husky observou-o minuciosamente. Todo o corpo de Lago parecia artificial. A cara, muito operada para lhe rejuvenescer os traços, parecia uma careta de carne colada a um crânio metálico de onde saía um punhado enorme de fios que se ligavam à máquina. O tronco e as pernas estavam cobertos por uma espécie de pijama azul sem mangas, mas tanto os pés como o pescoço e os braços pareciam ser de aço. Apoiava os cotovelos numa espécie de mesa transparente que tinha à frente, um pouco como as bandejas de hospital. A mão direita, que ela tinha atingido com o plasma, estava danificada, com os dedos pendentes de cabos retorcidos. Lago, que seguira o olhar da rep, acariciou com melancolia os dedos rebentados.

– Não vou dizer que não o tenha merecido por puxar da pistola, mas é uma pena ver estragada esta obra de arte. O meu corpo é uma maravilha – observou.

Obviamente, o magnata poderia ter optado por próteses biodérmicas invisíveis, mas gabava-se da tecnologia que tinha.

– Com que então, és um ciborrad. Obviamente ilegal. Tens demasiados implantes. Estás muito acima do que é permitido nos EUT.

– Sou ilegal? Um ser ilegal? E és tu quem diz isso, Bruna? Uma tecno? Com certeza que quiseste morrer quando entraste na unidade de gestação, vomitaste e sentiste-te doente... Isso fomos nós que te pusemos na cabeça, Bruna. Para que não te aproximasses das fábricas. Não te surpreende nunca te teres interrogado sobre o

lugar onde te fizeram? Isso, essa falta de curiosidade, também foi implantado por nós. Eu sou ilegal? Sou artificial? E tu? Tu és orgânica, de facto, mas foste tão manipulada, tão alterada pelos engenheiros genéticos que por isso vos chamamos *androides*... Enfim, por isso e porque assim as pessoas têm mais dificuldade em ver-vos como humanos. Mas, de qualquer forma, tu e eu somos paralelos, criaturas do mesmo tipo, Bruna... Somos semideuses e melhorámos a espécie. Bom, sobretudo eu, sinceramente, porque vocês têm essa chatice do TTT... Os tecnos são um ensaio que não correu bem.

A detetive olhou para ele, horrorizada. O que o homem dizia repugnava-a, mas não conseguia deixar de o ouvir, presa às palavras como uma traça atraída pela luz. Era verdade. Era uma verdade espantosa e chocante: nunca se tinha interrogado, em toda a sua curta existência, sobre as unidades de gestação.

– Olha para a minha mão, que beleza! – continuava o homem. – Em vez da minha carne mortal, esse tecido muscular que adoece e nos mata, que se enrugam e se mancham e enfraquece e cai e se corrompe e se fere e dói e se deforma... Em vez dessa minha carne miserável, que apodreceu há um século, estas linhas puras, perduráveis e perfeitas...

Lago rodava a sua mão intacta no ar, deixando-a ser vista de diversas perspetivas. Era um magnífico mecanismo de aço e titânio, com peças delicadas e cabos rutilantes de liga de ródio. A prótese inteira brilhava à luz elétrica, decorada com incrustações de ouro e diamantes. Por isso Jan Lago nunca aparecia pessoalmente. Nas gravações, usava luvas, lenços ao pescoço e perucas para esconder o crânio niquelado. Husky abanou a cabeça e empunhou a pistola com mais força.

– Onde estão os reféns? – repetiu num tom ameaçador.

– Não sei! Já te disse. Isso são assuntos do EJI.

– Mas tu disseste que sabias que eu estive em Cosmos e no Mosca... e sabias porque são cúmplices e trabalham em conjunto.

– Claro que sim! Não o nego. Mas a única coisa de que aquelas cabeças fundidas do EJI se encarregaram foi do assunto dos reféns. Tão repugnante! Nós tratámos de tudo o resto: o GAFPA, o Grande Acelerador de Fluxo de Plasma Apontável, ou seja, a máquina do apagão, é uma tecnologia cósmica. Nunca nos passaria pela cabeça confiá-la aos loucos do EJI. O guarda-chuva disruptor, que permite proteger certas zonas do efeito do apagão, como, por exemplo, este mesmo espaço, é uma invenção minha. Pelos mesmos motivos de falta de confiança, também não o entregámos aos Ins; por isso, comunicamos com eles através das pombas biónicas. Belas, não achas?

– A máquina do apagão caiu nas mãos do exército dos EUT – disse a rep.

– Sim, já soube. Já disse que sei que fui derrotado.

Bruna fora-se aproximando enquanto falava e estava agora ao lado de Jan Lago. Ergueu a pistola de plasma e arrancou-lhe a ponta do nariz. O magnata guinchou e um pequeno orifício ensanguentado apareceu na extremidade do apêndice nasal. Aquilo sim, era dele. Carne que doía, que ficava ferida e se deformava.

– Onde estão os reféns?

– Não sei! O que vais fazer, matar-me? Vais ficar sem saber tantas coisas interessantes que podia contar-te?

Bruna franziu a testa, refletindo.

– O-o-o... O exército dos EUT está a acabar com os últimos focos de resistência no *campus* universitário de Pradolongo... Fica a poucos quilómetros daqui. Ainda não encontraram os reféns mas, ao que parece, esperam fazê-lo em breve – avisou Ângela, lendo no portátil.

Um *campus* universitário... Poderia ser um bom esconderijo para os prisioneiros dos jovens Ins.

– Vamos ter agora mesmo com o exército dos EUT – disse a rep.

– Não posso! Não posso separar-me desta máquina. É o meu suporte de vida. Se me desligar, morrerei imediatamente – disse Jan

Lago.

– Não acredito.

Mas a verdade é que acreditava. Lago parecia depender completamente dos cabos e, além da cabeça e dos braços, o corpo não tinha qualquer movimento.

– E vais fazê-lo? Vais arrancar-me da máquina e matar-me? Vais ficar sem saber tudo o que te poderia contar? Além disso, o que vais fazer com ela?

Aznárez continuava imóvel. Bruna poderia deixá-la ali, mas isso seria abandoná-la numa situação de impotência total. A rep suspirou.

– Ángela, podes mandar uma mensagem ao exército? Explica-lhes quem somos, avisa-os de que temos Jan Lago e onde estamos. E dá-lhes os códigos de entrada.

– Po-posso tentar entrar nas comunicações deles...

– Fá-lo.

Bruna aproximou-se novamente da irmã de Lizard e tocou-lhe. Temperatura corporal aceitável, ritmo cardíaco melhor, embora continuasse sem sentidos. Deixou-a no chão numa posição mais confortável; depois, pegou numa das cadeiras que rodeavam a mesa de madeira, pô-la diante da máquina de Lago e sentou-se.

– Mataram o teu filho. Como pudeste aliar-te a eles?

– O Janhache? Pobre tolo. Usei-o para provocar um confronto e funcionou muito bem. Não era bem meu filho: tinha os meus genes, mas nunca tive com ele uma relação paterno-filial. O mesmo posso dizer em relação aos meus outros vinte rebentos. Nunca vi ou tive contacto com nenhum deles ou com as mães. Todos eles foram o resultado de fecundação artificial. Como vês, não posso afastar-me desta máquina... e precisava de pessoas fiáveis para pôr à frente das minhas empresas. Pensei que a minha contribuição genética ajudaria a que fossem mais inteligentes... A verdade é que *nisso* me enganei bastante. Poucos entre eles podem ser definidos como brilhantes e o Janhache não o era, garanto-te. Ainda assim, por

terem os meus genes e se julgarem meus filhos, os grandes parvos encararam tudo isto como o seu contributo para o meu legado e esforçaram-se muito mais. O ser humano é romântico por natureza.

– Mas os teus filhos mais velhos têm cerca de sessenta anos... Há quanto tempo estás preso à máquina? Que idade tens?

Lago sorriu, maquiavélico.

– Mais do que imaginas, Bruna. Eu não sou Jan Lago. Sou o meu pai, Dom Lago... O homem que descobriu a cura do Alzheimer. Um cientista eminente. Um génio na obscuridade, se permites que me gabe um pouco... Tão genial que também descobriu a chave para alguma imortalidade. Nasci em 1921 e tenho cento e oitenta e nove anos. No entanto, algumas leis absurdas impediam-me de fazer o necessário para prolongar a minha vida, como por exemplo desenvolver esta máquina. Então, para que a minha longevidade pudesse passar despercebida, fingi que tinha morrido e inventei este pretenso filho, Jan Lago. Todos os Jans posteriores são puras ferramentas da minha vontade, como vês.

Cento e oitenta e nove anos! A existência somada de dezanove tecnos. Recordou os seus companheiros que agonizavam no andar de baixo e voltou a sentir náuseas.

– Maldito assassino... Os reps estão a morrer por falta de energia. Porque é que também não os protegeste do apagão?

– E chamava a atenção de todos os engenheiros, dos trabalhadores da unidade, dos fornecedores...? Tanta gente se teria apercebido. Não, não! Teria sido demasiado óbvio. Sinto muito, mas tive de o fazer. E tenho verdadeira pena, porque representa uma perda económica significativa. Vocês saem-me muito caros.

Bruna sentiu uma tentação enorme de lhe dar um tiro no meio da cara. Na ferida circular na ponta do nariz, um alvo de sangue.

– Além disso, mergulhaste a Península Ibérica num caos total; a vida demorará meses a normalizar, deve haver, com certeza, muitas vítimas... – acrescentou com rancor.

– Oh, não. Tudo se pode arranjar em vinte e quatro horas. As

nossas empresas estão preparadas para fornecer, reparar e substituir todos os componentes elétricos e eletrônicos danificados. Além disso, trará benefícios económicos: o dinheiro vai fluir, a sociedade enriquecerá. A magia do mercado, sabes...

Aquele sujeito não merecia viver. Não merecia. A rep apertou a coronha da pistola de plasma.

– Já lhes chegou a men-men-mensagem – disse Ángela. – Não sei se acreditaram, mas acho que virão.

Husky sacudiu a cabeça e os ombros, tentando libertar um pouco a tensão. Um objetivo difícil de atingir, porque o relógio continuava a avançar. Já devia passar das onze da noite, a hora da execução.

– Ángela, podes verificar se os Ins mataram outro refém?

– Já estava a fazê-lo... Não há nada para já, embora já sejam vinte e três e vinte.

Que estranho. Eram sempre pontuais. Ao lado do magnata, sobre uma longa prateleira de vidro, viam-se vários animais metálicos articulados e construídos em tamanho natural: um pardal, uma lagartixa, uma aranha gorda, um ratinho. Ao centro, protegido por uma campânula, estava o corvo de Juanelo. Bruna reconheceu-o imediatamente, porque era igual ao do desenho. Com penas pretas verdadeiras, já sem grande brilho, e metade do corpo e da cabeça em metal e madeira. Parecia delicado e antigo.

– O autómato de Juanelo.

Surpreendido, Lago abriu os seus olhos pequenos e penetrantes:

– Muito bem, Husky, surpresendes-me! Os autómatos interessantes? Este é, efetivamente, o pássaro original do grande Turriano. Foi construído no século dezasseis e ainda funciona. Se lhe dermos corda, anda para um lado e para o outro, move as asas, a cabeça, o bico, os olhos. É portentoso. Até grasna! Mas não é o único que existe no mundo. Há outros trinta e dois iguais.

– Os trinitários... Nesse caso, é verdade que a ordem existe...

Lago assentiu com uma expressão satisfeita:

– Exato. A Trinity. O clube mais poderoso do mundo.

– E está ativo desde o século dezasseis?

– Digamos que não somos recém-chegados. Ao longo do tempo, houve muitas empresas da Ordem... Se pensares em todas aquelas cujo nome fazia alguma referência às aves ou em cujo logótipo constasse um pássaro ou as asas de um pássaro, provavelmente eram nossas.

De facto, as sobrelhas artificiais do magnata, que pareciam desenhadas a tinta da China, faziam lembrar uma gaivota em voo.

Bruna inquietou-se:

– Porque estás a contar-me tudo isto? Estás a dar-me muitas informações que poderias perfeitamente guardar para ti.

Lago suspirou.

– Já te disse que estou derrotado... e os trinitários não apreciam a derrota. Receio que me expulsem. Portanto, é-me indiferente revelar estas minudências. Mas falemos dos autómatos, que são um assunto muito mais interessante. Reparaste nos outros? No pardal, na tarântula, no ratinho, na salamandra? Eu próprio os construí; cada um tem centenas de peças e todos eles possuem uma mobilidade extraordinária... Ah, os autómatos são um dos grandes sonhos da humanidade... Desde o princípio dos tempos que desejamos transformar-nos em deuses criadores e dotar de vida o que é inanimado... Sabias que já havia autómatos no antigo Egito? Estátuas das divindades que mexiam os braços e deitavam fogo pelos olhos. E na Idade Média estiveram na moda as cabeças falantes... Foi muito famosa a cabeça falante de mulher que Santo Alberto Magno teve no século treze e que São Tomás de Aquino achava ser um instrumento do demónio. Enfim, sabes bem que sempre houve gente cega pelos preconceitos. Mas o meu autómato preferido é a filha de Descartes... Um século depois de Juanelo, o filósofo René Descartes, que, a propósito, também era rosa-cruz, teve uma filha, Francine, que ele adorava e que morreu de escarlatina aos cinco anos. Descartes mergulhou numa depressão profunda e mandou construir um autómato exatamente igual à sua

menina. Tinha uma cara belíssima de porcelana, falava e movia-se. O filósofo manteve a sua existência em segredo, mas convivia com ela; falava-lhe, cantava-lhe, sentava-a a comer com ele. Até viajava com ela, bem guardada num baú primoroso. Um dia, ia de barco para a Suécia, a pedido da rainha, quando, a meio de uma tempestade, os marinheiros supersticiosos abriram o baú e ficaram horrorizados ao descobrirem uma boneca que parecia viva. O capitão decidiu que era obra do diabo e atirou-a borda fora. Diz a lenda que, a seguir, Descartes atirou o capitão ao mar. Duvido muito. É verdade que o famoso dualismo cartesiano dividia o ser humano em mente e corpo. A mente, que era a alma, era espiritual e eterna; o corpo, pelo contrário, era uma simples máquina perecível. Ao construir a sua «Francine», se calhar Descartes estava a tentar reproduzir a máquina para que a alma da filha voltasse a habitá-la. Já vêes como são importantes, transcendentais, essenciais, os anseios que conduzem aos autómatos, à robótica e a esta culminação perfeita da fusão entre humanos e máquinas que somos nós, os seres biónicos. Para depois virem os burocratas do Ministério da Transumanidade ditar as suas leis idiotas...

Lago fora empolando o tom de voz e inflamando as suas palavras, que faziam lembrar as suas declarações nos ecrãs públicos.

– Pensaste realmente que podias ganhar? – perguntou a rep.

Por instantes, Lago ficou desconcertado diante da mudança súbita de assunto.

– Bom, não me limitei a pensar. Estivemos quase...

– Mas como poderia funcionar uma aliança dos trinitários com os Ins? É uma aberração.

– Os terroristas foram só um instrumento. Foram mais uma arma. O plano era dividirmos a Terra com Cosmos, voltar a ter um mundo com políticas definidas e inimigos tradicionais. O EJI era coisa dos cósmicos, que mais tarde se encarregariam de os neutralizar.

– São crianças, quase crianças...

– São peões necessários de um plano maior. A verdadeira aberração são os Estados Unidos da Terra e as suas hipocrisias igualitárias, as suas legislações restritivas da liberdade individual, a sua cobardia política diante da pressão das massas... Pois se até permitem que o Tribunal Constitucional declare ilegal a taxa de ar! Sem as nossas indústrias, sem o nosso esforço tecnológico e empresarial, sem os nossos parques-pulmão, não haveria oxigênio para respirar! Será que não temos o direito de cobrar por isso?

– Em primeiro lugar, foram as vossas indústrias que contaminaram e continuam a contaminar o ar – lembrou Bruna, como se fizesse eco das palavras de Yiannis. Era o que dava passar demasiado tempo com o arquivista. A amizade era uma espécie de contágio.

O rosto do milionário crispou-se numa careta de profundo desprezo.

– Não me vou pôr a discutir alta política com uma rep. Era só o que me faltava. A propósito, sabes como vos criámos?

Um dedo de gelo percorreu a coluna vertebral de Husky.

– É-me indiferente.

– Já sabes que são clones que amadurecem aceleradamente e que, em catorze meses, atingem os vinte e cinco anos de idade... Mas talvez não saibas que as vossas células-mãe se fabricam a partir das células epiteliais de um humano. Todos vocês provêm de um homem ou de uma mulher reais. E sabes que mais? Guardamos os arquivos... Posso ver a quem pertencia o bocadinho de pele que te deu vida...

– Não quero saber! – quase gritou Bruna.

Mas viu o magnata manipular o seu telemóvel e não o impediu. Porquê, porquê?

– Ah, sim, claro... Lembro-me dela – exclamou Lago, sardónico. – Aqui estão os dados. Tu provéns do material genético de uma escritora e jornalista de há cem anos... Rosa Montero. Hoje está completamente esquecida, mas foi mais ou menos conhecida no seu

tempo. Fez-me uma entrevista quando eu estava a investigar a cura do Alzheimer... e prestou-se a doar células epiteliais, julgando que serviriam para lutar contra essa doença, ah, ah, ah... Era muito crédula, a pobre idiota. Suponho que ficaria horrorizada se soubesse que serviram para dar vida a replicantes. Embora de facto não devesse queixar-se, porque essa também é uma forma de atingir a posteridade. És um clone de Rosa Montero, Husky. Embora estejas tão manipulada, tão potenciada e tão alterada pelos engenheiros genéticos que, na realidade, não te deve restar quase nada dela.

Rosa Montero. Uma humana que se chamou Rosa Montero, repetiu mentalmente a rep, atordoada. Tão absorta que não prestou atenção ao ruído atrás de si.

– Eram mais do que horas de chegarem! Já não sabia do que continuar a falar – exclamou Dom Lago.

Husky levantou-se de um salto, empunhando a pistola. No umbral, estavam Yiannis, Gabi e Emma. Atrás deles, também com armas de plasma nas mãos, Fer, o homem da crina de cavalo, e um rapaz de uns dezoito anos, todo vestido de preto, sem dúvida outro terrorista. O rapaz apontava para a cabeça de Gabi e o *barman* tinha o cano da pistola encostado à nuca do arquivista.

– Já te disse que os fanáticos são maravilhosamente fiáveis. Eles nunca nos abandonam – riu-se o magnata. – Pousa a arma no chão, Husky.

– Sinto muito, Bruna. Apanharam-nos em casa de surpresa e... – disse Yiannis, contrito.

– Cala-te! – gritou Fer, empurrando a cabeça do arquivista com o cano da arma. A rep hesitou. Era bastante provável que conseguisse rebentar a cabeça de Fer ou do rapaz de preto antes de eles dispararem, mas ainda assim o sobrevivente teria tempo para executar o seu refém.

– Pousa a pistola no chão ou acabamos com eles. A começar pelo velho. Ou pelas miúdas. Qual delas preferes que matemos primeiro? Pode ser um jogo interessante – disse Lago.

Husky inclinou-se e pousou a pistola de plasma aos pés.

– Muito bem. Agora afasta-te alguns passos e põe as mãos na cabeça... E essa pessoinha desagradável e feia que trouxeste contigo que deixe o portátil e se ponha ao teu lado.

Bruna obedeceu, pondo a mão direita sobre a cabeça rapada e erguendo o braço esquerdo, de onde pendia o antebraço. Uma Gayo cabisbaixa e trémula juntou-se-lhe.

– Rep estúpida... Fizeste-me um buraco no nariz. Embora talvez fique interessante se lhe puser uma ponta de platina ... E tudo por causa do raio dos reféns. Enfim, vamos fazer um pouco de magia – disse o magnata. E manipulou o seu telemóvel.

Ao fundo da sala, um painel de madeira sintética correu totalmente com um assobio suave, revelando um habitáculo retangular e sem janelas. A luz era branca e fria; as paredes, de um metal mate. Sentados no chão, apoiados à parede e com as mãos amarradas atrás das costas, estavam as doze vítimas do EJI ainda com vida. Não se via mais ninguém, ou mais nada, no cubículo, exceto um portátil pousado num atril, aquele que utilizavam para as transmissões, evidentemente. Rapidamente, Bruna procurou Lizard e os seus olhares enlaçaram-se. O inspetor estava muito magro, debilitado, com a barba crescida e sinais de golpes na cara. Acariciaram-se com os olhos e mergulharam um no outro, como só o tinham feito anteriormente no êxtase do sexo. Morrer com ele, pelo menos. Morrer junto dele seria um consolo.

Mas porquê morrer? Era preciso salvarem-se, era preciso saírem dali. Com esforço, desprende o seu olhar do de Paul e regressou à realidade.

– Pensámos terminar com um epílogo espetacular: a execução de todos os reféns. Seremos derrotados militarmente, mas não vos daremos a vitória moral. Acusar-se-á sempre os EUT de não terem sabido resgatar os prisioneiros – considerou Lago.

Ouviram-se alguns gemidos e lamentos provenientes das vítimas. Poucos, no entanto. Deviam estar emocionalmente esgotados,

pensou a rep.

– Vocês as duas, vão ter com os reféns e ajoelhem-se junto deles
– ordenou o homem-cavalo a Bruna e Ângela.

As duas obedeceram, colocando-se de joelhos numa das extremidades da fila. Lizard estava à direita da rep, a uma distância de três pessoas. A androide reparou que os prisioneiros estavam acorrentados à parede. O rapaz de preto aproximou-se delas e, pondo a pistola à cintura, prendeu os pulsos de Gayo atrás das costas com uma tira metálica de segurança. Depois, aproximou-se da detetive.

– Põe as mãos atrás – grunhiu.

– Tu próprio vais ter de pegar na minha mão esquerda – disse-lhe Husky.

Nesse momento, ouviu-se um gemido forte, quase um grito. Era a irmã de Lizard, que se agitava no chão, recuperando aos poucos os sentidos.

O *barman* deu um salto, voltou a cabeça para ver e rodou a pistola, disposto, sem dúvida, a disparar. O momento cristalizou-se; milésimos de segundo cujas possibilidades vertiginosas a rep era capaz de visualizar devido ao seu treino e à sua calma gelada. Todos os movimentos tinham de ser precisos, exatos. Atirou bruscamente o corpo para trás, esmagando o terrorista contra a parede e, com a mão que acabara de levar às costas, agarrou na pistola de plasma e disparou, sem a tirar da cintura do rapaz, fazendo-lhe voar os genitais. Puxou depois pela arma, apontando-a para Fer, que, atordoado, tomava consciência do que estava a acontecer, e abriu-lhe um buraco na testa. No chão, dobrado sobre si próprio, o rapaz de preto uivava de dor.

– Finalmente! – exclamou Yiannis, enquanto Emma se apressava a apanhar a pistola que o cadáver do *barman* ainda segurava.

– Ajuda-me a soltá-los – pediu Husky, que pousara a pistola de plasma no chão enquanto revistava os bolsos do Ins ferido e soluçante, à procura da chave magnética para abrir as fechaduras. –

Aqui está – disse, levantando-a no ar.

Nesse momento, um tiro destruiu-lhe metade da mão direita. A rep deu um grito e a chave caiu ao chão. Voltou-se com um salto: a pequena Emma apontava para ela.

– Tu?

Yiannis e Gabi olhavam para a miúda, pasmados.

– Sou do EJI. Sempre fui. Sou a comandante Vingança. É o meu nome de guerra.

Bruna estremeceu porque a ferida lhe doía horripelmente. O polegar, o médio e o indicador tinham desaparecido, juntamente com metade da palma. Pelo menos não sangrava, porque o plasma negro cauterizava. Mas estava incapacitada. Agora não lhe restavam mãos funcionais.

– Gabi... – disse Bruna, olhando para a pequena russa.

– Ela não sabia que pertenço ao EJI. Mas partilha a cem por cento as minhas crenças e os meus ideais. Porque nós as duas conhecemos bem o horror deste vosso mundo de que se sentem tão orgulhosos – explicou a falsa Emma.

– Por todos os demónios, Vingança, deixa-te de palavreado e dá um tiro nessa rep de uma vez por todas! – exclamou o magnata, irritado. – Já viste que é perigosa, não percas mais tempo.

– Cala-te, Lago. Inutilizei-a. Não pode defender-se. E quero que me oiça. Quero que saiba porque faço isto. Sim, sou uma *traça*. Nasci na Zona Zero de São Pedro de Atacama, no antigo Chile, um lugar envenenado pelas fábricas de hiperpolímeros, que ali se instalaram por causa do boro. Neste mundo de predadores, é triste termos um bem primário sem dispormos de poder suficiente para o defender. Roubam-nos, escravizam-nos, matam-nos. Como aconteceu durante a crise do Congo, quando os robôs exterminaram toda a população só porque o país tinha a maior reserva de columbite-tantalite da Terra.

– Isto é inacreditável! A sério que vais perder tempo a dar-lhe uma lição sobre injustiças históricas? O exército dos EUT está a

chegar! Vocês, fanáticos, não têm dois dedos de testa! – rugiu o milionário.

– E tu também não os terás, Lago, se continuares a interromper-me, porque te rebentarei essa cabeça biónica asquerosa – disse Emma calmamente. – No deserto de Atacama, passadas as fábricas pestilentas e encostada à fronteira da zona seguinte, há uma faixa de terra onde não há nada. É aí que se amontoam, em acampamentos repugnantes, dezenas de milhares de pessoas que tentam fugir do matadouro. Foi lá que vivi os meus primeiros anos. À intempérie e sem outra companhia além da minha irmã mais velha. Não há ordem, não há ajuda, não há lei. Bandos de neosselvagens aterrorizam e matam. Um desses bandos levou a minha irmã e nunca mais a vi. Na altura, ela tinha catorze anos e eu, sete. Por isso faço isto. Por isso fazemos isto. E a Gabi viveu a mesma realidade, embora nunca vos tenha contado.

Durante um brevíssimo instante, Bruna imaginou o atroz bando de espetros que tinham encontrado na estrada a apoderar-se de uma menina de catorze anos. Estremeceu.

– Enganaram-te, Emma, ou como quer que te chames. Manipularam-vos. Não sei o que vos prometeram, mas é mentira. Como pudeste aliar-te a pessoas como Lago, aos capitalistas mais selvagens, aos verdadeiros responsáveis por esse horror? – perguntou a custo, porque a mão latejava-lhe tão dolorosamente que tinha de se esforçar para não gemer.

– Um passo adiante, dois passos atrás, já dizia Lenine. É necessário explorar as contradições do sistema. Nós somos aliados de Cosmos, com quem partilhamos ideais muito semelhantes. Ficaríamos com o controlo de metade da Terra.

– Cosmos também não pretendia dar-vos nada; pergunta a Lago. Usaram-vos como carne para canhão...

A rapariga abanou a cabeça:

– Eu sei o que sei. E sei que não temos outro remédio senão matar para não morrer. Pela Gabi, por amor a Gabi, ordenei que

deixassem o Lizard para o fim porque, se ganhássemos, ter-lhe-ia perdoado a vida. E, pela mesma razão, também não queria ter de te executar, mas não me dás outra opção. Compreendes, não é verdade, Gabi? – acrescentou, olhando para a amiga. – Sangue por sangue.

A russa tinha o rosto lívido, desfigurado. Assentiu lentamente e murmurou:

– Sangue por sangue.

Emma voltou a olhar para Husky, respirou fundo, esticou o braço com a pistola e disparou. Como se fosse um sinal, de repente tudo se pôs em movimento. Ángela, ainda com as mãos amarradas atrás das costas, atirou-se na direção do cano da arma e, desviando a sua trajetória, recebeu o impacto destinado a Husky, caindo ao chão com um buraco no peito. Aproveitando a confusão momentânea, Gabi atirou-se a Emma e cravou os dentes no braço armado da amiga, que gritou e soltou a pistola. Yiannis apanhou-a, trémulo, enquanto a miúda russa espetava dois bofetões na pequena terrorista e se sentava em cima dela, imobilizando-a.

– Porque fizeste isto, porque fizeste isto?! – gritava Gabi, com a voz estrangulada pela raiva e pelas lágrimas.

– Traidora, miserável, como podes trair os teus...? – gemeu a falsa Emma.

– E tu, como te pode passar pela cabeça matar a minha família? – bramou a pequena selvagem.

Bruna ajoelhou-se junto da agónica Ángela. Bolhas sanguinolentas saíam-lhe da boca e, quando tentava respirar, ouvia-se um gorgolejar arrepiante.

– Ángela! Ángela! – gemeu Husky.

Os olhos pequenos e separados de Gayo olhavam para ela, enlevados. Com aquela adoração que anteriormente deixara a rep tão nervosa. Com aquele amor pelo qual dera a sua vida para salvar a de Bruna. Tentou falar, mas não conseguiu. Os seus lábios ensanguentados formaram uma palavra, sem som, que Bruna

conseguiu reconhecer e que a impressionou. Uma palavra que lhe explodiu na cabeça e a levou a acariciar, consternada, a face da mulher com o canto da sua mão ferida. Doía. Ângela sorriu e o fervilhar do seu peito calou-se. Estava morta. E a rep nem sequer fora capaz de lhe dizer nada.

Pôs-se de pé, comovida. Yiannis e Gabi tinham levado Emma para o cubículo dos reféns e estavam a tentar prendê-la com a fita metálica que o terrorista ia pôr na rep.

– Cuidado, Bruna! – gritou Lizard.

A detetive voltou-se com um salto. Lago tinha-se soltado da máquina. A espécie de estojo transparente em que o seu corpo estava metido era agora um exoesqueleto capaz de se mover e de o transportar. O emaranhado de tubos que lhe saía da cabeça terminava numa caixinha preta que levava ao pendurão. A parede onde estavam os autómatos abriu-se em duas, revelando uma passagem por onde o magnata fugia. No outro lado do umbral, enquanto a parede voltava a fechar-se, o homem biónico sorriu:

– Acreditaste na história de não conseguir mover-me... És tão fácil de enganar como a tua mãe.

A abertura desapareceu e a parede voltou a parecer intacta. Bruna aproximou-se, tentando descobrir como abri-la. Mas como poderia fazê-lo se não tinha mãos? Nesse preciso instante, sentiu uma dor muito aguda no tornozelo. E teve a certeza de que alguma coisa corria pessimamente. Olhou para baixo: a tarântula mecanizada de Lago acabava de picá-la, mesmo por cima da bota. Deu um pontapé no engenho, que rolou com um ruído de lata, e depois perseguiu-o e começou a pisá-lo com vontade. Era um bicho tenaz, as patas articuladas agitavam-se, a carapaça de aço resistia. Finalmente, ouviu-se um estalido e metade do tórax afundou-se. Pequenas peças metálicas soltaram-se, as patas perderam a força e pararam. Husky respirava agitadamente, e não era só do exercício. Alguma coisa não estava bem dentro de si. Sentiu frio, calor. Véus de bruma cobriram-lhe os olhos. Atordoada, cambaleou até Lizard,

que continuava acorrentado. Yiannis e Gabi tinham prendido Emma e o Ins ferido e tentavam descobrir como libertar os reféns. A rep deixou-se cair no regaço de Lizard e apoiou a cabeça no peito dele.

– Minha Bruna, o que tens?

Paul cheirava a sujidade, a suor, a dor. No entanto, por baixo dessas exalações atrozes sentia-se o cheiro da sua carne, esse aroma familiar a madeira do seu amado, do seu amante, que a envolvia numa pequena bolha protetora. Viu-se, num tempo distante, sentada nos joelhos de Lizard. Era como voltar a casa.

– O que te está a acontecer, Bruna?

Nem Paul podia abraçá-la nem ela podia usar os seus braços. Estavam ambos feridos, esgotados, amparados um no outro. Bruna levantou a cabeça, sentindo-se morrer, e murmurou:

– Que desastre...

Depois sorriu para Lizard e acrescentou:

– Mas salvei-te.

E desmaiou.

Três anos, dois meses e vinte e sete dias.

Como lhe parecia agora tanto tempo. Agora que já não podia vivê-lo. Um tesouro perdido.

Teria preferido que fosse em sua casa ou na de Lizard, na sua cama ou na do seu amante, mas tiveram de ir ao MemoLab porque era aí que estava tudo o que era necessário. Por isso encontrava-se agora no laboratório, para onde a tinham trazido na mesma cama articulada de hospital, que fora a sua durante os três dias em que tentaram salvá-la. Conseguiram algumas coisas: que recuperasse a consciência, que o seu cérebro não se sentisse a abrasar ou a congelar alternadamente, que não tivesse dores. Combateram com sucesso a maior parte dos sintomas, mas não conseguiram encontrar o antídoto para o veneno terrível e desconhecido que Lago pusera na sua aranha mecânica, uma substância artificial, simultaneamente neurotóxica e hemotóxica. Os danos neurológicos puderam ser combatidos, mas os tecidos tinham começado a gangrenar inexoravelmente. Cortaram-lhe a perna e, mesmo assim, a peçonha continuava. Morreria dentro de um dia ou dois, quando muito.

Três anos, dois meses e vinte e sete dias. Que rica era em tempo e não se dera conta. Só apreciámos a doçura das coisas quando as perdemos. Bruna olhou para Lizard, que estava sentado junto dela e agarrava com enorme delicadeza a sua mão artificial. O seguro consertara-lhe a prótese, que ficara totalmente operacional. Os médicos tinham-lhe cicatrizado a ferida da mão direita, a mutilada. Não lhe doía, mas estava inchada, parecia de madeira. Na prótese, pelo contrário, voltava a desfrutar de toda a sua sensibilidade, como se fossem os seus dedos, a sua carne, a sua pele. Mas não eram. Acariciou a mão cálida e enorme de Paul. Ele sorriu.

– Minha bela Bruna.

– Já não serei assim – sussurrou a rep.

– Para mim, serás sempre bela.

– Talvez nem venha a ser nada.

– Serás e eu estarei contigo.

Que palavras tão carinhosas. Curativas.

Quando se percebeu que o estado de Bruna era irreversível, Yiannis propôs testarem a transferência total da rep para as bases de sílica e, daí, para um novo tecno-humano. Não se tratava apenas de dados convencionais de memória; como lhe tinha dito o velho arquivista, procuravam-se as memórias sensoriais não conscientes, o passado emocional, os traços levíssimos que a vida ia deixando nos nossos organismos. A questão era apoderarem-se da identidade, se é que isso era possível, transferindo-a para outro corpo. Nunca se fizera. Não se sabia se funcionava. Mas Yiannis estava otimista, muito otimista. Já lhe tinham substituído a válvula de oxitocina e ele voltara a estar, quimicamente, na maior.

«TriTon vai doar-nos um replicante maduro em vias de ativação. Não terá de prestar os dois anos de serviço à corporação, felizmente. Os filhos de Lago, que formam o novo conselho de administração da empresa, querem mitigar a má publicidade originada pelo pai... Será, claro, um dos tecno-humanos que estavam nos tanques. Muitos morreram. Garantiram-nos que nos podem fornecer um em boas condições, embora possa ter algum pequeno defeito. Mas, em qualquer caso, será começar do zero. Terás novamente dez anos inteiros para viver», explicou-lhe Yiannis.

Tinham sido dias muito estranhos. Intensos, angustiantes, cheios de novidades. O EJI fora completamente desmantelado, pelo menos para já. Emma, cujo nome verdadeiro era Lorena Montfort, fora deportada para São Pedro de Atacama, onde seria julgada e cumpriria pena. Os centros penitenciários das Zonas Zero eram duros. Pobre desgraçada, pensou a rep com uma pena genuína; ficaria presa durante muito tempo naquele buraco pestilento de onde tentara fugir. Emma fora, sem dúvida, a toupeira que denunciara todos os seus movimentos. Pior: com certeza tinha planeado o encontro com Gabi e cultivado a sua amizade para

aceder a Lizard, mesmo que mais tarde viesse a amá-la verdadeiramente. O que significava que certamente era a culpada do sequestro do inspetor. E não só. Tinha ordenado as degolações e mesmo as mutilações, o vaziar dos olhos, as torturas. Era um monstro. Mas era um monstro digno de lástima, um corolário dos tempos.

Quanto à conspiração, tudo apontava para a culpabilidade de Cosmos. A Presidente Guang e os seus assessores tinham sido assassinados nas primeiras horas de ocupação do Palácio Presidencial, mas Krakotek saíra ileso. No entanto, os EUT não se atreviam a enfrentar abertamente a plataforma orbital, com receio da sua avançada tecnologia de armamento, exemplificada na máquina do apagão, que nessa altura estava a ser estudada pelos cientistas terrestres. Krakotek regressara à Terra Flutuante, os soldados cósmicos retiraram-se total e incondicionalmente de Ceres e uma paz tensa voltava a reinar entre as duas nações.

As pessoas foram aparecendo. Para lhe desejarem sorte. Ou para se despedirem. Na tarde anterior, Kai tinha lá estado. Amistosa, prudente. Contou-lhe que encontraram Dom Lago enforcado, dependurado da Puente de la Reina. Continuava enfiado no seu exoesqueleto e a madeixa de fios do seu crânio metálico estava meio arrancada da caixa. Talvez se tivesse suicidado, mas a inspetora não acreditava. No parapeito da ponte, mesmo por cima do cadáver, alguém tinha deixado um corvo morto. De qualquer forma, não se sabia como gerir oficialmente o caso. Sendo um ser biônico tão avançado, legalmente não era considerado humano, e por conseguinte também não se podia falar de assassinato ou de suicídio. O Ministério da Tecnologia e Transumanidade criara uma comissão para estudar o assunto. Tinha a sua graça, pensou Husky, que os burocratas que o magnata tanto odiava acabassem por ter a última palavra sobre a sua existência.

Gabi também apareceu. Devido aos acontecimentos dos últimos dias, a pequena russa parecia ter-se tornado adulta; mostrava uma

gravidade e uma serenidade triste que antes não possuía. Como se a sua habitual fúria destemperada tivesse dado lugar à determinação.

«Vou estudar Direito. Quero ser juíza. E mudar o mundo», afirmou muito séria.

Uma declaração que entusiasmou o arquivista quase até ao delírio: «Muito bem! Vê a nova Presidente dos EUT, Marina Gonçalves. É uma jurista progressista de muito prestígio e já disse que a sua prioridade como governante será a luta contra a desigualdade social e o desenvolvimento das Zonas Zero...»

Husky não partilhava, em absoluto, do otimismo de Yiannis. Tinha visto nas notícias como festejavam a subida da bolsa e o aceleração económico resultante da substituição rapidíssima de todo o sistema elétrico e eletrónico da Península Ibérica. Era o que Lago previra: o poder continuava nas mãos dos mesmos poderosos. Mas, de qualquer modo, alegrava-a que Gabi dedicasse a sua energia a um projeto de futuro e não à raiva e à violência. Antes de sair, a pequena russa inclinou-se sobre ela e pôs-lhe, com um cuidado extremo, um fio de lã branca em volta do pulso direito, por cima da ligadura da ferida, em contacto com a pele. Deu um nó duplo e depois um lacinho. No início, quando Bruna resgatara Gabi da Zona Zero, a menina fazia isso. Atava as coisas de que gostava, para não as perder.

«Atei-te. Não te vais embora. Vais voltar. É uma magia muito forte», explicou Gabi.

Depois deixou-se cair sobre o peito da rep como quem se atira para uma piscina. Assim ficou durante muito tempo, abraçada a ela em silêncio. Gabi. Abraçada a ela. Durante muito tempo.

Adeus a tudo isto. Hoje, terça-feira, 4 de março de 2110, era o dia maldito da sua morte.

«Não, Bruna, vais continuar a ser tu, só que noutra corpo», insistia Yiannis.

Tinha tentado deixar as coisas em ordem. Pusera o *Mosquito* à venda. Fora difícil, devido à identidade falsa que usara para a

compra, mas Mirari recorreu, mais uma vez, aos seus conhecimentos insondáveis da clandestinidade e conseguiu sacar 180 000 gês pelo chaço. Husky deu uma parte do valor à irmã de Lizard, que pagou um robô mensageiro para devolver o portátil à sua antiga comunidade e utilizou o restante dinheiro para começar uma nova vida.

«Vou para Aix-en-Provence, perto de Marselha. Há aí um grupo de Novos Antigos conhecido pela sua abertura mental. De facto, são quase uma cisão do movimento, porque não são tão rígidos. Acho que lá me sentirei bem. Mandarei notícias e, quando voltares, vai visitar-me», disse.

A seguir, despediu-se, com o mesmo afeto desajeitado do irmão, e saiu a correr. Aznárez deixou Madrid tão depressa que quase parecia estar a fugir. Husky desconfiava de que a experiência de Yiannis a horrorizava. A rep compreendia que tudo aquilo devia ser de mais para uma nova antiga, mesmo uma tão progressista como ela.

Dividiu o resto do dinheiro por Yiannis, Mirari e Maio. Além disso, Bruna legou oficialmente o seu braço biónico à violinista. Era uma prótese magnífica; Mirari poderia voltar a ser a grande música que era antes de perder a mão num teletransporte. A rep suspirou. Gostaria tanto de poder ouvir a nova Mirari a tocar! Oxalá Yiannis conseguisse fazê-la voltar noutro corpo. Oxalá continuasse a ser ela. Oxalá abrisse os olhos e se lembrasse.

– O que tens, Bruna? Porque suspiras? – sussurrou-lhe Lizard, inclinando-se sobre a cama.

Porque quero desesperadamente viver, pensou Husky. Mas, em vez disso, respondeu:

– Tenho medo.

Paul acariciou-lhe a cara:

– É normal. Eu também, um pouco. Mas depois penso que vais voltar. Tenho a certeza. E fico mais tranquilo.

Bruna olhou para ele, embevecida. Agora, barbeado e com o

cabelo aparado, notava-se muito mais a sua magreza e o resultado dos maus-tratos. Tinha a cara cheia de equimoses, uma sobrancelha aberta, a esclerótica de um olho injetada de sangue devido a uma pancada. Estava envelhecido e extenuado, mas nunca lhe parecera tão bonito. Pensou no seu próprio corpo, no braço esquerdo que ela mesma amputara, na mão direita mutilada pelo tiro de plasma, na perna que lhe tinham cortado para tentarem deter a necrose. Aquele corpo jovem e belo, aquele organismo perfeito de que se sentira tão orgulhosa, despedaçado pelas dentadas da vida. O tempo, ladrão, arrebatava tudo aos poucos. A vida desgastava; bastava vê-los a ambos, deteriorados, quebrados. Mas uma coisa não se perdera. Uma coisa que, pelo contrário, se fora fortalecendo. A intimidade que partilhavam. A paixão. A ternura.

Também pediu a Maio que ficasse com *Bartolo* durante os dias cruciais da experiência. O comilão estava desolado e não fazia outra coisa senão chorar e tremer. Tinha passado horas agarrado a Bruna, enchendo-lhe o queixo de moncos. Custou-lhe libertar-se dele, não só porque *Bartolo* se agarrava a ela com pés e mãos, mas também porque se apercebia agora do muito que amava aquele bicho peludo e disparatado. Mas o momento final aproximava-se ou, como dizia Yiannis, o princípio da viagem, e ela queria ficar a sós com Lizard, algo que o seu memorista teve muita dificuldade em compreender. Pablo Nopal aparecera imediatamente no hospital, abalado:

«Não podes morrer, Bruna. Tens todas as minhas memórias. É como se uma parte de mim se fosse.»

Passara os dias junto dela com uma dedicação que comoveu a rep, embora, conhecendo-o, também soubesse que o memorista chorava sobretudo por si próprio. De qualquer forma, Husky tivera de lhe pedir repetidas vezes que, por favor, se fosse embora, explicando-lhe até à exaustão que queria acabar, ou começar, a viagem sozinha. Nopal só tinha saído há uma hora.

«Não te preocupes, Bruna. Se faltar parte da tua memória nesta nova vida, eu voltarei a escrevê-la. E, a propósito, se isso

acontecesse, gostarias de mudar alguma coisa? Quer dizer, se calhar preferes que não te insira as recordações dolorosas. Diz-me o que desejas e fá-lo-ei», afirmou, magnânimo, antes de partir.

Husky refletiu por momentos: a morte precoce e violenta dos pais dele, a adolescência de maus-tratos brutais... Mas ela era isso. Sem isso, não seria bem Bruna Husky. No entanto, havia uma coisinha, uma história que a mãe lhe contava na infância, ou seja, a sua falsa mãe na sua infância inexistente: a história do anão e do gigante, da qual Pablo Nopal só incluía o título, e não o conteúdo, na memória de Bruna.¹³

«A única coisa que quero é que me escrevas a história do anão e do gigante.»

E Nopal prometeu-lhe que o faria.

– Está na hora, Bruna. Já está tudo preparado – avisou Yiannis, entrando no quarto.

Três anos, dois meses e vinte e sete dias. Um pequeno tesouro de tempo que lhe arrebatavam. Que trocista era a vida. Tinha passado toda a sua existência obcecada com a contagem decrescente e agora tudo se acabava absurda, precoce, inesperadamente. Husky estava a par do procedimento: primeiro sedavam-na, depois ligavam-na à máquina, faziam a transferência de dados para as bases de sílica, desligavam o seu antigo corpo e inseriam as memórias no novo.

Desligavam o seu antigo corpo. Esse corpo quebrado, mas seu. Morreria a dormir.

– Vamos pôr um pouco de música – disse Yiannis, que esvoaçava à sua volta como um besouro. – Para a sedação, trouxemos um perito de EXIT. Será um processo doce e sereno, vais ver.

EXIT, os centros de eutanásia para os humanos. De facto, um homem silencioso acabava de lhe colar um adesivo à jugular. Depois retirou-se com pezinhos de lã. Lizard apertou-lhe suavemente os dedos. Foi uma carícia que lhe chegou ao coração. E, no entanto, não era mais do que um sinal detetado por alguns recetores eletrónicos inseridos numa trama metálica e biodérmica.

No raio de um membro artificial. Seria esse o contacto final entre ambos? No fim de contas, talvez ela não diferisse assim tanto de Jan Lago.

– Por favor, Paul, põe a outra mão mais acima, no braço.

Lizard percebeu imediatamente. Acima da prótese. Na carne real. A manápula dele pousou na pele dela como um escudo protetor. Husky olhou para o perfil do homem, para aquelas pálpebras pesadas, para os lábios carnudos que beijara tantas vezes. Mas que também lhe cuspiram tantas palavras duras. Eram ambos animais difíceis e a sua relação sentimental estivera cheia de penumbras, de idas e vindas, de buracos. Uma função delta de emoções decisivas e efémeras. Embora Bruna compreendesse agora, com uma clareza que a ofuscava, que todo esse pântano era medo puro. Que medo dava amar tanto, necessitar tanto de algo que não conseguíamos controlar. Sem amor, não valia a pena viver, dizia Ángela. Mas a noção de amor de Ángela parecia-se demasiado com a aniquilação. A feia, a intensa, a estrafalária Ángela, esse ser luminoso que se tinha sacrificado por ela e que, enquanto se afogava no seu próprio sangue, tinha formado com os lábios a palavra *obrigada*. Depois de lhe ter dado tudo, ainda lhe agradecia. A ela, que tinha sido tão avara com o seu afeto. Yiannis dissera-o ao falar da mina: se alguém morre por nós, sentimo-nos obrigados a ser melhores. Uma humana oferecera-lhe a sua vida. Agora Bruna tinha uma dívida impagável com a sua espécie. E com a existência.

De repente, a rep tomou consciência da suave chuva de notas que caía sobre eles. Comoventes, belas.

– Que música tão bonita, Yiannis – disse.

– São as *Variações Enigma*, de Elgar, um compositor do fim do século dezanove e início do século vinte. Esta, em concreto, é a Nimrod.

Porque não apreciara mais estas coisas? Que pouco tempo havia na existência breve dos reps.

– Se voltar, tens de me ensinar um pouco de música – pediu ao

arquivista.

– Voltarás e fá-lo-ei. Até daqui a pouco, Bruna – despediu-se o velho.

E saiu bruscamente. Yiannis ficaria na sala de controlo adjacente ao laboratório.

Adeus a tudo isto. Aos dias brilhantes, às noites agradáveis, ao corpo suado e felizmente cansado depois de fazer exercício, ao vinho branco gelado, à água que matava a sede, às palhaçadas de *Bartolo*, aos conhecimentos de Yiannis, à supernova do orgasmo, à emoção do sexo com Lizard.

De repente, teve um instante de terror.

Angustiada, cravou o seu olhar no inspetor e ele sorriu-lhe. Uma lenta onda de placidez foi-lhe apagando o pânico. Talvez fosse a serenidade artificial do adesivo transfusor, talvez o poder dos olhos de Lizard, capazes de penetrarem tão fundo dentro dela.

Sem amor, não valia a pena viver.

Obrigada, bela Ángela.

Adeus a tudo isto, mas também ao medo. À angústia constante de morrer. Husky riu-se. De facto, morrer acabava com o maldito receio da morte. Adeus às suas obsessões, à contagem frenética dos dias que lhe restavam. À fúria, à raiva, à insegurança, à luta, à dor. Formosa vida, magoas. A morte também é paz.

Quando fechara os olhos? Não se tinha dado conta. Tentou abrir as pálpebras mas não conseguiu. Não se preocupou. Estava muito bem e ainda sentia as mãos de Lizard segurando-a, acariciando-a. Também sentiu que algo húmido caía sobre o seu braço biónico. Outra gota. Uma lágrima. Eram lágrimas de Lizard. O inspetor não devia ter tanta certeza de que a transferência de memória funcionasse. A mágoa dele comoveu-a. Teria gostado de o consolar, de lhe dizer que não era nada, que se sentia muito bem, mas não era capaz de falar. Ah, Paul, Paul. O seu número amigo. Imaginou-o inclinado sobre ela, vendo-a dormir, como ela se inclinava sobre ele

naquela noite que parecia tão distante, pouco antes de tudo começar. Voltariam a ver-se? Voltaria a senti-lo dentro de si? Tão juntos. Tão inevitavelmente unidos como o Sol e a Terra. Essa Terra azul e branca que vira quando flutuava junto de Cosmos. Uma beleza tal que morrer não importava. O seu *puzzle*. O último quebra-cabeças que tinha feito. Que julgou ser uma fotografia do espaço intergaláctico e que, na realidade, eram sinapses neuronais. Talvez o nosso universo fosse só o cérebro de um gigante e não conseguíssemos imaginar o ser que nos alberga. Adeus, gigante, adeus. Ahhh... Os lábios de Merlín da primeira vez que a beijaram... ela tão jovem e acabada de desmobilizar... Montanhas azuladas a flutuar no fulgor do entardecer. Enormes luas vermelhas nas noites de verão. Aroma de melão. Um sol de sal juntamente com um sussurro de ondas.

A sua mãe, na penumbra do quarto infantil, a contar-lhe a história do anão e do gigante.

*A mão de Merlín, a mão de Lizard nas suas costas suadas.
Gotas de chuva a cair sobre o pó.*

*centelhas de luz em alamedas sombrias
um rio bramante*

um... tremor... no... ar...

Epílogo

Eram nove em ponto quando Quique desativou a cortina eletrónica da sua lojinha. Bocejou, sentindo-se esgotado. Na noite anterior, tinha ido com uns amigos a um multiócio e na discoteca engatou uma *crate* toda *fabo*. Tinham bebido alguns *cocktails* de oxitocina e beijaram-se e estiveram no roço durante um bom bocado. Fora agradável e prometia muito mais, porque tinham combinado voltar a ver-se no sábado. Mas ainda era quinta-feira e já estava todo roto. Sabia que era uma tontice abrir a estas horas. A clientela do seu negócio aparecia mais tarde. Antes das dez ou mesmo das onze nunca aparecia ninguém. Ora bem, a loja só abrira há quatro meses e Quique investira todos os seus gês, e muitos mais gês que não tinha, no negócio. Devia a sua vida inteira aos bancos e de maneira nenhuma podia descuidar-se. Estava a passar por muitos apertos, mas aquela louca aventura empresarial era o seu sonho. Por isso, investia todas as horas no *business* com um rigor exemplar. A nova Presidente Gonçalves tinha anunciado alterações às leis fiscais em benefício dos rendimentos mais baixos e ajudas específicas aos JEP como ele, Jovens Empresários Principiantes. Vamos lá ver se era verdade e se ele conseguia passar a ter um saldo positivo.

Voltou a bocejar enquanto observava, através da montra estreita, a abertura das lojas do centro comercial que havia do outro lado da rua. A tudoloja e o serviço de mensagens já estavam a funcionar. O McDonald's, onde à hora do almoço Quique engoliria apressadamente um hambúrguer de sucedâneo de vaca, ainda estava fechado e às escuras. Sonolento, olhou para os omnipresentes arcos amarelos da marca. Que curioso! Pareceram-lhe, pela primeira vez, as grandes asas de um pássaro em voo. Nessa altura, viu-a. Uma figurinha ágil e nervosa. Óculos de sol, botas de sola grossa, uma túnica furta-cor e esvoaçante até aos joelhos. Preparava-se para atravessar a rua, como se viesse em direção a ele. Não. Sim. Não.

Sim, sim, sim. Vinha para a loja. Uma cliente a estas horas. Deu dois passos para trás para que a mulher pudesse abrir a porta.

– Olá.

– Olá.

Já desconfiava, não sabia bem porquê, mas, assim que a recém-chegada tirou os óculos, Quique confirmou que era uma tecno-humana. Pupilas de lâmina e olhos cinzentos. A rep pousou a mochila no balcão e a seguir, com um único movimento, tirou a túnica e atirou-a ao chão. Ficou parada sobre as suas pernas perfeitas, desafiadora, só com um sutiã e umas *culottes* desportivas metalizadas. Pela leveza e refinamento do corpo devia ser uma rep de cálculo, pensou ele. O que era estranho, porque não costumava ter clientes desse tipo. E que também não costumavam ter, como esta mulher, a cabeça rapada.

– O que queres fazer? – perguntou Quique.

– Quero que me tates uma linha em volta do corpo, a começar pelo crânio, descendo pela testa, pelo meio da pálpebra do olho esquerdo, pela face, pelo pescoço, pelo peito, pelo abdómen, pela perna esquerda e pelo pé. E depois quero que subas da mesma forma por trás até o risco se unir na cabeça – explicou a pequena androide, decidida.

Bolas, que olhar penetrante, que fogo e que fúria. Que rep tão estranha! Assustava, apesar de ser uma miúda. Era melhor esmerar-se no desenho, pensou o tatuador para consigo, e as linhas retas não eram fáceis. Ligou a pistola injetora e sentiu-se contente. Os desafios entusiasmavam-no porque adorava o seu trabalho.

– Agrada-me. É *fabo*. Vai ficar-te a matar. Vamos a isso.

Agradecimentos e algo mais

Quero agradecer, em primeiro lugar, aos amigos cientistas que tiveram a generosidade imensa de ler o meu manuscrito para se certificarem de que não metia a pata na poça: a Concha Monge, do grupo de investigação RoboticsLab da Universidade Carlos III de Madrid e especialista em sistemas de controlo de robôs humanoides; ao físico argentino Alberto Rojo, que já fez a revisão do meu livro anterior de Bruna, professor da Universidade de Oakland (EUA) e magnífico escritor de divulgação científica; a Antonio Ayuso, engenheiro aeroespacial, professor da Escola Contemporânea de Humanidades e amante da literatura como leitor e como autor. Os três são magníficos e geniais e salvaram-me de uma ou outra pífia (se ainda existe algum erro, com certeza que é só meu). Quero agradecer especialmente a Antonio Ayuso pelo seu entusiasmo e talento criativos. Ele batizou com o nome glorioso de GAFPA (Grande Acelerador de Fluxo de Plasma Apontável) aquilo a que eu chamava grosseiramente «a máquina do apagão». Também se lembrou de cobrir o foguetão com um preservativo de nanotubos, substituindo desta forma um sistema de ímanes antilixo que eu tinha criado e que, ao que parece, não era tecnicamente viável (foi um dos erros que evitou). Como veem, um luxo.

Outro luxo foi contar com a leitura e as sugestões dos meus amigos escritores Myriam Chirrousse, Alejandro Gándara e Nuria Labari. Mil agradecimentos também a Teresa Bailach, da Seix Barral, pelas suas observações minuciosas. A minha editora, a grande Elena Ramírez, é sempre a minha melhor leitora, e uma fonte de entusiasmo e de energia para mim.

Digo sempre que os romances de Bruna Husky são os mais realistas que já escrevi. De facto, são de um realismo um pouco inquietante, porque às vezes sinto que a atualidade vai confirmando as minhas invenções. Por exemplo, quando comecei a imaginar o mundo de Bruna, em 2008, idealizei uma tirania ultrarreligiosa,

fanática, sexista, cruel e retrógrada, o Reino de Labari, que passados poucos anos foi ultrapassada em barbárie quando apareceu o ISIS. Do mesmo modo, desde o primeiro livro da série, insisti na crise de credibilidade democrática que percorre o mundo de Bruna Husky (e, infelizmente, também o nosso) e nos problemas resultantes dessa crise, como o populismo, a nostalgia das ditaduras de todo o tipo, a perda dos valores democráticos, a rutura do acordo social, o triunfo da manipulação informativa, o aumento do ódio e da violência. Ora, receio que na última década tudo isto só tenha piorado. Isso sim – e nisto sinto-me mais próxima de Yiannis do que da minha Bruna –, tenho, talvez, o otimismo insensato de acreditar que, se nos comprometermos com as nossas ideias e nos esforçarmos por defendê-las, podemos alterar o rumo da história.

Continuando com o tema do realismo, gostaria de precisar que *Os Tempos do Ódio* está cheio de dados reais, desde as trivialidades ditas por Barri Aznárez até à filha autômato de Descartes, que inúmera bibliografia dá como verdadeira (obrigada, Silvia Leal e John Alejandro Bermeo). A história de Anton Fugger é verdadeira, exceto tê-lo feito rosa-cruz e promotor da máfia dos pássaros maus. No entanto, parece que El Greco foi rosa-cruz e que o seu celeberrimo quadro *O Enterro do Conde de Orgaz* é uma obra enigmática que deu lugar às reflexões que recolho no romance e a mais algumas que não refiro (obrigada, Sergio Solsona e Jose Luis Espejo). Tudo o que conto sobre o grande Juanelo, exceto o diagrama do corvo, faz parte da vida e da lenda desse homem formidável. Como adoro ciência, também tentei que os dados científicos fossem sensatos e, se não reais, o que alguns são (como, por exemplo, os robôs comestíveis), pelo menos possíveis. Quanto ao trabalho aterrador de Vitali, Glattfelder e Battiston, infelizmente é verdadeiro: oitenta por cento das quarenta e três mil multinacionais que eles analisaram em 2011 eram controladas por setecentas e trinta e sete empresas. O nosso mundo está nas mãos de muito poucos.

Um dia, postei na minha página do Facebook um documentário belíssimo sobre o espaço intergaláctico. Eu e algumas amigas da página mantivemos conversas sobre essas imagens e sobre a sua parecença com as fotografias das sinapses neuronais. Nessa altura, eu estava a escrever as cenas do quebra-cabeças e as ideias dessa conversa estão incluídas no livro. A minha gratidão, portanto, a Mary Luz Sánchez Alcalde, Fátima Ballero e Presentación Alcalde. E saudações carinhosas ao gigante imenso que talvez nos albergue.